

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**MARIANE FRUET DE MELLO**

**BERNARDO E IZABELA PETRY: PAI E FILHA NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO  
PÚBLICA EM KRONENTHAL/VALE REAL (RS) (1899-1996)**

**CAXIAS DO SUL**

**2025**

**MARIANE FRUET DE MELLO**

**BERNARDO E IZABELA PETRY: PAI E FILHA NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO  
PÚBLICA EM KRONENTHAL/VALE REAL (RS) (1899-1996)**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de doutora em Educação, com concentração na área de História e Filosofia da Educação, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Eliana Rela.

**CAXIAS DO SUL**

**2025**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Universidade de Caxias do Sul  
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

M527b Mello, Mariane Fruet de

Bernardo e Izabela Petry [recurso eletrônico] : pai e filha na história da educação pública em Kronenthal/Vale Real (RS) (1899-1996) / Mariane Fruet de Mello. – 2025.

Dados eletrônicos.

Tese (Doutorado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2025.

Orientação: Eliana Rela.

Modo de acesso: World Wide Web

Disponível em: <https://repositorio.ucs.br>

1. Educação - História - Vale Real (RS). 2. Professores - Vale Real (RS).  
3. Mediadores (Pessoas) - Educação. 4. Mulheres na educação - Vale Real (RS) - História. I. Rela, Eliana, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 37(816.5)(091)

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)  
Márcia Servi Gonçalves - CRB 10/1500

**BERNARDO E IZABELA PETRY: PAI E FILHA NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO  
PÚBLICA EM KRONENTHAL/VALE REAL (RS) (1899-1996)**

*Mariane Fruet de Mello*

Tese de Doutorado submetida à Banca Examinadora designada pela Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de doutora em Educação. Linha de Pesquisa: História e Filosofia da Educação.

Caxias do Sul, 10 de abril de 2025.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Eliana Rela (presidente – UCS)

Profa. Dra. Terciane Ângela Luchese (UCS)

Profa. Dra. Dóris Bittencourt Almeida (UFRGS)

Prof. Dr. Daniel Luciano Gevehr (FACCAT)

*Aos meus grandes amores: Matheus meu amor  
e companheiro de vida e ao meu maior amor  
do mundo, meu filho Antônio José.*

## AGRADECIMENTOS:

Nestes últimos anos, eu descobri o que realmente é e significa escrever uma tese. Foram quatro anos de muita pesquisa, escrita, reescrita e, também, de muitas adversidades pelo caminho. No primeiro ano, por volta de maio de 2021, lutei bravamente pela minha vida quando contrai covid-19, passando um longo período de tempo hospitalizada até me recuperar. Após vencer essa batalha, lancei o meu primeiro livro – que se originou da pesquisa do mestrado – e, depois disso, a maior alegria aconteceu: a descoberta de minha gestação e, com isso, a vinda do meu filho Antônio José. Eu pesquisava e escrevia, ao mesmo tempo em que diversos outros acontecimentos ocorriam em paralelo – como a construção da minha casa, um processo judicial, a maternidade sem rede de apoio, uma depressão pós-parto que se estendeu por muito tempo, o isolamento por conta da grande enchente ocorrida em maio de 2024 e tantos outros fatos ocorridos, pois a vida acontece ao mesmo tempo que se escreve uma tese.

Ao relatar alguns dos acontecimentos que ocorreram simultaneamente à escrita, destaco que o trabalho de pesquisar e de ir em busca de fontes é, na maioria das vezes solitário e doloroso, por conta de todas as idas e vindas, encontros e desencontros. No entanto, por mais solitário que seja o ato de pesquisar, sempre há o suporte e apoio de muitas pessoas, às quais sou imensamente grata.

Primeiramente, agradeço a Deus, pois, para Ele, nada é impossível. Agradeço por toda a força e coragem concedidas a mim no decorrer desses anos de estudo. Se eu tenho fé, eu posso chegar onde Deus permitir!

Aos meus queridos pais, Ana Maria Fruet de Mello e Noilson Augusto Fricks Mello, pela preocupação, compreensão e amor incondicional; e por acreditarem, junto comigo, que a educação é o caminho justo e correto.

Ao meu grande amor e companheiro de vida Matheus, que sempre esteve junto comigo em todas as batalhas me apoiando, me direcionando e especialmente me impulsionando a chegar a patamares que talvez não seria possível sem seu amparo, amor e cuidado.

Ao maior amor deste mundo: meu filho Antônio José. Agradeço infinitamente por ter me ensinado o amor incondicional e, especialmente, por me ensinar diariamente ser uma pessoa melhor e lutar pela minha vida.

À minha amada vó Maria, que, apesar de não entender direito o que eu estava vivenciando, sempre mencionou palavras de afeto, envolvendo-me no bálsamo de um amor que só pude encontrar nela.

Aos meus amados irmãos, Vinícius e Monique, e à minha sobrinha Antonella, por todo carinho e compreensão nas minhas ausências.

À minha querida mãe Ana e à minha sogra Suzara, que nunca mediram esforços quando eram solicitadas para nos ajudar nos cuidados com o Antônio. Diversas vezes percorreram aproximadamente 600 km para ser nosso suporte, possibilitando-me dias mais leves de escrita da tese.

À minha querida amiga e orientadora Profa. Dra. Eliana Relá, que me acompanha desde a pesquisa do mestrado, sempre presente, dedicada, generosa. Nunca deixou de segurar a minha mão nos momentos mais difíceis da trajetória. Com sua delicadeza, fez-me perceber que eu tinha uma força que nem eu mesma acreditava ter. Sou eternamente grata por tudo que fez por mim, por ter me ensinado, instigando-me a pensar, e por ter me acolhido com um amor maternal. Obrigada por ter acreditado que eu seria capaz de trilhar esse árduo caminho que é constituir-se pesquisadora.

Aos queridos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, pelos valiosos ensinamentos durante o percurso do doutorado, em especial à Profa. Dra. Terciane Luchese, pelas inúmeras vezes que me recebeu com atenção, oferecendo preciosas contribuições para o desenvolvimento da pesquisa.

À banca, Profa. Dra. Dóris Bittencourt Almeida, Profa. Dra. Terciane Ângela Luchese e ao Prof. Dr. Daniel Luciano Gevehr, por terem aceitado o convite para compor a banca de defesa e por todo empenho e dedicação na leitura da tese e das valiosas contribuições que enriquecem o trabalho.

À minha amiga Manuela Bernardi, sou eternamente grata por nossos caminhos terem se cruzado no doutorado. Muitas foram as parcerias ao longo da pesquisa, as conversas e até mesmo as receitas de maternidade. Espero que possamos continuar pesquisando e fazendo parcerias de escritas depois do doutorado.

Minha gratidão a todas as pessoas que estiveram envolvidas nesta pesquisa e que doaram um pouco de si para contribuir com meu trabalho. Um agradecimento especial à Cristina Assmann, e à Ana, Suziane e Glenda do Museu Histórico de São Sebastião do Caí.

Aos meus grandes amigos, Sergio e Carla Duarte, que fizeram por mim o que somente os pais fazem pelos filhos, dando-me todo o suporte possível no cuidado para com o Antônio no decorrer do tempo de pesquisa, em especial neste último ano.

Não podia deixar de agradecer a uma “criaturinha” para lá de especial, minha amada filha felina Margarida, que esteve sempre comigo nas inúmeras madrugadas de escrita.

Por fim, a todos que participaram e contribuíram para que a pesquisa fosse efetivada.  
Muito obrigada!

## RESUMO

Esta tese vincula-se à linha de pesquisa História e Filosofia da Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Sabe-se que a educação é um elemento fundamental para a sociedade. No caso de Kronenthal, atual Vale Real (RS), a educação é destaque pelos altos índices de investimento do município. Diante disso, esta tese partiu do seguinte problema de pesquisa: *como se constituiu os percursos de atuação profissional e social de Bernardo Petry e Izabela Petry, dois professores de diferentes gerações, mas ambos atuantes na Educação Pública de Kronenthal/Vale Real (RS), no período que permeia os anos de 1899 a 1996?* A fim de responder a esse problema de pesquisa, tem-se como objetivo geral: *compreender as atuações e peculiaridades dos sujeitos escolares Bernardo e Izabela Petry, de 1899 a 1996, durante a atuação deles na educação pública de Kronenthal, atual Vale Real (RS), a fim de contar a história deles nessa localidade.* Optou-se por compreender a trajetória de Izabela e de seu pai, Bernardo, pois ambos tiveram um papel importante em Kronenthal, atuando como professores e deixando um legado na educação local. Por mais que sejam pai e filha, eles tiveram em situações e condições diferentes: um homem e uma mulher, ambos professores, ocupando, além do espaço da sala de aula, também o espaço na sociedade. Para embasar a escrita sobre Bernardo, parte-se da História Cultural, utilizando como referenciais teóricos Sirinelli (1996), Alves (2019; 2023); e, também, Chartier (2002), para abordar as representações. Já para compor a escrita acerca de Izabela Petry, a pesquisa busca embasamento na história de mulheres, como Perrot (2005; 2006; 2007); Juliá (2001), Viñao Frago (1995), Magalhães (2004), Escolano Benito (2018) e Vidal (2005b; 2006a; 2009), para dissertar acerca das culturas e práticas escolares. A partir da pesquisa, reuniram-se documentos acerca das atuações profissionais dos professores e também documentos relativos à vida social e política deles. Como metodologia, foi adotada a análise documental, apoiado em Cellard (2008), Luchese (2014b), Le Goff (2013), Dubois (1993), Kossoy (1999), uma vez que os documentos constituem parte essencial da história do professor Bernardo Petry. Também se utilizou da metodologia da História oral, uma vez que foram analisadas narrativas de entrevistas com ex-alunos de Izabela. Essa análise foi embasada em Alberti (2013; 2017), Grazziotin e Almeida (2012) e Errante (2000). A partir desta pesquisa, ficou evidente que o professor Bernardo Petry foi um intelectual mediador, em razão de seu engajamento social e educacional e pelo seu percurso profissional e pessoal. Em relação à professora Izabela Petry, deixou um imenso legado a partir de sua atuação tanto como docente quanto como servidora – por conta das novas políticas, teve que deixar de exercer o cargo de professora por não ter formação, e, com isso, passou a atuar como servidora na escola. Apesar disso, mesmo após a morte de seu pai, continuou atuando como líder na sociedade local por ter continuado atuando no ensino, merecendo os devidos reconhecimentos de sua atuação enquanto promotora da Educação Pública. A presente tese demonstrou a importância de uma análise verticalizada sobre dois sujeitos históricos pai e filha, e a partir disso, problematizou o que estava efetivamente imbricado no processo de fazer Educação.

**Palavras-chave:** História da educação. Professores públicos. Educação pública. Mediador intelectual. História das mulheres. Práticas escolares. Vale Real-RS.

## ABSTRACT

This thesis is linked to the History and Philosophy of Education research line of the Postgraduate Program in Education at the University of Caxias do Sul (UCS). It is known that education is a fundamental element for society. In the case of Kronenthal, now Vale Real (RS), education stands out due to the high levels of investment in the municipality. In view of this, this thesis started from the following research problem: how were the professional and social careers of Bernardo Petry and Izabela Petry, two teachers from different generations, both working in the Public Education of Kronenthal/Vale Real (RS), formed in the period between 1899 and 1996? In order to answer this research problem, the general objective is to understand the actions and peculiarities of the school subjects Bernardo and Izabela Petry, from 1899 to 1996, during their work in the public education system of Kronenthal, now Vale Real (RS), in order to tell their story in this location. We chose to understand the trajectory of Izabela and her father, Bernardo, because both played an important role in Kronenthal, acting as teachers and leaving a legacy in local education. Even though they are father and daughter, they lived in different situations and conditions: a man and a woman, both teachers, occupying, in addition to the classroom space, also the space in society. To support the writing about Bernardo, we start from Cultural History, using as theoretical references Sirinelli (1996), Alves (2019, 2023); and also Chartier (2002), to address the representations. In order to compose the writing about Izabela Petry, the research seeks support in the history of women, such as Perrot (2005, 2006, 2007); Juliá (2001), Viñao Frago (1995), Magalhães (2004), Escolano Benito (2018) and Vidal (2005b, 2006a, 2009); to discuss school cultures and practices. Based on the research, documents were gathered about the professional activities of teachers and also documents related to their social and political life. As a methodology, documentary analysis was adopted, supported by Cellard (2008), Luchese (2014b), Le Goff (2013), Dubois (1993), Kossoy (1999), since the documents constitute an essential part of the history of Professor Bernardo Petry. The oral history methodology was also used, since narratives from interviews with former students of Izabela were analyzed. This analysis was based on Alberti (2013, 2017), Grazziotin and Almeida (2012) and Errante (2000). From this research, it became clear that Professor Bernardo Petry was an intellectual mediator, due to his social and education engagement and his professional and personal path. Regarding Professor Izabela Petry, she left an immense legacy from her work both as a teacher and as a civil servant—due to the new policies, she had to stop working as a teacher because she did not have training, and, therefore, she began working as a civil servant at the school. Despite this, even after her father's death, she continued to act as a leader in the local society for having continued working in teaching, deserving due recognition for her work as a promoter of Public Education. This thesis demonstrated the importance of a vertical analysis of two historical subjects, father and daughter, and from there, problematized what was effectively intertwined in the process of doing Education.

**Keywords:** History of Education. Public teachers. Public education. Intellectual mediator. Women's history. School practices. Vale Real-RS.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Parte do arquivo da Escola de Ensino Médio Bernardo Petry .....	42
Figura 2 – Ilustração de um documento deteriorado no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (2022) .....	48
Figura 3 – <i>Layout</i> da página .....	49
Figura 4 – Capa do periódico <i>A Federação: Orgam do Partido Republicano (1900)</i> .....	54
Figura 5 – Capa do periódico <i>O Republicano</i> .....	56
Figura 6 – <i>Layout</i> do <i>Correio do Município</i> .....	57
Figura 7 – Sala onde abriga o Museu Histórico de São Sebastião do Caí e Biblioteca Pública .....	61
Figura 8 – Retrato de pesquisa .....	64
Figura 9 – Vale Real destacado no mapa do Rio Grande do Sul.....	22
Figura 10 – Casa de comércio de Reinboldo Stoffles .....	24
Figura 11 – Vila de Kronenthal (RS): Vale Real (RS) na década de 1930 .....	25
Figura 12 – Desenvolvimento geográfico de Vale Real.....	27
Figura 13 – Linha do tempo de Bernardo Petry .....	76
Figura 14 – Registro de batizado de Bernardo Petry.....	79
Figura 15 – Trecho da biografia de Bernardo Petry escrita por Enor Bernardo Wartha (neto).....	79
Figura 16 – A profissão do pai: alfaiate .....	80
Figura 17 – Nomeação para cargo público na biografia.....	81
Figura 18 – Documento de formalização de nomeação .....	81
Figura 19 – Inscrição para concurso público para o cargo de professor .....	83
Figura 20 – Professor Bernardo e alunos da 11ª Aula Pública.....	84
Figura 21 – Assinatura no registro de casamento de Bernardo e Anna Paulina.....	86
Figura 22 – Bernardo Petry .....	87
Figura 23 – Ata de formalização da mesa eleitoral do Município de São Sebastião do Caí (1902) .....	88
Figura 24 – Organização das aulas na 2ª região escolar.....	90
Figura 25 – Edital de Instrução Pública.....	91
Figura 26 – Chamamento para o alistamento militar .....	92
Figura 27 – Biografia de Bernardo Petry.....	94
Figura 28 – Continuação da biografia de Bernardo Petry .....	95
Figura 29 – Excerto de ata de organização de mesas eleitorais de 1905.....	96

Figura 30 – Submissão de exame oral em 1905 .....	96
Figura 31 – Instrução para exame.....	97
Figura 32 – Nomeação de Bernardo Petry .....	97
Figura 33 – Prédio onde ocorria a aula pública de Bernardo Petry e era a residência da família Petry.....	99
Figura 34 – Ata de eleição para presidente do Estado em 1907.....	101
Figura 35 – Bernardo secretariando as mesas eleitorais.....	102
Figura 36 – Evidência da 11ª aula pública servindo como espaço de eleição (1908).....	103
Figura 37 – Registro do nascimento da filha Martha em 1909 .....	104
Figura 38 – Trecho da biografia de Bernardo Petry escrita por seu neto Wartha .....	104
Figura 39 – Registro do falecimento da sogra Catharina no ano de 1909.....	104
Figura 40 – Quadro da organização escolar de 1909.....	105
Figura 41 – Edital mesários efetivos e suplentes.....	105
Figura 42 – Ata de eleitores da eleição de 1909.....	106
Figura 43 – Ata com a relação de eleitores que concorreram à eleição na 3ª mesa do 5º Distrito de São Sebastião do Caí (RS), em 1909 .....	107
Figura 44 – Excursão política 1909.....	110
Figura 45 – Ata de participação política (1911).....	113
Figura 46 – Ata de 1911 que organiza seções eleitorais, nome de Bernardo constando.....	114
Figura 47 – Assinatura em ata de organização de mesa eleitoral .....	114
Figura 48 – Participação de Bernardo como membro da diretoria da Sociedade Agrícola....	115
Figura 49 – Ata de relação dos eleitores que concorreram à eleição e votaram na 3ª mesa do 5º Distrito do município de São Sebastião do Caí (RS) em 1911.....	116
Figura 50 – Ata de eleitores que concorreram às eleições para intendente e conselheiros municipais em 11/06/1912 .....	116
Figura 51 – Ata da 15ª mesa eleitoral no 5º distrito de São Sebastião do Caí (1912).....	117
Figura 52 – Ata de eleitores inscritos e aptos para votar na eleição de 1912 para o cargo de presidente do Estado.....	117
Figura 53 – Ata da 15ª mesa eleitoral do 5º distrito do município de São Sebastião do Caí .	118
Figura 54 – Exames escolares no ano de 1914.....	119
Figura 55 – Quadro da organização escolar de 1916.....	119
Figura 56 – Ata dos eleitores inscritos no 5º Distrito de São Sebastião do Caí (RS).....	120
Figura 57 – Registro reunião do Partido Republicano Rio-Grandense (1923).....	121
Figura 58 – Listagem de congressistas para a assembleia republicana .....	122

Figura 59 – Nomes .....	122
Figura 60 – Registro de falecimento de Bernardo Petry .....	123
Figura 61 – Continuação da biografia de Bernardo Petry .....	125
Figura 62 – Sepultura e lápide de Bernardo Petry .....	126
Figura 63 – Imagem atual do túmulo de Bernardo Petry (2025).....	127
Figura 64 – Quadro demonstrativo do movimento escolar das aulas em São Sebastião do Cai nos anos de 1928 e 1929.....	128
Figura 65 – Criação de Escola Municipal em Kronenthal em 1929.....	129
Figura 66 – Mapa demonstrativo do movimento das aulas subvencionadas pelo município de São Sebastião do Cai, em 1929 .....	130
Figura 67 – Registro de recibo de pagamento a Irma Petry (1936).....	131
Figura 68 – Turma da professora Martha Petry (não datado).....	132
Figura 69 – Livro de vencimentos de funcionários do município de São Sebastião do Cai-RS (1933) .....	138
Figura 70 – Lista de candidatos aprovados no concurso realizado no mês de abril de 1936 no município de São Sebastião do Cai (1937).....	140
Figura 71 – Quadro de distribuição de escolas por distrito (1937) .....	141
Figura 72 – Registro de vencimentos pagos à Izabela Petry de 1936 a 1938.....	142
Figura 73 – Registro de vencimentos pagos à Izabela Petry de 1938 a 1939.....	142
Figura 74 – Foto da turma da professora Izabela (1938).....	144
Figura 75 – Verso/legenda da fotografia da turma da professora Izabela .....	144
Figura 76 – Comprovante de vencimentos a Izabela do ano de 1952 .....	147
Figura 77 – Livro de registro de matrícula, frequência e aparelhamento escolar .....	149
Figura 78 – Primeira eucaristia em 1957: homenagem de uma aluna à professora Izabela...	159
Figura 79 – Fotografia dedicada à professora Izabela .....	160
Figura 80 – Professora Izabela acompanhando um grupo de alunos (não datada).....	161
Figura 81 – Izabela acompanhando crianças (não datada) .....	161
Figura 82 – Requerimento certidão de tempo de serviço .....	171
Figura 83 – Livro de registro de frequência, diária e aparelhamento escolar (1959).....	172
Figura 84 – Registro de frequência diária (1959).....	173
Figura 85 – Ata de criação do Grupo Escolar Estadual.....	175
Figura 86 – Livro de frequência escolar e termo de abertura do livro no ano de 1960.....	176
Figura 87 – Registro de frequência escola (1960).....	177
Figura 88 – Termo de posse de Izabela no Grupo Escolar de Vale Real em 1960 .....	177

Figura 89 – Registro de movimento escolar (1961) .....	179
Figura 90 – Registro de frequência escolar aula de Izabela Petry da Cunha (1962).....	180
Figura 91 – Nova sede do Grupo Escolar de Vale Real (não datada) .....	181
Figura 92 – Atestado de atuação de Izabela como doméstica .....	183
Figura 93 – Efetividade de Izabela como doméstica no ano de 1972 .....	183
Figura 94 – Efetividade de Izabela como doméstica no ano de 1974 .....	184
Figura 95 – Efetividade de Izabela como doméstica no ano de 1974 .....	185
Figura 96 – Documento que formaliza o desmembramento das terras de Izabela no ano de 1976 .....	187
Figura 97 – Convite para o jantar em homenagem à professora Izabela.....	188
Figura 98 – Túmulo de Izabela Petry Cunha.....	189
Figura 99 – Detalhes da lápide do túmulo de Izabela.....	190

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Número de teses e dissertações por descritores.....	33
Quadro 2 – Teses e dissertações localizadas na BDTD .....	34
Quadro 3 – Artigos que dialogam com a temática da pesquisa.....	38
Quadro 4 – Documentos que constituíram a escola .....	43
Quadro 5 – Registro de práticas escolares.....	44
Quadro 6 – Documentos localizados no AHRS .....	46
Quadro 7 – Periódicos consultados para a pesquisa .....	50
Quadro 8 – Documentos encontrados no periódico A Federação .....	50
Quadro 9 – Documentos encontrados no periódico O Republicano na Hemeroteca Nacional	52
Quadro 10 – Documentos encontrados no periódico <i>Correio do Município</i> .....	53
Quadro 11 – Documentos que se referem à Izabela, encontrados no acervo da Escola de Ensino Médio Bernardo Petry .....	60
Quadro 12 – Documentos nos quais consta o nome de Izabela.....	62
Quadro 13 – Documentos das irmãs de Izabela .....	63
Quadro 14 – Documentos de Bernardo Petry.....	63
Quadro 15 – Participantes da pesquisa: dados .....	70
Quadro 16 – Seleção de falas dos entrevistados.....	74

## SUMÁRIO

<b>1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>16</b>
<b>2 OS CAMINHOS TRILHADOS E OS ENCONTROS DE VESTÍGIOS E VOZES .....</b>	<b>41</b>
<b>3 BERNARDO PETRY: O PROFESSOR PÚBLICO E MEDIADOR INTELLECTUAL EM KRONENTHAL.....</b>	<b>76</b>
3.1 BERNARDO PETRY E A CONSTITUIÇÃO DE UM MEDIADOR INTELLECTUAL	108
3.2 A EDUCAÇÃO PÚBLICA PÓS-BERNARDO EM KRONENTHAL/VALE REAL....	127
<b>4 A ESTIMADA E RESPEITADA PROFESSORA IZABELA .....</b>	<b>133</b>
4.1 QUANDO TUDO INICIOU .....	137
4.2 COMO ERA A “ESCOLA DA PROFESSORA IZABELA PETRY”? ONDE SE LOCALIZAVA? QUE ESCOLA ERA ESSA? .....	147
4.3 QUAIS NARRATIVAS SE APRESENTAM SOBRE A PROFESSORA IZABELA?..	153
4.4 COMO ERAM AS AULAS DA PROFESSORA IZABELA? .....	163
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>191</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>200</b>
<b>APÊNDICE A – TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) .....</b>	<b>207</b>
<b>APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA .....</b>	<b>210</b>
<b>ANEXO A – CAPA DO LIVRO DE REGISTRO DE ATAS DE ELEIÇÕES MUNICIPAIS E ESTADUAIS DO CAHY (1902) .....</b>	<b>212</b>
<b>ANEXO B – ATA COM A RELAÇÃO DOS ELEITORES QUE CONCORRERAM E VOTARAM NA ELEIÇÃO NA 3ª MESA DO 5º DISTRITO DO MUNICÍPIO DE SÃO SEBASTIÃO DO CAÍ (RS) .....</b>	<b>213</b>
<b>ANEXO C – ATA DA 3ª MESA ELEITORAL DO 5º DISTRITO DE SÃO SEBASTIÃO DO CAÍ (1912) .....</b>	<b>216</b>

<b>ANEXO D – ATA DA 15ª MESA ELEITORAL DO 5º DISTRITO DO MUNICÍPIO DE SÃO SEBASTIÃO DO CAHY .....</b>	<b>220</b>
---	------------

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

[...] era uma família de professoras lá, o grupo escolar do Vale Real tem o nome do pai dela: Bernardo Petry, então as filhas dele todas eram professoras, a mais velha era a Elda, professora em Santos Reis, depois tinha a Irma, professora em Santa Lúcia do Piauí, depois tinha a Marta, professora no Vale Real, que depois acabou sendo minha professora. Eu também ia na escola lá. Também tinha a Izabela, também era minha professora, e a última era a Zita, professora no Alto Feliz.

(Finckler<sup>1</sup>, 2019)<sup>2</sup>.

Como primeira narrativa a ser apresentada nesta tese de Doutorado, entendo ser importante falar um pouco sobre a minha trajetória pessoal e acadêmica, explicando os motivos que me levaram a estudar no campo da Educação. Nasci em Júlio de Castilhos, no interior do Rio Grande do Sul, onde cresci com meus dois irmãos e frequentei a escola durante todos os anos da Educação Básica. Cursei o Ensino Fundamental e o Ensino Médio em escolas públicas. A minha primeira experiência de trabalho aconteceu logo após à conclusão do último ano de escola, e foi talvez a mais importante até agora: trabalhei como secretária na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Júlio de Castilhos. Digo sempre que foi muito além de um trabalho que ajudou a custear meus estudos: foi uma escola de vida, o espaço que contribuiu para a minha formação pessoal. Ali, pude entender melhor sobre empatia, doação e amor, sentimentos que potencialmente habitam – ou deveriam – o coração de quem aprende e ensina.

Foi nesse mesmo período que iniciei minha tão sonhada graduação na universidade mais próxima de onde eu vivia, a saber, a Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ). Optei pela formação em Ciências Contábeis, que, na época, era a que mais me despertava interesse. Em 2007, concluí o curso e, no ano seguinte, dei início a uma especialização em auditoria e perícia pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Enquanto cursava graduação, a fim de atuar na minha área de estudo, comecei a trabalhar na Cooperativa Triticola de Júlio de Castilhos (COTRIJUC), onde atuei coordenando o setor de controladoria, o que justificava meus estudos de Pós-Graduação, que me davam suporte para a atividade.

---

<sup>1</sup> FINCKLER, José. [Entrevista cedida a] Mariane Fruet de Mello. Vale Real Rio Grande do Sul, presencial, 18 ago. 2018.

<sup>2</sup> José Finckler protagonizou, com sua entrevista, a minha pesquisa de mestrado defendida em 2020.

Mais tarde, em 2012, deixei a minha cidade natal para morar em Feliz (RS), em função de acompanhar meu esposo para uma nova jornada de atividades profissionais. Nos primeiros meses após a mudança, tive dificuldade em me reinserir no mercado de trabalho na minha área, até que tive a oportunidade de ministrar cursos de curta duração nas áreas de recursos humanos, contabilidade, gestão financeira e gestão de pessoas. As aulas eram oferecidas por uma parceria entre o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) de Farroupilha e a Prefeitura Municipal de Feliz.

Em 2013, comecei a trabalhar paralelamente em uma indústria localizada no município de Alto Feliz, a poucos quilômetros de casa, com atividades na área de recursos humanos. Foram anos difíceis para o setor industrial; o cenário mundial começava a se mostrar economicamente instável, e tudo indicava o início de uma crise séria e duradoura.

Em junho de 2015, uma nova oportunidade profissional ocorreu na minha vida. Após aprovação e nomeação em concurso público, desliguei-me da indústria e assumi o cargo de auditora de controles internos da Prefeitura Municipal de Vale Real (RS). Na mesma época, fiz uma reflexão sobre minha atuação no SENAC, à qual ainda estava vinculada como docente contratada, e senti a necessidade de aprimorar minhas atividades de docência. Busquei, então, cursos direcionados à formação pedagógica, que eram novidade no meu currículo de contadora e auditora, mas cuja importância se fazia cada vez mais sentida.

No final de 2016, o Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) abriu, no Campus de Farroupilha, um processo seletivo para ingresso no curso de formação de professores, do qual participei com sucesso. Por meio dessa formação, que teve duração de dois anos, tive contato pela primeira vez com a educação como ciência, vista a partir das disciplinas pedagógicas. Como consequência, comecei a desenvolver um olhar diferenciado e mais sensível para a minha atuação junto ao SENAC e também às minhas atividades como auditora de Vale Real (RS).

Essa experiência foi motivo de entusiasmo, que me levou a considerar a possibilidade de ingressar em algum programa de pós-graduação em educação. Apesar da ideia ser motivadora, eu a imaginava como um sonho muito distante; pensava que, graduada em Ciências Contábeis, jamais conseguiria êxito na área de humanas. Mas, das marcas do meu caráter, talvez a persistência seja aquela à qual devo mais reconhecimento. Com isso, comecei as buscas por um curso de mestrado em educação que pudesse me acolher. Levantei informações em vários programas de pós-graduação localizados no RS, e o que mais me atraiu foi o Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade de Caxias do Sul. Depois de ter feito a análise das linhas de pesquisa presentes, procurei investigar o corpo docente e principalmente os assuntos discutidos em teses e dissertações produzidas no programa. Cabe aqui dizer que me

apaixonei pela linha de História e Filosofia da Educação, o que me levou a pensar sobre possíveis temáticas na área que me levassem à delimitação de um projeto de pesquisa.

Considerando minha formação em Ciências Contábeis, minha atuação como auditora municipal e meu interesse por questões relacionadas à educação, percebi com positiva surpresa as cobranças dos munícipes de Vale Real à prefeitura municipal quanto ao investimento no nível fundamental de ensino. Em uma das auditorias realizadas por mim na Secretaria de Educação, analisei os percentuais investidos com Educação, bem como os retornos desses investimentos (baixo analfabetismo e escolarização mais alta que a média nacional). Percebi que, de fato, havia um emprego de capital bem acima do percentual mínimo obrigatório por lei para o setor, e me pareceu evidente, nesse caso, a eficácia de ações políticas positivas voltadas à educação, que era também mérito de uma população interessada nos efeitos da formação escolar. Tais constatações foram o que me guiou a um estudo aprofundado sobre as origens dessa cultura de escolarização observada em Vale Real (RS).

Com isso, em 2018 ingressei no Mestrado em Educação da UCS, aproximando-me do campo da História da Educação, e, conseqüentemente, com os pressupostos teóricos e metodológicos da História Cultural. A partir de então, fui me apropriando das teorias e metodologias, com um olhar voltado às culturas escolares e às práticas escolares com apoio da metodologia da História Oral.

No mestrado procurei compreender de onde vinha essa cultura sobre a valorização da educação no município, então, pesquisei sobre os primórdios da educação na localidade. Pesquisei sobre a escola étnica paroquial de Vale Real, constituída em 1871. A pesquisa me possibilitou compreender a organização da educação, bem como a sociedade e o envolvimento da Igreja com a escolas, as narrativas sobre a Escola, professores e práticas exercidas pelos sujeitos escolares.

E isso foi o que me levou ao doutorado, dado que, no mestrado, ouvi muitas narrativas sobre uma professora que, na memória dos entrevistados, destacava-se quanto às suas práticas e também quanto ao seu envolvimento na sociedade local. Essa professora, chamada Izabela, ministrava suas aulas na escola pública da localidade central de Vale Real, na época ainda pertencendo a São Sebastião do Caí.

A partir dos inúmeros relatos acerca dessa professora, o mestrado me permitiu fazer reflexões e indagações com as fontes que fui encontrando ao longo da pesquisa, ou seja, nos “achados” que remetiam à professora Izabela. É assim que surge esta tese que se volta a dois sujeitos escolares que muito contribuíram para a educação local. Isso também me levou a levantar informações e pesquisar sobre Bernardo Petry por conta de haver uma escola com o

seu nome da cidade. Por conta disso, iniciei a busca de dados na própria escola, onde obtive acesso a alguns documentos, tais como: fotografias, atas, registro de professores, registro de ex-alunos, planta da escola e outros documentos pertinentes. Contudo, nessas buscas iniciais, não encontrei nenhum relato sobre quem foi ele ou sobre as razões pelas quais a escola o homenageia.

Ao questionar os entrevistados sobre quem era essa professora, para compreender um pouco mais sobre essa profissional e, conseqüentemente seu papel e importância, foi-me relatado por algum entrevistado que ela era filha de um antigo professor público da localidade, e que atualmente ainda havia uma escola de Ensino Médio que fazia homenagem ao pai, tendo essa escola recebido o seu nome, Bernardo Petry, por isso também a justificativa de pesquisar sobre este professor, sua importância na comunidade e especialmente para a educação local.

Ao rememorar a fala de Finckler (2019), na epígrafe desta seção, decidi que ela introduziria o texto desta tese por dialogar com esta pesquisa e, também, para falar da minha inspiração e motivação para os achados desta escrita. Conforme Faria Filho (2014, p.173), “há por um lado, a tentação de estabelecer ‘marcos’, de sobrevalorizar os ‘achados’. Por outro, a “insegurança da provisoriedade, do inacabado, mete-nos medo e dificulta enormemente os voos e as ousadias”.

Esses achados repercutem na minha memória e nas minhas pesquisas há um tempo já. Ao concluir no ano de 2020 a minha dissertação de mestrado intitulada *Memórias de escolarização na perspectiva da Escola Étnica Paroquial em Kronenthal/Vale Real – RS (1933-1965)*, sentia-me responsável por “sobrevalorizar os achados”.

Quando me inspirei em Faria Filho, com a possibilidade da sobrevalorização dos “achados”, durante e após o percurso do mestrado, pensei nas possibilidades que emergiram por meio das narrativas acerca dessa família de professores (pai e filha), da localidade de Kronenthal/Vale Real (RS). Por isso, refleti sobre a insegurança da provisoriedade e do inacabado, de tornar acessível uma história que até então era desconhecida por muitos, permitindo não somente a comunidade acadêmica, mas principalmente a localidade de Vale Real (RS) de conhecer um pouco da trajetória de dois professores de uma mesma família que estiveram à frente da Educação Pública na localidade central de Kronenthal/Vale Real (RS).

Por isso, essa tese está inserida na História da Educação, problematizando a trajetória de dois professores pai e filha, e as contribuições que os dois sujeitos trouxeram para Kronenthal/Vale Real-RS a partir da ótica da microhistória, permitindo vislumbrar questões que numa macro análise jamais seriam perceptíveis, além de compreender como se dão as dinâmicas envolvidas neste processo de fazer Educação.

Antes de me aprofundar acerca dos sujeitos escolares, percebo a importância de apresentar o local em que a história ocorre, para tanto, falar do lugar onde acolheu os sujeitos escolares que são protagonistas dessa pesquisa é conhecer um pouco sobre a história, contexto, costumes e características local, possibilitando um melhor entendimento desse espaço, para, nas próximas seções, contar parte da história da atuação dos professores Bernardo Petry e Izabela Petry. Para tanto, neste momento, optei por descrever sucintamente o contexto local, uma vez que julgo necessário conhecer os primórdios da história e do espaço que abrigou a localidade.

A localidade de Kronenthal/Vale Real, localizada no estado do Rio Grande do Sul (RS)<sup>3</sup>, pertenceu, inicialmente, ao município de São Leopoldo (RS), e teve sua ocupação majoritariamente por imigrantes alemães por volta dos anos de 1851<sup>4</sup>, e mais tarde, a partir de 1875, também recebeu algumas famílias que vieram da Itália para o Brasil. Com os desmembramentos de regiões e localidades, passou a pertencer ao município de São Sebastião do Caí, na época de sua ocupação<sup>5</sup> (1851). São Sebastião do Caí, nesse período, chamava-se “Porto dos Guimarães”<sup>6</sup>.

Essa região que atualmente é o município de São Leopoldo, foi ocupada por imigrantes alemães oriundos dos primeiros movimentos migratórios, e conforme descrito por Assmann (2009), um dos primeiros imigrantes da Alemanha na localidade de São Leopoldo chamava-se Hillebrand, que, na época, foi instituído diretor da colônia. Ele recebeu algumas incumbências, dentre elas, a organização e as medições das terras que estavam localizadas entre o arroio

---

<sup>3</sup> Considerando o recorte temporal da tese, intercalo, ao longo da pesquisa, as duas denominações referentes à mesma localidade: Kronenthal, quando me refiro à região desde a sua ocupação até aproximadamente o ano de 1938; e Vale Real, quando em relação a pessoas ou eventos após essa data. O nome em português foi cunhado pelos moradores após a proibição aos imigrantes, pelo Estado Novo instituído por Getúlio Vargas, de falar a sua língua de origem. O nome tornou-se oficial, entretanto, apenas após a emancipação do município, no ano de 1992.

<sup>4</sup> Para conhecer um pouco dos movimentos migratórios, bem como a origem dos imigrantes que ocuparam a região de Kronenthal/Vale Real, vide dissertação de mestrado intitulada *Memória de escolarização na perspectiva da Escola Étnica Paroquial (1933-1965)*, de Mello (2020). **MELLO, Mariane Fruet de**. Memórias de escolarização na perspectiva da escola étnica paroquial em Kronenthal/ Vale Real - RS (1933-1965). 2020. 172 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/6230>. Acesso em: 10 mar. 2025.

<sup>5</sup> A localidade de Kronenthal, que hoje é o atual município de Vale Real, foi ocupada por volta de 1851.

<sup>6</sup> Essa denominação ocorreu por volta de 1808, quando chegou a família do Sr. José Antônio Guimarães, capitaz de uma rica viúva. Guimarães teve quatro filhos: Inácio de Alencastro Guimarães, Lourenço de Alencastro Guimarães, Pedro de Alencastro Guimarães (que mais tarde seria vereador e ilustre cidadão caiense) e Antônio Guimarães (que em 1850 adquiriu muitos hectares de terras). Pela importância dessa família, o povoado passou a chamar-se “Porto dos Guimarães”. Essa nomenclatura seguiu até os anos de 1939. Como São Sebastião era o padroeiro do município, passou a se chamar São Sebastião. Como havia outros municípios no Brasil com mesma nomenclatura, novamente o município passou por outra denominação, e dessa vez passou a se chamar de Cahy. Em 1958, novamente, muda a sua nomenclatura para São Sebastião do Caí, que permanece até hoje (São Sebastião do Caí, [2025]). SÃO SEBASTIÃO DO CAÍ. Prefeitura Municipal. **História**. São Sebastião do Caí, [2025]. Disponível em: <https://www.saosebastiaodocai.rs.gov.br/site/historia/>. Acesso em: 10 mar. 2025.

Forromeco e o rio Caí. Esse fato ocorreu por volta de 1846, e essas terras eram de propriedade do governo imperial e, posteriormente, foram distribuídas aos colonos.

Conforme Mello (2020), foi nesse processo de medição de terras que se consolidou a Colônia de Feliz. A área abrangia diversas localidades que foram nominadas de Bom Fim, Forromeco, São Pedro, Nova Palmira, Picada Cará, Temerária, Linha Cristina e Sebastopol, todas ainda pertencendo ao município de São Leopoldo.

Já em meados da década de 1930, Porto dos Guimarães, atual município de São Sebastião do Caí (RS), alterou sua denominação para São Sebastião. Nesse período, estava dividido em 4 distritos, e Kronenthal (RS) pertencia ao 3º distrito, denominado de Santa Catarina de Feliz. Em 1938, São Sebastião do Caí dividiu-se mais uma vez e passou a contar com oito distritos; Kronenthal (RS) passou a pertencer ao 5º, ou seja, o distrito de Feliz (Kuhn, 2021).

O povoamento da localidade de Kronenthal (RS) foi constituído especialmente por colonos alemães oriundos “da região do Reno, de Monzelfeld da Circunscrição Governamental de ‘Trier’ – Alemanha, Mholstein, Oldenburg, Pomerânea” (Kuhn, 2021, p. 18). Os colonos que ocuparam essa região fizeram parte do segundo movimento imigratório alemão<sup>7</sup> para o Brasil, e se caracterizam por ter uma visão mais liberal e dedicados a atividades diversas, não somente à agricultura.

Os primeiros registros realizados a respeito da localidade de Kronenthal foram comentados por Raaber (2007, p. 9):

Kronenthal-RS era conhecida, em 1850, por Fazenda Pedro Schimdt, o Pedro “carvoeiro”. Esse foi comerciante e sócio de Tristão Monteiro, proprietário da Fazenda Temerária e da Fazenda Cará, assim como terras denominadas Mundo Novo, que compreende os atuais municípios de Taquara, Igrejinha e Três Coroas.

A denominação *Kronenthal*, escrita e falada em alemão até hoje, significa, em português, “Vale da Coroa”, pois a localidade tem seu aspecto geográfico constituído por um imenso vale cercado por treze morros que formam uma verdadeira coroa natural. É interessante, pois alguns moradores relatam a respeito de uma lenda que se origina do nome *Kronenthal*.

As pessoas mais antigas contavam aos seus filhos e netos que havia um dos primeiros moradores da localidade chamada Canto Krewer, que perdeu sua filha vítima de uma doença de infância. Essa família era católica, a menina foi sepultada em uma cova ao lado de uma pequena capelinha. Na hora da despedida do corpo, as mulheres entrelaçaram ramos verdes e

---

<sup>7</sup> Vide dissertação de Mello (2020).

flores colhidas de suas casas e colocaram sobre a cova. Logo após a cerimônia encerrar, o pai mencionou a seguinte frase: “Essa é a sua morada minha filha, *die kron onenthal* (a coroa e a cova)”. E um tempo depois, essas palavras dariam origem ao nome *Kronenthal*, ou seja, “Vale da Coroa”.

Essa lenda comentada por algumas pessoas da comunidade confirma o relato e explicação de uma das participantes da minha pesquisa de mestrado, que traz uma das narrativas populares da escolha do antigo nome alemão para a região:

[...] estava sete homens sentados na entrada do Canto Krewer, quando morreu uma criança, então lá eles sepultaram, eles fizeram um caixão, racharam tábuas, sete anos a menina tinha e tinha o nome Ketlin, então estes sete homens que estavam lá era para fazer a sepultura da criança, e flores eles não tinham, aí levaram coisas verdes do mato e fizeram uma corozinha, e com um pau fizeram uma cruz, então sentaram e falaram entre si, agora nós temos um nome para este lugar aqui, esta coroa naquela cruz, e este lugar aqui é uma *Kronenthal*, parece uma coroa, de agora em diante este lugar tem o nome de *Kronenthal*, este é o nome do fundamento daqui.

Todavia, de acordo com Masson (1941), a expressão *Kronenthal* emergiu em razão da geografia do local, uma vez que é constituído por um imenso vale rodeado por mais de dez morros que formam uma verdadeira coroa natural. O município de Vale Real<sup>8</sup> está localizado na região do Vale do Caí<sup>9</sup>, conforme Figura 9.

Figura 1 – Vale Real destacado no mapa do Rio Grande do Sul

<sup>8</sup> Vale Real tem seu território com a extensão de 45.085 km<sup>2</sup>, com população de 6.058 pessoas de acordo com o IBGE (2022). Apresenta densidade demográfica em 134.37 hab/km<sup>2</sup>.

<sup>9</sup> O vale do Caí abrange 20 municípios, e a região está localizada entre as estradas estaduais e nacionais que interligam a capital do estado do Rio Grande do Sul (RS) ao sul do Estado e à Serra Gaúcha e ao Alto Uruguai. De acordo com a Associação dos Municípios do Vale do Caí (AMVARC), pertencem ao Vale do Caí os municípios de Alto Feliz, Barão, Bom Princípio, Brochier, Capela de Santana, Feliz, Harmonia, Linha Nova, Maratá, Montenegro, Pareci Novo, Portão, Salvador do Sul, São José do Hortêncio, São José do Sul, São Pedro da Serra, São Sebastião do Caí, São Vendelino, Tupandi e Vale Real (AMVARC, 2024).



Fonte: Guia geográfico do Rio Grande do Sul (2024).

A localidade de Kronenthal (RS) era, por meados da década de 1930, um pequeno vilarejo, constituído por uma rua principal, que, atualmente, é o centro do município de Vale Real (RS), e uma segunda estrada, denominada Canto Krewer, que, de acordo com Mello (2020, p. 21), “na principal, havia algumas casas comerciais, uma fábrica de banha e cerveja, a igreja, a escola paroquial, o salão de baile, a escola pública, e um hospital anexado à residência do senhor Reiboldo Stoffels”. A narrativa do entrevistado Sr. Miron Stoffels recria aquele cenário:

*Naquele tempo Vale Real não era nada, tinha a casa do meu pai Reiboldo Stoffels, fazendas e ferragens, comércio em geral, tinha um letreiro grande na frente da casa. Naquele tempo a casa do meu pai era de negócio, ele era um grande negociante de grande comprador de porcos e alfafa, dois grandes produtos. Lá também era a rodoviária, o começo e a saída dos ônibus era ali, até os motoristas dos ônibus dormiam ali na casa, não havia hotel em Vale Real, o único lugar onde havia um paradeiro, assim uma pousada era na casa do pai, então os viajantes que podiam dormir, dormiam ali, era casa comercial, tinha fábrica de queijo, então todo leite recolhido e produzido o queijo. Então a referência em Vale Real, era a casa de Reiboldo Stoffels naquele tempo [...].*

No passado, aproximadamente pelos anos de 1930, conforme relatos dos entrevistados da pesquisa, o município teve uma das mais importantes casas comerciais da região. A Casa Comercial Reiboldo Stoffels que servia, de entreposto comercial, como hospedaria,

ambulatório e casa de secos e molhados (Vale Real, 2024), conforme pode ser verificado na Figura 10.

Figura 2 – Casa de comércio de Reinboldo Stoffels



Fonte: Arquivo pessoal de Cristina Assmann (?).

Ao analisar essa imagem, percebi que se trata de uma festividade de casamento pelas vestes das pessoas. É possível verificar, também, que há, praticamente, a mesma quantidade de homens e mulheres, a maioria das pessoas idosas, especialmente mulheres que estavam sentadas na primeira fileira. Há crianças, algumas de colo, e outras um pouco maiores. Do mesmo modo, observa-se um menino que está na primeira fileira com vestimentas claras e simples, de pés descalços, o que levanta a hipótese de que esse menino era filho de pessoas que não tinham tantas condições financeiras. Nas fotografias antigas, é possível ver com maior frequência crianças descalças, ou seja, era comum ver famílias com muitos filhos, então se tornava oneroso dispor de calçados para todos.

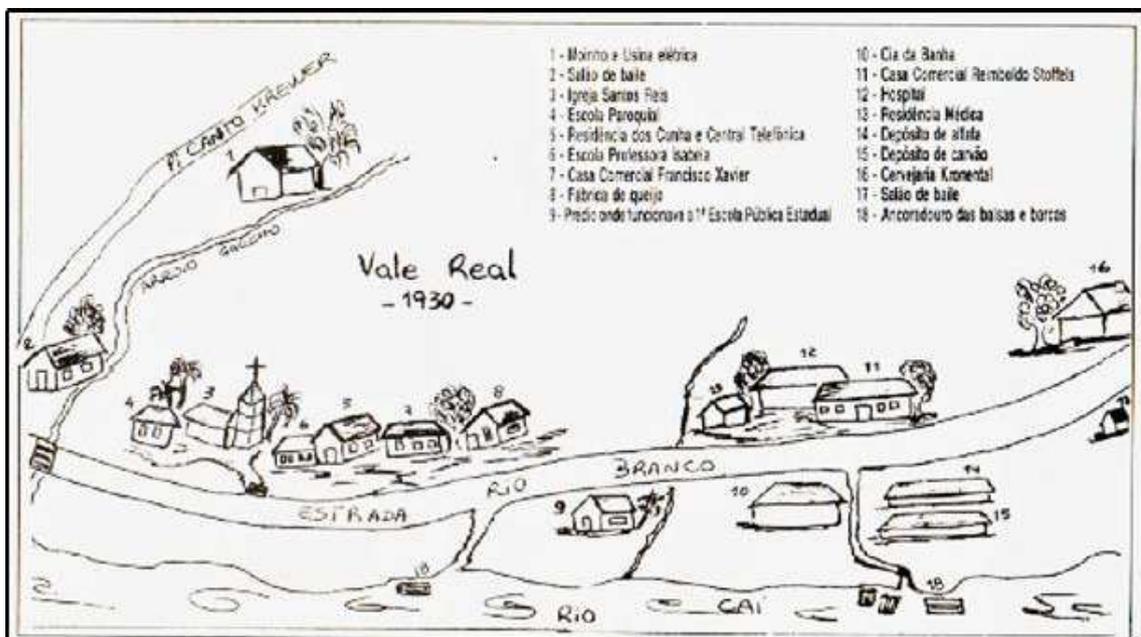
Sob esse viés, Possamai (2008, p. 254) alega que as imagens são “como representações do real, as imagens visuais constroem hierarquias, visões de mundo, crenças e utopias e, neste sentido, podem constituir-se em fontes preciosas para a compreensão do passado”. Para Andrade (1990), a fotografia é uma fonte que demanda do historiador um novo tipo de crítica. Dessa forma, sob esse viés, pode ser levado em consideração a fotografia como um registro da materialidade passada, “aquilo que, no passado, a sociedade estabeleceu como a única imagem a ser perenizada para o futuro” (Andrade, 1990, p. 23).

Dando continuidade à narrativa do contexto de Kronenthal/Vale Real (RS), além dessa importante casa (Figura 11), a localidade abrigou uma cervejaria, alambiques e uma fábrica de foguetes entre outras casas de comércio faziam parte do ramo comercial da cidade em épocas passadas. O transporte era feito por intermédio de carroças ou a pé, sendo que aos poucos foram substituídos pelos primeiros caminhões.

A travessia do Rio Caí, que ligava a localidade central de Kronenthal/Vale Real (RS) ao município vizinho, Feliz (RS), era feita com o auxílio de uma balsa. Enquanto à economia da época, alfafa, feijão e milho eram a base, sendo que muitos desses produtos eram levados inclusive a Porto Alegre, capital do Estado (Vale Real, 2024).

As narrativas e memórias que compõem o cenário da localidade e suas características da época reportam-se aos anos de 1930<sup>10</sup>. Encontrei o primeiro documento datado em 1933 que faz menção a Izabela como professora local.<sup>11</sup> Para compreender o povoamento e a estrutura da então localidade de Kronenthal, a Figura 11 mostra a partir de um desenho, as casas e principais pontos de referência que orientavam a vida naquele local e período.

Figura 3 – Vila de Kronenthal (RS): Vale Real (RS) na década de 1930



Fonte: *Jornal Fato Novo* (2014)<sup>12</sup>.

<sup>10</sup> Escolhi apresentar essa realidade da época, pois há uma riqueza de detalhes nas narrativas dos entrevistados da pesquisa do mestrado, pois a maioria deles viveram suas infâncias nesse período e abordaram com clareza e riqueza de detalhes as características da localidade que permearam especialmente os últimos anos da década de 1930, período em que Izabela conduzia as aulas na Escola Pública Municipal.

<sup>11</sup> Essa informação é aprofundada na quinta seção, a qual é dedicado à professora Izabela Petry

<sup>12</sup> Não foi possível encontrar a autoria dessa imagem, apenas a fonte onde ela foi publicada.

A Figura 11 demonstra que Kronenthal (RS) adotava o formato dos demais vilarejos da época, conforme afirma Kreutz (1991, p. 58):

O centro desta organização física de uma comunidade rural era a vila, planejada para concentrar a administração, o comércio, as atividades artesanais, e especialmente a escola e igreja (tendo um cemitério anexo) e, mais recentemente, também um salão de festas. Na vila havia uma função muito especial para a “venda”, isto é, a casa comercial. O comerciante era o elo entre o colono e o mundo externo, trazia a correspondência, os jornais e as notícias.

Na região que até hoje é denominada Canto Krewer, estava localizada no interior, nos limites do que é conhecido hoje como o município. No Canto Krewer, havia um povoado menor que só possuía uma usina geradora de eletricidade, um moinho e um salão de baile. Essa localidade, segundo alguns depoentes, era caracterizada por acolher as famílias com menos posses e mais pobres economicamente. Dessa forma, a localidade de Kronenthal (RS) mantinha uma autonomia mínima para funcionar plenamente para os padrões de necessidades da época.

Desde o período de 1930, conforme figura a seguir, a localidade de Kronenthal passou por significativas mudanças, inclusive a alteração de sua nomenclatura. Nos últimos anos da década de 1930, passou de Kronenthal para Vale Real. Nos anos que permearam as décadas de 1940 a 1950<sup>13</sup>, alguns movimentos para emancipação foram se estabelecendo na localidade de Feliz, que até então pertencia a São Sebastião do Caí (RS). Nesses movimentos, desenhava-se que a localidade de Vale Real passaria a fazer parte de Feliz. Então, em 1959, Feliz se emancipa de São Sebastião do Caí (RS), e Vale Real passa a pertencer ao município vizinho Feliz (RS).

Após trinta e três anos de emancipação de Feliz (RS), no fim da década de 1980, movimentos de cidadãos de Vale Real (RS) iniciam tratativas para a localidade tornar-se município. Conforme relatos de indivíduos da localidade, muitas reuniões e comissões foram estabelecidas com a finalidade de tornar a cidade independente, ou seja, emancipado de Feliz. Dessa forma, em 1992, Vale Real (RS) emancipa-se, tornando-se município. E “de lá para cá”, muitas transformações<sup>14</sup> foram ocorrendo, e o município teve pleno desenvolvimento.

Apenas para contextualizar a leitura e permitir a visualização do espaço geográfico de Vale Real (RS), a Figura 12 demonstrar o desenvolvimento e o crescimento urbano e populacional do município nos últimos tempos.

<sup>13</sup> Como não era objeto da tese, a busca por informações para reconstituir a narrativa da história do tempo e local, propus-me a trazer de modo resumido os aspectos da história local, demonstrando, por meio de imagem do *Google Earth*, o desenvolvimento em área do atual município de Vale Real.

<sup>14</sup> Essas transformações podem ser acessadas no livro *A história de Vale Real (1851-2021)* escrito e publicado pela professora aposentada do município de Vale Real Madalena Kuhn.

Figura 4 – Desenvolvimento geográfico de Vale Real



Fonte: *Google Earth* (2024).

Essa imagem demonstra a expansão e a evolução da população ao comparar com a Figura 11, que retrata como era organizada e estruturada a localidade há quase um século, ou seja, por meados da década de 1930.

Em Vale Real, os traços culturais e sociais da presença dos imigrantes alemães ainda se fazem sentir em diversos setores sociais, como na arquitetura, na música, na dança e na presença do dialeto alemão, ainda muito utilizado por diversos munícipes como forma de resgatar e declarar suas origens (Vale Real, 2024). Atualmente, a principal economia da cidade é fomentada principalmente pelos setores da metalurgia, confecção, hortifrutigrangeiros e olarias.

Aprofundando um pouco mais meu olhar investigativo sobre os sujeitos escolares Bernardo e Izabela, fui descobrindo e encontrando relatos, documentos e demais informações de que nessa localidade viveu uma família que se dedicou ao ensino, pois o professor Bernardo Petry possivelmente inspirou mais de uma de suas filhas a seguir suas carreiras como professoras. Além disso, percebi uma espécie de compromisso ou preocupação por parte desses sujeitos em garantir que, na localidade, a presença de um professor fosse constante. Por isso, falas como as de Bergmann<sup>15</sup> (2019), que disse:

*“Teve uma professora, a Izabela Petry, que queria que eu continuasse a estudar para ser professora, mas meu pai não deixou eu continuar, porque ele disse: ‘nós precisamos dessa mocinha em casa para ajudar a cuidar das crianças’. Nunca vou esquecer porque eu queria ser professora”.*

Desde o início do percurso do doutorado, e antes ainda, no mestrado, meu pensamento era o de pesquisar e falar apenas sobre a “Izabela professora”, pois as falas dos entrevistados para a pesquisa do mestrado conduziram a essa figura e à sua atuação profissional. Mesmo que

<sup>15</sup> BERGMANN, Maria Amélia. [Entrevista cedida a] Mariane Fruet de Mello. Vale Real Rio Grande do Sul, presencial, 12 nov. 2019.

os relatos contivessem o contexto social, a figura da docente preponderava. Porém, ao longo do percurso, quando me debrucei sobre as fontes documentais que emergiam a cada nova pesquisa, bem como as análises que eram realizadas, fui percebendo a importância (social e política) que Bernardo também tinha construído de si para a sociedade local. Então, percebi a necessidade de também buscar e trazer Bernardo Petry para o contexto da pesquisa e contar uma história que certamente se perderia com o tempo, dada a dificuldade inicial que encontrei na pesquisa dentro do contexto local, para compreender quem foi e qual a importância de Bernardo Petry para a educação e para a sociedade.

Os relatos iniciais da pesquisa indicavam que ele era apenas um professor, razão pela qual a atual escola recebeu seu nome. A própria ligação familiar entre Bernardo e Izabela, por vezes, não era conhecida pelos locais, tanto é que muitas pessoas se surpreendiam ao saberem disso, emitindo até exclamações de satisfação como se houvessem feito uma descoberta.

As posições e influências desses dois sujeitos na sociedade e a atuação deles para com a educação dessa localidade, com a peculiaridade de serem de uma mesma família, pai e filha, que estiveram atuando em períodos de tempo distintos, mas envolvidos e conduzindo a Educação Pública em Vale Real (RS) é de uma riqueza que engrandece a pesquisa e sobrevaloriza os achados.

Embora, inicialmente, a pesquisa tenha me levado a buscar mais informações sobre Izabela, tornou-se impossível não analisar, também, Bernardo, seu pai. Contudo, a pesquisa por Bernardo, devido ao tempo em que viveu estar mais distante do momento da pesquisa, sofreu limitações de fontes, pois restringiu-se a fontes documentais. Já Izabela é mais contemporânea à pesquisa, o que possibilitou entrevistas com pessoas que foram suas alunas ou que conviveram com a figura de liderança social que foi. Essas entrevistas e narrativas contém detalhes e subjetividades que permitem humanizar e conhecer mais sobre ela do que uma análise puramente documental. Por isso, como se pode ver ao longo desta tese, a seção dedicada à Izabela contém mais fontes e análises diversificadas do que o de Bernardo, restrito aos documentos. Ou seja, mesmo com o atual “esquecimento” público e administrativo de Izabela, sua história é mais presente nas memórias e sentimentos de muitas pessoas do município.

Ao aprofundar e conhecer um pouco mais sobre a família Petry, de Vale Real (RS), descobri que Bernardo teve oito filhos, sendo três filhos homens e cinco filhas mulheres, e todas tornaram-se professoras, como o pai. Dentre todos os professores da família Petry, durante minha pesquisa de mestrado, pela contemporaneidade dos entrevistados e da posição social então ocupada pelo professor, sobressaíram falas e narrativas sobre Izabela Petry. Ela ocupava a posição de professora da escola pública na localidade central da cidade. No entanto, pelas

pesquisas realizadas, uma outra filha de Bernardo chamada Martha, também ministrou aulas na localidade central de Kronenthal (RS).

Então, narrativas como a descrita por Bergmann (2019), que se reporta à professora Izabela Petry, fizeram-se muito presentes e frequentes nas vozes dos onze entrevistados no decorrer do percurso de pesquisa de mestrado a respeito da Escola Étnica Paroquial<sup>16</sup>. O que chamou a minha atenção foi a figura da professora Izabela Petry, mencionada inúmeras vezes. Tantas referências serviram de estímulo para descobrir, em relação àquele estudo e para além dele, um pouco sobre quem foi Izabela Petry. Havendo muitas perguntas e poucas respostas referentes à figura da professora Izabela Petry e da sua atuação, e tendo conhecimento da existência da Escola Estadual de Ensino Médio Bernardo Petry, comecei a me indagar sobre uma possível relação e ligação de Izabela com a atual Escola Estadual.

Vale dizer que, devido ao contexto local, o fato de pessoas portarem o mesmo nome de família não necessariamente os vincula com laços de parentesco. É corriqueiro encontrar o mesmo sobrenome e, ao questionar o vínculo com outra pessoa que também o possui, obter a informação de que não são parentes. Em algumas regiões, é mais comum haver parentesco entre pessoas que portam o mesmo sobrenome.

No entanto, por conta da pesquisa de mestrado, bem como a narrativa de Freiburger<sup>17</sup> (2019) que mencionou o fato de a escola da Izabela “ter virado” a atual Escola Estadual de Ensino Médio Bernardo Petry. Diante disso, eu como pesquisadora e cidadã “estrangeira” (vinda de outra parte do Rio Grande do Sul), não sendo natural de Vale Real (RS), vivendo apenas há, aproximadamente, dez anos nessa região, percebi também alguma dificuldade, por parte dos indivíduos (devido às particularidades mesmas da memória) em narrar eventos e contextualizá-los no tempo e no espaço, uma vez que cada um tem consigo aquilo que significou em sua vida.

Com isso, mapeei alguns professores, ex-professores e ex-alunos, com o intuito de obter mais informações. Em um primeiro momento, conversei informalmente com alguns professores que atuam mais recentemente na escola e fui informada de que Bernardo havia sido um professor no passado, mas não sabiam mais informações quanto à sua atuação, o que destaca a importância de contar essa história.

---

<sup>16</sup> Esta pesquisa originou a dissertação do Mestrado que teve como título *Memórias de Escolarização na Perspectiva da Escola étnica Paroquial em Kronenthal/Vale Real RS (1933-1965)*, sob a orientação da Profa. Dra. Eliana Relá. A dissertação encontra-se disponível por meio do link <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/6230>.

<sup>17</sup> FREIBERGER, Gilberto. [Entrevista cedida a] Mariane Fruet de Mello. Vale Real Rio Grande do Sul, presencial, 24 jan. 2019.

Com as informações obtidas em conversas informais e com o primeiro levantamento de fontes coletadas na Escola, isso possibilitou o desenvolvimento de uma nova pesquisa, que levasse a compreender esses detalhes e, mais do que isso, a estudar a família Petry, a partir professores Bernardo e Izabela Petry, como responsáveis pela Educação Pública na localidade central de Kronenthal/Vale Real<sup>18</sup> (RS).

É considerando isso que surge esta pesquisa, de caráter histórico, cujo tema é: os professores Bernardo e Izabela Petry como responsáveis por parte da Educação Pública em Kronenthal/Vale Real (RS) no período de 1899 a 1996. O problema de pesquisa que guia este estudo é: como se constituiu os percursos de atuação profissional e social de Bernardo Petry e Izabela Petry, dois professores de diferentes gerações, mas ambos atuantes na Educação Pública de Kronenthal/Vale Real (RS), no período que permeia os anos de 1899 a 1996?

A fim de responder a esse problema de pesquisa, parto do seguinte objetivo geral: compreender as atuações e peculiaridades dos sujeitos escolares Bernardo e Izabela Petry, de 1899 a 1996, durante a atuação deles na educação pública de Kronenthal, atual Vale Real (RS), a fim de contar a história deles nessa localidade, considerando as condições de possibilidades de cada um de acordo com o contexto político educacional vigente.

Para atingir o objetivo geral, elenquei os seguintes objetivos específicos:

- a) buscar documentos, materialidades e indícios da atuação de Bernardo e Izabela Petry;
- b) entender como estava organizada ou estruturada a educação pública na localidade central no período de atuação de cada um;
- c) compreender como se estabeleciam as práticas escolares dos sujeitos nas suas atuações, quando possível.
- d) reconstituir como foi a atuação de cada um dos professores no âmbito de suas atuações.

O recorte temporal de 1899 a 1996 da tese se refere ao período de tempo em que Bernardo se evidencia o primeiro documento demonstrando o início a sua trajetória enquanto docente na Escola Pública Estadual no ano de 1899, e encerra no ano de 1996 quando Izabela falece.

---

<sup>18</sup> Me utilizo do formato de escrita Kronenthal/Vale Real (RS) para tratar o espaço. A palavra Kronenthal significa em alemão Vale da Coroa e foi utilizada até o final da década de 1930. Depois com a imposição da campanha de nacionalização imposta pelo governo Vargas, a utilização da língua alemã foi proibida e com isso a localidade passa a se denominar Vale Real (RS).

Quanto à relevância do desenvolvimento desta pesquisa, justifica-se no sentido de compreender quem foram Bernardo e Izabela Petry, sujeitos escolares de significativa relevância para a Educação Pública da cidade de Vale Real (RS). Contar e rememorar essa história significa reconhecer os sujeitos escolares Bernardo Petry e Izabela Petry, pois, nesse momento histórico, pela documentação constituída e pela própria visão da sociedade e das pessoas, a pessoa física se destacava.

Relembro e saliento as narrativas que, durante a minha pesquisa do Mestrado, referiam-se à “Escola da Izabela”, ou “antes da Izabela, a escola pertencia ao Bernardo”. Com isso, a documentação mais farta produzida era referente aos indivíduos, e à memória das pessoas também é direcionada ao protagonismo dos sujeitos, não da instituição, embora sempre associem a instituição escolar a eles. Sob o viés das memórias e narrativas, escola e professores são indissociáveis, mas o professor é o protagonista da narrativa, da memória e da educação.

Apresentados os elementos que estruturam o documento de pesquisa, informo os aportes teóricos que fundamentaram a análise dos dados que foram construídos ao longo da pesquisa. Destaco que não se trata de uma tese cujo objetivo seja esgotar ou compilar o conhecimento teórico sobre cada um dos aportes teóricos, mas, sim, apresentá-los de modo a que sirvam e apresentem-se relevantes na análise dos dados da tese.

O aporte teórico desta tese fundamenta-se na História Cultural, orientando para a análise dos dois sujeitos escolares e os espaços em que estiveram inseridos. Para tanto, Roger Chartier (1988) afirma que compreendemos a História Cultural como importante razão para reconhecer a forma como, em diferentes espaços de tempo e de lugar, uma realidade social é estabelecida e pensada. As percepções do social, compreensíveis nas representações, não são, então, discursos neutros, pois irão produzir estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a instituir uma autoridade sobre outras.

Sendo assim, é possível pensar sobre a História Cultural também sob o ponto de vista de suas implicações para o campo educacional. Ela representa, um considerável aporte, ao analisar temas e grupos sociais pouco explorados pelos pesquisadores anteriormente a seu surgimento, embora esses teóricos também tenham contribuído com a História da Educação.

Vale destacar que os dois indivíduos, Izabela e Bernardo, embora tenham ocupado o mesmo espaço por um longo período (1899 a 1996), são distintos tanto em questões de gênero como de temporalidade. Ao longo do percurso, compreendi que não poderia aplicar o mesmo tratamento a ambos, pois suas experiências refletem condições sociais e históricas diferentes, logo, privilegiar apenas um deles seria desconsiderar as especificidades de suas trajetórias.

Bernardo teve uma atuação mais planejada, começando como professor no âmbito estadual durante vinte e nove anos e morreu sendo professor do Estado. Já Izabela teve a sua trajetória diversificada, uma vez que ela não teve formação, mesmo assim, atuou como professora municipal por um período de, aproximadamente, 30 anos. Depois disso, atuou como doméstica na escola em âmbito estadual, escola essa que homenageia seu pai Bernardo.

Além disso, depois que exerceu suas atividades como doméstica na escola, por volta dos anos de 1976, negociou parte das terras onde as escolas sempre estiveram e onde passou a estar localizada a atual Escola Bernardo Petry. Após, passou a dar aulas de tricô e crochê nos finais dos anos de 1970 para alunas da escola estadual.

Ambos têm trajetórias distintas. Por isso não se pode tratar dois sujeitos que estiveram em condições e situações diferentes de forma igual, ou seja, com a mesma teoria. Dito isso, a teoria que embasa a escrita voltada ao Bernardo está amparada, quanto à História Cultural, em Sirinelli (1996), Alves (2019, 2023). O estudo também traz algumas concepções e acerca da Educação Pública, e para tanto, temos Tambara (1995) e Corsetti (1998), os quais também abordam sobre a Educação no período da República, e concepções acerca do Partido Republicano Rio-Grandense ao qual Bernardo esteve vinculado durante sua vida. Também Chartier (2002) tratando sobre representações. No caso de Bernardo, a metodologia é baseada na análise documental, fundamentada em Cellard (2008), Luchese (2014b), Le Goff (2013), para tratar sobre as fotografias a pesquisa se ampara em Dubois (1993), Kossoy (1999), uma vez que os documentos constituem parte essencial da história do professor Bernardo Petry.

Já para compor a escrita acerca de Izabela Petry, a pesquisa ampara-se na história de mulheres, como Perrot (2005, 2006, 2007), Culturas escolares e das práticas escolas por Juliá (2001), Viñao Frago (1995), Magalhães (2004), Escolano Benito (2018), Vidal (2005b, 2006a, 2009). Quanto à metodologia, é fundamentada na análise de documentos escritos por Luchese (2014b), bem como naqueles produzidos por meio de narrativas, apoiando esse estudo em Alberti (2013, 2017), Grazziotin e Almeida (2012) e Errante (2000). Por conta disso, toma-se como base conceitos de *memória* trazidos por Halbwachs (2006), Hobsbawm (2013), Pesavento (2012) uma vez que as narrativas são de ex-alunos de Izabela.

Então, para a organização dessa história no formato de tese, por meio de buscas, leituras e reflexões, foi desenvolvido um referencial teórico, que neste documento estará entrelaçado com a análise, nas seções que apresentam parte da história da atuação de Bernardo e Izabela Petry, respectivamente. Dessa forma, os documentos, entrevistas e demais fontes encontradas no percurso da pesquisa, durante a análise, são apoiadas com as teorias utilizadas,

de modo a analisar e tencionar as fontes e achados da pesquisa com o conhecimento por meio de um tratamento acadêmico.

Para demonstrar que a tese está inserida no campo da História da Educação, procurei elaborar um resumo do estado do conhecimento, julgando ser uma das etapas mais importantes de pesquisa. O objetivo desse procedimento é mapear a produção científica já existente, encontrar lacunas e situar a própria investigação. Para tanto, no contexto deste estudo, procurei teses e dissertações na Base Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDBT) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciências e Tecnologias (IBICT), contemplando o período de 2019 a 2024, isto é, foram buscadas produções dos últimos cinco anos.

Para os descritores da busca, foram utilizadas expressões como: professores intelectuais, história das mulheres e professoras mulheres.

Ressalto que esse procedimento não tem a pretensão de esgotar as produções publicadas na área, mas sim permitir uma visão panorâmica do campo de estudo.

Quadro 1 – Número de teses e dissertações por descritores

<b>Descritores</b>			
<b>Níveis</b>	Professores intelectuais	Memórias de professoras	Mulheres professoras
Teses	14	75	47
Dissertações	6	115	113
Total de pesquisas	20	190	160

Fonte: elaboração minha (2023).

Foi possível perceber, na pesquisa a partir dos descritores isolados, um universo amplo de teses e dissertações com a temática sugerida. Por isso, foi necessário fazer um refinamento nos resultados, procurando um diagnóstico mais criterioso dos trabalhos para, a partir da leitura dos resumos, objetos e metodologias, eleger aqueles que poderiam colaborar para a construção de ideias desta pesquisa.

O termo “professores intelectuais” resultou em quatorze teses e seis dissertações, para o termo memórias de professoras resultou em setenta e cinco teses e quinze dissertações, e o termo professoras mulheres resultou em quarenta e sete teses e cento e treze dissertações.

Buscando sistematizar a busca e os achados de teses e dissertações, organizei um quadro-síntese, com aqueles estudos que mais se aproximavam com a minha tese de maneira a facilitar a visualização do leitor sobre os resultados dessa pesquisa. Por meio dessa segunda etapa de busca, cheguei aos seguintes dados, expressos no Quadro 2.

Quadro 2 – Teses e dissertações localizadas na BDTD

<b>Título</b>	<b>Nível<sup>19</sup></b>	<b>Autor</b>	<b>Ano</b>	<b>IES</b>	<b>Página web</b>
As trajetórias de vida de Serys Marly Shlessarenko entre a docência e a política	D	Mendes, Marcilene Cardoso Oliveira	2020	UFMT	<a href="https://ri.ufmt.br/handle/1/3965">https://ri.ufmt.br/handle/1/3965</a>
O professor Afonso Pereira da Silva e a expansão da educação na Paraíba (1954-1974)	D	Sabino, Raquel do Nascimento	2021	UFPB	<a href="https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/22369">https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/22369</a>
Intelectuais, sociabilidades e modelos de educação no Rio Grande do Norte (1889 – 1930)	D	Vieira, Arthur Cássio de Oliveira	2021	UFRN	<a href="https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/46646">https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/46646</a>
Tempos vividos, histórias e memórias construídas: as escolas rurais e suas professoras (Ituiutaba-MG, 1970 a 1990)	M	Souza, Alciene Muniz de	2021	UFU	<a href="https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/33134">https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/33134</a>
Entre tempos, lembranças e narrativas: Memórias e Trajetórias das professoras egressas da Escola Normal em Bananeiras/PB (1983-2017)	D	Silva, Luiz Eduardo Paulino da	2022	UFRJ	<a href="https://www.bdtu.uerj.br:8443/handle/1/18647">https://www.bdtu.uerj.br:8443/handle/1/18647</a>
De normalista a intelectual: a trajetória do professor Severino Bezerra de Melo e suas redes de sociabilidade (1908-1956) no Rio Grande do Norte	M	Araújo, Ana Tereza dos Santos	2023	UFRN	<a href="https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/55584">https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/55584</a>
Temporalidades nas memórias de professoras de história: narrativas da vida profissional	D	Scherer, Júnior, Cláudio Roberto Antunes	2023	UFSC	<a href="https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/251492">https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/251492</a>

Fonte: elaboração minha (2023).

A partir desse quadro-síntese, passo a apresentar o resumo de cada pesquisa, com suas particularidades, e procuro traçar uma ligação destas com a pesquisa desenvolvida. Com isso, procuro demonstrar a existência de um ou mais campos de pesquisa, composto por diversas instituições de ensino e especialmente em Programas de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu).

A primeira pesquisa abordada é a Tese de Doutorado de Marcilene Oliveira Mendes intitulada: As trajetórias de vida de Serys Marly Shlessarenko entre a docência e a política. A pesquisa teve como objetivo registrar as trajetórias de vida de Serys Marly Shlessarenko, que exerceu a docência como professora universitária e no mesmo período também foi deputada estadual e depois senadora. A pesquisa conta a história da professora que lutou pela Educação Pública e também pelas minorias sociais. A metodologia da pesquisa foi por meio da história

<sup>19</sup> Legenda: D: doutorado; M: mestrado.

oral, entrevistando familiares, ex-alunos e parceiros partidários. A autora também se utilizou de documentos para fundamentar a sua análise. Se apropriou de autores como Jacque Le Goff (2003), Maurice Halbwachs (1990), Ecléa Bosi (2004) e Michele Perrot (1988). Quando a autora aborda sobre a luta da professora pelas minorias e também pela Educação Pública, percebo uma aproximação quando trato da atuação da professora Izabela quando luta pela educação dos seus alunos. Também existe aproximação entre as pesquisas no campo metodológico.

A pesquisa de Doutorado de Raquel Sabino, com o título: O professor Afonso Pereira da Silva e a expansão da educação na Paraíba (1954-1974), procurou estudar o educador a partir dos papéis que desempenhou, da sua atuação enquanto professor e sua vinculação na esfera social. A pesquisa é bibliográfica e documental e como teórico se utiliza de Sirinelli para abordar o conceito de intelectual. Também dialoga com as categorias itinerários, redes de sociabilidade e circulação de ideias. A pesquisa se aproxima com a minha tese quando trato de Bernardo Petry como um intelectual da sociedade, especialmente quando a pesquisa aborda sobre as redes de sociabilidade de Sirinelli (1996).

A tese de Doutorado que tem como título: Intelectuais, sociabilidades e modelos de educação no Rio Grande do Norte (1889 - 1930), teve como objetivo identificar os principais intelectuais atuantes no campo educacional do Rio Grande do Norte durante a Primeira República (1889- 1930), bem como suas redes de sociabilidade em cargos públicos e instituições científicas do período. O autor analisou biografias, apresentando trajetórias que se entrecruzam por meio das redes de sociabilidade. O autor se utilizou dos conceitos de intelectuais tecidos por Jean-François Sirinelli.

A dissertação de Alciene Souza, intitulada Tempos vividos, histórias e memórias construídas: as escolas rurais e suas professoras (Ituiutaba-MG, 1970 a 1990), teve como, apreender os meios pelos quais as professoras ingressavam na docência em escolas rurais e conhecer as suas práticas. Para tanto, para alcançar os objetivos a autora consultou fontes impressas e orais. As fontes orais foram compostas por entrevistas com cinco professoras que atuaram nas escolas rurais. E o estudo teve como resultado a constatação de que apesar das condições de trabalho difíceis no meio rural, as professoras desempenharam importante papel na educação, o qual resultou na escolarização das crianças e jovens que residiam na zona rural. Lendo essa dissertação vejo uma aproximação bem significativa acerca das práticas vivenciadas por Izabela, uma vez que na época de sua atuação, ainda era uma comunidade no meio rural e com as suas limitações.

Entre tempos, lembranças e narrativas: Memórias e Trajetórias das professoras egressas da Escola Normal em Bananeiras/PB (1983-2017), foi a pesquisa de Doutorado de Luiz Paulino da Silva, teve como objetivo analisar, por meio das memórias e da história oral, as narrativas de professoras sobre as práticas docentes, identificando diferentes discursos e subjetividades, dialogando com temáticas relevantes para a formação docente. Assim com a minha tese de Doutorado, o autor se utilizou dos conceitos de memória, por meio de autores como Halbwachs (2013), Bosi (2004), e Le Goff (2013); assim como sobre história oral a pesquisa está amparada em Alberti (2013), também procurou evidenciar as práticas escolares das professoras.

A dissertação de Ana Tereza Araújo, intitulada: De normalista a intelectual: a trajetória do professor Severino Bezerra de Melo e suas redes de sociabilidade (1908-1956) no Rio Grande do Norte, teve como objetivo investigar a trajetória do intelectual Severino Bezerra de Melo e de suas redes de sociabilidade, analisando suas atuações, relações e implicações no contexto educacional e político, no período de 1908 a 1956. A pesquisa procurou compreender por meio de investigação a atuação desse intelectual nos seus diversos campos de atuação e especialmente compreender os relacionamentos tecidos na Escola Normal de Natal. A pesquisa apoiou-se nos conceitos de intelectuais e redes de sociabilidade de Sirinelli (1996) e das noções de práticas e representações de Chartier (1990). O estudo contextualiza diversos meios em o intelectual esteve presente. E por fim, demonstrou uma linha tênue entre o cultural e o político, e Severino Bezerra é uma figura importante dessa história. Esta pesquisa se aproxima da minha tese quando disserto acerca dos espaços que Bernardo Petry ocupou enquanto professor, membro da sociedade e especialmente um representante político do Partido Republicano Rio-Grandense.

Temporalidades nas memórias de professoras de história: narrativas da vida profissional, foi a tese de Doutorado de Júnior Scherer, defendida no ano de 2023 na Universidade Federal de Santa Catarina. A pesquisa teve como objetivo narrar acerca da vida profissional de duas professoras de História, chamadas Mariana ouriques e Fabiolla Falconi Vieira. A metodologia da pesquisa ocorreu por meio da História Oral, utilizando autores como Alberti (2004a) e Portelli (2016), a qual se aproxima com a metodologia proposta na minha pesquisa.

Finalizada a pesquisa em teses e dissertações, procurei realizar a revisão da literatura em periódicos, pois, de acordo com Creswell (2010, p. 52), artigos são “uma forma abreviada daquela encontrada em uma dissertação de mestrado ou tese de doutorado. [Neles] Está contida

tipicamente em uma sessão chamada ‘Literatura Relacionada’ e segue a introdução a um estudo”.

Sendo assim, para a busca dos artigos, utilizei-me da base de dados da Coordenação e Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que consiste no portal científico de maior amplitude e relevância na conjuntura nacional. Para tanto, introduzi as seguintes palavras-chave referentes à história da educação: “história educação” e “educação”. Como resultados para a busca do primeiro descritor, o portal elencou trabalhos publicados nos periódicos Cadernos de História da Educação; Revista História da Educação (RHE); Revista Brasileira de História da Educação (RBHE) – publicação oficial da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE); Revista Educação, Arte e História da Cultura; Revista História, Sociedade e Educação no Brasil (HISTDBR). Ao buscar por “educação”, com filtro para área do conhecimento em Ciências Humanas e História, o portal exibiu publicações dos seguintes periódicos: Educação em Questão; Educar em Revista; Germinal: Marxismo e Educação em Debate; e Revista HISTDBR Online – História, Sociedade e Educação no Brasil.

A partir dos resultados encontrados, avaliei o escopo editorial, relacionando cada revista à temática do meu projeto de pesquisa e selecionando aquelas que se mostraram mais pertinentes. Utilizei nos descritores as seguintes palavras-chave: “professores intelectuais”, “mulheres professoras”. Essa averiguação permitiu-me encontrar artigos na Revista Brasileira de História da Educação (SHBE) e na Revista Brasileira de Educação (RBE), que seguem listados no Quadro 3.

Quadro 3 – Artigos que dialogam com a temática da pesquisa

Revista	Ano	Título	Autor(es)	Palavras-chave
<b>Revista História da Educação RHE</b>	2010	As práticas escolares e a formação cívico-patriótica no ginásio mineiro de Uberlândia, em Minas Gerais, Brasil (1920-1970) - School practices and civic and patriotic education in lower secondary school in Uberlândia, Minas Gerais, Brazil (1920/1970)	Giseli Cristina do Vale Gatti, Geraldo Inácio Filho	escola; civismo; patriotismo; currículo; práticas.
	2011	Representações acerca da mulher-professora: entre relatos históricos e discursos atuais	Lucio Kreutz, Milena Cristina Aragão	história da educação, feminização do magistério, representações, discursos.
	2022	Permanências e rupturas nas trajetórias de duas intelectuais em suas práticas culturais de mediação no Paraná (1850-1920) 1920)	Alexandra Padilha Bueno, Graciele Dellalibera de Mello	mulheres intelectuais, história da educação, intelectuais mediadores
<b>Revista Brasileira da História da Educação</b>	2022	No decurso da docência: itinerários de professoras e professores públicos em Antônio Prado, Rio Grande do Sul (1885 - 1920)	Manuela Ciconetto Bernardi, Terciane Ângela Luchese	História da Educação, Itinerário de professores do Ensino Primário, Escola Pública e Escola Rural

Fonte: elaboração minha (2023).

No âmbito do universo de artigos, encontrei muitos trabalhos, porém cito aqui apenas alguns, selecionando qualitativamente aqueles que se aproximam da temática e dos objetivos propostos neste projeto. Por isso, no quadro acima, estão somente aqueles que possuem alguma relação com a temática da minha pesquisa, dos quais faço uma breve contextualização, indicando similaridades.

Em relação aos artigos publicados na Revista História da Educação, o primeiro analisado é de autoria dos pesquisadores Giseli Cristina do Vale Gatti e Geraldo Inácio Filho, e se intitula “As práticas escolares e a formação cívico-patriótica no ginásio mineiro de Uberlândia, em Minas Gerais, Brasil (1920-1970)”. Publicado no ano de 2010, o estudo tem como objetivo fazer uma análise das práticas escolares que se efetivaram no Ginásio Mineiro de Uberlândia, em Minas Gerais, Brasil, no período compreendido entre as décadas de 1920 e de 1970. Para tanto, os autores se utilizam de manuscritas, impressas, orais e iconográficas, que evidenciam o contexto sócio-histórico da época em que a metodologia de ensino no período se caracterizava por ser tradicional; além disso, esses materiais testemunham a consolidação de uma representação social da qualidade do ensino do antigo Ginásio (com caráter humanístico

e com preocupação com a moral, a disciplina e os bons costumes); e também o entendimento da escola como centro social, esportivo e cultural da cidade, sendo as datas cívicas muito comemoradas. Assim os autores apontam que o conteúdo humanístico, ligado à disseminação de princípios morais aceitos socialmente, se fortalecia no civismo e no patriotismo. Esse artigo conversa com a tese que pretendo desenvolver especificamente em momentos de abordagem das características da escola, trazendo como item de análise o civismo, por exemplo.

Publicado em 2011, com o título “Representações acerca da mulher-professora: entre relatos históricos e discursos atuais”, dos autores Lucio Kreutz Milena Cristina Aragão, o artigo procura investigar a relação entre as representações construídas historicamente acerca do papel docente feminino, com discursos de professoras na atualidade. O estudo tem como finalidade examinar suas decorrências na construção da identidade docente. Para tanto, os autores realizam um garimpo em atas e periódicos da primeira escola Normal de Caxias do Sul/RS, inaugurada em 1930. Em seguida, tais discursos são relacionados às narrativas de docentes na atualidade, problematizando permanências e mudanças. Como resultado dessa pesquisa, evidencia-se forte vínculo entre os discursos históricos e contemporâneos, fazendo menção à educação como vocação associada à maternidade. Há, por fim, uma reflexão acerca das possíveis repercussões destas representações no ser e agir docente. Esse artigo compõe a minha revisão bibliográfica, porque pode ser útil na análise das práticas escolares efetivadas pela professora Izabela Petry. Além disso, aborda aspectos sobre a vocação de professora e a maternidade.

O artigo publicado no ano de 2022, sob a autoria de Alexandra Padilha Bueno e Graciele Dellalibera de Mello, com o título: “Permanências e rupturas nas trajetórias de duas intelectuais em suas práticas culturais de mediação no paraná (1850-1920)”, tem como objetivo examinar o tema da educação feminina a partir do estudo da trajetória de duas intelectuais: Iria Corrêa e Mariana Coelho, analisando suas práticas culturais de mediação no Paraná. Essas duas mulheres desempenharam o papel de intelectuais mediadoras, configurando em suas trajetórias, práticas culturais que se caracterizaram por oferecer opções artísticas e educativas para mulheres em seus contextos de atuação. Assim, percebo uma significativa aproximação com a temática que me proponho a estudar neste projeto, uma vez que meu enfoque são dois importantes professores que cumpriram suas funções na comunidade como mediadores culturais.

O texto “No decurso da docência: itinerários de professoras e professores públicos em Antônio Prado, Rio Grande do Sul (1885 - 1920)”, de autoria de Manuela Bernardi e Terciane Ângela Luchese, tem como objetivo analisar os itinerários de professores das aulas públicas de Antônio Prado entre os anos de 1885 a 1920. A análise da pesquisa pauta-se em documentos e

é embasada na História da Educação e História Cultural. O estudo indica os itinerários, caminhos percorridos pelos professores estudados no artigo. A aproximação com a minha pesquisa está no desenvolvimento da análise, que visa compreender a identidade de professores, como se tornaram docentes, o tempo que permaneceram na função e se exerciam outras atividades além da docência. Outro ponto importante de encontro é o recorte temporal, uma vez que pretendo focalizar aproximadamente o mesmo período, contextualizando aspectos da história naquele dado tempo, buscando vestígios das relações e sociabilidades dos sujeitos que se dedicaram à atividade docente.

Como dito anteriormente, essa breve contextualização de literatura já produzida pretendeu demonstrar apenas a existência de um campo de pesquisa, e não trazer todos os estudos existentes sobre a temática. Dessa forma, finalizo este levantamento, e descrevo brevemente como penso a estrutura da futura tese.

Feita a introdução, bem como a demonstração do campo de pesquisas na área da História da Educação, esclareço como está organizada esta tese. A primeira seção é esta introdução, na qual constam a minha trajetória de vida, profissional e de constituição enquanto pesquisadora, assim como os objetivos, questão norteadora, apresentação das teorias que fundamentam a pesquisa e a apresentação da metodologia. Na segunda seção, optei por escrever especificamente sobre o percurso de atuação de Izabela e Bernardo obtida a partir das fontes, especialmente as documentais, assim como relatar as dificuldades e os percalços encontrados<sup>20</sup> e, também, os encontros de documentos e narrativas que jamais pensaria encontrar. Na terceira seção, contextualizo brevemente a localidade de Kronenthal/Vale Real (RS), no recorte temporal que perpassa a pesquisa.

Na quarta, abordo a trajetória de atuação do professor Bernardo Petry enquanto intelectual e professor com grande envolvimento político no Partido Republicano Rio-Grandense (PRR). Na quinta seção, disserto acerca da atuação da professora Izabela, problematizando os últimos anos de sua atuação enquanto servidora da escola que homenageia Bernardo, seu pai. E, por fim, as considerações finais, demonstrando os encontros e desencontros, as expectativas e as realidades encontradas no decorrer da pesquisa que documenta esta tese.

---

<sup>20</sup> Durante parte do processo de pesquisa, especificamente de 2020 a 2020, ocorreu a pandemia da covid-19, momento em que não foi possível acessar os arquivos públicos por conta do isolamento social. Após esse período, houve toda a reestruturação do pós-pandemia a partir de 2022, e, recentemente, no ano de 2024 vivenciamos a maior tragédia da história do Rio Grande do Sul (RS), com as enchentes que superaram a enchente de 1941, até então a maior da história do Rio Grande do Sul.

## 2 OS CAMINHOS TRILHADOS E OS ENCONTROS DE VESTÍGIOS E VOZES

A construção dos caminhos metodológicos começara antes mesmo do meu ingresso no doutorado. Durante o percurso ainda no mestrado, alguns indícios de materialidades e também de narrativas foram se apresentando, e como mesmo mencionei nas considerações iniciais, sentia-me responsável por, mais uma vez, contar uma história desconhecida na comunidade e tornar dois sujeitos escolares, dois mediadores de uma comunidade, reconhecidos pelas suas atuações como professores. Por isso, no início da pesquisa, não foram definidos previamente os caminhos a serem percorridos, porque os indícios e as materialidades foram emergindo à medida que a pesquisa foi acontecendo. A partir da definição do objeto de pesquisa, da construção do problema e dos objetivos, iniciei a busca por elementos materiais.

Entendendo que a metodologia é o cerne da pesquisa, é o que permite ao pesquisador a construção da nova narrativa histórica possível. Diante disso, descrevo os caminhos metodológicos percorridos durante os primeiros anos do doutorado, de forma a revelar esse processo e, junto a ele, os resultados encontrados que apresento nesta tese. Como alega Pesavento (2012, p. 64), o pesquisador vai “em busca de sintomas, dos fenômenos paralelos que emitem sinais e dão a ver sentidos”.

Informo que a escolha por escrever os caminhos metodológicos numa seção própria foi com a intencionalidade de demonstrar que houve um grande empreendimento por fontes documentais e orais ao longo do percurso de investigação, e que ocorreu com grande empenho ao longo dos quatro anos de pesquisa.

Este estudo é de natureza qualitativa e dialoga com a História da Educação. O desenvolvimento da pesquisa baseia-se, em parte, na análise documental, fundamentando-se em conceitos apresentados por autores como Cellard (2008), Luchese (2014b) e Le Goff (2013), Dubois (1993), Kossoy (1999). Além disso, utiliza-se a metodologia da História Oral, que privilegia tanto as narrativas coletadas durante a minha pesquisa de mestrado quanto as entrevistas realizadas no decorrer desta tese. Para tanto, os trabalhos de Alberti (2013,2017), Grazziotin e Almeida (2012) e Errante (2000) servem como referenciais norteadores.

No início do doutorado, ainda no primeiro ano, além de cumprir com a maioria das disciplinas que eram pré-requisitos para a titulação de doutora, bem como outros requisitos que o programa exige, por volta do mês de novembro de 2021, comecei a fazer as primeiras investidas por documentos físicos. Na época, eu ainda não tinha certeza se as escolas que Bernardo e Izabela ministravam aulas seriam uma continuidade da atual escola de Ensino

Médio Bernardo Petry. Diante disso, fui à escola e solicitei documentos que pudessem me trazer indícios de materialidade, ou seja, informações acerca dos dois professores.

Disponibilizaram-me diversas caixas de documentos que permeavam as décadas de 1960 a 1980, conforme pode ser verificado na Figura 1.

Figura 5 – Parte do arquivo da Escola de Ensino Médio Bernardo Petry



Fonte: meu arquivo pessoal (2023).

Ao começar a analisar as caixas, deparei-me com todos os tipos de documentos que diziam a respeito da vida da escola, como: recibos, plantas do prédio da escola, decretos do Estado do RS, ofícios, inventários, convites, comunicações, portarias, publicações de jornais, fotografias e outros que constituíram a escola. Num primeiro momento, não foi possível encontrar vestígios dos professores Bernardo e Izabela Petry.

A título de informação, e considerando que não possuem relação direta com o objeto da tese, apresento os documentos encontrados nos arquivos da Escola, conforme Quadro 4.

Quadro 4 – Documentos que constituíram a escola

(continua)

Ano	Documento	Descrição	Observação
1962	Recibos	Recibos de doações de valores por munícipes para a compra de terreno para o Grupo Escolar	
	Planta da Escola	Planta do primeiro prédio do grupo escolar de Vale Real	
1964	Decreto nº16.506	Decreto de denominação do estabelecimento de ensino	
1969	Ofício 01/1969	Ofício enviado à Secretaria de Educação e Cultura de Porto Alegre	Referente à mudança do nome da escola
	Inventário	Inventário de obras da biblioteca da Escola	
1978	Convite público	Convite para a inauguração das novas dependências da 6ª série	
	Ofício nº 082	Ofício de criação de novas séries para a Escola BP	
	Parecer nº742	Autorização de funcionamento da 6ª série	Conselho Estadual de Educação
	Ofício nº 453	Comunicação autorizando o funcionamento da 6ª série a partir de 1979	6ª CRE Bento Gonçalves
	Portaria nº20.608	Autorização de funcionamento da 6ª série	Secretaria da Educação e Cultura do RS
1979	Decreto 28.946	Decreto de reorganização do estabelecimento de ensino	
	Ofício nº131	Ofício referente ao funcionamento da 6ª série	6ª CRE 2ª Delegacia de Educação São Leopoldo
1980	Inventário de bens	Levantamento de realidade escolar	
	Inventário de imóveis	Levantamento de imóveis	
	Portaria nº 34.988 09/09/1980	Documento referente às séries finais do ensino de 1º grau	
	Escritura de doação	Doação de fração de terras destinada à escola	Doação da família Petry
	Inventário	Relação de equipamentos do laboratório de ciências	
	Portaria nº 11.504/80	Autorização do funcionamento da 7ª e 8ª séries	Secretária de Educação do RS
	Comunicação nº40	Autorização do funcionamento da 7ª e 8ª séries do ensino de 1º grau	Comunicação da Secretaria de Educação do RS

(conclusão)

	Publicação Jornal local	Inauguração do prédio da Escola	
s/d	Fotografia	Imagem do prédio da 11ª aula pública	
s/d	Fotografia	Imagem da central telefônica e prédio da Escola	

Fonte: elaboração minha (2023).

Em uma das caixas dos arquivos, encontrei alguns documentos voltados às práticas escolares desempenhadas entre 1960 a 1980, bem como os livros de registros escolares, os quais traziam informações acerca da quantidade de alunos matriculados nas turmas. Havia, também, um campo disponível para o professor escrever observações acerca de rendimento escolar, conforme pode ser visto no Quadro 5.

Quadro 5 – Registro de práticas escolares

Ano	Documento	Descrição	Observação
1965	<i>Livro Cadastro</i>	Livro de cadastro da escola	
		Livro de cadastro da sala de aula	
		Livro de cadastro da classe	
1968	<i>Livro de classificação</i>	Registro de classificação dos alunos	
1968	<i>Livro de registros de aluno</i>	Ficha de leitura oral	
	<i>Livro registro de classificação</i>	Classificação dos alunos por sexo	1º ano
	<i>Livro registro de classificação</i>	Classificação dos alunos por sexo	3º ano
	<i>Livro registro de classificação</i>	Classificação dos alunos por sexo	5º ano
1969	<i>Livro registro de classificação</i>	Classificação dos alunos por sexo	1º ano
	<i>Livro registro de classificação</i>	Classificação dos alunos por sexo	3º ano
	<i>Livro registro de classificação</i>	Classificação dos alunos por sexo	5º ano

Fonte: elaboração minha (2023).

De início, pensei que não utilizaria nenhum desses documentos apresentados nos quadros 1 e 2 porque não pareciam ter relação com os professores. No entanto, ao amadurecer o olhar de pesquisadora, como veremos nas seções seguintes, muitos dos achados compõem o *corpus* desta pesquisa.

Consoante isso, Luchese (2014b, p. 149) diz que: “Todos os documentos que nos chegam do passado são plenos de relações, de jogos de sentido e significação, construídos e preservados no tempo para as gerações futuras”. Por isso, a busca pelos documentos vai além de pensar se o pesquisador utilizará ou não certos documentos.

Segundo Beluzzo (2020, p. 38), o encontro com os documentos é o primeiro passo do processo de pesquisa, pois

envolvem uma leitura atenta, uma nova seleção, categorização, interpretação do seu contexto de produção, atenção para o período histórico dessa produção, observação da posição que ocupa o produtor do documento, a quem é destinado, qual sua intencionalidade, sua circulação, sua materialidade, as relações que se podem estabelecer entre este documento e outros ou tencionamentos, tudo isso faz-se incumbência do historiador.

Seguindo as buscas em órgãos e estruturas físicas, procurei por indícios na Prefeitura Municipal de Vale Real, no entanto, não encontrei vestígios que pudessem trazer alguma informação de Izabela ou Bernardo Petry. Com isso, fui até à Prefeitura de Feliz, uma vez que Vale Real pertencia a Feliz até o ano de 1992, assim fiz buscas no museu, na biblioteca, no arquivo municipal, além de ter conversado com o então secretário da Fazenda do município (2022), que também realiza pesquisas da historiografia da região e mantinha um acervo de documentos, fotografias e outras materialidades de indivíduos de Feliz e região, porém, tampouco obtive êxito.

Na mesma semana, fui até o município de São Sebastião do Caí e conversei diretamente com o setor de Recursos Humanos e com a Secretaria da Educação, com o intuito de encontrar algum registro de nomeação ou até mesmo documentos que pudessem trazer alguma informação sobre a “Escola da Izabela”. No entanto, mais tarde percebi que, ao solicitar as informações, formulei as perguntas de maneira inadequada, o que resultou na ausência de documentos que pudessem conduzir à escola ou à professora. Dei-me conta disso após conversar com um dos filhos de dona Izabela, o senhor Alencar, que informalmente comentou comigo que a escola de sua mãe se chamava Escola Rui Barbosa nº40. Quando fiz a primeira visita à Prefeitura e Secretaria de Educação de São Sebastião do Caí, eu ainda não tinha essa informação.

Tendo agora uma nova informação, retornei até o município de minha residência. Com muita dificuldade<sup>21</sup>, agendei um horário no setor de registros da 2ª Coordenadoria Regional de

---

<sup>21</sup> Devo destacar a dificuldade nos tempos atuais por conta da burocratização dos serviços públicos, que se estende até mesmo aos pesquisadores em suas buscas. Na 2ª Coordenadoria de Educação do Rio Grande do Sul, o contato por via telefônica é precário, pois os atendentes passavam a ligação para outra pessoa, que, por sua vez, dizia que

Educação. Na semana seguinte, fui até a coordenadoria com o intuito de encontrar pelo menos um documento, todavia, não consegui encontrar nenhum material.

Considerando que o caminho de cada pesquisador é singular, e, conforme Bica (2013, p. 31), a coleta é uma garimpagem que vai tecendo a pesquisa, dado que: “Os procedimentos de coleta, de procura e de ‘garimpagem’ nos arquivos, estabelecem a costura desta colcha de retalhos, alinhavados pelo problema da pesquisa e pela perspectiva da análise documental”.

Com isso, na semana seguinte, antecipadamente havia programado e agendado dois dias de pesquisa no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul em Porto Alegre, então me coloquei a pesquisar. Abro parênteses para dizer que, ao analisar as pastas do Arquivo Histórico, deparei-me com uma realidade que nenhum historiador e pesquisador quer se deparar: a precariedade e o descaso com o arquivo, talvez um dos mais importantes acervos que temos no RS.

Voltando à análise dos materiais, à medida que as caixas com os documentos chegavam até mim, eu ia analisando-os com esperança de encontrar alguma fonte documental de Bernardo e de Izabela. Foram muitos deslocamentos ao Arquivo, aproximadamente três meses viajando de Feliz a Porto Alegre, acompanhada de meu filho, que, na época, tinha cerca de seis meses.

Iniciei as investigações a partir da consulta à categoria “instrução pública” referente ao fim do século XIX e início do século XX. Nas primeiras caixas, já fui encontrando alguns documentos que constavam o nome de Bernardo Petry como professor estadual da localidade de Kronenthal. Os documentos encontrados constam no Quadro 6.

Quadro 6 – Documentos localizados no AHRS

(continua)

Ano	Documento	Nomenclatura das pastas no arquivo
1899	Ato de nomeação de Bernardo Petry	Registro de títulos
1901	Registro de lotação de Bernardo Petry na 12ª aula pública em São Sebastião do Cahy, localidade de Kronenthal	Quadro das escolas públicas
1902	Registro de lotação de Bernardo Petry na 12ª aula pública em São Sebastião do Cahy, localidade de Kronenthal	Quadro das escolas públicas

---

não era naquele setor e repassava a ligação. Esse ciclo se repetia inúmeras vezes. Mesmo tentando contatar por e-mail, não obtinha retorno. Foi necessário enviar ao menos três até encontrar uma pessoa que respondesse e pudesse me orientar a quem recorrer.

(conclusão)

1904	Registro de lotação de Bernardo Petry na 12ª aula pública em São Sebastião do Cahy, localidade de Kronenthal	Quadro das escolas públicas
1905	Registro de lotação de Bernardo Petry na 11ª aula pública 3ª região 1ª entrância em São Sebastião do Cahy, localidade de Kronenthal	Quadro das escolas públicas
1905	Solicitação de licença de 30 dias na data de 20/05/1905 concedida licença pelo Secretário do Interior em 22/05/1905	
1908	Registro de lotação de Bernardo Petry na 11ª aula pública 3ª região 1ª entrância em São Sebastião do Cahy, localidade de Kronenthal	Quadro das escolas públicas
1909	Registro de lotação de Bernardo na 11ª aula pública 3ª região 1ª entrância em São Sebastião do Cahy, localidade de Kronenthal (rural)	Quadro das escolas públicas
1916	Registro de lotação de Bernardo Petry na 11ª aula pública 3ª região 1ª entrância em São Sebastião do Cahy, localidade de Kronenthal	Quadro das escolas públicas
1917	Registro de lotação de Bernardo Petry na 11ª aula pública 3ª região 1ª entrância em São Sebastião do Cahy, localidade de Kronenthal	Quadro das escolas públicas

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Ao analisar os documentos do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, percebi mudança na nomenclatura da escola em que Bernardo Petry ministrava aulas, embora em todos os documentos permanecia descrito que era uma escola rural na localidade de Kronenthal. Pude pensar que a alteração de nomenclatura das aulas públicas de 11ª para 12ª emergiu a partir da necessidade de aberturas de mais escolas nas localidades, exigindo um arranjo e, conseqüentemente, a mudança dos nomes. Também encontrei a nomeação do professor Bernardo Petry no ano de 1899, conforme apresento na seção cinco desta tese.

Antes de prosseguir falando sobre os documentos, cabe fazer uma crítica em relação às políticas voltadas à preservação e à conservação dos documentos que se encontram em arquivos públicos no Brasil, que normalmente estão estocados em lugares que não são adequados e, na maioria das vezes, não há uma organização mínima necessária. No caso das fontes presentes no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, os documentos lá arquivados encontram-se em precário estado de conservação, sem evidências de que há cuidados para mantê-los em condições para pesquisas, conforme pode ser verificado na Figura 2.

Figura 6 – Ilustração de um documento deteriorado no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (2022)



Fonte: meu arquivo pessoal (2023).

Voltando aos documentos, fiz uma pesquisa na Hemeroteca Digital, a qual faz parte da Fundação Biblioteca Nacional, associada à Biblioteca Nacional Digital<sup>22</sup>, ambas tendo como objetivos a preservação da memória cultural brasileira e o acesso ao acervo que já existe.

No decorrer do percurso de pesquisa na Hemeroteca, comecei procurando pelo nome “Bernardo Petry”. Por se tratar de um intelectual que atuou como professor público no fim do século XIX e no início do século XX, conforme evidências das poucas fontes documentais legíveis encontradas no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Iniciei pesquisando na Hemeroteca na temporalidade de 1890 a 1929, buscando em periódicos do RS, de 1890 a 1929, com os nomes “Bernardo Petry” e “Izabela Petry”, seguido da expressão “Kronenthal<sup>23</sup>”.

<sup>22</sup> A Biblioteca Nacional Digital (BNDigital) é um sistema aberto, interconectado e ao mesmo tempo voltado à preservação da memória documental brasileira. Oficialmente lançada em 2006, a BNDigital integra coleções que desde 2001 vinham sendo digitalizadas no contexto de exposições e de projetos temáticos, em parceria com instituições nacionais e internacionais. A BNDigital está internamente constituída por três segmentos: captura e armazenagem de acervos digitais, tratamento técnico e publicação de acervos digitais e programas e projetos de digitalização e divulgação. Conta com uma equipe interdisciplinar composta por bibliotecários, arquivistas e digitalizadores (BNDigital, 2024).

<sup>23</sup> Se refere ao nome que os primeiros moradores denominaram a localidade. Esse termo será melhor explicado no desenvolvimento do texto.

Nessa busca, individualizei vários documentos interessantes que me fizeram pensar na atuação de Bernardo Petry não só na escola como um intelectual mediador, como também na sociedade como um mediador cultural. Ao pesquisar por Izabela Petry, não encontrei nenhum indício que reportasse à sua vida profissional ou pessoal. Para melhor elucidar, demonstro a tela de acesso a Hemeroteca, conforme Figura 3.

Figura 7 – Layout da página

Fonte: Hemeroteca Nacional Digital (c2024).

Dessa forma, ao iniciar a pesquisa na hemeroteca, selecionei o período de 1890 a 1899<sup>24</sup>, local Rio Grande do Sul, marquei a opção todos os periódicos e entre aspas o nome “Bernardo Petry”. Para esse período, não apareceu nenhuma ocorrência. Novamente, inseri os anos que abrangem 1900 a 1929. Ao realizar essa busca, apareceram 30 ocorrências, sendo que dezesseis no periódico *A Federação: Orgam do Partido Republicano RS (1884-1937)*; nove no periódico *O Republicano (RS) de São Sebastião do Cahy – 1908 a 1911*; e cinco no *Correio do Município – de São João de Montenegro (Montenegro-RS) - 1912 a 1917*, como pode ser verificado nos quadros 7 a 9.

<sup>24</sup> A temporalidade que permeou os anos de 1890 a 1929 ocorre a partir das primeiras informações levantadas sobre a data de início de atividades do professor Bernardo, que foi registrada em 1899 com sua nomeação para professor estadual e também com a data de seu falecimento em 1928.

Quadro 7 – Periódicos consultados para a pesquisa

Periódico	Período de circulação	cidade da publicação	Linha editorial	Fundadores diretores	Local da Pesquisa
<i>A Federação</i>	1884- 1937	Porto Alegre RS	Órgão Oficial do PRR -	Venâncio Aires	Hemeroteca da Biblioteca Nacional
<i>O Republicano</i>	NE <sup>25</sup>	NE	NE	NE	Hemeroteca da Biblioteca Nacional
<i>Correio do Município</i>	NE	São Leopoldo	Orgam Republicano	Octavio Ferraz e. J. M Magalhães	Hemeroteca da Biblioteca Nacional

Fonte: elaboração minha (2024).

Quadro 8 – Documentos encontrados no periódico *A Federação*

(continua)

<b>PERIÓDICO A FEDERAÇÃO – ORGAM DO PARTIDO REPUBLICANO -</b>				
Periódico/ ocorrência	Período	Edição	Data	Observação
.A Federação	1900 a 1909	XVII 0031	07/02/1900	Chamamento para quadro da 2ª região escolar 12ª aula, sexo masculino, professor Bernardo Petry, colônia de Kronenthal em 1ª entrância 1São Sebastião do Cahy..
		XVII 0244	23/10/1900	Instrução Pública: Convocação do Inspetor Geral de Instrução Pública para os exames do concurso para preenchimento definitivo de diversas escolas públicas. Aconteceu em 10/09/1901 Bernardo Petry 2ª região, sexo masculino da Kronenthal em São Sebastião do Cahy.
		0025	23/01/1903	Ato do governo - Decreto 587 de 23/01/1903 Determina que as aulas devem funcionar durante o corrente exercício, na 2ª região escolar. Quadro das aulas da 2ª região escolar São Sebastião do Cahy - 1ª entrância 12ª, sexo masculino, professor Bernardo Petry, colônia de Kronenthal (art.36).
		XXI 25	29/01/1904	Ato do governo - Decreto 689 de 28/01/1904 Determina que as aulas devem funcionar durante o corrente exercício, na 2ª região escolar. Quadro das aulas da 2ª região escolar São Sebastião do Cahy - 1ª entrância 12ª, sexo masculino, professor Bernardo Petry, colônia de Kronenthal (art.36).
		XXI 175	30/07/1094	Nomeação de cidadãos para alistamento militar - Município de São Sebastião do Cahy - Bernardo Petry.

<sup>25</sup> A designação “NE” significa “não encontrado”. Por mais que se colocasse esforços na busca por informações, não foram encontrados mais dados referentes a esses periódicos.

(conclusão)

		XXI 298	27/12/1904	Edital - Instrução Pública - Convocação do Inspetor Geral de Instrução Pública para provimento efetivo, por concurso das escolas vagas e interinamente providas. 2ª Região 12ª, masculino, Kronenthal Município de São Sebastião do Cahy Alfredo Waldomiro Fischer <sup>26</sup> - Bernardo Petry.
		XXI 299	28/12/1904	Edital - Instrução Pública - Convocação do Inspetor Geral de Instrução Pública para provimento efetivo, por concurso das escolas vagas e interinamente providas. 2ª Região 12ª, masculino, Kronenthal Município de São Sebastião do Cahy Alfredo Waldomiro Fischer - Bernardo Petry.
		XXII 2	02/01/1905	Edital - Instrução Pública - Convocação do Inspetor Geral de Instrução Pública para provimento efetivo, por concurso das escolas vagas e interinamente providas. 2ª Região 12ª, masculino, Kronenthal Município de São Sebastião do Cahy Alfredo Waldomiro Fischer - Bernardo Petry.
		XXII 117	20/05/1905	Instrução Pública - Despacho - Com a mensagem: Inscreva-se - Bernardo Petry.
		XXII 171	24/07/1905	Instrução Pública - Chamamento do Inspetor Geral de Instrução Pública para a realização dos exames orais que se realizou no a partir do 27/07/1905 a partir das 12 horas. O exame do Bernardo aconteceu no dia 16/08/1905.
		XXII 221	22/09/1905	Professores Públicos: Nomeação do professor Bernardo Petry aprovado em concurso.
	1910 a 1919	XXIX 51	29/02/1912	D'A Federação - Ata de Reunião do Partido Republicano. Bernardo Petry esteve mencionado na ata.
	1920 a 1929	XXXVII 1920	09/03/1920	Arquivo público – Despacho.
		XL 238	13/10/1923	Comunicação por cartas, telegramas e cartões aos congressistas da assembleia republicana registrados em listas especiais – Bernardo Petry como representante do Partido Republicano em São Sebastião do Cahy.
		XLI 248	24/10/1924	Despacho concessão de licença.
		XLV 169	23/07/1928	Necrópsia – Nota de falecimento de Bernardo Petry.

Fonte: elaboração minha (2023).

<sup>26</sup> Percebe-se que aparece um segundo professor, Alfredo Waldomiro Fischer. Não houve relatos a respeito desse professor.

Quadro 9 – Documentos encontrados no periódico *O Republicano na Hemeroteca Nacional*

Periódico <i>O Republicano</i>			
Período	Edição	Data	Observação
1900 a 1909	Ano IV, num. 166	07/06/1908	“O major Cezar José Centeno – presidente do Conselho Municipal de São Sebastião do Cahy, faz público, na forma do art. 3º do decreto nº 20, em reunião, nomeou por ato mesários efetivos e suplentes para servirem na eleição de intendente e conselheiros municipais no dia 09/01/1909 (3º Distrito – Feliz)”
	Ano IV, num. 194	20/12/1908	“O Capitão Achylles Taurino de Resende – intendente provisório do Município de São Sebastião do Cahy, faz público na forma do art. 3º do decreto nº1360 de 10/08/1908, do RS, nomeou, por ato, mesários efetivos e suplentes para servirem na eleição de intendente e conselheiros municipais no dia 09/01/1909 (3º Distrito – Feliz)”
	Ano IV, num. 196	03/01/1909	O Capitão Mamede Ferreira Borges – presidente da comissão de alistamento de eleitores municipais – faz público o aditamento do edital publicado a 20 do corrente ano elo qual são convidados os eleitores municipais a comparecerem na eleição do dia 09/01/1909
	Ano IV, num. 199	24/01/1909	Nota sobre excursão política em 1909
	Ano IV num. 203	21/03/1909	O major Carlos Candal Junior – presidente do Conselho Municipal de São Sebastião do Cahy, faz público na forma da lei nº 18 de 12/01/1897 que, em reunião do Conselho municipal, foram eleitos os mesários efetivos e suplentes que devem servir na próxima eleição de deputados estaduais. 3º Distrito Feliz.
	Ano V 215	30/05/1909	Registro do nascimento de Marta, filha de Bernardo Petry.
	Ano V 227	22/08/1909	Nota de falecimento de Chatarina Stoffles, sogra de Bernardo Petry.
	Ano V 241	28/11/1909	Exames das aulas públicas – Bernardo Petry como membro da comissão que avaliou aula em Kronenthal.
1910 a 1919	Ano VII 346	03/12/1911	Membro integrante da diretoria da Cooperativa Agrícola de Kronenthal.

Fonte: elaboração minha (2023).

Quadro 10 – Documentos encontrados no periódico *Correio do Município*

Periódico <i>Correio do Município</i>			
Período	Edição	Data	Observação
1910 a 1920	Ano XII Nº254	08/08/1912	Convite para Bernardo Petry fazer parte como membro titular mesário no 8º distrito de Montenegro – São Salvador, funcionamento na casa de Pedro Nedel
	Ano XI Nº256	11/08/1912	Convite para Bernardo Petry ser membro titular mesário no 8º distrito de Montenegro – São Salvador, funcionamento na casa de Pedro Nedel
	Ano XIV Nº 08	29/11/1914	Editais – Exames Escolares – Aula em que Bernardo Petry foi examinado na data de 02 de dezembro de 1914. E a aula em que Bernardo era o examinador em 03 de dezembro de 1914.
	Ano XIV Nº 09	01/12/1914	Editais – Exames Escolares – Aula em que Bernardo Petry foi examinado na data de 02 de dezembro de 1914. E a aula em que Bernardo era o examinador em 03 de dezembro de 1914.
	Ano XVII Nº219	02/12/1917	Editais – Exames Escolares – Aula em que Bernardo Petry foi examinado no dia 01/12/1917. E a aula em que Bernardo era o examinador no dia 01/12/1917.

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Ao me deparar com esses “achados” na Hemeroteca Digital e ao fazer a escolha de pesquisar em periódicos, compreendi que um dos periódicos (*A Federação*) tratava de questões relacionadas ao âmbito político. Considerando isso, Luca (2005) diz que a imprensa não é isenta, e que o movimento jornalístico tem suas “raízes políticas”. Portanto, é interessante pensar que nesse meio há uma propagação de manifestações devidamente direcionadas a grupos sociais que estão vinculados a questões políticas, econômicas e religiosas, por exemplo.

O periódico *A Federação* teve seu estabelecimento muito relacionado ao Júlio Prates de Castilhos<sup>27</sup> e surgiu como órgão oficial do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), em 1884, em Porto Alegre (POA), capital do RS. Suas publicações não eram de âmbito literário e havia posicionamento rigoroso contra os adversários políticos. (Dillenburg, 19--).

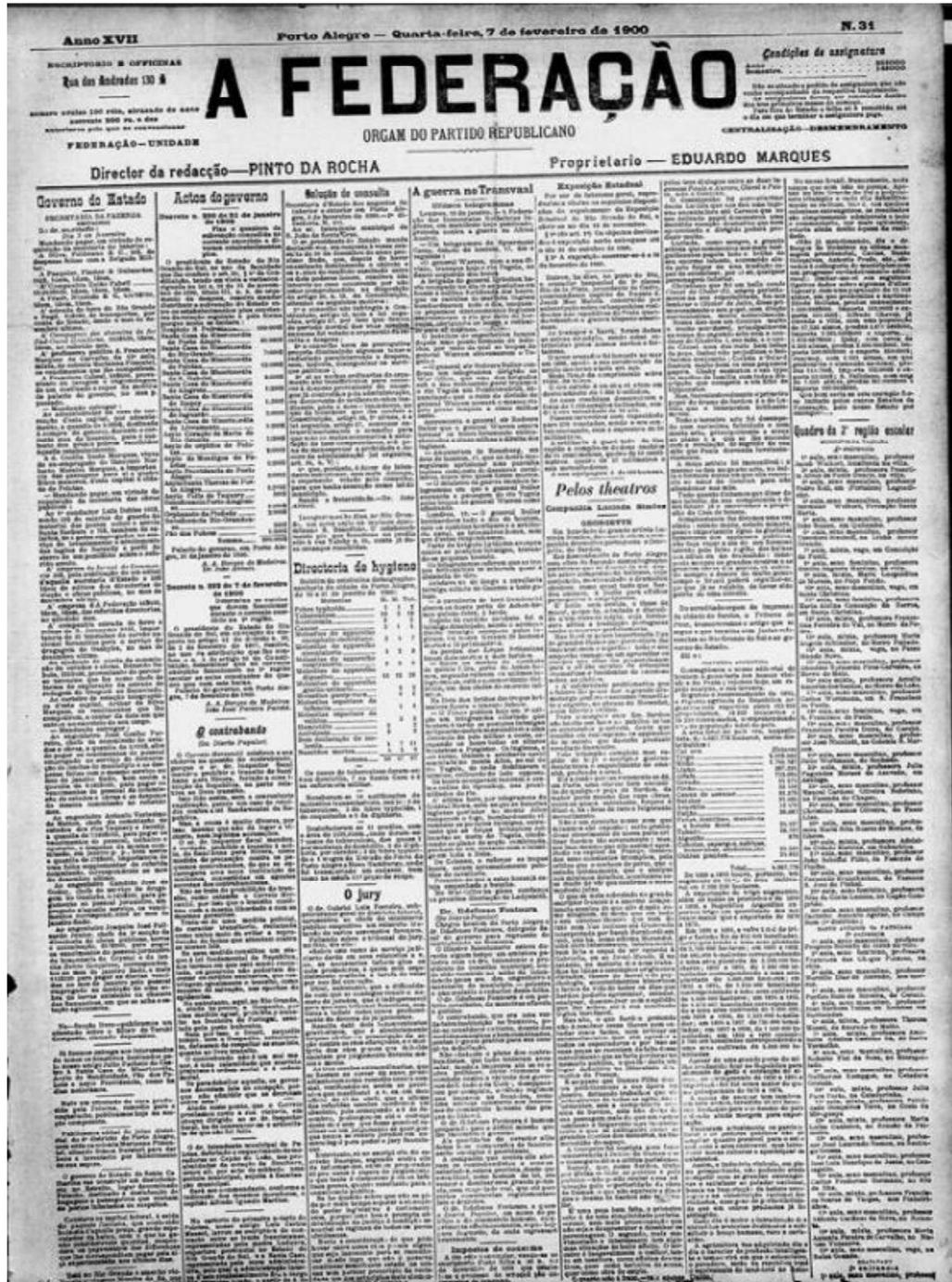
O periódico *A Federação* foi considerado um importante meio ideológico da imprensa do Partido Republicano Rio-Grandense. Em suas páginas, demonstrou a importância dos acontecimentos políticos durante o período de sua circulação, tornando a propaganda partidária republicana com maior ênfase. O periódico perdurou com o ardor partidário por cinquenta e três anos, encerrando suas atividades em 1937, por questões de ordem financeira.

Nesse periódico, os documentos encontrados basicamente se referiam a chamamentos de Bernardo Petry para realização de provas para provimento de vagas em concurso do Estado

<sup>27</sup> Júlio Prates de Castilhos foi um gaúcho nascido em 1860, em Cruz Alta (RS). Foi político, advogado e jornalista. Dirigi o jornal *A Federação* entre os anos de 1884 a 1889 (NEAMP, 2021). NEAMP. Júlio Prates de Castilhos. PUCSP, 2021. Disponível em <https://neamp.pucsp.br/liderancas/julio-prates-de-castilhos>. Acesso em: 10 mar. 2025.

do Rio Grande do Sul (RS). Além disso, consta a organização de quadro escolar anual, atos de governo indicando a aula pública a qual Bernardo estava inserido, a chamada para o alistamento militar, ata de reunião do Partido Republicano Rio Grande, despachos emitidos pelo Estado ao Bernardo e, também, o último documento encontrado fazia referência ao falecimento desse professor. A Figura 4 evidencia o layout do periódico *A Federação*<sup>28</sup>.

Figura 8 – Capa do periódico *A Federação: Orgam do Partido Republicano* (1900)



Fonte: Hemeroteca Nacional Digital (c2024).

<sup>28</sup> Todos os artigos de jornal foram encontrados no site da Hemeroteca (c2024).

No periódico *O Republicano*<sup>29</sup>, que foi um jornal que circulou especialmente no município de São Sebastião do Caí, também havia a manifestação de propaganda partidária republicana em suas páginas. Nesse periódico, encontrei várias menções a Bernardo Petry, com nomeações de mesários efetivos nas eleições de intendentes e conselheiros municipais do 3º Distrito (Feliz), alistamentos de eleitores, nota sobre excursão política, nomeações de mesários efetivos nas eleições estaduais representando o 3º Distrito (Feliz), exames de aulas públicas em que Bernardo avaliou e foi avaliado, nota de nascimento da filha Marta, nota de falecimento da sogra Catharina e a referência a Bernardo como membro da Cooperativa Agrícola de Kronenthal. Ao passar os olhos pelas páginas, é perceptível que esse periódico também fazia referência ao Partido Republicano Rio-Grandense, ao abordar aspectos políticos com vigor e apresentar o envolvimento direto de Bernardo com o partido, por meio das eleições e participação da reunião do PRR (Partido Republicano Rio-Grandense).

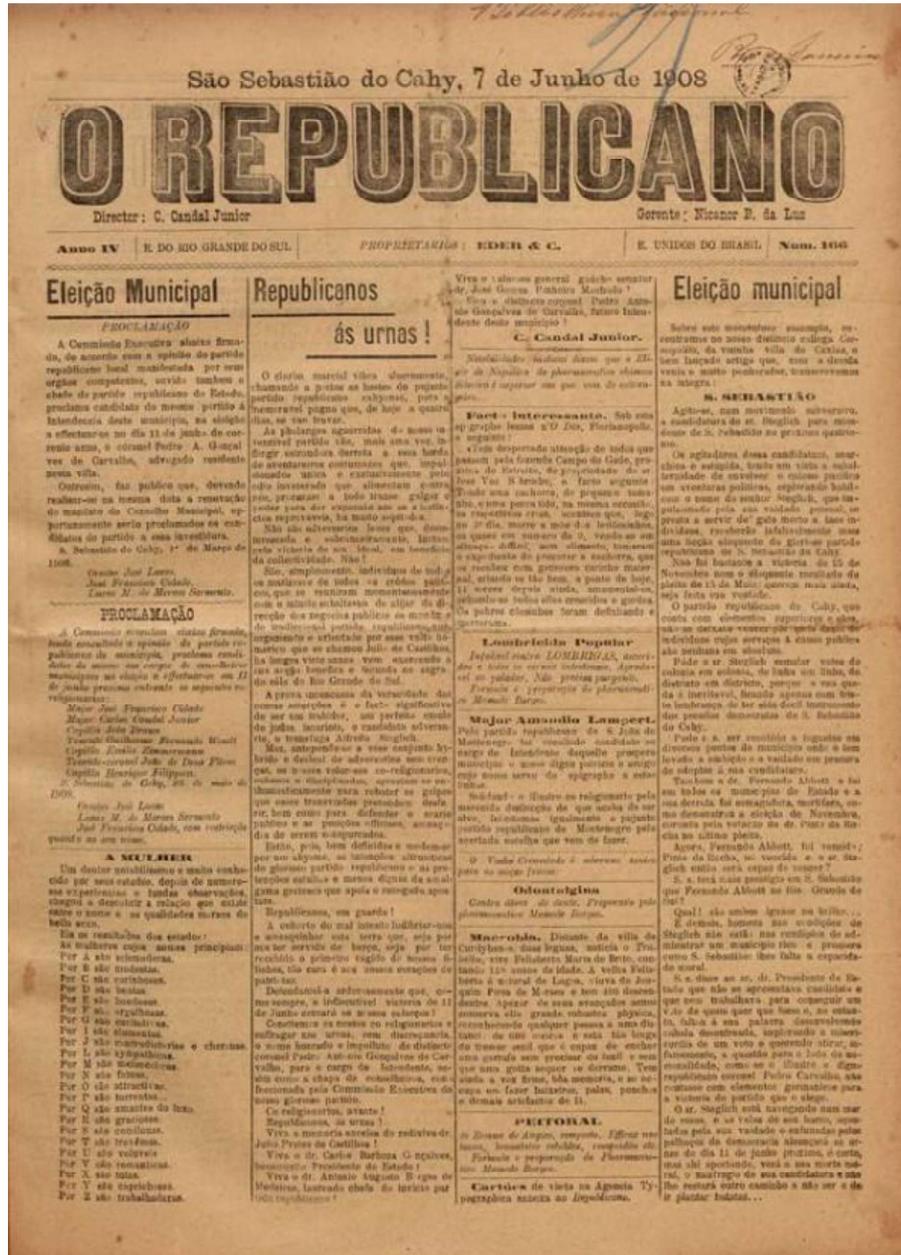
Com a intencionalidade de saber mais sobre esse periódico, uma vez que não encontrei informações acerca de sua circulação e fundadores, fui a São Sebastião do Caí para obter mais informações. Na Biblioteca Pública da cidade, fui informada pela bibliotecária responsável, que esse era um dos jornais que a biblioteca preservava, porém, em 2020 ocorreu uma enchente<sup>30</sup> que atingiu duramente o município. Com isso, houve a perda de todo acervo de jornais e periódicos do século XX, havendo apenas o acervo de livros mais recentes.

---

<sup>29</sup> Não foi possível obter mais informações sobre o referido periódico.

<sup>30</sup> Em 2020 ocorreu uma grande enchente que atingiu o município de São Sebastião do Caí e região, conforme foi noticiada em vários meios de comunicação, como, por exemplo, no site do GZH (Valle, 2020). VALLE, Karine Dalla. Famílias de São Sebastião do Caí são realojadas pela segunda vez após forte chuva. **Jornal GZH**, 27 jul. 2020. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2020/07/familias-de-sao-sebastiao-do-cai-sao-realojadas-pela-segunda-vez-apos-forte-chuva-ckccw4h4g009j01476v6j5lu5.html>. Acesso em: 10 mar. 2025.

Figura 9 – Capa do periódico *O Republicano*



Fonte: Hemeroteca Nacional Digital (c2024).

No periódico *Correio do Município* foram encontrados editais com convocação para exame das aulas públicas do Estado no período de 1914 a 1917. No mesmo ato, estava descrito que a aula de Bernardo seria examinada<sup>31</sup> por outros professores, e também que o professor Bernardo era o examinador. Também havia duas menções em datas diferentes em que Bernardo foi convidado a ser membro titular mesário no 8º distrito de Montenegro – São Salvador, funcionamento na casa de Pedro Nedel. Não encontrei mais informações acerca desse periódico, como por exemplo tempo de circulação.

<sup>31</sup> Examinada no sentido de ser avaliada.

Vale esclarecer que a intenção de pesquisar na Hemeroteca (c2024) foi para verificar as menções efetuadas acerca de Bernardo Petry especialmente acerca de sua atuação enquanto professor. Porém, fui surpreendida com as informações que remeteram à sua atuação enquanto representante do Partido Republicano Rio-Grandense. O intuito da busca não foi de tratar o conteúdo e tampouco informações sobre o periódico, mas sim acerca do professor Bernardo. Na Figura 6 consta uma foto do periódico *O Correio do Município*.

Figura 10 – Layout do *Correio do Município*



Fonte: Hemeroteca Nacional Digital (c2024).

Diante desses documentos encontrados na plataforma da Hemeroteca Digital Nacional (c2024), comecei a refletir sobre a potencialidade da imprensa enquanto fonte para pesquisas

na História da Educação. A plataforma é um importante meio de acesso a documentos de um tempo passado, permitindo que pesquisas prossigam.

Há de ressaltar, portanto, que a imprensa se transfigura como fonte para diferentes estudos e pesquisas para muitas áreas do conhecimento, por isso podemos demovermos da história da imprensa para a História contada por meio da imprensa, uma vez que, como percebido neste estudo, por ser um período distante da atualidade, ou seja, mais de cem anos, esta compreensão se esculpe como específica fonte acessível que proporciona subsídios para que o pesquisador se aproxime do panorama que investiga (Zicman, 1985).

Cabe, também, destacar a facilidade de acesso proporcionada pelas fontes digitalizadas disponíveis nos repositórios. Um exemplo disso diz respeito ao período vivenciado pela pandemia da covid-19<sup>32</sup>, entre 2019 e 2022. Por conta do isolamento social e cuidados de higiene, muitos pesquisadores foram impossibilitados de continuar com suas coletas de dados por conta do fechamento de acervos físicos. Outro ponto importante a mencionar é a facilidade para as pesquisadoras que são mães e encontram-se com limites quanto à rede de apoio, o que, muitas vezes, impede o acesso a um acervo físico.

Ademais, não posso deixar de considerar o momento histórico que vivenciamos nos últimos tempos aqui no RS, especialmente no mês de maio de 2024, período em que ocorreu uma das maiores tragédias climáticas nos últimos anos no RS, noticiada em praticamente todas as mídias possíveis. Por isso, enfatizo que a utilização dos acervos e plataformas digitais em pesquisas na História da Educação são fundamentais para a efetivação de estudos futuros.

Após fazer este empreendimento acerca das fontes documentais, compreendo que todo documento permite a construção de uma nova narrativa histórica possível, e as maiores adversidades encontradas pelo pesquisador na História da Educação é o acesso a fontes de pesquisa, uma vez que há falta de existência de espaço para o armazenamento, a preservação e, principalmente, a conversão de documentos de diversas fontes que chegam até o pesquisador.

Cabe ao pesquisador empreender uma crítica ao documento, entendendo que, consoante Le Goff (2013, p.545), “o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder”. Assim sendo, a análise documental contribui para a investigação dos

---

<sup>32</sup> Conforme Brasil ([2024, não paginado]): “A **covid-19** é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. O SARS-CoV-2 é um betacoronavírus descoberto em amostras de lavado broncoalveolar obtidas de pacientes com pneumonia de causa desconhecida na cidade de Wuhan, província de Hubei, China, em dezembro de 2019. Pertence ao subgênero Sarbecovírus da família Coronaviridae e é o sétimo coronavírus conhecido a infectar seres humanos”. BRASIL. Ministério da Saúde. Covid-19. Brasília, [2024]. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/covid-19>. Acesso em: 23 abr. 2024.

processos de permanência e mudanças dos sujeitos, grupos, instituições, conhecimentos, práticas, entre outros (Cellard, 2008).

Sobre o documento, de acordo com Le Goff (2013, p. 546):

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa.

Entre os elementos que requerem cuidados na averiguação dos documentos, Cellard (2008, p. 303) cita que estão os “da problemática ou do quadro teórico, contexto, autores, interesses, confiabilidade, natureza do texto, conceitos-chave”. Ainda, de acordo com o autor, são essenciais para a análise documental a investigação do âmbito histórico e social em que a fonte foi constituída, além da introdução dos autores desses registros em um contexto e os destinatários dos documentos. Sendo assim, procura-se “apreender os esquemas conceituais de seu ou de seus autores, compreender sua reação, identificar as pessoas, grupos sociais, locais, fatos” (Cellard, 2008, p. 299).

Conforme Luchese (2014b, p. 148), “é preciso saber fazer perguntas, questionar, dialogar com os documentos, pois somente com perguntas é que podemos avançar na produção do conhecimento histórico”. Sob esse viés, ao examinar um documento, é necessário fazer alguns questionamentos, os quais compreendem o contexto cultural, social, econômico e político que envolvem a produção desse material. A autora afirma que:

Todos os documentos que nos chegam do passado são plenos de relações, de jogos de sentido e significação, construídos e preservados no tempo para as gerações futuras. Memórias fragmentadas de um tempo que não conseguiremos jamais tomá-lo em sua totalidade (Luchese, 2014b, p. 149).

Fazendo uma relação com os documentos encontrados nesta pesquisa, como esclarecido ao longo desta seção, encontrei muitos documentos oficiais relativos à formação e à atuação profissional de Bernardo Petry, professor estadual, embora não houvesse detalhes que permitissem compreender sua atuação no cotidiano e o impacto disso no contexto local.

Já quanto à Izabela Petry, foi mais difícil encontrar documentos. Por mais que eu tivesse contatado diversas prefeituras próximas à região de Vale Real (RS), recebia a informação de que os documentos estavam em outro local, e que, naquele momento de busca, ali nada havia. No entanto, a narrativa sobre o desenvolvimento de Kronenthal para Vale Real (RS) e todo o movimento local mostrou-se importante, por isso é parte integrante desta tese,

pois compreender os movimentos político-sociais permitiu a busca de documentos nos diversos municípios, devido à compreensão dos pertencimentos e desdobramentos que foram ocorrendo ao longo do tempo.

Como já havia a vivência da época do mestrado acerca das buscas por documentos nos municípios arredores de Vale Real, tendo buscado documentos em São Sebastião do Caí, em Feliz e, por fim, em Vale Real, permiti-me fazer diferente. Comecei revisitando novamente aquelas caixas da Escola Bernardo Petry, as quais pensei que não encontraria nada, conforme já mencionado. Surpreendentemente, a partir de um olhar atento, encontrei documentos que traziam indícios da atuação da Izabela não só como professora, mas também como servidora da referida escola.

No Quadro 11, relaciono os documentos que foram encontrados.

Quadro 11 – Documentos que se referem à Izabela, encontrados no acervo da Escola de Ensino Médio Bernardo Petry

<b>Data</b>	<b>Documento</b>	<b>Descrição</b>
1959	Livro registro	Livro registro de matrícula, frequência e aparelhamento escolar.
1959	Livro registro	Livro registro de frequência de 1959.
1960	Livro registro	Livro registro de frequência de 1960.
14/06/1960	Termo de posse	Tomou posse para assumir como professora primária auxiliar de Ensino no Grupo Escolar de Vale Real.
15/12/1960	Relatório	Relatório do quadro de aproveitamento de classe do ano de 1960.
15/12/1960	Relatório	Instruções para preenchimento de alunos em exames.
20/12/1961	Relatório	Relatório de movimento de classe do ano de 1961.
30/09/1970	Atestado	Atestado demonstrando que Izabela foi efetivada doméstica no período de 01/01/1971 a 30/04/1971.
01/05/1971	Atestado	Atestado demonstrando que Izabela foi efetivada doméstica no período de 01/01/1971 a 30/04/1971.
10/07/1972	Efetividade	Registro de efetividade de Izabela como doméstica no período de julho de 1972.
10/09/1972	Efetividade	Registro de efetividade de Izabela como doméstica no período de setembro de 1972.
15/11/1972 a 15/12/1972	Efetividade	Registro de efetividade de Izabela como doméstica no período de novembro a dezembro de 1972.
10/03/1974 a 10/04/1974	Efetividade	Registro de efetividade de Izabela como doméstica não estável, no período de março a abril de 1974.
10/08/1974 a 10/09/1974	Efetividade	Registro de efetividade de Izabela como doméstica não estável, no período de agosto a setembro de 1974.
10/09/1974 a 10/10/1974	Efetividade	Registro de efetividade de Izabela como doméstica não estável, no período de setembro a outubro de 1974.
10/11/1974 a 10/12/1974	Efetividade	Registro de efetividade de Izabela como doméstica não estável, no período de novembro a dezembro de 1974.
1976	Registro	Desmembramento de terras de Izabela para construção da Escola.

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Depois do encontro dessas fontes no acervo da escola, imaginei ser suficientes para contar parte da história dessa professora. Porém, numa quinta-feira, meu esposo me convidou

para acompanhá-lo até o município de Pareci Novo com a intenção de comprar mudas de árvores para o pátio de minha casa. Pareci Novo está ao lado de São Sebastião do Caí, então, ao passar pelo Centro de São Sebastião do Caí (RS), meus olhos foram atraídos por uma pequena casa localizada dentro da praça central da cidade. Ao ler “Museu Municipal”, pedi que parássemos ali. Algo me sinalizava que poderia encontrar algum resquício de materialidade sobre as atuações docentes, mesmo com as informações da Prefeitura dessa cidade anteriormente me dizendo que não havia mais nada guardado com eles.

Ao entrar nessa casa que agora é um museu, após sermos recebidos e apresentados, expliquei sobre minha pesquisa. A responsável pelo museu, professora Ana, muito interessada em pesquisa, a servidora Glenda, que também a acompanhava, e a estagiária Ana compartilhavam do mesmo entusiasmo, e disseram que tinham muitos registros, como relatórios, atas de livros de eleições, livros e outros documentos.

Consultaram as chefias locais e, a partir da autorização, deram-nos acesso a pilhas de documentos. Meu esposo propôs-se a me auxiliar na análise inicial, buscando por nomes familiares à pesquisa que eu havia passado para ele. Ao verificar todos aqueles documentos, começamos a encontrar registros sobre Izabela e também sobre Bernardo Petry (especialmente relacionados à sua atuação política enquanto membro do Partido Republicano).

A Figura 7 é a casa que hoje mantém o Museu Histórico e também a Biblioteca Pública.

Figura 11 – Sala onde abriga o Museu Histórico de São Sebastião do Caí e Biblioteca Pública



Fonte: meu arquivo pessoal (2024)<sup>33</sup>.

<sup>33</sup> O museu e a biblioteca estão localizados na praça central do município de São Sebastião do Caí, próximo à Igreja católica matriz.

Ao começar a “garimpagem”, logo fui identificando, nas pastas que remetiam às primeiras décadas do século XX, as assinaturas de Bernardo Petry nas atas de reuniões do Partido Republicano Rio-Grandense. Ao analisar os documentos da década de 1930, localizei o nome das filhas de Bernardo nos documentos – Zita Petry e Martha Petry – e, em seguida, o nome que eu tanto procurava, o da professora Izabela Petry. Nessa busca incessante para encontrar vestígios de Izabela, rememorei passagens do livro *Todos os nomes*<sup>34</sup>, de José Saramago, que, por vezes, pensava em passar horas ali dentro daquele arquivo, pois os encontros com as fontes escritas, especialmente os que mencionavam Izabela, iriam me permitir explorar melhor a análise.

Como muitos documentos encontravam-se em estado precário, com papéis amarelados e esfarelados, fiz registro fotográfico de todos os que apresentavam o nome dos professores Bernardo e Izabela e, também, dos que mencionavam as irmãs de Izabela. A partir da posse fotografada de todos os documentos, organizei o Quadro 12 para os documentos de Izabela, o Quadro 13 para os documentos de suas irmãs, e o Quadro 14 para os documentos de Bernardo, a fim de facilitar a compreensão e a análise desses materiais.

Quadro 12 – Documentos nos quais consta o nome de Izabela

Ano	Documento	Descrição
1932/1933	Registro	Registro de professores nos anos de 1932 e 1933.
1936	Quadro demonstrativo	Demonstrativo de candidatos aprovados em concurso no abril de 1936.
1937	Mapa dos distritos	Mapa dos distritos e Izabela como professora responsável da Escola nº 40 no distrito 9º no ano de 1937.
1936/1938	Recibo	Recibo de vencimentos mensais dos anos 1936, 1937 e janeiro de 1938.
1938/1939	Recibo	Recibo de vencimentos mensais dos anos de 1938 e 1939.
1940/1941	Recibo	Recibo de vencimentos mensais do ano de 1940 e até o mês de outubro de 1941.
1952	Recibo	Recibo de vencimentos mensais do ano de 1952 dos meses de janeiro a junho de 1952.
1957	Requerimento	Requerimento de certidão por tempo de serviço na data de 23 de junho de 1957.

Fonte: elaboração minha (2024).

<sup>34</sup> Esse livro foi uma indicação da Profª. Dra. Dóris Almeida Bitencourt durante a minha qualificação do projeto de Tese, e conta a história de um arquivista que tinha como *hobby* colecionar recortes de jornais de pessoas famosas. Num dado momento de sua vida, ele abandona os papéis e sua vida de retidão e começa numa busca incessante por uma mulher.

Quadro 13 – Documentos das irmãs de Izabela

Ano	Documento	Nome	Descrição
1929	Mapa demonstrativo	Martha Petry	Mapa demonstrativo do movimento das aulas subvencionadas exclusivamente pelo município de São Sebastião do Caí no mês de setembro de 1929.
1936	Recibo	Zita Petry	Recibo de vencimentos mensais do ano de 1936.
1936 a 1938	Recibo	Irma Petry	Recibo de vencimentos mensais dos anos de 1936, 1937 e 1938.
1938 e 1939	Recibo	Irma Petry	Recibo de vencimentos mensais do ano de 1938 e 1939.
1940	Recibo	Irma Petry	Recibo de vencimentos mensais do ano de 1940.
1940	Recibo	Zita Petry	Recibo de vencimentos mensais do ano de 1940.
1952	Recibo	Martha Petry Wartha	Recibo de vencimentos mensais do ano de 1952, porém, não preenchido com os meses.
1952	Recibo	Zita Petry	Recibo de vencimentos mensais de 1952, todavia, sem os meses.
1952	Requerimento	Zita Petry	Requerimento de certidão por tempo de serviço.

Fonte: elaboração minha (2023).

Quadro 14 – Documentos de Bernardo Petry

(continua)

Data	Documento	Descrição
1902	Ata	Livro de abertura de ata da organização das mesas eleitorais das eleições estaduais em 15/10/1902. (Anexo A).
28/02/1905	Ata	Ata de assinaturas de eleitores para a eleição de deputados estaduais.
25/11/1907	Ata	Relação dos eleitores que concorreram a eleição e votaram na 3ª mesa eleitoral do 3º Distrito de São Sebastião do Cahy <sup>35</sup> .
11/06/1908	Ata	Relação dos eleitores que concorreram à eleição e votaram na 3ª mesa eleitoral do 3º Distrito de São Sebastião do Cahy.
09/01/1909	Ata	Relação dos eleitores que concorreram à eleição e votaram na 3ª mesa eleitoral do 5º Distrito de São Sebastião do Cahy. (Anexo B).
29/03/1909	Ata	Relação dos eleitores que concorreram às eleições na 3ª mesa do 5º Distrito do município de São Sebastião do Cahy (RS).
1911	Ata	Ata de instalação da 3ª sessão do município de São Sebastião do Cahy.
16/12/1911	Ata	Ata de relação dos eleitores que concorreram à eleição e votaram na 3ª mesa do 5º Distrito do município de São Sebastião do Cahy(RS).

<sup>35</sup> Escrevia dessa forma neste período.

(conclusão)

11/06/1912	Ata	Ata das assinaturas dos eleitores que concorreram à eleição para intendente e conselheiros municipais do município de São Sebastião do Caí em 11/06/1912, na 3ª mesa do 5º Distrito de São Sebastião do Cahy.
11/06/1912	Ata	Ata da 3ª mesa eleitoral do 5º distrito de São Sebastião do Cahy (Anexo C).
25/11/1912	Ata	Assinatura dos eleitores que votarão na eleição para o cargo de presidente do Estado no ano de 1912. Bernardo assina ata como secretário.
25/11/1912	Ata	Ata da 15ª mesa eleitoral do 5º distrito de São Sebastião do Cahy. (Anexo D).
1920	Ata	Ata dos eleitores inscritos do 5º Distrito de São Sebastião do Cahy.

Fonte: elaborado pela autora (2024).

No percurso de pesquisa, também fui informada de que havia uma pessoa que conviveu com a família Petry, especialmente com Izabela e familiares, conhecida como Cristina Asmann. Ela já havia me auxiliado na pesquisa de mestrado, acompanhando-me em diversas entrevistas, e, para o doutorado, ofereceu-me suporte para a pesquisa, fornecendo-me diversas fotografias da família Petry. A Figura 8 retrata o dia em que fui até sua residência para selecionar as fotografias que pertenceram à família Petry e que estavam em sua posse.

Figura 12 – Retrato de pesquisa



Fonte: meu arquivo pessoal (2021).

Sempre com essa busca constante de materiais da atuação de Izabela, fui construindo caminhos e maneiras para contar sobre isso. A construção desses materiais foi se desenvolvendo com o andar da pesquisa, principalmente, quando da qualificação da tese, em 2023, momento em que as professoras Dra. Dóris Almeida e Dra. Terciane Luchese sugeriram que, além de

analisar os documentos encontrados em acervos físicos e digitais, também me utilizasse da metodologia da História Oral, uma vez que foram vislumbradas possibilidades antes não imaginadas, entre elas, a urgência de um estudo com ex-alunos(as) de Izabela, porque o encontro de documentos físicos acerca de professora emergiram apenas em dois arquivos, no Museu Histórico de São Sebastião do Caí e nas caixas que compunham o acervo da Escola de Ensino Médio Bernardo Petry.

As memórias são importantes e de grande riqueza nas pesquisas. Segundo Giacomini (2022, p.42), “as memórias estão presentes nas vozes, nos papéis, nos acervos e estão inseridas em uma forma de conceber a História que não possui linearidade, pois são compostas de diversas tramas de lembranças e registros que podem estar entrelaçados ou embaralhados”.

A constituição da historiografia permite que o conhecimento se baseie em vestígios, rastros e evidências analisadas, por meio dos métodos e metodologias. Da mesma forma, determinados fatos são registrados através de narrativas, documentos, fotografias etc. Diante disso, acredito que o documento elaborado por meio de uma narrativa histórica é a “ciência da mutação e da explicação da mudança” (Le Goff, 2013, p. 15-16).

As vozes ecoam e produzem singularidades que não são alcançadas, por exemplo, em um documento físico pronto, uma vez que é na voz que é perceptível os sentimentos, desabaços, suspiros, que são repletos de ricos detalhes e significados.

Dito isso, julgo que as fontes orais, especialmente para esta tese, tornam-se fundamentais, uma vez que, além dos indícios de documentos encontrados, são efetivamente as memórias que permitem que sejam narradas e conhecidas histórias hoje desconhecidas da atuação especialmente de Izabela Petry. Para a escrita dessa história, são os ex-alunos, bem como algumas pessoas que compartilharam espaços sociais com a professora, que relatam memórias desse período.

São as narrativas que auxiliam a criar as imagens históricas e culturais desse período. É com base na História Oral que as narrativas se desenvolvem, considerando que é importante às suas vivências e emoções, por isso optou-se por essa metodologia.

Quanto à História Oral, trata-se de

[...] uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e dos outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um

sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos. Paralelamente, a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário e inerente a sua tradição. E oferece os meios para uma transformação radical no sentido social da história (Thompson, 2002, p. 44).

Dessa forma, a História Oral afirma-se pela potencialidade documental das narrativas, utilizando as memórias humanas como base para a construção da história. A memória manifesta-se em narrativas-documento a serem exploradas, analisadas e formalizadas. Conforme elucida Alberti (2017), a metodologia da História Oral é favorável, em relação a outras fontes de pesquisa, ao viabilizar pesquisas que se aproximam dos padrões de socialização e trajetórias de determinados grupos, histórias de comunidades específicas, histórias de instituições públicas ou privadas, histórias de experiências sociais e culturais, tradições culturais de sujeitos e grupos e histórias de memórias.

Assim, Portelli (2016), afirma que a metodologia da História Oral é definida pela arte de escutar, uma vez que os documentos que emergem das narrativas são constituídos por meio das relações e dos diálogos tecidos entre o pesquisador e a pessoa entrevistada. O autor diz que a metodologia da História Oral precisa estar estabelecida sob quatro princípios, a saber:

1. A relação entre entrevistados e entrevistadores (diálogo);
2. A relação entre o tempo em que o diálogo acontece e o tempo histórico discutido na entrevista (memória);
3. A relação entre a esfera pública e a privada, entre autobiografia e história - entre, digamos, a História e as histórias;
4. A relação entre a oralidade da fonte e a escrita do historiador (Portelli, 2016, p. 12).

No que diz respeito à relação do entrevistado e entrevistador, é importante que o pesquisador possa realizar um contato prévio com os indivíduos que serão entrevistados, com a finalidade de fazer uma aproximação e romper algum obstáculo comunicativo, visando a estabelecer confiança entre ambos e permitindo que as narrativas aconteçam com a máxima naturalidade possível (Toutier-Bonazzi, 2005).

No caso desta pesquisa, assim como durante o mestrado, para entrar em contato com ex-alunos de Izabela, pedi auxílio as agentes de saúde do município de Vale Real. Na sequência, fui conversando com cada uma via WhatsApp. Algumas foram demonstrando interesse e outras logo se negaram a auxiliar. Dentre as que se demonstraram solícitas, conversei pessoalmente. Então solicitei para que a cada visita que elas fizessem, perguntassem às pessoas mais idosas se teriam estudado com a professora Izabela Petry. Conforme as visitas mensais iam ocorrendo, elas me enviavam o contato das pessoas.

Em razão de todos os entrevistados serem idosos, considerei importante agendar, quando possível, uma visita prévia aos participantes, para me apresentar e explicar minha pesquisa e seus objetivos, bem como para questioná-los sobre a disponibilidade em participar da pesquisa.

O pesquisador que se utiliza da metodologia da História Oral deve assumir o compromisso com o entrevistado, pois a escuta deve ser sensível e ainda deve ser levado em consideração a narrativa falada pelo indivíduo entrevistado. O entrevistado exterioriza sua vida, seus conhecimentos e sua experiência. E o trabalho do entrevistador presume imersão, entendimento do contexto de inserção de cada pessoa, além da empatia no ato de escutar, examinar e constituir os dados (Grazziotin; Almeida, 2012, p. 36-37).

Todo relato é mediado entre as lembranças do tempo histórico e as representações que emergem do tempo narrado. O sujeito, ao rememorar, também (re)interpreta e ressignifica os eventos vivenciados, pois as memórias se estabelecem de diversos processos de elaboração e reconstrução de significação. As memórias são registros peculiares do que somos e do que empreendemos, e abrangem lugar de evidência na memória a partir de critérios próprios e se constituem pelas distintas maneiras de escolher as incalculáveis memórias que são rememoradas (Hobsbawm, 2013).

Os sujeitos trazem em suas narrativas suas experiências, impondo relevância e valor ao que é contado. Dessa forma, ao serem entrevistados, ressignificam e transformam vivências em linguagem, ordenando sua memória e seus critérios (Alberti, 2017).

Ao escrever um pouco acerca da metodologia da História Oral, bem como da memória, é importante descrever os procedimentos e as etapas efetivadas durante o percurso de pesquisa. Sendo assim, começo informando que utilizei o instrumento da entrevista, com uso de um gravador de voz. Essa decisão foi fundamentada nas ideias de Antoniette Errante (2000, p.149), pois, assim como a autora, também tive o cuidado de que a

[...] minha voz fosse minimamente ouvida durante o evento da história oral, e minha abordagem era fazer as mínimas perguntas possíveis que solicitassem a informação que eu estava procurando. Eu estava interessada em como os narradores organizavam suas experiências e, por isso, eu lhes permitia falar tanto quanto quisessem sobre algo que eles queriam lembrar, mesmo quando isso não parecia particularmente relevante para o meu estudo (Errante, 2000, p. 149).

É importante estar ciente de que, durante as entrevistas, podem ocorrer imprevisibilidades, o que exige disposição e competência para escutar o entrevistado. Eventualmente, por exemplo, quando a resposta não condizia com a pergunta, após o

respondente encerrar sua fala, eu fazia um novo questionamento em outras palavras, tentando deixar mais claro para o entrevistado o intuito da pergunta. Além disso, é preciso considerar que a memória é seletiva, uma vez que são variados os entrevistados e que, possivelmente, durante a entrevista, eles respondem aquilo que imaginam que precisam responder a quem os está entrevistando.

Conforme mencionado anteriormente, para a realização das entrevistas, tomei o cuidado de agendar previamente via contato telefônico, e todas as entrevistas foram realizadas nas casas dos entrevistados. Para a realização disso, alguns cuidados foram tomados, como, por exemplo, orientei que, na data preestabelecida para a entrevista, o(a) entrevistado(a) pudesse ter tempo livre para conversar; que o ambiente pudesse estar livre do máximo de ruídos, por isso solicitei o fechamento de janelas e portas para que não houvesse a interferência de estímulos externos; posicionei de forma adequada o gravador digital e o microfone, assim como sugeri ao entrevistado que se posicionasse de modo a sentir-se confortável (Alberti, 2013).

Conforme as entrevistas foram acontecendo, fui procedendo com as transcrições, utilizando-me do recurso de digitação por voz<sup>36</sup>. Mesmo com o recurso de digitação de voz que realiza a digitação literal do conteúdo, foi necessário a escuta atenta à gravação e ler novamente a transcrição e, por fim, fazer um refinamento, pois muitas palavras são trocadas, ou ainda faladas em um tom mais baixo, o que, por vezes, era transcrito de forma inadequada, então eu fazia uma revisão de tudo.

Após esse processo, realizei a formatação, inseri um cabeçalho no texto, informando a data da realização da entrevista, bem como local e informações referentes ao entrevistado (a)<sup>37</sup>. Para realizar as transcrições, apoiei-me nos pressupostos de Thompson (2002, p. 297), que diz que “ao passar a fala para a forma impressa [...] permita que seu texto escrito se mantenha tão fiel quanto ao significado original”. “A fonte oral, após a transcrição, converte-se em um documento. A partir de então, o registro deve ser examinado com precisão” [...] (Alberti, 2013).

As entrevistas foram autorizadas mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A)<sup>38</sup>, o qual foi lido e assinado pelos participantes no dia da entrevista. Expliquei-lhes sobre a necessidade da autorização deles para o uso das informações. Também informei que a participação na pesquisa poderia envolver riscos

---

<sup>36</sup> O recurso de digitação por voz é disponibilizado de forma gratuita na plataforma *Google Docs*.

<sup>37</sup> Informações pessoais como data de nascimento, local de nascimento e profissão que realizou durante o percurso da vida.

<sup>38</sup> O modelo de TCLE pode ser consultado no Apêndice A. Os TCLE assinados pelos entrevistados estão arquivados e em posse da pesquisadora.

mínimos, como cansaço ou algum desconforto e que, em qualquer momento da pesquisa, eles poderiam retirar o consentimento. Todos os participantes aceitaram e optaram em divulgar seus nomes e imagens na pesquisa da tese.

Ainda, vale esclarecer que esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisas (CEP), por envolver seres humanos, e foi aprovada por esse órgão. O CEP avalia e analisa projetos de pesquisa dessa natureza, garantindo que as pesquisas atendam aos fundamentos éticos e científicos e às resoluções do Conselho Nacional de Ética em Pesquisas (CONEP).

Para as entrevistas, optei pelas semiestruturadas, que seguem um roteiro<sup>39</sup> pré-definido, com perguntas abertas que possibilitam ao entrevistado narrar com riqueza de detalhes suas memórias, trazendo à tona impressões e lembranças, ou seja, expressando sua subjetividade em relação à pergunta proposta. Para Manzini (2012), o pesquisador precisa, em uma entrevista semiestruturada, ter atenção em algumas situações durante a realização das perguntas, para poder ajustar o roteiro dos questionamentos, caso emergjam novas perguntas ou caso perguntas precisem ser reformuladas.

De acordo com Mello (2020), a memória não auxilia exclusivamente como um meio de preservar dados, mas, sim, possibilita ao ser humano a atualização de conhecimentos do passado. Por isso, a recordação é uma imagem constituída por instrumentos que estão à disposição das pessoas, por meio do conjunto de representações que permeiam suas percepções (Souza, 2011).

Todavia, a memória nunca é a história rememorada, ela nos chega como porções, fragmentos, frações do passado, reinterpretados e significados pelo presente. E, conforme Le Goff (2013), é nessas novas interpretações do passado, nessa observação permanente no presente, que se estabelecem as impressões do vivenciado e os indícios de cada época. No caso desta pesquisa, conhecer parte da história de uma professora mediadora de uma comunidade, bem como a realidade da localidade a partir da perspectiva dos sujeitos envolvidos, pode auxiliar a contar uma história que ainda é desconhecida para muitas pessoas.

O nome dos entrevistados<sup>40</sup> selecionados consta no Quadro 15, o qual apresenta, também, a idade e profissão de cada um.

---

<sup>39</sup> Conforme (Apêndice B).

<sup>40</sup> Para elaborar este quadro, contei com a ajuda de três agentes de saúde de Vale Real.

Quadro 15 – Participantes da pesquisa: dados

Nome	Idade	Religião <sup>41</sup>	Profissão que exerceu
Alencar Antônio da Cunha	77	Católico	Servidor público
Armanos Graebin	81	Evangélico	Agricultor
Erci Elisabetha Bastian Andres	88	Católica	Agricultora
Erenato Freiburger	82	Católico	Autônomo
Fernanda Freiburger	55	Católica	Professora
Iria Muller (Em memória)	79	Evangélica	Agricultora
José Muller	72	Católico	Profissional autônomo
Madalena Pellens	79	Católica	Professora
Maria Alyde Brandt	89	Católica	Empresária
Marli Klein	77	Evangélica	Agricultora
Nair Amanda Barth	81	Católica	Agricultora
Nair Britz Andres	80	Católica	Costureira

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Todos os participantes da pesquisa (conforme Quadro 15) foram alunos da professora Izabela Petry. A relação com a professora e com a comunidade em geral ficou evidente durante os encontros. Isso é importante já em um primeiro momento, para identificar cada realidade individualmente e coletivamente.

Um dos entrevistados foi o senhor Alencar Antônio da Cunha, de 77 anos, contou-me que nasceu em Kronenthal (RS), onde viveu até a adolescência. Seu Alencar era o terceiro filho da professora Izabela. Contou com riqueza de detalhes da vida pessoal, a relação de Izabela como sua mãe e também como professora. Após sair de Kronenthal, Alencar passou a viver na Alemanha por conta de uma oportunidade de trabalho. Tempos depois, voltou ao Brasil e passou a residir no município de São José, em Santa Catarina. Tornou-se empreendedor. Fez algumas formações acadêmicas, torando-se servidor na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Entrevistei, também, o senhor Armanos Graebin, que nasceu em 1943 na zona rural, no bairro que hoje chama-se Krindgs, em Vale Real. Começou a frequentar as aulas da professora Izabela no ano de 1950. Contou-me que, como sua família residia do outro lado do

<sup>41</sup> Quando emprego o termo a pessoas que profecem a fé evangélica, estou fazendo reverência a IECLB – Igreja Evangélica de confissão luterana no Brasil que é a Igreja que foi trazida pelos imigrantes alemães a partir de 1824 para o Brasil.

rio, ou seja, o município é dividido pelo rio, e sua residência estava localizada do outro lado, então para frequentar a escola precisava fazer a travessia do rio locomovido a cavalo. Seu Armanos narrou que trabalhou como agricultor e que foi um membro ativo da Igreja Luterana na comunidade de Vale Real e que sempre esteve presente na sociedade local.

Outra entrevistada foi a Erci Elisabetha, conhecida como dona Erci, de 88 anos de idade, que nasceu e vive até hoje em Vale Real (RS). Contou, durante a entrevista, que morava na região central do povoado e que teve oportunidade de estudar por poucos anos, pois seu pai necessitava da sua ajuda na roça e, dessa forma, não foi possível dar continuidade às aulas. Disse que a professora Izabela era muito reconhecida na comunidade e que se envolvia especialmente nas atividades da Igreja católica. Também fez menção ao aprendizado das capitais brasileiras, informando que uma das coisas que mais gostava era mostrar, no mapa, as capitais quando a professora Izabela solicitava que fizesse isso.

Erenato Freiburger é outro entrevistado. Seu Erenato é irmão da dona Madalena Pellens e pai da Fernanda Freiburger<sup>42</sup>. Seu Erenato narrou que frequentou as aulas da professora Izabela pelos anos de 1949. Além disso, relatou que tinha nove irmãos e que todos frequentaram as aulas da professora aproximadamente no mesmo período. Falou, ainda, que estudou com a professora Izabela por cerca de um ano e meio, no entanto, em razão de seu pai ter lavouras e precisar do auxílio dos filhos nas atividades do campo, parou de estudar. Mais adiante, disse que vieram os padres seminaristas com a finalidade de recrutar meninos para frequentarem o seminário<sup>43</sup> em Fazenda Souza. Estudou no seminário por um ano e meio, após retornou para Vale Real e trabalhou na olaria de seu pai até se aposentar.

Fernanda Freiburger também foi entrevistada. Fernanda é professora na rede pública municipal de Vale Real. E a possibilidade de entrevistá-la surgiu numa conversa dentro de uma padaria em Vale Real, quando Fernanda me perguntou o que eu estava estudando. Então comentei sobre a pesquisa, que inclusive havia entrevistado o seu pai e, para minha surpresa, ela relatou que também havia sido aluna de Izabela por volta da década de 1970, quando estudou na Escola de Ensino Médio Bernardo Petry. Fernanda me contou que Izabela trabalhava na escola como servente (auxiliar de limpeza) e com a anuência da diretora da escola e por conta da própria Izabela, no contra turno, ensinava as meninas a fazer tricô e crochê.

---

<sup>42</sup> Madalena Pellens e Fernanda Freiburger, fazem parte do grupo de entrevistados para esta pesquisa. Por isso informo este grau de parentesco.

<sup>43</sup> Seminário de Fazenda Souza referido aqui se refere ao seminário que recrutava meninos para formar padre. Seu Erenato foi para o seminário por meados da década de 1950.

Entrevistei também o senhor José Muller, que me relatou que tem poucas memórias porque não teve condições de seguir seus estudos por conta de precisar ajudar seus pais numa pequena olaria que era de propriedade da família. Cresceu numa família com mais dez irmãos e teve uma infância feliz. Moravam no interior de Vale Real, local onde faz divisa com o município de Feliz. Apesar da distância, ele e seus irmãos diariamente iam caminhando à escola para poderem estudar na “escola da professora Izabela”. Seu José estudou apenas os quatro anos do ensino primário e recorda de algumas passagens<sup>44</sup> que significaram na sua vida escolar, e que foram vivenciadas nas aulas da professora Izabela.

Outra entrevistada foi a senhora Iria<sup>45</sup> Muller, que nasceu, cresceu e passou a vida em Vale Real. Dona Iria narrou que estudou apenas quatro anos e meio e que teve que sair da escola da professora Izabela porque era o braço direito e esquerdo de seu pai. Como era uma das filhas mais velhas, era ela quem ajudava o pai nas atribuições da lavoura e no tratamento dos animais. Relatou que com poucos anos de vida já era responsável pelas tarefas do campo, e que ela gostava, mas que também sentiu muito por não ter dado continuidade aos estudos. Relatou que tinha facilidades em aprender matemática e que, naquele tempo, era necessário saber essa matéria para poder negociar o que se produzia.

Outra entrevistada foi a professora Madalena Pellens. Dona Madalena é uma pessoa bastante conhecida no município, foi professora e diretora na Escola Estadual de Ensino Médio Bernardo Petry. Também esteve à frente da Secretaria Municipal de Educação de Vale Real no início dos anos 2000. Atualmente, encontra-se envolvida em atividades na sociedade, como por exemplo clube de mães e associações municipais de Vale Real. Narrou, na entrevista, que sempre morou em Vale Real (RS), nasceu e cresceu no local onde hoje é sua casa. Relatou também que a professora Izabela foi muito importante para sua formação, pois foi nela que se inspirou a se tornar professora também. Outra particularidade que a dona Madalena narrou foi o fato de ter sido aluna de Izabela e, depois, colega de trabalho na Escola Bernardo Petry. Teve a sua vida dedicada à educação.

Entrevistei a senhora Maria Alyde Brandt, nascida e criada em Vale Real (RS). Narrou que teve uma infância muito boa junto a seus pais e irmãos. Morou na rua da casa onde aconteciam as aulas da professora Izabela e trouxe alguns detalhes voltados ao prédio. Comentou que seu pai dedicava a vida à agricultura, mas que, mesmo assim, depois de todo trabalho pesado do campo, chegava em casa e colocava todos os filhos numa roda de chimarrão

---

<sup>44</sup> Por exemplo um passeio ciclístico que participou com a presença da professora Izabela.

<sup>45</sup> Dona Iria Muller (*in memoriam*) faleceu dias após da realização da entrevista, em decorrência de um atropelamento na ERS 452 em Vale Real.

e perguntava um a um como tinha sido o dia na escola. Também narrou que seu pai, num determinado momento de sua infância, contou que foi aluno do professor Bernardo Petry, e que a recordação dela do seu pai falando era de que Bernardo era um homem muito inteligente e também enérgico.

Entrevistei, ainda, a senhora Marli Klein, irmã da dona Iria Müller (*in memoriam*). Dona Marli, assim como a dona Iria, nasceu em Vale Real (RS) e viveu no campo junto a seus pais e irmãos. Relatou que até hoje se dedica à agricultura, especialmente no plantio de frutíferas. Narrou que sua infância foi feliz junto de muitos irmãos, e que a maioria deles fizeram apenas o ensino primário. Contou que ficou mais tempo na escola por conta de ter quebrado uma das pernas duas vezes, então teve dois anos a mais de tempo escolar por conta de ter ficado se recuperando em casa naquela época. Dona Marli narrou detalhes a respeito do prédio escolar e, especialmente, de como eram as aulas da professora Izabela, trazendo as práticas adotadas pela professora.

Nair Amanda Barth também participou da pesquisa. Nascida em 1943 na localidade central de Vale Real (RS), e é irmã de Erci Elisabetha. Dona Nair relatou que antigamente era tudo muito simples, que as crianças iam à escola descalças porque a maioria das famílias não tinha boa condição financeira. Comentou que sua casa ficava um pouco distante da escola, porém, isso não era motivo para ela e os irmãos faltarem aula. Segundo a entrevistada, seus pais incentivavam-nos a estudar, mas fizeram apenas o ensino primário. Relata também algumas práticas desempenhadas pela professora Izabela, como por exemplo, ensinar o mapa do Brasil e as capitais.

Entrevistei também a Nair Britz, que também nasceu em Vale Real. Dona Nair começou sua fala relatando ter um grau de parentesco com Bernardo Petry, informando-me que Bernardo era irmão de sua avó paterna, ou seja, a mãe do pai de dona Nair era irmã do professor. Teve sua infância na presença dos irmãos. Relatou que seu pai morreu muito jovem, com apenas trinta e oito anos, mas que construiu, como pedreiro de profissão, um belo patrimônio para a sua mãe e seus irmãos. Com orgulho, mostrou-me a placa na rua da sua residência, a qual tem o nome de seu pai Emílio Britz. Ela também contou sobre sua infância e relatou as impressões da época e das práticas adotadas pela professora Izabela Petry.

Feita a entrevista dos doze participantes, além da transcrição, revisão e aprovação por parte deles, senti a necessidade de organizar os dados de modo a facilitar a realização da análise. Essa sistematização foi feita manualmente, utilizando marca texto para destacar os excertos das narrativas.

Conforme já mencionado, saliento também que utilizo algumas falas que emergiram a partir das narrativas dos entrevistados da minha pesquisa de mestrado. Optei por inserir os nomes de cada um deles e, ao menos, uma fala de cada um para ser objeto de análise desta tese. Como já citado anteriormente, todas as falas fazem, em algum momento, menção à “escola da Izabela” ou à “Escola Bernardo Petry”, referindo-se, respectivamente, a partir da década de 1930 até o início da década de 1960, e depois de 1970.

Quadro 16 – Seleção de falas dos entrevistados

Entrevistado ou entrevistada	Ano	Fala
Aloysio Angst	2019	“Sim, na escola da Izabela sim, Hino Nacional da Pátria, já podeis da pátria filho, a Izabela cantava uma porção de hinos nacionais, hino à bandeira e até o hino gaúcho [...]”.
Gilberto Freiberger	2019	“Sim, principalmente na aula da Izabela Petry, ela insistia muito, mais na semana da pátria, tinha que cantar o hino em frente a bandeira, me lembro muito bem, tinha que fazer as coisas para a semana da pátria”.
José Félix Griebler	2019	“A mãe da professora Izabela fazia uns docinhos de Natal e a gente comia com o sangari <sup>46</sup> ”.
José Finckler	2018	“Lembro, era a Izabela Petry, era uma família de professoras lá, o grupo escolar do Vale Real tem o nome do pai dela: Bernardo Petry, então as filhas dele todas eram professoras, a mais velha era a Elda, professora em Santos Reis, depois tinha uma tal de chamada Irma, professora em Santa Lucia do Piauí, depois tinha a Marta, professora no Vale Real, que depois acabou sendo minha professora. Eu também ia na escola lá. Também tinha a Izabela, também era minha professora, e a última era a Zita, professora no Alto Feliz”.
Maria Amélia Bergmann	2019	“Teve uma professora, a Izabela Petry, que queria que eu continuasse a estudar para ser professora, mas meu pai não deixou eu continuar, porque ele disse: ‘nós precisamos dessa mocinha em casa para ajudar a cuidar das crianças’. Nunca vou esquecer porque eu queria ser professora”.
Miron Sttofles	2019	“[...] os alunos da municipal da Izabela Petry aprendiam muito mais, sabiam muito mais do que nós, era um outro nível lá na Izabela né”.  “O povo era muito ligado à igreja, e a dona Izabela tinha uma influência muito grande assim como na escola municipal como também na igreja”.
Omar Glaeser	2019	“Sim, a escola estadual. Só que na época era grupo escolar da dona Izabela Petry, a escola ficava onde é a casa da Cristina Assmann, na rua da prefeitura, e depois a escola foi onde é minha irmã Gonzalina, primeiro foi nas terras da igreja e após migraram para lá e depois então foram para onde é hoje. As terras eram da dona Izabela Petry, que era professora na época”.

Fonte: elaboração minha (2023).

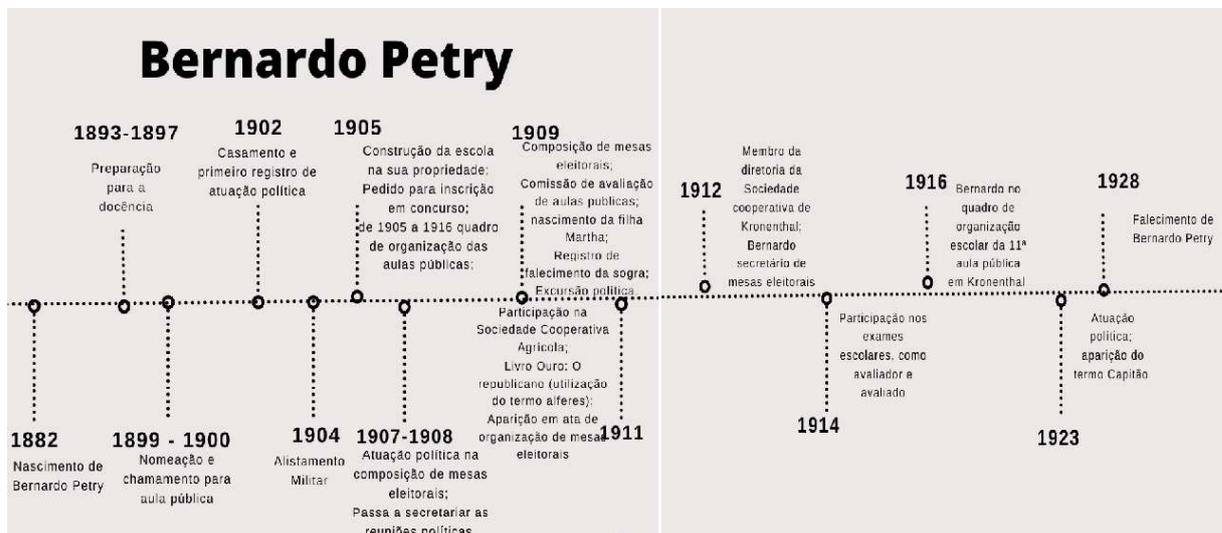
<sup>46</sup> Sangari, segundo relato do senhor José Félix, tratava-se de uma bebida à base de uva e com teor alcoólico, à qual acrescentava-se açúcar e que era oferecida às crianças em dias de festividade na escola ou comunidade.

Seguindo as orientações de Luchese (2014b), procurei realizar uma análise histórica por meio de documentos oficiais escritos, bem como por meio das narrativas de ex-alunos de Izabela, entrevistados, principalmente, durante o doutorado, mas, também, do mestrado, embora não tivessem tido contato enquanto alunos, tiveram suas percepções em outros contextos e espaços que a professora Izabela também esteve inserida.

### 3 BERNARDO PETRY: O PROFESSOR PÚBLICO E MEDIADOR INTELECTUAL EM KRONENTHAL

Para iniciar a narrativa que conta parte da história e da atuação de Bernardo Petry, elaborei uma linha do tempo para demonstrar os principais momentos encontrados em documentos que se relacionam com suas atuações. A Figura 13 apresenta essa linha do tempo, a qual inicia em 1882, ano de seu nascimento, e finaliza em 1928, quando ele tinha 46 anos, com seu falecimento.

Figura 13 – Linha do tempo de Bernardo Petry



Fonte: elaboração minha (2023).

Para a construção desta seção, que aborda o percurso de Bernardo Petry na educação pública e na sociedade de Kronenthal, por meio de sua atuação, utilizei como fonte primária documentos que foram pesquisados e encontrados em diversos acervos. No que concerne à escrita sobre a história de alguém, Pesavento (2012, p. 34) diz que:

Escrever a História, ou construir um discurso sobre o passado, é sempre um ir ao encontro das questões de uma época. A História se faz como resposta a perguntas e questões formuladas pelos homens em todos os tempos. Ela é sempre uma explicação sobre o mundo, reescrita ao longo das gerações que elaboram novas indagações e elaboram novos projetos para o presente e para o futuro, pelo que reinventam continuamente o passado.

Durante a pesquisa, surpreendi-me ao encontrar diversos documentos que demonstram que Bernardo foi um cidadão político e atuante na comunidade onde viveu. Por isso, escrevi e

entrelacei a história dele com base nos dados achados, o que envolve não somente sua atuação profissional, mas política também.

Como Bernardo viveu e construiu sua história há mais de 100 anos, a busca por pessoas que conviveram ou estudaram com ele mostrou-se infrutífera devido ao intervalo de tempo entre o momento em que viveu e o período de realização desta pesquisa. No entanto, considerando que ele se formou em instituições de ensino formal, participou de concursos e/ou seleções públicas para ingressar na carreira docente, e exerceu sua profissão em uma escola estadual, foi possível localizar documentos e referências que permitem compreender sua atuação prática como professor. Além disso, outros registros encontrados possibilitam vislumbrar e analisar sua influência na sociedade local durante o período em que viveu em Kronenthal.

Em razão disso, mesmo que não se buscando informações sobre Bernardo de maneira específica, ao direcionar minha pesquisa sobre sua filha Izabela Petry, que também é objeto de investigação, ainda assim emergiram relatos, mesmo que breves, de pessoas que estudaram com e conheceram Izabela, mas que ouviram de seus familiares próximos, quando jovens, relatos sobre a figura de Bernardo Petry e sua atuação docente, além de posição perante a sociedade na época em que viveu.

Foram os documentos e informações sobre Bernardo que me levaram a identificá-lo como um intelectual mediador. Então, para a escrita da tese, após muita reflexão e reescritas, encontrei a estrutura que imagino ser mais adequada para a explicação de Bernardo como intelectual mediador: a apresentação da sua vida desde o momento em que assume a vaga de professor, em Kronenthal, que identifico como o início da sua construção como intelectual, até o momento em que consolida essa posição, com os elementos, tais como as redes de sociabilidade efetivadas no decorrer de sua vida, que caracterizam e permitem identificar o intelectual mediador de acordo com a teoria sob a qual apoio minhas análises.

Os fatos e documentos são apresentados em ordem cronológica, proporcionando uma visão clara da atuação de Bernardo Petry como professor da escola pública de Kronenthal e revelando como, ao longo do tempo, sua vida foi ocupando e influenciando diversos espaços na comunidade local. A consolidação da sua posição como intelectual mediador não é um ato único, mas uma continuidade, ou uma soma de diversos fatores e atuações, que vão concebendo o intelectual, com a presença dos elementos teóricos que o fundamentam. Como relatado, após a apresentação desses fatos, com o respaldo de documentos que emergiram ao longo da pesquisa, apresento as teorias que dão fundamento e amparo à análise sobre a figura de Bernardo Petry. A partir dos fatos e teorias, a argumentação e análise se aprofundam para a compreensão de Bernardo como intelectual mediador dentro daquele contexto.

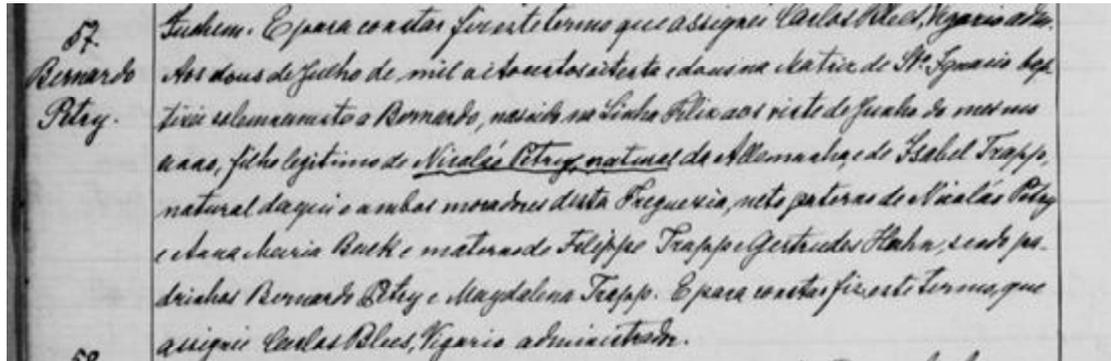
Ao me deparar com os documentos de Bernardo Petry, em diferentes formatos, de diferentes épocas e com diversas informações, tive uma sensação de preocupação em como organizá-los e explorá-los de maneira a desenvolvê-los para contar sua história na comunidade de Kronenthal. Esse sentimento é complexo e é difícil de expressá-lo em palavras. Talvez a frase de Tocqueville, na produção de Sirinelli (1996), ajude a entender o que eu sentia: “Eu era como o minerador de ouro sobre cuja cabeça a mina tivesse desabado: estava esmagado sob o peso de minhas notas e não sabia mais como sair dali com meu tesouro”. Como organizar esses documentos e reconstruir a história de uma figura tão importante para Kronenthal?

O pensamento corre solto em meio aos documentos. Mas, como diz Sirinelli (1996, p. 242), “e mesmo que consiga retornar à superfície com suas notas, o pesquisador que trabalha com os intelectuais corre o risco de ver seu estudo sufocado, mais que recheado [...]”. Na tentativa de evitar esse verdadeiro alerta das minhas fontes teóricas, tive cuidado e atenção na organização, tratamento e análise dos documentos encontrados.

Então, no tocante à Bernardo Petry, esta tese estará focada em sua atuação como professor, e também em sua posição social na sociedade de Kronenthal, que emergiu por alguma fonte utilizada para a pesquisa, além da sua posição política no período e local. Sua vida particular porventura aparecerá por meio de alguns documentos oficiais comuns a todos os cidadãos, como informações sobre nascimento, casamento, óbito e, no caso de Bernardo, sua vinculação e atuação no campo da política. Contudo, as informações sobre sua vida privada ocorrem de maneira mais superficial e em segundo plano em comparação à atuação como docente e também como membro do Partido Republicano Riograndense na localidade de Kronenthal, pelo fato de serem mais raros os documentos e demais materialidades. Bernardo Petry nasceu em 20 de junho de 1882 (Figura 14), em Linha Feliz, localidade onde atualmente é o município de Feliz (RS). Bernardo Petry foi batizado na Paróquia de Santo Ignácio da Feliz, e seu registro foi realizado no livro nº 02 de batizados, folha 08, verso, registro número 57, e batizado 12 dias após seu nascimento, ou seja, na data de 02.07.1882. Portanto, era de uma família católica, visto que a localidade era permeada por católicos e por protestantes luteranos, que formavam a base religiosa local da época.

Segundo o registro da Igreja de Feliz (RS), Bernardo era filho de Nicolao Petry, nascido na Alemanha e imigrante, e de Isabel Trapp, natural do Brasil, e seus avós paternos eram Nicolao Petry e Anna Maria Back, e os avós maternos Felipe Trapp e Gertrudes Huhn, como pode ser verificado na Figura 14.

Figura 14 – Registro de batizado de Bernardo Petry



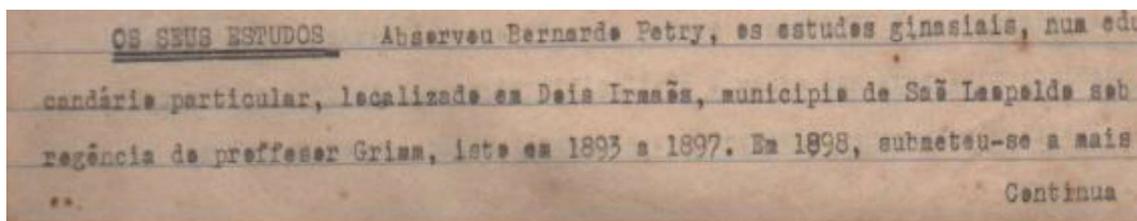
Fonte: Paróquia de Santo Ignacio da Feliz, livro nº 02 de batizados. (1882).

Conforme a Figura 14, pode-se ver um excerto do livro de batizados da Igreja Católica, presente no *Livro Tombo da Igreja Santa Catarina de Feliz*, em que consta que Bernardo foi batizado com menos de 1 mês de vida. Assim, sua ascendência católica está registrada documentalmente.

Ainda, segundo o registro da Igreja de Feliz (RS), Bernardo era filho de Nicolao Petry, um imigrante nascido na Alemanha, e de Isabel Trapp, natural do Brasil. Seus avós paternos chamavam-se Nicolao Petry e Anna Maria Back, e os avós maternos Felipe Trapp e Gertrudes Huhn.

A preparação para a docência ocorreu entre **1893 a 1897**. Nos arquivos da Escola Bernardo Petry, consta uma pequena biografia escrita pelo seu neto Enor Bernardo Wartha (Wartha, não datado)<sup>47</sup>, informando que Bernardo estudou em um educandário particular, localizado na então localidade de Dois Irmãos, à época pertencente ao Município de São Leopoldo, sob regência do professor Grims. Foi lá que estudou para atuar como docente, conforme trecho apresentado na Figura 15.

Figura 15 – Trecho da biografia de Bernardo Petry escrita por Enor Bernardo Wartha (neto)



Fonte: Wartha (não datado).

<sup>47</sup> Trata-se da obra *Biografia de Bernardo Petry*, escrita por Enor Bernardo Wartha, neto de Bernardo Petry. Foi doada para a Escola Estadual de Ensino Médio Bernardo Petry. Não é uma obra datada e não possui todos os dados para criação de referência.

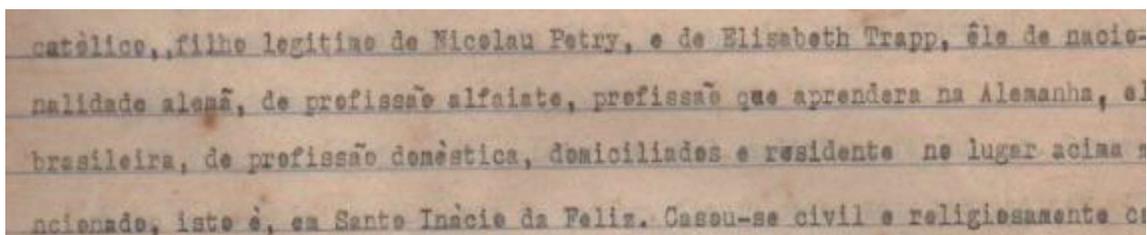
Essa escrita da biografia de Bernardo Petry, realizada por seu neto, está relacionada à memória familiar. De acordo com Hansen e Gomes (2016), isso se trata do verdadeiro “guardião da memória”. Nas palavras dos autores:

No que diz respeito às relações com o passado, esse é o caso, por exemplo, dos chamados “guardiões da memória” familiar, encarnados em pessoas idosas ou em um membro da família que estabelece como seu objetivo “produzir”, de maneira mais ou menos informal, um arquivo de documentos ou de relatos sobre a história dessa família. Isso pode ocorrer igualmente em grupos sociais de várias naturezas nos quais indivíduos se dedicam a “coleccionar” objetos e a produzir relatos memoriais, escritos ou registrados em outro suporte com alguma circulação entre o grupo, além de certa permanência no tempo (Gomes; Hansen, 2016, p. 9).

Esses documentos indicam que ele pôde estudar em escolas particulares na época, sugerindo que sua família tinha condições financeiras e posição social para garantir sua formação educacional.

Na Figura 16 consta que, em 1898, aperfeiçoou-se em uma escola particular de Porto Alegre, em que possivelmente seria preparatória e que lhe daria a base de formação para o exercício da docência. Ainda, consta que o pai de Bernardo, imigrante alemão, exercia a profissão de alfaiate na Alemanha. Provavelmente, tenha atuado no Brasil como alfaiate, profissão que se tratava de pessoa com relativo intelecto e posição social. Com isso, garantiu que Bernardo tivesse uma educação que, para aquele tempo, poderia ser considerada elitizada. Na Figura 16, tem-se o relato de que Bernardo não seguiu na profissão paterna de alfaiate.

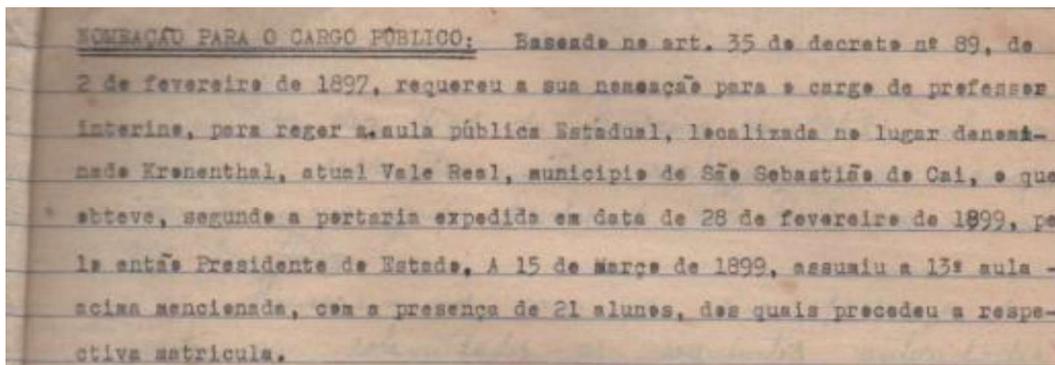
Figura 16 – A profissão do pai: Alfaiate



Fonte: acervo da Escola Bernardo Petry (2023).

Após ter se formado, a partir dos dados coletados, tem-se que de 1899 a 1900 foi nomeado e chamado para atuar como professor em Kronenthal. O relato de Wartha (não datado), seu neto, informa que, no art. 35 do decreto nº 89, de 02 de fevereiro de 1897, Bernardo obteve sua nomeação para o cargo de professor interino para reger aula pública estadual em Kronenthal, conforme Figura 17.

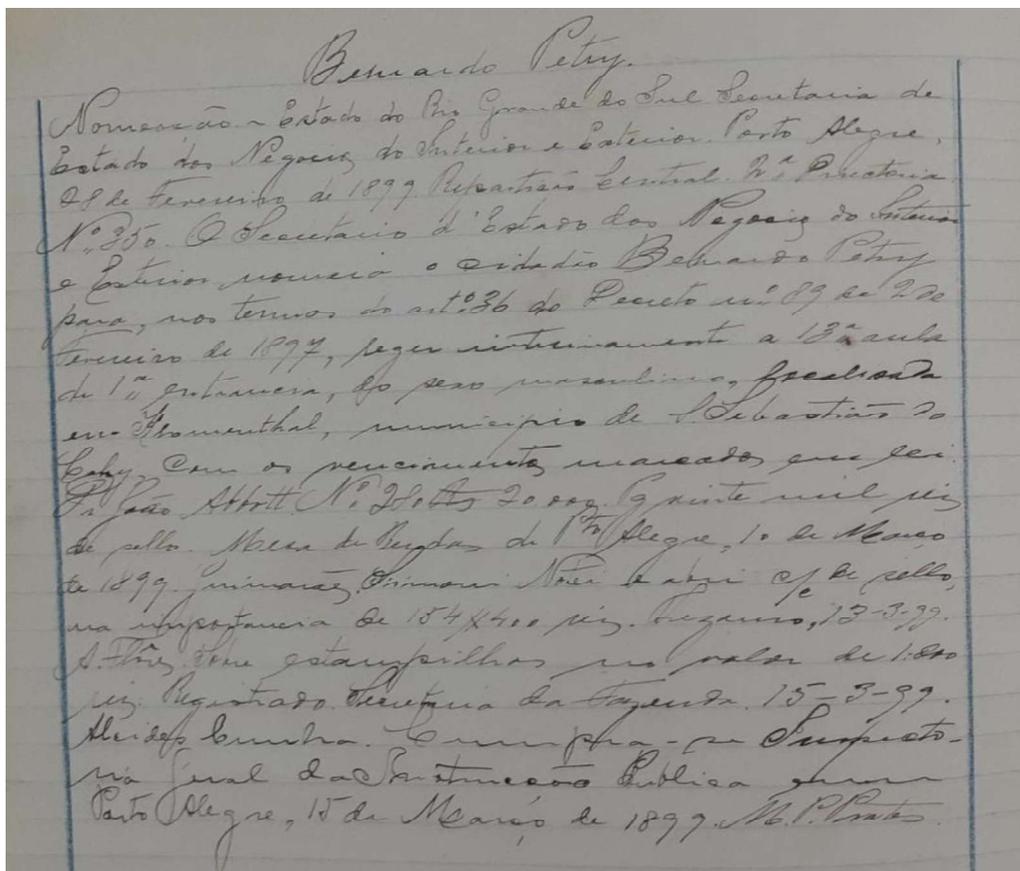
Figura 17 – Nomeação para cargo público na biografia



Fonte: acervo da Escola Estadual de Ensino Médio Bernardo Petry (2023).

No período que foi permeado pelos anos de 1899 e 1900, com Bernardo já concluindo sua formação e preparação para a docência, segundo os documentos, inicia-se sua busca pela colocação profissional como docente. Bernardo Petry foi nomeado professor estadual em 15 de março de 1899, em Porto Alegre (RS), por meio de uma ata de nomeação, conforme consta num documento presente no Arquivo Público do Rio Grande do Sul (Figura 18), confirmando as informações contidas na Figura 17.

Figura 18 – Documento de formalização de nomeação



Fonte: Livro de títulos de professores de aulas públicas (1897).

Conforme Figura 18, as informações estão de acordo com o relato de Wartha (não datado), evidenciada a nomeação de Bernardo Petry como professor público, realizada pela Secretaria do Estado dos Negócios do Interior e Exterior. Nesse documento, o ato se deu nos termos do art. 36 do Decreto nº 89, de 12 de fevereiro de 1897, com a finalidade de reger interinamente a 13ª aula da 1ª entrância, na localidade de Kronenthal, no município de São Sebastião do Cahy, com vencimento estabelecido por força de Lei no valor na época em 20 mil réis<sup>48</sup>. Esse registro data de 28 de fevereiro de 1899, no município de Porto Alegre (RS).

Sobre a sua remuneração, quando procurei converter o valor expresso em réis para real, concluí, com auxílio de ferramentas disponíveis online, que o valor pago a Bernardo como professor estadual era de aproximadamente um salário mínimo e meio na realidade atual (2025). Assim, confronto esses fatos com os estudos de Tambara (1995, p.282), que traz o seguinte trecho sobre as dificuldades da consolidação da profissão docente nos primórdios do século XX:

No início do século, a principal dificuldade continuava sendo o provimento de professores que, devido à remuneração irrisória que percebiam, não se sentiam estimulados a permanecer na função, precipuamente em áreas de difícil acesso ou onde, quando professores públicos, eram hostilizados por segmentos vinculados a interesses ideológicos antagônicos.

Voltando à atuação de Bernardo, além da nomeação, encontrei documentos com inscrição em concurso público e com chamamento, publicados no Periódico *A Federação*, conforme Figura 19.

---

<sup>48</sup> Ao procurar a equivalência de reis em reais, deparei-me com um *site* que informa que cada mil reis equivalem a R\$123,00, ou seja, Bernardo percebia a remuneração equivalente a R\$2.460,00 (Diniz, 2022). DINIZ, Bruno. **Conversão hipotética dos réis para o real**. Diniz Numismática, 01 fev. 2022. Disponível em: [https://www.diniznumismatica.com/2015/11/conversao-hipotetica-dos-reis-para-o.html#google\\_vignette](https://www.diniznumismatica.com/2015/11/conversao-hipotetica-dos-reis-para-o.html#google_vignette). Acesso em: 12 mar. 2025.

Figura 19 – Inscrição para concurso público para o cargo de professor

**Instrução pública**  
 De ordem do sr. dr. inspector geral, faço publico que os exames de concurso, cuja inscripção já foi encerrada, para o preenchimento definitivo de diversas escolas publicas, deverão realisar-se no dia 10 de dezembro vindouro, nas sedes das respectivas regiões.  
 Outrossim que os candidatos inscriptos são os seguintes:  
**1ª região**  
 Dd. Francisca Marques do Carvalho e Alzira do Miranda Paiva--para a 15ª escola mixta da colonia Mariana Pimentel.  
**2ª região**  
 Dd. Josephina Bonnet e Eulina Josina Bernardes para a 10ª mixta da Ponta Grossa, em Gravaty; dd. Isolina da Silva Amorim e Maria Camilla Poreira Rangel, para a 7ª mixta da Conceição do Funchal, municipio de Taquara; d. Maria de Gloria de Albuquerque Gama para a 14ª mixta do passo do Mundo Novo (Taquara); d. Francisca Emilia Halittot Metrolles para a 12ª mixta da Pedra Branca, em Gravaty; **Bernardo Petry** para a 12ª do sexo masculino de Kronenthal, em S. Sebastião do Osby; d. Epori-

Fonte: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (1900).

Neste excerto do jornal, edição 00244 de 1900, consta a inscrição de Bernardo Petry na Instrução Pública para os exames de concurso destinados ao preenchimento definitivo de vagas em diversas escolas públicas, com sua inscrição vinculada à 2ª Região.

Sobre a atuação docente de Bernardo, Kuhn (2021) alega que foi ele quem ministrou a primeira aula pública estadual de Kronenthal, que reuniu cerca de 21 alunos, em 15 de março de 1899. Esse foi o começo profissional de Bernardo. Ao entrevistar o sr. Gilberto Freiberg, ele me mostrou uma foto do professor Bernardo, à direita da lousa, ao redor de cerca de 56 crianças, conforme Figura 20. Nota-se que há crianças de idades variadas, separadas entre meninas e meninos. A maior parte delas apresentava o que parecem ser boas vestimentas e, pelo que se pode observar na primeira fileira de crianças, muitas também estavam com os pés descalços.

Figura 20 – Professor Bernardo e alunos da 11ª Aula pública



Fonte: acervo pessoal de Gilberto Freiberg (2024).

A fotografia não está datada e tampouco apresenta boa nitidez. Contudo, ao digitalizá-la e ampliá-la, é possível ver que, na lousa, estava escrito “11ª Aula Pública”. Essa nomenclatura trouxe-me dúvidas em alguns momentos da escrita, pois, ao que parece, essa terminologia variava conforme a disposição e organização do Estado para as aulas públicas. Encontrei informações e documentos que se referiam à aula de Kronenthal como a 12ª Aula Pública, e também como 13ª Aula Pública, como consta no seu ato de nomeação.

Sobre o registro fotográfico, Kossoy (1999) alega que a fotografia implica a criação documental de uma realidade concreta. do ponto de vista do receptor, há um confronto entre o documento presente, originado no passado, com o próprio passado, que apesar de inatingível fisicamente, torna-se atingível mental e subjetivamente.

A fotografia, de acordo com Dubois (1993), não é apenas uma imagem, mas um verdadeiro ato icônico e é algo impossível de se vislumbrar fora de suas circunstâncias. Além disso, Kossoy (1999) afirma que a realidade transmitida pela fotografia é fixa, irreversível e imutável e se refere à realidade do assunto no seu contexto espacial e temporal. A fotografia é o registro criativo daquele assunto e, embora fixa e imutável, é “sujeita à múltiplas interpretações” (Kossoy, 1999, p. 47). No entanto, por mais que esteja sujeita a múltiplas interpretações, existe um limite, pois, consoante Dubois (1993, p. 15), “com a fotografia, não nos é mais possível pensar a imagem fora do ato que a faz ser”.

Nesta tese, as fotografias são apresentadas mesmo que apresentem imagens fixas e imutáveis, pois remetem a um lugar e a um tempo específicos, conduzindo o leitor às circunstâncias daquele tempo e espaço, para que, assim, reconstrua a história narrada. Além do mais, as imagens estimulam interpretações individuais, permeadas pelas subjetividades e representações de cada leitor.

Seguindo pela análise dos documentos, é possível vislumbrar que, em que pese Bernardo assumisse a vaga e passasse a atuar como docente em local diferente de seu nascimento (Feliz-RS), estava muito próximo desse local, pois sua atuação em Kronenthal (atual Vale Real-RS) estava distante poucos quilômetros de sua cidade de nascimento. Portanto, é possível que Bernardo estivesse familiarizado com as particularidades, costumes e tradições locais, o que certamente lhe proporcionou uma atuação docente mais próxima da comunidade local, e também lhe trouxe uma maior facilidade em ali estabelecer sua vida.

Conforme Steinmetz, Lamb e Teuschel (2010), após ter prestado concurso público e ter sido nomeado, Bernardo Patry assumiu, em 1899, o que à época era denominada como “11ª Aula Pública Estadual”, em Kronenthal. As aulas aconteciam em um prédio construído no ano anterior, em 1898, e que também tinha o espaço da residência do senhor José Alcindo Glaeser<sup>49</sup>.

A partir do ato de nomeação e a investidura de Bernardo Petry como professor na localidade de Kronenthal é que passo a vislumbrar e analisar a postura e as características que afloraram e que o definem como sendo um intelectual mediador. Utilizo como referência teórica Sirinelli (1996), o qual menciona que os intelectuais mediadores se caracterizavam também pelo envolvimento na vida da *cit *.

Sobre isso, Sirinelli (1994, p. 9-10 *apud* Alves, 2019, p. 31) afirma que:

A palavra “*cit *” possui, na língua francesa, um significado particular, associado a uma história para a qual não temos correspondente na língua portuguesa. Refere-se   participa o na coletividade, de modo a interferir e buscar contribuir nas decisões de caráter conjunto, embora nem sempre de interesse comum, ou seja, na condu o política, no seu sentido lato.

Relacionando esse conceito com os documentos e fatos pesquisados, fica evidente que Bernardo passa a ter um engajamento na sociedade e se estabelece gradualmente como uma referência para a localidade de Kronenthal, tanto por sua atua o docente em escola pública na referida localidade, como pela constru o de sua família e vivências nesse tempo e espaço. Por esse motivo, considerando a relevância do cargo de professor na época para o contexto social,

---

<sup>49</sup> José Alcindo Glaeser foi um munic pe que viveu em Vale Real e que era proprietário das terras que abrigaram a Escola Pública de Kronenthal.

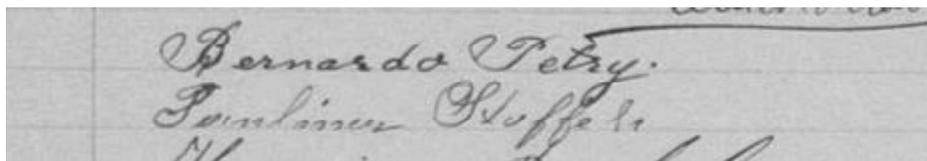
bem como sua educação formal e mais avançada em comparação à maioria dos habitantes da região, Bernardo ocupava uma posição social de destaque.

O engajamento e o envolvimento de Bernardo na vida da *city*, se consolida quando assume como professor a escola pública de Kronenthal, aprofunda-se com seu casamento e formação de sua família nesta localidade, e inicia a sua constituição e a figura de um intelectual mediador, que foi sendo desenvolvida e consolidada ao longo dos anos seguintes e de suas atuações na comunidade.

No período que permeia os anos de 1902, na época com 20 anos de idade, Bernardo já era professor do Estado do Rio Grande do Sul (RS) e já havia consolidando sua vida em Kronenthal. O casamento ocorreu na Freguesia de Santa Catarina da Feliz, Terceiro Distrito de São Sebastião do Caí. No documento que formaliza a união, Bernardo declarou ser professor público. Sua esposa, Anna Paulina Stoffels, nascida em 19 de agosto de 1881, em Kronenthal, era filha de Johann Stoffels e Catarina Finkler, imigrantes alemães. Ou seja, tanto Bernardo quanto Anna eram filhos de imigrantes alemães que fixaram residência na atual região que hoje é o município de São Sebastião do Caí.

A Figura 21 apresenta as assinaturas de Bernardo e Anna Paulina Stoffels na ata que registrou sua união religiosa, ocorrida no que hoje é a Paróquia de Santa Catarina, em Feliz (RS). A união de Bernardo com Anna Paulina resultou no nascimento de oito filhos, sendo cinco filhas mulheres e três filhos homens<sup>50</sup>.

Figura 21 – Assinatura no registro de casamento de Bernardo e Anna Paulina



Fonte: Paróquia de Santa Catarina de Feliz RS, livro nº 02 de batizados.

Durante a pesquisa, não encontrei mais informações sobre o relacionamento deles, por exemplo, se era preexistente à nomeação de Bernardo e sua posse e atuação como professor público na localidade de Kronenthal, ou se esse relacionamento se iniciou após sua mudança e atuação como docente na referida cidade. Ao buscar por fontes, obtive a informação de que a Sra. Cristina Asmann<sup>51</sup> poderia ter documentos da família de Bernardo Petry. Em conversa com

<sup>50</sup> A informação de que Bernardo teve oito filhos, sendo cinco filhas mulheres e três filhos homens, foi feita pelo seu neto, Alencar da Cunha, filho de Izabela, em entrevista ocorrida em 2024.

<sup>51</sup> Cristina era filha de Evaldo Schneider, que era comerciante e dividia o pátio com a família Petry. Com a morte dos familiares de Bernardo e Izabela, a família Schneider negociou parte das terras que dividia com a família Petry, e Cristina filha de Evaldo herdou a casa que fazia divisa com os Petry e também com a Escola. No final de sua

a entrevistada, percebi nela o espírito de “guardião das memórias”. Cristina possuía alguns documentos e diversas fotografias, sendo uma delas de Bernardo, que pode ser vista na Figura 22. Na imagem, sem data, Bernardo encontra-se vestido com um casaco escuro, uma camisa clara, possivelmente de cor branca, um colete e uma gravata escura. Esse tipo de traje era considerado decente para um homem respeitável da época.

Figura 22 – Bernardo Petry



Fonte: acervo da família Petry (não datada).

Com o estabelecimento de sua família e da profissão na localidade, a integração com a comunidade local permitiu, de certa forma, uma atuação mais positiva no campo político, pois, conforme minhas pesquisas foram avançando, encontrei documentos que demonstravam que Bernardo era vinculado à política e associado ao Partido Republicano Rio-Grandense, que ganhava força na época no Brasil. Essa atuação política, inclusive, deu origem a documentos e registros de sua existência e atuação.

---

vida, Izabela havia construído uma pequena casa para ela e sua filha Avani residirem. E em vida, Izabela doou a casa onde ela e sua filha moravam com o acordo de Cristina cuidar da sua filha Avani, quando falecesse. Izabela faleceu em 1996 e Cristina passou a então ter a curatela de Avani Petry da Cunha. No ano de 2019 Avani faleceu, e Cristina tendo a sua curatela, organizou parte dos pertences de Avani, e localizou alguns pertences de Izabela, como por exemplo livros e diários que planejava as suas aulas. Cristina julgando aquele material não ter mais utilidade, queimou boa parte de documentos que pertenciam a Izabela, restando apenas alguns registros fotográficos que guardou. Boa parte das fotografias que apresentadas nesta tese, foram ofertadas a mim por Cristina.

Dentre os registros encontrados, o primeiro que vincula Bernardo à vida política foi localizado no acervo do Museu Histórico de São Sebastião do Caí, numa ata datada de 1902, que formaliza a instalação da 3ª mesa eleitoral na 3ª sessão do município de São Sebastião do Caí.

Figura 23 – Ata de formalização da mesa eleitoral do Município de São Sebastião do Caí (1902)

Ata da instalação da 3ª mesa eleitoral de 3ª sessão do município de São Sebastião do Caí, Estado do Rio Grande do Sul.

Aos vinte e cinco dias do mês de dezembro de mil novecentos e dois, neste terceiro distrito de Santa Teresina da Foz, município de São Sebastião do Caí, Estado do Rio Grande do Sul, às nove horas da tarde, na casa de Tenente Coronel Theodor Fierz, cônego designado para funcionar a mesa da 3ª sessão que tem de preceder a eleição para presidente e secretário, compareceram os cidadãos Theodor Fierz, Faust Diemer, Gabriel Bastian, Bernardo Petry e João Baptista Carraro, Theodor Fierz. Os presentes tomaram assento no lugar reservado para a mesa, que estava separada por um gradil, da sala da reunião dos eleitores, na conformidade do art. 59 da lei N.º 18 de 12 de Janeiro de 1897.

Precedeu-se em seguida a eleição de presidente e secretário da mesa, resultando a escolha dos cidadãos Theodor Fierz e João Baptista Carraro, aquelles para occupar o primeiro cargo e este para o segundo. O presidente tomou assento no lugar que lhe compete, designando mezanho Faust Diemer para fazer a chamada, Bernardo Petry para receber os votos e examinar os títulos.

Por esta forma ficou installada a mesa de eleição com o art. 56 da citada lei N.º 18. De João Baptista Carraro, secretário lavrou a presente acta que vai assignada pelos mezanhos.

Theodor Fierz  
Gabriel Bastian  
Bernardo Petry  
João Baptista Carraro Secretário

Fonte: acervo do Arquivo Histórico de São Sebastião do Caí (2023).

A ata, datada de 25 de novembro de 1902, refere-se à reunião ocorrida na localidade do 3º distrito de Santa Catharina de Feliz, pertencente ao município de São Sebastião do Caí. A reunião sucedeu com a finalidade organizar o funcionamento da 3ª mesa da 3ª sessão, destinada à eleição de presidente do Estado. Dentre os cinco cidadãos presentes nesse encontro, um deles era Bernardo Petry. Procedeu-se, nesse ato, a eleição do presidente e secretário da mesa. Bernardo não ocupou nenhum dos cargos. Assinou a ata junto com os demais homens que participaram da instalação da mesa.

Ao que as fontes históricas indicam, o professor foi membro do Partido Republicano Rio-Grandense. O percurso de Bernardo Petry como docente e como membro do Partido Republicano está entrelaçado com a consolidação da escola pública de Kronenthal. Essa escola pública esteve sob a tutela do Estado do RS, a partir dos anos finais de 1890, quando a localidade pertencia ao município de São Sebastião do Caí.

De acordo com Corsetti (1998, p. 55), os republicanos e o Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) “centraram sua atuação na conquista de novos adeptos, utilizando um ideário de cunho nitidamente positivista, numa articulação que conduziria à hegemonia do partido no Estado”. Outro dado sobre o partido é o de que esteve desvinculado do partido liberal, pois os jovens fundadores do PRR não pertenciam ao setor tradicional que formava o partido liberal, mesmo que fossem jovens oriundos da elite econômica gaúcha, conforme elucida Corsetti (1998).

Além disso, não era formado pela oligarquia tradicional do Estado e seu projeto político não era liberal, mas positivista. Por essa razão, assumiu uma posição peculiar tanto a nível nacional como regional. Nacionalmente, mesmo fazendo parte do pacto da política dos governadores que dirigia os interesses oligárquicos regionais, não comungava com os demais partidos a doutrina liberal e a natureza oligárquica de seus membros. Em termos regionais, as particularidades do partido se destacavam em contrapartida à visão nacional (Corsetti, 1998). Então, o perfil de associados buscado pelo partido era o que Bernardo possuía, sendo jovem não oriundo da oligarquia tradicional, mesmo pertencendo a uma elite, visto que teve recursos e possibilidades educacionais para a sua formação acadêmica. Ademais, era professor, podendo de influenciar novos adeptos ou seguidores do novo partido.

Com os documentos encontrados, fica evidente que a carreira da docência caminhava lado a lado com a vida política, pois são encontrados documentos datados do mesmo ano com atuações nesses diferentes âmbitos. Segundo os documentos encontrados no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (RS) e na Hemeroteca Digital (c2024), Bernardo Petry atuava como docente numa escola rural, que, como já dito, ora era mencionada como “13ª aula pública”, ora

como “12ª aula pública”, ora como “11ª aula pública”. Não se sabe o porquê dessas alterações, mas, uma hipótese é a de que, pela criação de novas escolas na região, tenha havido necessidade de ajustes de nomenclaturas por parte da própria secretaria de educação do estado. Na Figura 24, é possível identificar uma das nomenclaturas da aula pública de Bernardo Petry.

Figura 24 – Organização das aulas na 2ª região escolar

**Actos do governo**

**Decreto n. 587, de 23 de janeiro de 1903**

Determina as aulas que devem funcionar, durante o corrente exercício, na 2ª região escolar.

O presidente do Estado do Rio Grande do Sul, em execução do disposto no artigo 42 do decreto n. 89, de 2 de fevereiro de 1897, resolve, no uso da atribuição que lhe confere o n. 3 do artigo 20 da Constituição, determinar que, no corrente exercício, funcionem na 2ª região escolar as aulas constantes do quadro que com este baixa.

Palacio do governo, em Porto Alegre, 23 de janeiro de 1903.

*A. A. Borges de Medeiros.*  
*João Abbott.*

**Quadro das aulas da 2ª região escolar**

*S. Leopoldo*  
2ª entrância

1ª escola publica, sexo masculino, professor Henrique Jaeger, localizada na cidade.  
2ª escola publica, sexo masculino, professor Jorge Jaeger, na cidade.  
3ª escola, sexo masculino, professor Vasco da Silva Flores, na cidade.  
4ª escola, sexo feminino, professora Maria Ilhoveira, localizada na cidade.

(art. 36).  
14ª escola, mixta, professora Virgínia Olga Castiglioni, Ponta da Cachoeira.  
15ª escola, mixta, professora Maria José Marques, margem esquerda do Gravatahy, em frente ao quar tel da Brigada.

*S. Sebastião do Cahy*  
1ª entrância

1ª escola, sexo masculino, professor Luiz Affonso Eder, na villa.  
2ª escola, sexo feminino, professora Maria Francelina de Vilhena, villa.  
3ª escola, mixta, professora Maria Josefina Rath, villa.  
4ª escola, mixta, professora Josefina Jacques, suburbios da villa.  
5ª escola, mixta, professora Isolina Carvalho Eder, na villa.  
6ª escola, sexo masculino, professor Pedro Steffens, S. José do Hortencio.  
7ª escola, sexo masculino, professor Manoel Antonio da Silva, Capella do Rosario (art. 36).  
8ª escola, sexo masculino, professor Augusto Dunkert, Nova Petropolis.  
9ª escola, mixta, rincão da Cria, v. ga.  
10ª escola, mixta, professora Saturnina Rössler, freguezia da Feliz.  
11ª escola, sexo feminino, professora Carolina Ruschel Berwanger, freguezia da Feliz (kilometro 19).  
12ª escola, sexo masculino, professor Bernardo Petry, colonia Kronenthal (art. 36).

Fonte: Hemeroteca Nacional Digital (c2024).

O excerto da Figura 24 foi retirado do periódico *A Federação*. Refere-se ao Ato de Governo, de 1903, que organiza o funcionamento das aulas na 2ª região escolar, 1ª Entrância (São Sebastião do Cahy). Nesse documento, também identifiquei a nomenclatura 12ª<sup>52</sup> escola, sob a regência do professor Bernardo Petry, em Kronenthal, e que também ocorreu em 1904, de acordo com o Edital de Instrução Pública, como demonstrado na Figura 25.

<sup>52</sup> Confirmando o já relatado que as pesquisas resultaram em achados dizem respeito à 11ª, 12ª e 13ª aula pública, referindo-se à Escola Pública Estadual de Kronenthal

Figura 25 – Edital de Instrução Pública

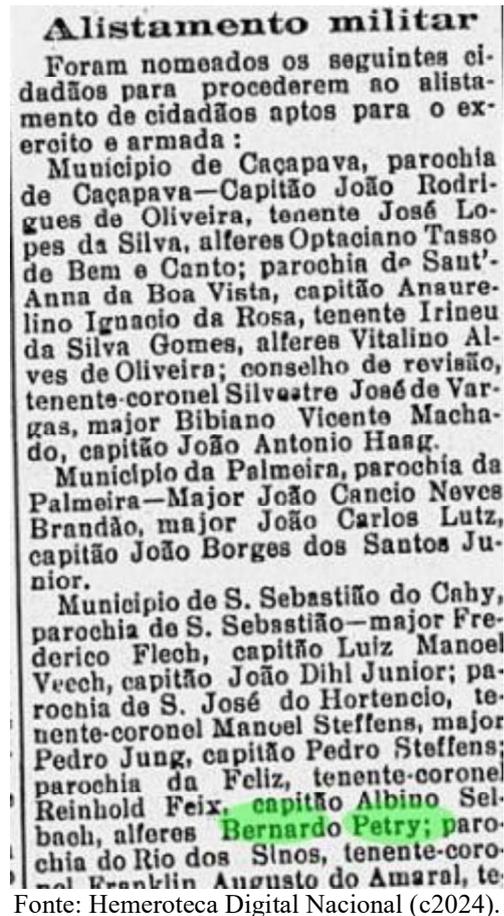


Fonte: Hemeroteca Nacional Digital (c2024).

Como pode se verificar, a Figura 25 ilustra o chamamento para candidatos interessados em se inscrever para ocupar o cargo de professor interino em escolas vagas ou provisoriamente administradas pelo Estado do Rio Grande do Sul.

Ainda sobre o ano de 1904, durante as pesquisas por documentos sobre a vida e a atuação de Bernardo Petry, encontrei o registro do seu chamamento para proceder ao alistamento militar de outros cidadãos. Esse foi o único documento que diretamente se refere à participação de Bernardo na Guarda Nacional encontrado na pesquisa de documentação civil. Porém, o documento não informa muitos detalhes sobre a atuação ou a que se refere. Outros documentos posteriores utilizam patentes militares para se referir à Bernardo Petry.

Figura 26 – Chamamento para o alistamento militar



Por meio desse documento, é possível perceber que Bernardo não era oriundo de classes mais simples da sociedade: ele dispunha da patente de alferes na Guarda Nacional. No entanto, não foram encontrados documentos relacionados a ele no Exército Brasileiro, de que pertencia a esse quadro. Também solicitei auxílio para pesquisar alguns dos demais nomes<sup>53</sup> constantes no documento acima, porém, dos que pesquisei, nenhum foi oficial de carreira do Exército Brasileiro.

Com base nisso, tudo indica que aqueles constantes no documento pertenciam à Guarda Nacional. Não encontrei arquivos ou documentos sobre os membros da Guarda, mas soube que, em cada cidade, havia os representantes da Guarda, atribuindo a si o zelo pela Constituição e a segurança nacional.

A Guarda Nacional foi criada em 18 de agosto de 1831, com o objetivo de ser uma milícia cidadã diretamente ligada ao quadro político privado de 7 de abril de 1831. Conforme afirma Farias (1977, p):

<sup>53</sup> Foi-me relatado que, no exército, existe um procedimento que gera ordem do dia, com ordem alfabética e não constou nenhum dos nomes relacionados.

As Guardas Nacionaes (sic) são criadas para defender a Constituição, a Liberdade, Independência, e Integridade do Império; para manter a obediência (sic) às Leis, conservar, ou restabelecer a ordem, e a tranquilidade(sic) pública; e auxiliar o Exército de Linha na defesa das fronteiras, e costas

Na Guarda Nacional eram recrutados entre os cidadãos com renda anual superior a 200 mil réis nas grandes cidades, e 100 mil réis nas demais regiões. A função do recrutado era a de ser um instrumento de garantia da ordem e da segurança, defendendo a Constituição, a liberdade, a independência e a integridade, fortalecendo as elites políticas locais. Possuíam todos os cargos que o Exército mantinha, à exceção do cargo de General. Atualmente, o posto de alferes – ocupado por Bernardo – corresponde ao de subtenente, ou 2º tenente, no Exército. Como havia certa correspondência entre os da Guarda Nacional e Exército, é possível perceber que Bernardo ocupou um cargo de suboficial.

Dentre idas e vindas, Bernardo, como vimos, estudou, casou-se, atuou profissionalmente e participou ativamente da vida política. A partir de 1905 é que começa a construção da escola Nome.

Antes de falar sobre a escola em si, cabe abordar a constituição e a consolidação da educação pública em Kronenthal, a qual emerge de registros de alguns professores, inclusive de pessoas da localidade que eram docentes. Essas pessoas, sem formação escolar própria, exerciam a docência pelo fato de serem, em comparação com os demais cidadãos, as mais cultas ou instruídas da localidade. Contudo, em termos de institucionalização por meio do Estado, Bernardo assumiu a tarefa de escolarizar a localidade, e, portanto, Bernardo preenchia os pré-requisitos para assumir a tarefa.

Wartha (não datado), neto de Bernardo Petry, diz que o avô era um dos poucos moradores que dominava a língua portuguesa, daí surgiu a dificuldade em alfabetizar crianças que estavam imersas em uma comunidade de língua alemã. Pelo mesmo motivo, além de alfabetizar as crianças, à noite, Bernardo ensinava português aos adultos.

As figuras 27 e 28 mostram a parte inicial da biografia de Bernardo, que foi datilografada e entregue na atual Escola Estadual de Ensino Médio Bernardo Petry, em sua homenagem.

## Figura 27 – Biografia de Bernardo Petry

### DADOS QUE DEVEM INSTRUIR A BIOGRAFIA DO FALECIDO BERNARDO PETRY PATRONO DA ESCOLA DE 1º GRAU DE VALE REAL MUNICÍPIO DE FELIZ

ESTUDOS: BERNARDO PETRY assimilou os estudos ginasiais num educandário particular, localizado em Dois Irmãos, Município de São Leopoldo, sob a regência do professor Grimm, de 1893 a 1897. Em 1897, submeteu-se a mais um curso preparatório em Porto Alegre, num colégio particular, sob a direção do professor Dr. Bartolomeu Stein que, mais tarde, foi desempenhar a função de Catedrático da Faculdade de Direito do Rio Grande do Sul.

NOMEAÇÃO PARA O CARGO PÚBLICO: De conformidade com o art. 35 do Decreto nº 89, de 2 de fevereiro de 1897, requereu a sua nomeação para o cargo de professor interino, para reger a Aula Pública Estadual, localizada no lugar denominado Kronenthal, Município de São Sebastião do Caí, o que obteve, segundo a portaria expedida em data de 28 de fevereiro de 1899, pelo então presidente do estado. A 15 de março de 1899, assumiu a 13ª Aula acima mencionada, com a presença de 21 alunos. Em 22 de março de 1899, solicitou ao Sr. Secretário da Fazenda, se dignasse mandar que fossem pagos os seus vencimentos, aluguel de casa e asseio do prédio, por intermédio da Coletoria Estadual da Vila de São Sebastião do Caí, cujos vencimentos constavam do seguinte:

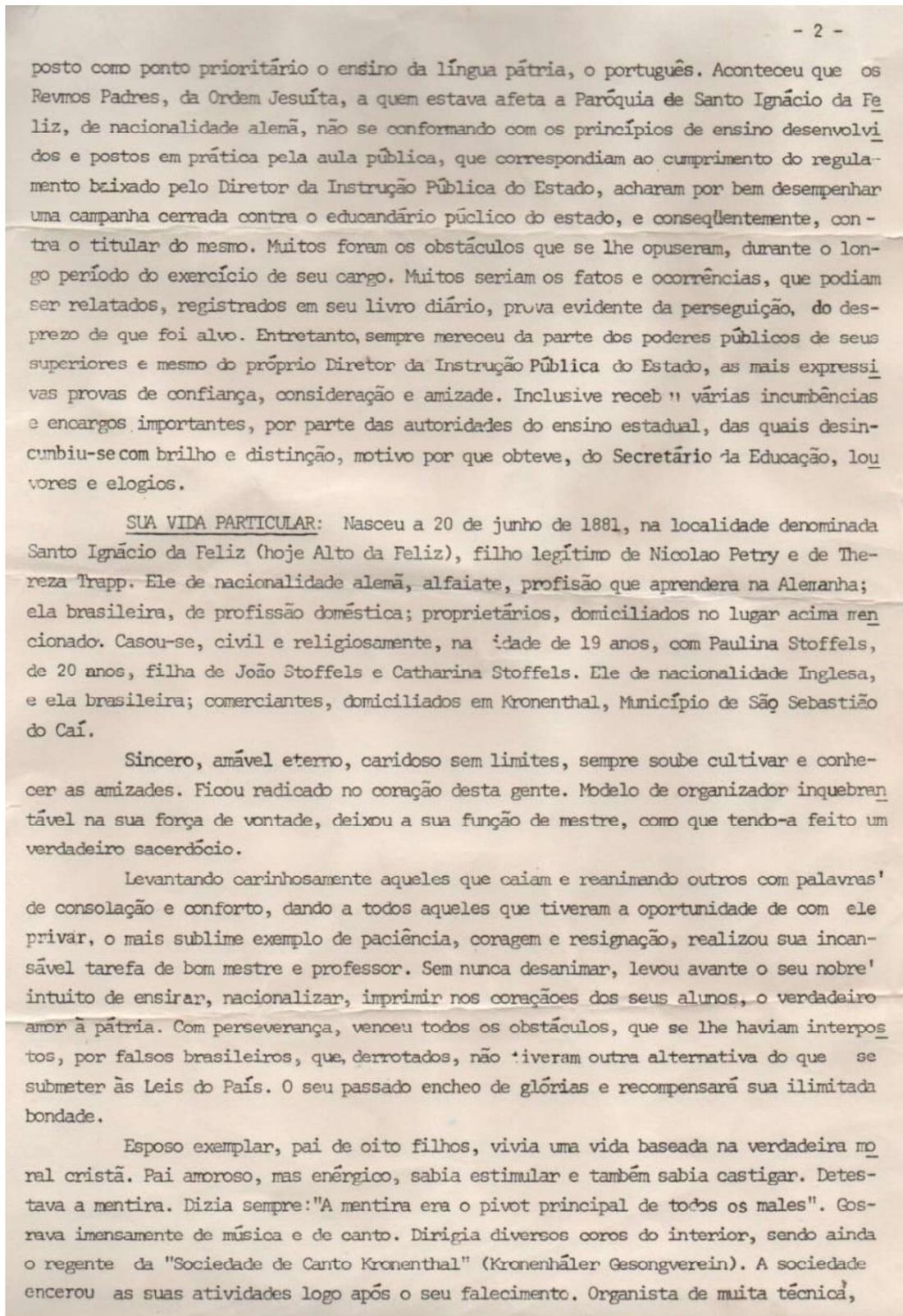
Ordenado	93\$334
Gratificação	46\$666
Aluguel da casa e asseio	11\$000
Total	151\$000 (cento e cinquenta e um mil reis)

EFETIVAÇÃO NO MAGISTÉRIO: A 2 de maio de 1905, de conformidade com o Decreto nº 806, de 11 de abril de 1905, requereu a sua inscrição no concurso para o professor público estadual, a fim de obter a sua efetivação no magistério. O programa foi publicado em 25 de abril do mesmo ano, assinado pelo secretário da Instrução Pública do Estado. O concurso teve início no dia 3 de julho ainda no ano de 1905, na Capital do Estado. Bernardo Petry depois de um curso preparatório de 30 dias, conseguiu, dentre 45 candidatos inscritos, o 3º lugar, com o que obteve a sua imediata efetivação no cargo.

Exerceu o magistério durante 29 anos, 4 meses e 16 dias, tendo iniciado em meio a muitas adversidades, inclusive postas pelos diretores e principais responsáveis da aula particular da comunidade, sob a responsabilidade do então Vigário da Paróquia de Santo Ignácio da Feliz, (Alto da Feliz) a cuja Freguesia pertencia a comunidade católica de Kronenthal (hoje Vale Real).

A população de Kronenthal, na sua maioria, era composta de descendentes de alemães, vindos da Região do Reno de Munzfeld, da circunscrição Governamental de Trier-Alemanha. Naquele tempo, na região do Rio Grande do Sul, habitada pelos alemães, somente se falava o idioma alemão e, como é lógico, na Aula Pública Estadual, sempre foi

Figura 28 – Continuação da biografia de Bernardo Petry



Fonte: acervo da Escola Estadual de Ensino Médio Bernardo Petry (não datado).

No ano de 1905 foram encontradas algumas atas de organização de mesas eleitorais em que constam a assinatura de Bernardo Petry como um dos organizadores de mesas das eleições, conforme pode ser verificado nas figuras 29, 30 e 31.

Figura 29 – Excerto de ata de organização de mesas eleitorais de 1905

ad. ten, para emiudadadas, rema as ex ma tent  
 Presidente do Estado e outros os Presidentes do Lem  
 pelas eleições. Em João Baptista Carraro, se-  
 cretário que se escrevi e aqui que  
 Liberto Limbete Proprietário  
 Henrique Mouton  
 ● Bernardo Petry ●  
 Miguel Rossi  
 João Baptista Carraro Secretário

Fonte: acervo do Arquivo Histórico de São Sebastião do Caí (1905).

Figura 30 – Submissão de exame oral em 1905

DIA 16  
 João Carlos Pyus  
 Branca Sarmento  
 Zozina Soares de Oliveira  
 Olívia de Mendonça Vieira  
 Joquina Ilha da Foutoura  
 Julieta Graha  
 Emilla Jaciatha Paim  
 Bernardo Petry  
 Alexandria Rollim dos Santos  
 Iracena Menezes de Oliveira  
 Secretaria da inspeccão geral de  
 instruccão publica em Porto Alegre,  
 22 de julho de 1905.  
 Fernando Gama, sub-director.  
 1-1

Fonte: Hemeroteca Nacional Digital (c2024).

Figura 31 – Instrução para exame

**Instrucção Publica**  
 De ordem do sr. dr. inspector ge-  
 ral, faço publico, para conhecimento  
 dos interessados, que no dia 27 do  
 corrente, ás 12 horas da manhã, co-  
 meçarão os exames oraes dos candi-  
 datos que compareceram aos esor:  
 ptos, observando na chamada a or-  
 dem seguinte :

Fonte: Hemeroteca Nacional Digital (c2024).

No ano de 1905, Bernardo Petry submeteu-se ao exame oral, conforme consta no excerto retirado do periódico *A Federação*.

Figura 32 – Nomeação de Bernardo Petry

**Professores publicos**  
 Foram nomeados as seguintes pro-  
 fessores interinos approvados em  
 concurso : Adolpho Diedrich para  
 effectivamente reger a 32ª escola do  
 Quilombo, no municipio de S. Leo-  
 poldo ; Antonio Machado Fragoso  
 para a 24ª, de Sant'Anna, no de S.  
 Sebastião do Cabu ; Achylles Fer-  
 reira Johnson para a 5ª, do Passo  
 do S. Borja, no de S. Borja ; Attilio  
 Pilatti para a 11ª da Costa Real, no  
 de Garibaldi, todas do sexo mascu-  
 lino ; d. Anna Maria Pereira para a  
 18ª da colonia do Souza, no de Ta-  
 quary ; d. Anna Maria Brigante pa-  
 ra a 2ª de villa de Eneruzilhada ;  
 d. Antonietta Peixoto Vieira da Cu-  
 nha para a 9ª do Alto do Cemiterio,  
 no da Cachoeira ; d. Adelina Peixo-  
 to da Oliveira Barcellos para a 15ª  
 da colonia S. Miguel, no da Cachoei-  
 ra ; d. Belmira Pereira de Macedo  
 para a 9ª do Silva Pacheco, no do  
 Taquary ; d. Bernardina Rodrigues  
 Padilha para a 14ª do Capão Gran-  
 de, no de Vaccaria, todas mixtas ;  
 Bernardo Petry para a 11ª, do sexo  
 masculino, do Kronenthal, no de S.  
 Sebastião do Cabu ; d. Corclua de  
 Andrade Silveira para a 3ª do Passo  
 do Subtil, no de S. João da Cama-  
 quam ; d. Carolina Soares dos Sau-  
 tos para a 20ª de Santa Cruz, no de  
 Taquary, ambas mixtas ; Candida  
 Henrique da Silva para a 27ª de Saa-  
 ta Maria do Butiá, no de S. Leopoldo ;  
 Clemente Bohn Filho para a  
 33ª de Santa Luiza, no de Montene-  
 gro ; Clemente Borggreve para a 24ª  
 do Rio Pardinho, no de Santa Cruz,  
 todas do sexo masculino ; d. Damia-  
 na Cabrel Franco para a 11ª, mixta,  
 do Cortado, no da Cachoeira, e Er-  
 nesto Gomes Ferreira para a 1ª, do  
 sexo masculino, de villa de Grava-  
 tabu.

Fonte: Hemeroteca Nacional Digital (1905).

Na edição 0171 de 1905 do periódico *A Federação*, encontrei o chamamento de exames orais a que Bernardo se submeteu. Ainda, encontrei, no mesmo periódico, mas na edição 0299, a nomeação de Bernardo Petry para o cargo de professor interino.

Sobre o provimento por concurso público para escolas rurais, isso atendia as exigências mínimas do Decreto nº 806, de 1905, conforme elucida Werle (2005, p. 106):

O decreto 806, de 11 de abril de 1905, com o louvável intuito de prover as escolas rurais com professores efetivos e reconhecendo que estas escolas, quanto ao desenvolvimento do ensino, não têm as mesmas exigências das escolas urbanas, estabeleceu um programa para os concursos daquelas contendo as matérias estritamente necessárias ao ensino nas escolas rurais. Para que o concurso não fosse ilusório, tomou a lei providências no sentido de exigir conhecimentos integrais, embora práticos, das diversas matérias exigidas para o concurso. Para execução do citado decreto n.806, anunciaram-se os concursos, para os quais inscreveram-se 515 candidatos, sendo 485 para escolas rurais e 30 para escolas urbanas foram habilitados 412 para escolas rurais e 22 para escolas urbanas, muitos estão já nomeados (Relatório apresentado ao Sr. Dr. Antônio Augusto Borges de Medeiros, presidente do estado do Rio Grande do Sul, pelo Dr. Protásio Alves, Secretário de Estado dos Negócios do Interior e Exterior, em 15 de setembro de 1906 – Porto Alegre)

Depois de Bernardo ter se submetido aos exames, outro marco importante ocorrido, ainda em 1905, foi o fato de ele ter adquirido uma casa que viria a ser sua residência oficial. Essa casa localizava-se ao lado da Igreja Santos Reis, em Kronenthal (RS). No pátio foi construído um pequeno espaço para abrigar as dependências da escola, que até então funcionava na antiga casa (Steinmetz; Lamb; Teuschel, 2010). Algumas características da casa foram relatadas por alguns entrevistados ao longo da pesquisa. Dentre elas, destaco a fala de Nair Andres<sup>54</sup> (2024), que disse que “era uma casa inteira, dividida na metade, porque a outra metade era de um vizinho de terra, o Evaldo Schneider, pai da Cristina<sup>55</sup>”.

A Figura 33 mostra a residência de Bernardo, local onde também passaram a ocorrer as aulas.

---

<sup>54</sup> ANDRES, Nair Britz. [Entrevista cedida a] Mariane Fruet Mello. Vale Real Rio Grande do Sul, presencial, 17 dez. 2024.

<sup>55</sup> Na nota de rodapé número 49 desta tese, é explicado a relação de Evaldo Schneider (pai de Cristina Assmann) com a família Petry.

Figura 33 – Prédio onde ocorria a aula pública de Bernardo Petry e era a residência da família Petry



Fonte: acervo pessoal de Cristina Assmann (não datado).

A Figura 33 retrata o prédio em que fora moradia da família Petry e também o espaço que abrigou a escola. Sobre casas que serviam como residência e escola, Lopes, Faria Filho e Veiga (2003, p. 144) afirmam que, à época, havia “escolas cujos professores eram reconhecidos ou nomeados pelos órgãos de governo responsáveis pela instrução e funcionavam em espaços improvisados, geralmente, na casa dos professores [...]”, por isso, o uso de um espaço doméstico, nesse caso, não foi exatamente uma exceção.

Vale dizer que, ao conduzir as atividades escolares para sua nova residência, Bernardo passou a exercer mais influência na comunidade local: ele passa a ser “o representante” da educação pública de Kronenthal, dado que, intelectual e materialmente, estava sob seu domínio. Mesmo que não expresse com palavras ou escritos, esse movimento de Bernardo sinaliza claramente mais um passo na sua colocação frente àquela sociedade.

Esse também é outro legado de Bernardo, pois a escola permaneceu no mesmo local até meados de 1956, também servindo como *locus* das aulas que lá ocorreram mesmo após a morte de Bernardo, sob tutela de suas filhas e com subordinação ao município de São Sebastião do Caí. A escola permaneceu no local determinado por Bernardo por quase meio século, perdurando após sua morte, mesmo com a mudança do ente federativo responsável pela educação pública, demonstrando a influência exercida pelo professor no âmbito educacional e social local.

Posteriormente, essa escola, que pertencia ao município, passou a pertencer ao Estado do RS, permanecendo localizada no mesmo espaço. Mudou-se para as margens da RS 452 (nas terras que pertenciam a família Petry) após as instalações estarem prontas, local onde continua localizada até hoje.

Outra peculiaridade a respeito do professor, conforme relato do entrevistado Alencar (2024), filho da professora Izabela e neto de Bernardo, é de que “ele era muito modernizado naquela época, foi ele que a instalou a central telefônica ali para comunidade, no lado da casa e também da escola”. Ou seja, o espaço que abrigou a escola a partir dos anos de 1905 era também moradia da família Petry e a central telefônica da localidade de Kronenthal. Tanto a central telefônica como o prédio passaram a ser ocupados posteriormente por sua filha Izabela<sup>56</sup>.

Com a central telefônica da cidade sob sua responsabilidade, Bernardo se posiciona mais uma vez como figura central na sociedade local. Todas as informações que chegavam à localidade, vindas de outras cidades e regiões, passavam por ele por meio telefônico. Além disso, todos que precisassem realizar um contato telefônico dependiam de sua mediação. Assim, socialmente, Bernardo ocupa uma posição de destaque, exercendo controle sobre a principal forma de comunicação da época, além de poder educacional, o que, certamente, conferia-lhe maior engajamento e respaldo dentro do contexto local.

A partir de 1907, tem um aprofundamento da atuação de Bernardo na vida política, ele envolve-se com o cenário político desde, pelo menos, 1902, pois foi dessa data o primeiro registro que encontrei sobre a atuação política de Bernardo. Em uma das imagens encontradas (Figura 34), há um documento que registra a atuação de Bernardo como secretário nas eleições para presidente do Estado, ocorridas em 1907.

---

<sup>56</sup> Na quinta seção discorro mais sobre isso.

Figura 34 – Ata de eleição para presidente do Estado em 1907

Beckheimer

Secretaria a escrever e assigno.  
 Humberto Luis Zell P. de S. Christ  
 Bernarda P. de S. Christ  
 João Rauber Filho  
 José Helmer  
 Gabriel Bastian

---

Ata da 3.<sup>a</sup> mesa eleitoral do 3.<sup>o</sup> districto do  
 municipio de São Sebastião do Caí

As dez e cinco horas da manhã, na casa  
 da Viúva Reinholdo Feix, designada para  
 funcionar a mesa eleitoral do 3.<sup>o</sup> districto  
 do municipio de São Sebastião do Caí  
 e votarem os respectivos eleitores, achau-  
 do-se reunida a mesa compo de: Cidadão,  
 Humberto Piusfeld como presidente, João  
 Rauber filho Gabriel Bastian José Helmer  
 como mesarios. Commingo Bernarda P. de S.  
 como Secretaria. As dez horas da man-  
 hã o dito presidente tomou assento a  
 cabeceira da mesa collocada no recin-  
 to separada da sala e os mesarios em  
 volta, achando-se na mesa este livro  
 e o da presença dos eleitores.

O presidente declarou que ia proceder-se  
 a eleição para o cargo de presidente  
 de estado, de modo cada elitor entregar  
 as suas listas em dois exemplares á  
 mesa. Sendo apresentados com officio  
 as nomeações de fiscaes por parte dos

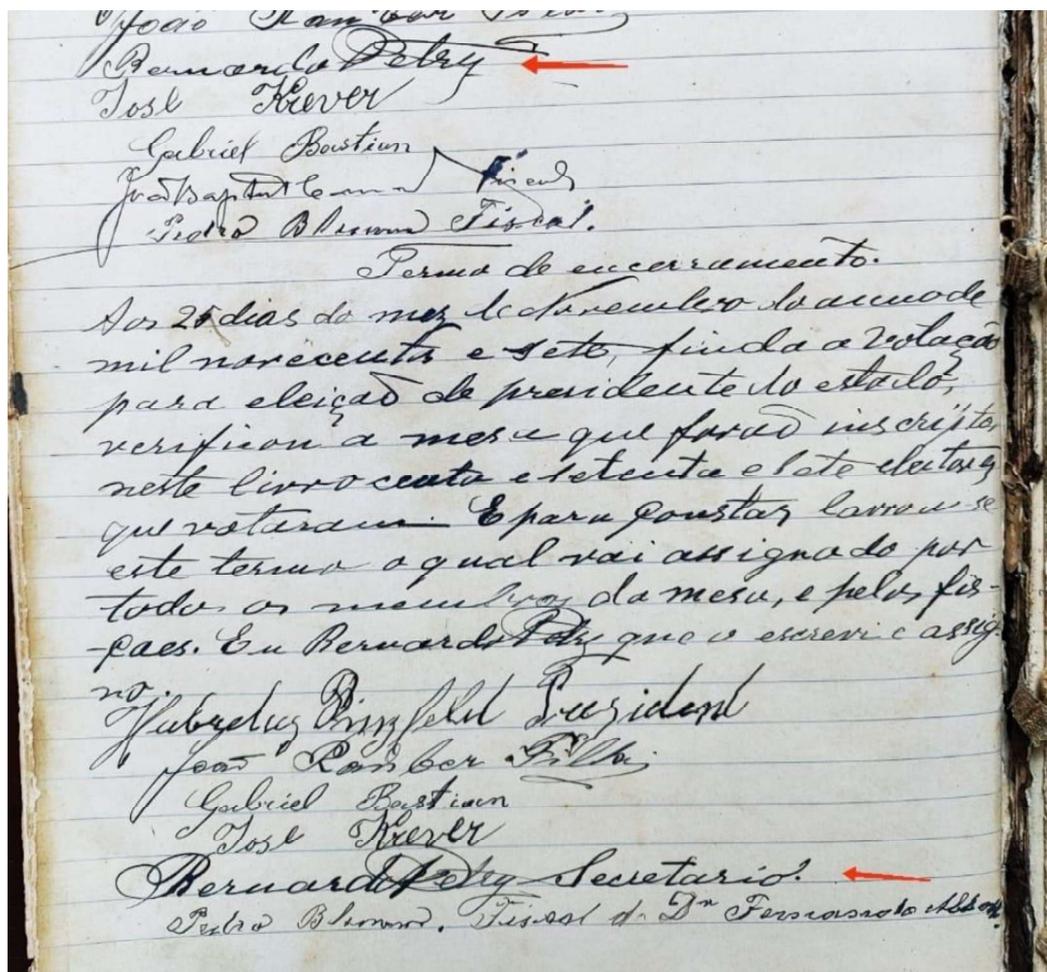
Fonte: acervo do Museu Histórico de São Sebastião do Caí (1907).

Essa ata datada de 25 de novembro de 1907, às dez horas, ocorrendo na casa da viúva de Reinboldo Feix<sup>57</sup>, que foi o local designado para funcionar a mesa eleitoral do 3º distrito do município de São Sebastião do Caí. Nessa mesma ata, foi descrita toda a organização para

<sup>57</sup> Interessante pensar que na maioria das atas aparece o termo “Viúva de Reinboldo Feix” e não aparece o nome da mulher que era viúva.

ocorrência da eleição, constando o nome de outros homens que estavam como mesários, fiscais, presidente de mesa e secretário. Foi exposto a atribuição do presidente da mesa, que teve a responsabilidade de estar com a lista de eleitores em duas vias e, também, fazer a entrega das cédulas para os eleitores. Essa foi a primeira ata que encontrei constando que Bernardo Petry atuou como secretário. Até o ano de 1907, não havia localizado outro documento ou ata que desempenhasse a função de secretário das mesas eleitorais.

Figura 35 – Bernardo secretariando as mesas eleitorais



Fonte: acervo do Museu Histórico de São Sebastião do Caí (1907).

Sobre as eleições que geralmente ocorriam na casa de dona Feix, no ano de 1908 ocorreu um fato interessante. Em 11 de junho do referido ano, a ata de eleição e a organização da 3ª mesa eleitoral do 3º distrito de São Sebastião do Caí teve local em Kronenthal, em que a designação da mesa eleitoral foi no espaço da 11ª aula pública. Ou seja, ocorreu na escola em que Bernardo conduzia as aulas, que também era o prédio de sua residência e da central telefônica.

Na ata secretariada por Bernardo, foi registrado o seguinte texto:

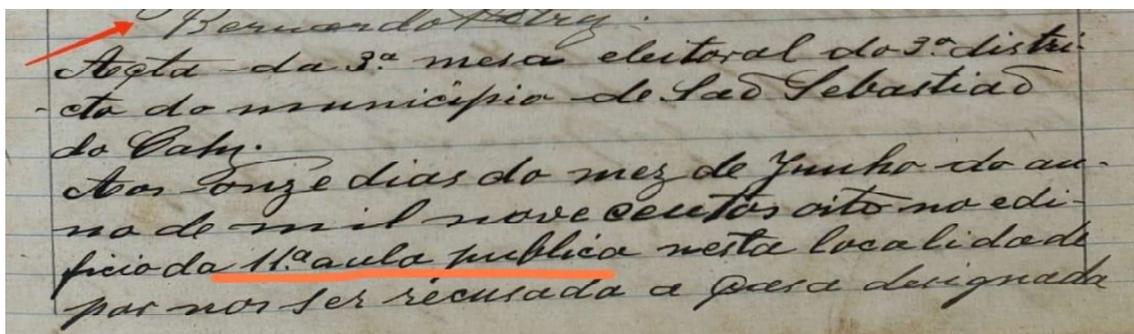
[...] tendo a dona do edificio designado para a eleição de hoje viúva A. Maria Feix recusado terminantemente que tivesse lugar a mesma eleição no referido edificio, ameaçando de rasgar os livros, constituindo a dita, fato de força maior no sentido de impedir a regularidade da eleição, designa o edificio da **aula pública 11ª** cita na vizinhança do edificio acima para ter lugar a eleição. 3º distrito do município de São Sebastião do Cahy. 11 de junho de 1908. Humberto Biensfeld. *grifo meu*

Na ata, não consta a motivação pela qual a viúva Feix impediu a eleição em sua residência, mas observa-se que o prédio da 11ª aula pública foi utilizado como local para a realização da eleição. Na sequência da ata, Bernardo descreve o seguinte texto:

Em tempo. Por não poder organizar a mesa na casa da designada da Exma. Inês, viúva D. Anna Maria Feix, o presidente Humberto Binsfeld designou a 11ª aula pública para se realizar a mesa e a eleição e mandou afixar antes da eleição um edital na casa onde havia efetividade a eleição [...]

Na Figura 36 consta um excerto da ata de 11 de junho de 1908, evidencia o que foi descrito acima sobre a ocupação da 11ª aula pública servindo de espaço para organização da 3ª mesa eleitoral do 3º distrito de São Sebastião do Caí.

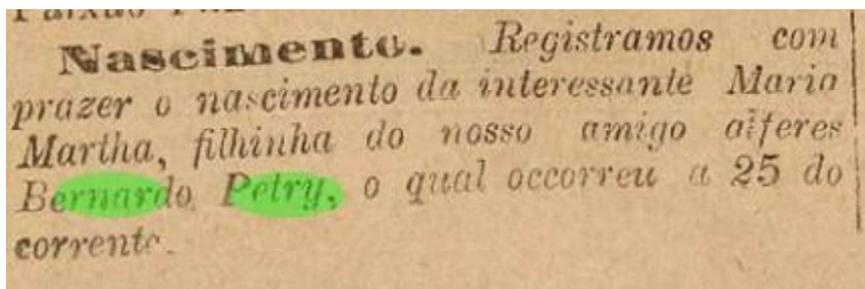
Figura 36 – Evidência da 11ª aula pública servindo como espaço de eleição (1908)



Fonte: acervo do Museu Histórico de São Sebastião do Caí (1908).

Já em 1909, os registros marcam a atuação de Bernardo em diversos campos da sociedade, como no pessoal, familiar, político e profissional/educacional. No campo pessoal e familiar, um dos registros encontrados é o do nascimento de sua filha Martha, conforme Figura 37.

Figura 37 – Registro do nascimento da filha Martha em 1909

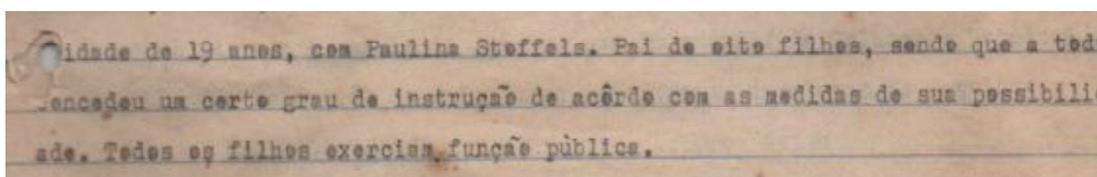


Fonte: Hemeroteca Nacional Digital (c2024).

Bernardo e Anna Paulina tiveram 8 filhos, mas o único registro público de nascimento encontrado foi esse referente à Martha, que destaca Bernardo como “amigo” e como “alferes”, salientando sua posição junto à Guarda Nacional.

Conforme relatos de seu neto, a todos os filhos “concedeu um certo grau de instrução na medida de suas possibilidades” (Wartha, não datado). Ainda, na biografia escrita pelo neto, consta que todos os filhos exerceram funções públicas, conforme evidenciado na Figura 38.

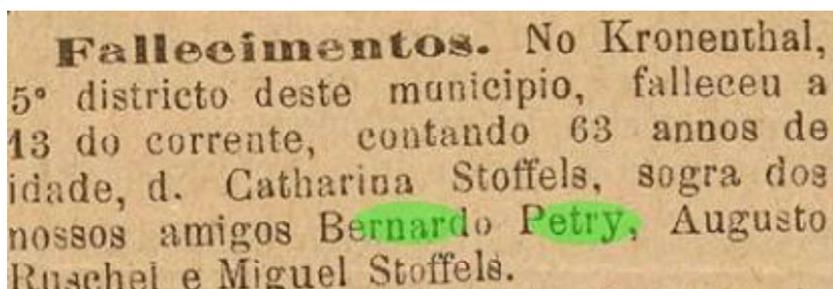
Figura 38 – Trecho da biografia de Bernardo Petry escrita por seu neto Wartha



Fonte: acervo da Escola Estadual de Ensino Médio Bernardo Petry (não datado).

O segundo registro familiar e pessoal foi o de falecimento de sua sogra, sra. Catharina Stoffels, aos 63 anos de idade. Essa nota foi publicada no jornal o Republicano (1909) por outras pessoas, que se referiam a Bernardo e outros genros da falecida como “amigos”.

Figura 39 – Registro do falecimento da sogra Catharina no ano de 1909



Fonte: Hemeroteca Nacional Digital (c2024).

Nota-se, com essas duas imagens que retratam a vida pessoal de Bernardo, que ele era um cidadão que gozava de estima na comunidade em que estava inserido.

Já sobre a atuação no campo educacional, referente a 1909, encontrei documentos que detalham a atuação de Bernardo na Escola Pública, estando designado para a 11ª Aula Pública, conforme Figura 40.

Figura 40 – Quadro da organização escolar de 1909

Sebastião do Caihy	6	mistá		
	7	masculº		Augusto Dunkel
	8	mistá		Emilia Small de Cavallo
	9			Maria Saturnina Rossler
	10	Feminino		Carlota Kuschel Berninger
	11	masculº		Bernardo Petry
	12	mistá		Belém Rita da Fonseca Domingues
	13			Yolanda da Silva Brand

Fonte: acervo do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (2022).

No âmbito político, durante as pesquisas, encontrei documentos (Figura 41) que datam de 1909, detalhando que, ao longo do tempo, Bernardo atuou cada vez mais nesse campo. Um documento relevante datado de 1909, relativo à atuação política de Bernardo, demonstra como a sociedade da época o percebia. Esse documento diz respeito à sua eleição como mesário efetivo e suplente para as eleições de intendente e conselheiros municipais. O fato de ter sido eleito demonstra que Bernardo tinha boa visibilidade entre os cidadãos de sua localidade, com a posição social levando a um maior engajamento e reconhecimento no âmbito político.

Figura 41 – Edital mesários efetivos e suplentes

<p><b>EDITAL</b></p> <p>O major Cezar José Centeno, presidente do Conselho municipal de S. Sebastião do Caihy, etc.</p> <p>Faz publico, em observancia ao acto n. 3 do 20 do corrente, do sr. Intendente Municipal, que, em reunião do Conselho, realisada nesta data, foram eleitos os seguintes mesarios effectivos e supplentes para servirem na eleição de Intendente e conselheiros Municipaes a effectuar-se no dia 11 de junho proximo entrante:</p>	<p><b>5º. districto</b></p> <p>1ª. mesa—Effectivos: Antonio Ferreira Bastos Sobrinho, Affonso Berto Cirio, João Theoferrn, Henrique Buschel e Francisco Schüb.</p> <p>Supplentes: João Carlos Frederico Feller, José Luiz Alves de Moraes e Augusto Engers.</p> <p>2ª. mesa—Effectivos: Albino Seibach, Leopoldo Buschel, João Albino Hüger, Adolpho Schmeider e Wenceläu Tschicel.</p> <p>Supplentes: Fernando Keeling, Antonio Beeher e Joaquim Pedro Rickenbusch.</p> <p>3ª. mesa—Effectivos: Huberto Binzfeld, Gabriel Bastian, José Krescer, Pélippe Zerrares e <b>Bernardo Petry</b>.</p> <p>Supplentes: Emílio Zimmerman, Miguel Krindges e Pedro Freiberger.</p>
---	--

Fonte: Hemeroteca Nacional Digital (c2024).

A partir de sua eleição como mesário, os documentos redigidos por Bernardo como secretário, contidos na ata com relação de eleitores que votaram naquele ano, demonstram seu efetivo interesse na atuação política local. A Figura 42 apresenta a relação de eleitores que concorreram e votaram na eleição na 2ª mesa eleitoral do 5º Distrito de São Sebastião do Cai (RS), em 9 de janeiro de 1909.

Figura 42 – Ata de eleitores da eleição de 1909

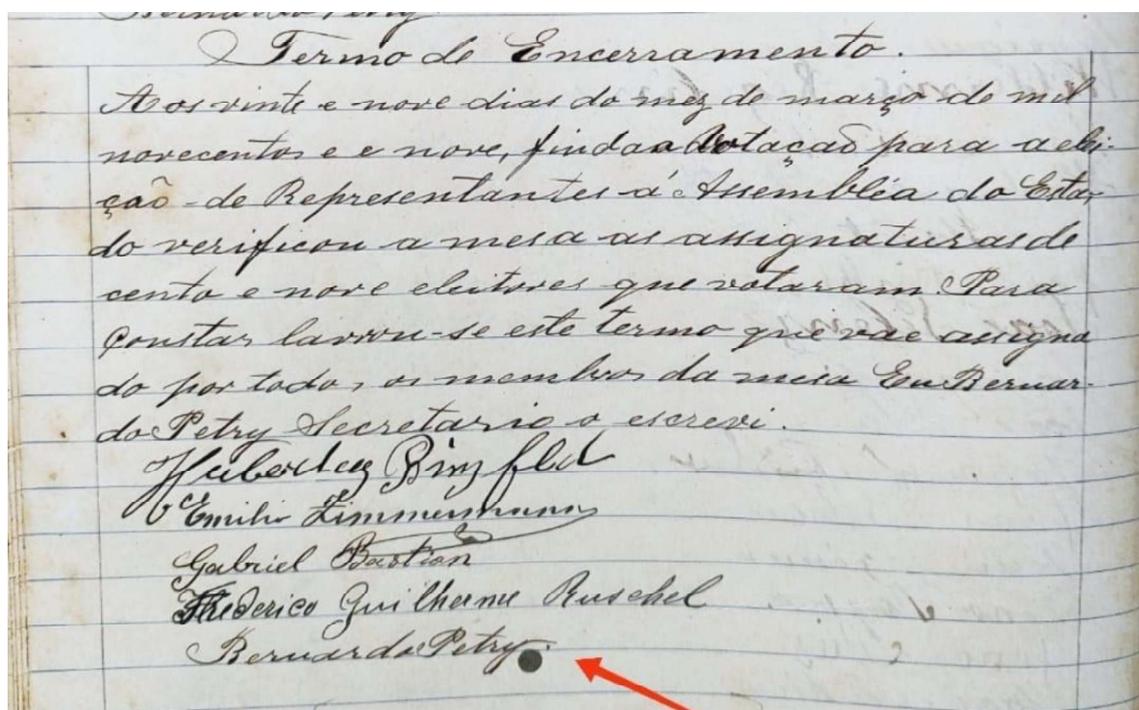
Termo de encerramento.  
 Aos 1 dias do mez de Janeiro de Mil novecentos  
 e nove, finda a votação para eleição  
 para intendente e Conselheiros mu-  
 nicipaes, verificou-se a mesa que foram in-  
 scriptos neste livro noventa e seis elei-  
 tores que votaram.  
 E para constar lavrou-se este termo que as-  
 signam os membros da mesa e fiscal que  
 o quizerem em Bernardo Petry Secretario  
 o escrevi e assigno.

Hebeley Ginzfeld  
 Frederico Guilherme Ruschel  
 Emilio Kimmernann  
 Jose Herber  
 Bernardo Petry.

Fonte: acervo do Museu Histórico de São Sebastião do Caí (1909).

Outro documento encontrado foi um termo de encerramento com os eleitores que votaram na 3ª Mesa do 5º Distrito de São Sebastião do Caí, também secretariada por Bernardo Petry, conforme Figura 43.

Figura 43 – Ata com a relação de eleitores que concorreram à eleição na 3ª mesa do 5º Distrito de São Sebastião do Caí (RS), em 1909



Fonte: acervo do Museu Histórico de São Sebastião do Caí (RS) (1909).

Todos esses documentos constroem a narrativa desta tese, os quais foram localizados em diversos locais, como na Hemeroteca Nacional Digital (c2024), no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul e a maioria das atas no Museu Histórico de São Sebastião do Caí. Quanto aos documentos, partilho da ideia de Giacomoni (2021, p. 142), quando afirma que:

É mediante os vestígios, os indícios e as evidências preservados ao longo dos anos nos registros documentais que uma narrativa historiográfica é construída ou reconstruída. É por meio das relações, perguntas, distanciamentos e análises estabelecidas entre o historiador e suas fontes que uma pesquisa histórica começa a ser constituída, no momento em que as fontes são consideradas a matéria-prima dessas relações. Nesse sentido, esse desenvolvimento é uma operação única que compete a cada pesquisador, portanto, parte de um modo próprio de construir a operação historiográfica.

Após demonstrar os mais diversos documentos que evidenciam a atuação de Bernardo na educação pública municipal, bem como o envolvimento de Bernardo com a política local, ou seja o engajamento de Bernardo na sociedade local, passarei a discorrer acerca da categoria mediador intelectual, compreendendo que pela atuação de Bernardo ele se enquadra como um mediador intelectual.

### 3.1 BERNARDO PETRY E A CONSTITUIÇÃO DE UM MEDIADOR INTELECTUAL

Com base nas fontes materiais encontradas e nas pesquisas realizadas sobre a vida de Bernardo, bem como sua atuação nos campos educacional, político, familiar, social e na guarda nacional, é possível aplicar, nesse contexto, o conceito de representação, considerando a articulação de Bernardo com a sociedade da época (início do século XX).

Neste estudo, a compreensão acerca de representação possibilita refletir sobre o papel de Bernardo enquanto intelectual, articulando o que, segundo Chartier (2002, p. 11) são

[...] representações coletivas que incorporam nos indivíduos a divisão do mundo social e organizam esquemas de percepção a partir dos quais classificam, julgam e agem; por outro, as formas de exibição e de estilização da identidade que pretendem ver reconhecida; enfim, a delegação de representantes (indivíduos particulares, instituições, instâncias abstratas), da coerência e da estabilidade assim afirmada. A história da construção das identidades sociais encontra-se assim transformada em uma história das relações simbólicas de força.

A partir disso, apresento algumas definições relacionadas à categoria de análise do intelectual, fundamentadas em Jean-François Sirinelli (1986) e complementadas pelos estudos de outros pesquisadores. Sirinelli (1986) admite que o conceito de *intelectual* pode ter seu caráter multifacetado, uma vez que, de acordo com Correia (2016, p. 270),

critérios conceituais de atribuição e identificação de grupos sociais são dinâmicos mudando conforme muda a sociedade. Não se trata, pois, de um simples jogo de nomenclatura, dado que intelectuais constituem uma categoria social de difícil delimitação, com variantes representativas ao longo do tempo e do espaço.

Sirinelli (1986) problematiza o papel dos intelectuais por sua importância e apropriação na cultura política, de maneira a evidenciar como estas seriam difundidas por meio das atuações dos sujeitos. O autor afirma que

é preciso estudar a descida, das cúpulas da intelligentsia até a sociedade civil, dessas ideias fecundadas e analisar, de um lado, sua influência sobre os sobressaltos da comunidade nacional, e de outro, mais amplamente, sua assimilação – ou não – pela cultura política da época (Sirinelli, 1996, p. 258).

Sob esse viés, a primeira concepção acerca dos intelectuais é a de que seriam tratados como criadores e mediadores culturais, em uma compreensão sociocultural mais horizontal da sociedade. Nesse grande grupo, caberiam não somente os grandes intelectuais, mas também os de menor notoriedade, assim sendo, se enquadram

tanto o jornalista como o escritor, o professor secundário como o erudito. Nos degraus que levam a esse primeiro conjunto postam-se uma parte dos estudantes, criadores ou ‘mediadores’ em potencial, e ainda outras categorias de ‘receptores’ da cultura. É evidente que todo estudo exaustivo do meio intelectual deveria basear-se numa definição como esta (Sirinelli, 1996, p. 242).

Desse modo, Sirinelli (1996, p. 261) estabelece que “à primeira categoria pertencem os que participam de criações artística e literária ou no progresso do saber, na segunda juntam-se os que contribuem para difundir e vulgarizar os conhecimentos dessa criação e desse saber”.

Considerando o encargo do intelectual no âmbito político, Sirinelli (1996) coloca em evidência a função exercida pelos mediadores, os quais são transmissores fundamentais na disseminação de ideias. De acordo com Veras (2021), nesse rico conjunto de intelectuais são englobados os criadores e mediadores culturais, que ganham maior notoriedade. Mas também destaca os de menor notoriedade sob o ponto de vista do ato de projeção, ou mesmo os desconhecidos ou não identificados na memória coletiva.

Essa categorização me trouxe à memória a narrativa de um dos entrevistados da tese. Quando questionei a respeito do grau de parentesco de Izabela com Bernardo, alguns dos entrevistados não sabiam se havia uma relação de parentesco, conforme se evidencia na fala de Pellens<sup>58</sup> (2024)<sup>59</sup>: “Ah! Isso eu não sei te dizer porque ela era Petry, eu acho que deve ter sido avô da dona Izabela, seria filha?”. Embora essa entrevistada tenha sido aluna e colega de trabalho da Izabela, na escola cujo nome homenageia Bernardo, mesmo assim a entrevistada não identificou o parentesco na sua memória.

Sobre o não reconhecimento de certos atores sociais, vale trazer a fala de Veras (2021, p. 32), que diz que “a estes relegados da história, seu necessário reconhecimento, sobretudo na instigação de posturas, como ‘despertadores’ de valores e ideologias, marcando especialmente sujeitos em formação, como o caso dos professores”.

Voltando à atuação de Bernardo como professor, membro da sociedade e político, isso o coloca sob a égide do segundo conceito de intelectuais elaborado por Sirinelli (1996). Esse conceito abarca a atuação do professor e membro participativo da comunidade de Kronenthal, uma vez que, para o autor, o intelectual está alicerçado na compreensão de engajamento na vida da cidade (o *citê*), conforme já comentado. Desse modo, considera “notoriedade eventual ou sua ‘especialização’, reconhecida pela sociedade em que ele vive –

---

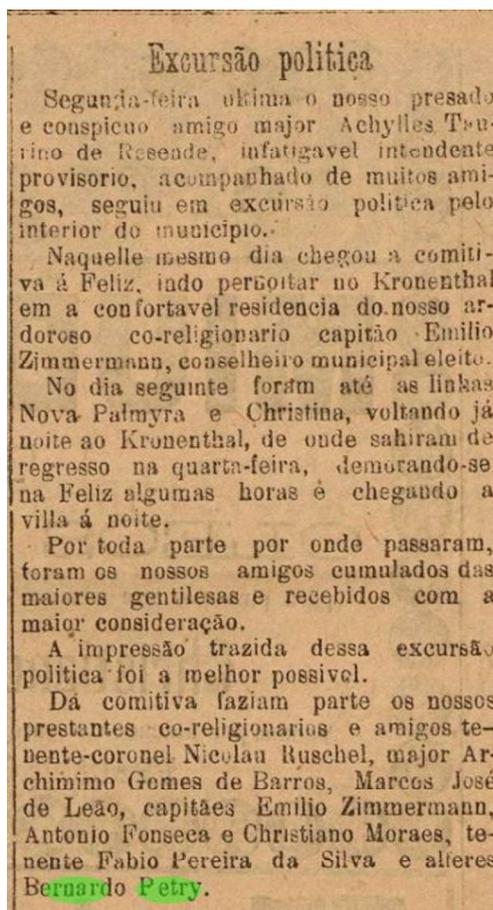
<sup>58</sup> PELLENS, Madalena Freiberger. [Entrevista cedida a] Mariane Fruet de Mello. Vale Real Rio Grande do Sul, presencial, 27 mai. 2024.

<sup>59</sup> Por uma questão ética e de fidedignidade, todas as falas dos entrevistados desta pesquisa foram transcritas exatamente como pronunciadas pelos entrevistados, sendo pontuadas apenas quando necessário.

especialização esta que legitima e mesmo privilegia sua intervenção no debate da cidade –, que o intelectual põe a serviço da causa que defende” (Sirinelli, 1996, p 243).

Sob esse viés, encontrei o registro de uma excursão política que Bernardo participou em 1909, conforme Figura 44.

Figura 44 – Excursão política 1909



Fonte: Hemeroteca Nacional Digital (c2024).

Este recorte foi encontrado no periódico *O Republicano*, 24 de janeiro de 1909, na edição 0199, tendo o registro ocorrido na excursão política de janeiro do referido ano. No documento, não consta de onde saiu a excursão. Há, ainda, a informação de que, durante o dia, passaram na localidade de Feliz; e, à noite, pernoitaram em Kronenthal. No excerto do documento, não foi narrada a finalidade, mas informa que estavam entre amigos e que foram recebidos com muita estima e consideração por onde passaram.

Embora no documento que registra a excursão política não conste qual a finalidade dela, pode-se perceber que participaram muitos homens, os quais estavam entre amigos, e que possivelmente estavam engajados a propagar e difundir a política na região (São Sebastião do Caí, 1909). Quanto ao engajamento, considerado como um acontecimento na história, deve ser

“analisado como uma atitude construída por uma gama de relações circunstanciadas, que agregaram determinados sujeitos à categoria dos intelectuais” (Alves, 2019, p. 5).

Desse modo, a narrativa apresentada até o momento sobre Bernardo evidencia que, após sua formação acadêmica e nomeação como professor de Kronenthal, passou a frequentar diversos outros setores da sociedade. Como representante político, iniciou um profundo engajamento com a sociedade local, atuando e liderando em diversos âmbitos, logo, tornando-se um membro relevante e ativo naquela comunidade.

Essa atuação e engajamento perdurou por toda a vida de Bernardo, dado que encontrei documentos de sua atuação política datados de 1925, e também documentos de participação e organização em exames escolares datados de 1914.

Após essa reflexão acerca do engajamento, e levando em consideração o grupo de maior ou menor notoriedade, Sirinelli (1996) recomenda investigar o “itinerário”, as “redes de sociabilidade” e a “geração” à qual o intelectual fez parte. Portanto, Alves (2019, p. 6) comenta que “os itinerários integram uma plataforma de reconstituição de trajetórias que se cruzam”. E esse percurso pode ser efetuado individualmente ou por um grupo com a mesma intencionalidade.

Consoante Corrêa (2016, p. 274):

O emprego da noção de itinerários permite não só a reconstituição como a interpretação de trajetórias de grupos de intelectuais, mapeando seus territórios de ação, seus engajamentos e filiações de naturezas estéticas, políticas e partidárias. Nesse sentido, um estudo que valorize os itinerários dá ao pesquisador a possibilidade de penetrar no mundo não só dos “grandes intelectuais” como também os de menor expressão em uma dada época.

Em relação às redes de sociabilidade, para Sirinelli (1996), tratam-se de uma das principais necessidades ao se analisar as estruturas sob as quais as redes de sociabilidade vão se entrelaçando, apontando para a urgência do historiador identificar as “sensibilidades ideológicas” que vão para além da “mola das estratégias” de campo. Todo grupo de intelectuais organiza-se, também, em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver. São estruturas de sociabilidade difíceis de aprender, mas que o historiador não pode ignorar ou subestimar (Sirinelli, 1996).

Sobre a sociabilidade, Sirinelli (1996, p. 252) comenta que

[...] pode ser entendida de outra maneira, na qual também se interpretam o afetivo e o ideológico. As “redes” secretam, na verdade, microclimas à sombra dos quais a

atividade e o comportamento dos intelectuais envolvidos frequentemente apresentam traços específicos. E, assim entendida, a palavra sociabilidade reveste-se, portanto, de uma dupla acepção, ao mesmo tempo “redes” que estruturam o “microclima” que caracteriza um microcosmo intelectual particular.

As redes de sociabilidade de Bernardo ficaram demonstradas na atuação nos âmbitos educacional, político e social, com participação em diversos setores sociais. Dentro da sensibilidade ideológica, a participação no Partido Republicano Rio-Grandense demonstra muito das sensibilidades e da ideologia que permeava o pensamento e a atuação de Bernardo Petry, tendo um pensamento ligado à liberdade frente ao antigo regime monárquico. A participação na Guarda Nacional demonstra seu apreço pelos princípios do respeito constitucional e da ordem, que eram pregados entre seus membros.

Em relação ao que Sirinelli (1996) aborda sobre geração, afirma que é um componente da “engrenagem do tempo”, e que a geração está associada ao espaço curto de tempo dos acontecimentos. É aplicada no que diz respeito a uma coletividade bem estabelecida da sociedade que só pode ser determinada como geração no momento em que alcança uma vida própria e uma individualidade, normalmente estabelecidas por um acontecimento novo. Os acontecimentos novos acontecem sempre de forma diferente, o que possibilita a existência de gerações curtas e gerações longas, Sirinelli (1996)

As gerações, tal como os panoramas econômico, político, social e cultural, não prosseguem no mesmo passo. É uma realidade natural e cultural padronizada pela ocorrência e originado por meio do sentimento de pertencer ou ter pertencido a uma faixa etária com forte identidade diferencial (Sirinelli, 2000).

De acordo com Alves (2019, p. 37):

A geração é a chave de interpretação que enfeixa as demais, permitindo levar a cabo o esforço de contextualização dos itinerários intelectuais e das redes de sociabilidade. Ela auxilia o historiador a circunstanciar as escolhas, as possibilidades de formação intelectual, o terreno institucional, os espaços de circulação cultural, o impacto das inovações tecnológicas, cruzando os níveis local, nacional e internacional.

A partir destes elementos que fundamentam a teoria estudada por Sirinelli (1996), acerca da rede de sociabilidade, itinerários e gerações, para esta tese percebi aproximação nos elementos especialmente que se referem a rede de sociabilidade e itinerários, pois ao analisar os documentos e ao contar a história do professor Bernardo, se evidencia aproximações nestes dois elementos. Já em relação ao que Sirinelli (1996) acerca de gerações, não aparece de maneira evidente na pesquisa desta tese. Portanto para este estudo o elemento gerações não estará em evidencia.

A partir dessa consolidação de Bernardo nos diversos âmbitos sociais, a partir de 1911 até a sua morte, em 1928, durante as pesquisas, encontrei documentos que demonstram que Bernardo permaneceu como membro atuante na política, como a ata de reunião da junta e organização das mesas eleitorais, como pode ser visto na Figura 45.

Figura 45 – Ata de participação política (1911)

Ata da reunião da junta e organização das mesas eleitorais

Aos trinta dias do mez de Dezembro de mil novecentos e onze, ao mesmo dia, no edificio da Intendencia Municipal, desta villa de São Sebastião do Caí, Estado do Rio Grande do Sul, por convocação do membro da Commissão de alistamento eleitoral Major José Francisco Cidade, na forma dos §§ 1º e 2º do art. 10º do Dec. n.º 5453 de 6 de Fevereiro de mil novecentos e cinco, reuniu-se a junta organizadora das mesas eleitorais deste municipio. Presentes os membros da junta Major José Francisco Cidade, Jacob Zimmermann, Antonio Otto Pirke e Affonso Jung, servindo como Secretario, foi, a pluralidade de votos na forma do § 2º do art. 10º do Dec. citado eleito Presidente da Junta organizadora das mesas eleitorais deste municipio e Major José Francisco Cidade.

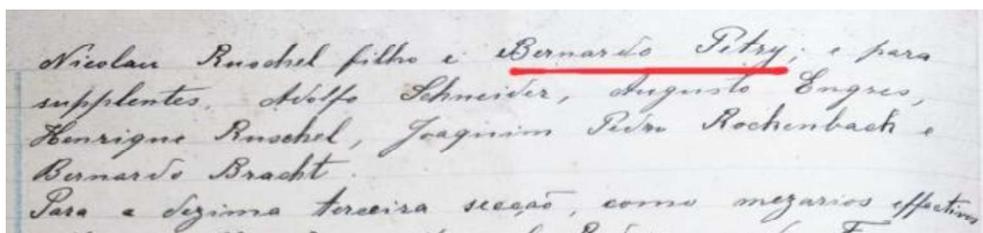
As duas horas da tarde, não tendo a junta recebido officios de apresentação por parte dos eleitores, procedem-se a eleição dos mesarios e supplementes das diversas secções eleitorais em que está dividido o municipio, votando cada um dos membros da junta em dois nomes escolhidos dentre os eleitores das respectivas secções, sendo eleitos para a primeira secção como mesarios effectivos, Antonio Otto Pirke, Christiano Carlos Maach, Frederico Jacob Michelson, João Augusto Guimarães Dischl e Manoel Ferreira Borges, e como supplementes Antonio Luis de Fraga, Carlos Pedro Pirke, Israel Alves de Moraes, Luiz

Fonte: Acervo do Museu Histórico de São Sebastião do Caí (RS) (1911)

A imagem da Figura 45 refere-se a uma reunião que foi realizada a partir da convocação do Major José Francisco, membro da comissão de alistamento eleitoral. O encontro ocorreu no prédio da Intendência de São Sebastião do Caí, em 25 de novembro de 1911, na qual

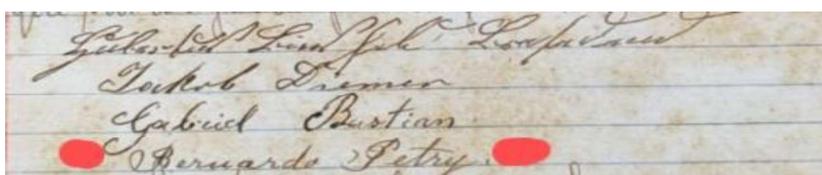
se reuniu a junta de organização das mesas eleitorais. A finalidade desse encontro era eleger entre os eleitores os representantes titulares e suplentes das mesas. Foram nomeadas 14 seções, e Bernardo fez parte como membro da 12ª seção, conforme pode ser observada a menção do seu nome.

Figura 46 – Ata de 1911 que organiza seções eleitorais, nome de Bernardo constando



Fonte: acervo do Museu Histórico de São Sebastião do Caí (RS) (1911)

Figura 47 – Assinatura em ata de organização de mesa eleitoral

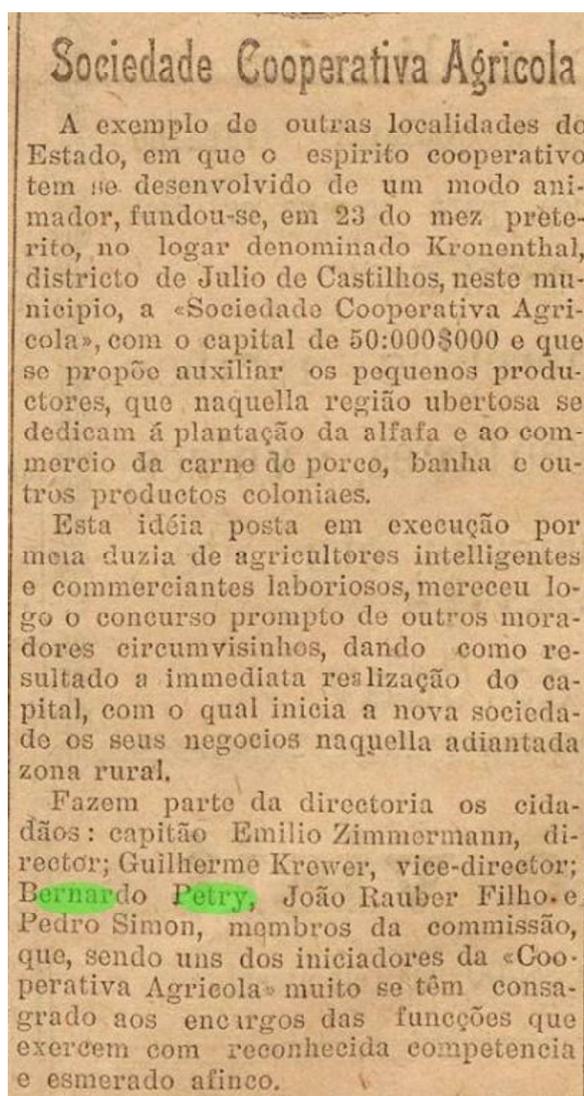


Fonte: Arquivo Histórico de São Sebastião do Caí (RS) (1911).

Bernardo também incorporou o espírito cooperativista, que se fortalecia na época, sendo fundador e parte da diretoria da Sociedade Cooperativa Agrícola, que tinha como objetivo o auxílio de pequenos produtores da localidade que se dedicavam à produção de alfafa e comércio de carne de porco, banha e outros produtos coloniais.

Encontrei uma notícia na qual relata isso, a qual informa o capital social investido, a nomeação da diretoria, além de detalhes da execução por “agricultores inteligentes” e “comerciantes laboriosos”, tendo participação de outros moradores, conforme Figura 48.

Figura 48 – Participação de Bernardo como membro da diretoria da Sociedade Agrícola



Fonte: Hemeroteca Nacional Digital (c2024).

Nota-se, portanto, os movimentos de interação e de inserção que Bernardo fez na comunidade de Kronenthal, estando vinculado ao Partido Republicano Rio-Grandense e participando de reuniões e instalações de mesas eleitorais, bem como fazendo parte como membro da diretoria da Sociedade Cooperativa Agrícola.

Já em 1912, Bernardo segue na atuação política, constando como secretário, redigindo a ata de eleitores que concorreram às eleições para intendente e para conselheiros municipais em 1911, como demonstrado na Figura 49.

Figura 49 – Ata de relação dos eleitores que concorreram à eleição e votaram na 3ª mesa do 5º Distrito do município de São Sebastião do Caí (RS) em 1911

21 Novembro 1911. Termos de encerramento  
 Gabriel Bastian  
 Bernardo Petry Secretario  
 Roberto Zimmermann Fiscal do candidato  
 Termos de encerramento  
 da 3ª mesa dos dias do mez de Dezembro  
 de 1911 da assma de mil novecentos e  
 onze finda a votação para eleição  
 de Intendente municipal verificou a  
 mesa que foram inscriptos neste li-  
 vro cento e sessenta e seis eleitores  
 que votaram. E para constar lavrou  
 se este termo que assignam os mem-  
 bros da mesa e fiscaes que o qui-  
 zere em Bernardo Petry Secretario  
 e escrevi.  
 Heberley Brinckel  
 Teodoro Freilberger  
 Gabriel Bastian  
 Frederico Guilherme Ruschel  
 Bernardo Petry Secretario  
 Roberto Zimmermann

Fonte: acervo do Museu Histórico de São Sebastião do Caí (RS) (1911).

Em 1912, Bernardo seguiu atuando como secretário e redator da ata para as mesmas eleições do ano anterior, demonstrando que seu ânimo na participação não se esvaneceu (Figura 50).

Figura 50 – Ata de eleitores que concorreram às eleições para intendente e conselheiros municipais em 11/06/1912

299. Termos de encerramento.  
 300. Das onze dias do mez de Junho de  
 mil novecentos e onze finda a vo-  
 tação para eleição de Intendente e  
 Conselheiros, verificou a mesa  
 que foram inscriptos neste livro  
 duzentos e noventa e oito eleitores  
 que votaram. E para constar lavrou  
 se esta acta que assignam todos  
 os membros da mesa Comun-  
 go Bernardo Petry Secretario e  
 escrevi.  
 Heberley Brinckel  
 Teodoro Freilberger  
 José Florice  
 João Rombel Filho  
 Bernardo Petry Secretario

Fonte: acervo do Museu Histórico de São Sebastião do Caí (1912).

Figura 51 – Ata da 15ª mesa eleitoral no 5º distrito de São Sebastião do Caí (1912)

Ata da 15ª mesa eleitoral do  
5º distrito do município de São Sebastião  
do Caí.  
Nos vinte e cinco dias do mês de Novembro de um  
mil novecentos e doze pelas dez horas da ma-  
nhã, na Casa do Sr. Carlos S. Fleck, designa-  
da para funcionar a 15ª mesa do 5º distrito  
do município de São Sebastião do Caí, a-  
chando-se reunida a mesa, comparete das  
Cidadãos Frederico Guilherme Ruzibel, João  
Pauber Filho, Luiz P. Peix, Jacob Wittmann e  
Bernardo Pety, o primeiro como presidente  
o último como secretário, os demais como  
mesários.  
Assentou-se o presidente a cabeceira da mesa  
colocada no recinto, separado da sala  
por um gradil e os mesários em volta, acha-  
ndo-se na mesa este livro e a ele presença dos  
eleitores. O presidente declarou que se fosse  
proceder-se

Fonte: Museu Histórico de São Sebastião do Caí RS

Além das eleições para escolha do intendente e dos conselheiros municipais, Bernardo participou e secretariou a ata dos eleitores inscritos e aptos a votar para o cargo de presidente do Estado do Rio Grande do Sul (RS), também no ano de 1912, conforme destacado na Figura 52.

Figura 52 – Ata de eleitores inscritos e aptos para votar na eleição de 1912 para o cargo de presidente do Estado.

Termo de encerramento.  
Nos vinte e cinco dias do mês de Novembro  
do ano acima de mil novecentos  
e doze, finda a votação para a eleição do  
Presidente do Estado, verificou-se a me-  
sa que foram inscritos neste livro duzentos  
e noventa e três eleitores que votaram.  
E para constar lavrou-se este termo que  
assignam os membros da mesa com mi-  
go Bernardo Pety escrevi e assigno  
Frederico Guilherme Ruzibel  
João Pauber Filho  
Luiz P. Peix  
Jacob Wittmann  
Bernardo Pety

Fonte: acervo do Museu Histórico de São Sebastião do Caí (1912).

Durante reunião da 15ª mesa eleitoral do 5º distrito do município de São Sebastião do Caí, foi definido, mais uma vez, a atuação de Bernardo como secretário, função que lhe determinava a redação das atas. A Figura 53 mostra a atuação dele como secretário ao realizar a redação da ata.

Figura 53 – Ata da 15ª mesa eleitoral do 5º distrito do município de São Sebastião do Caí

Ata da 15.ª mesa eleitoral do  
5.º distrito do município de São Sebastião  
do Caí.  
Nos vinte e cinco dias do mês de Novembro de um  
mil novecentos e doze pelas dez horas da ma-  
nhã, na casa do Sr. Carlos S. Fleck, designa-  
da para funcionar a 15.ª mesa do 5.º distrito  
do município de São Sebastião do Caí, a-  
chando-se reunida a mesa composta dos  
Cidadãos Frederico Lutherus Raschel, João  
Pauber Filho, Luiz P. Pires, Jacob Wittmann e  
Bernardo Petry, o primeiro como presidente  
o último como secretário, os demais como  
mesarios.  
Assentou-se o presidente a cabeça da mesa  
collocada no recinto, separado da sala  
por um gradil e os mesarios em volta, acha-  
ndo-se na mesa este livro e o de presença dos  
eleitores. O presidente declarou que se ia proce-  
der a -

Fonte: acervo do Museu Histórico de São Sebastião do Caí (1912).

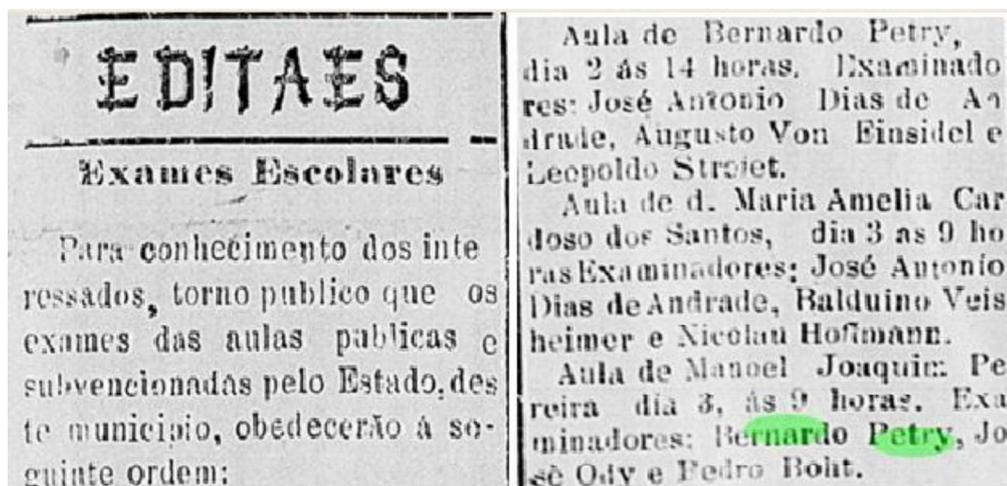
Referente ao ano de 1914, encontrei, no periódico *O Correio do Município*, edição 008, a participação de Bernardo Petry nos exames escolares

A Figura 54 apresenta um dos exames que Bernardo Petry realizou, no qual foi avaliado pelos senhores José Antônio Dias de Andrade, Augusto Von Einsidel e Leopoldo Streiet. Bernardo também avaliou a aula de Manoel Joaquim Pereira<sup>60</sup>. Não obtive mais informações acerca desses exames e para qual finalidade serviam, se eram para algum tipo de avaliação da atividade docente realizada pelo professor em sala de aula, ou se para fins de verificação de efetividade de alunos nas classes, como era feito pelos inspetores de educação. Consoante isso, Werle (2005, p. 102) esclarece que “os professores eram mantidos na regência de aulas públicas em decorrência do aproveitamento escolar de seus alunos verificado por visitas de inspetores e pelo número de alunos frequentes o qual, se fosse muito pequeno, levaria

<sup>60</sup> Sobre esses nomes que aparecem como avaliadores, não tenho conhecimento de quem teriam sido estas pessoas.

ao fechamento da aula”. Quando encontrei estes registros de exames, relacionei com a citação de Werle (2005), não posso afirmar se estas aulas examinadas por Bernardo e também Bernardo sendo examinado por outras pessoas, se relacionam a atividade de Bernardo enquanto professor

Figura 54 – Exames escolares no ano de 1914



Fonte: Hemeroteca Nacional Digital (c2024).

Em 1916, o quadro de organização escolar contém o nome de Bernardo Petry como professor da 11ª Aula Pública, o que o mantinha como professor público de Kronenthal, como é possível ver na Figura 55.

Figura 55 – Quadro da organização escolar de 1916

10ª	Feminino	Carolina Guochel Baumgar
11ª	Masculino	Bernardo Petry
12ª	Misto	Antônio da Fonseca Dominus
13ª		Horácio de Silva Braga

Fonte: arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (1916).

Na década dos anos 1920, durante as pesquisas, encontrei outros documentos que demonstram a participação política de Bernardo perdurou até sua morte, como é o caso da ata de 1920 (Figura 56) dos eleitores inscritos no Distrito de São Sebastião do Cai.

Figura 56 – Ata dos eleitores inscritos no 5º Distrito de São Sebastião do Caí (RS)

Ill.º Sr. Presidente e Membros do  
 Conselho Municipal.

Os juizes inscritos, eleitores goteleiros do  
 5.º distrito deste município, de acordo  
 com o Art.º 18 da Lei eleitoral deste  
 município, sem prejuizo do nomeado  
 eleito Henrique Guschel para per-  
 tencente mesario, na eleição a  
 realizar-se em 11 de Junho do corrente,  
 para os cargos de Intendente e  
 Juizes Municipais, deste município.

Saúde e Fraternidade.

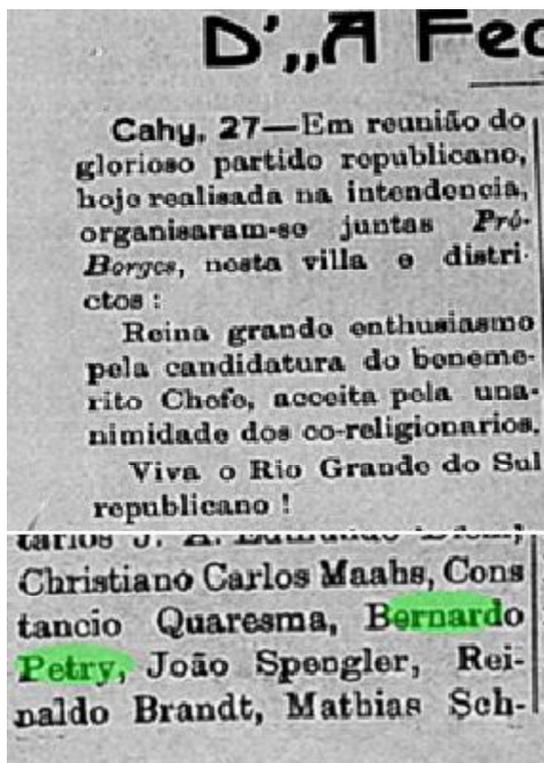
São Sebastião do Caí, 13 de Junho de 1920.

Bernardo Petry  
 José Barreira  
 Adalberto Mendes  
 Germano da Silva  
 Pedro Trivilin filho.  
 José Petry.  
 João de Jesus  
 Guilherme Pereira  
 Teodoro Petry

Fonte: acervo do Museu Histórico de São Sebastião do Caí (1920).

Em 1923, no periódico *A Federação*, Bernardo Petry já era mencionado como “capitão” e participante por São Sebastião do Caí na chamada “grande assembleia republicana”. Esse registro evidencia seu envolvimento contínuo com a política e sua longa associação com o Partido Republicano, como consta na Figura 57.

Figura 57 – Registro reunião do Partido Republicano Rio-Grandense (1923)



Fonte: Hemeroteca Nacional Digital (c2024).

No excerto do periódico *A Federação*, de 1923, edição 00238 (Figura 57), encontrei o registro de uma reunião do Partido Republicano, ocorrida na Intendência de São Sebastião do Caí, com o objetivo de organizar juntas “Pró-Borges”. O excerto não traz o que foi relatado na reunião, mas apresenta uma lista de representantes do partido no município de São Sebastião do Caí, sendo um deles Bernardo, como destacado na Figura 57.

Sobre o grupo republicado gaúcho, Silva (2007, p. 1) alega que esse grupo é

entendido como um conjunto que associa ação política e atividade intelectual intelectuais está vinculada a duas premissas. A primeira diz respeito à consideração dos republicanos como um grupo. A segunda ao fato deles desenvolverem, na luta política, a criação (ou recriação) de ideias e conceitos para a intervenção na realidade.

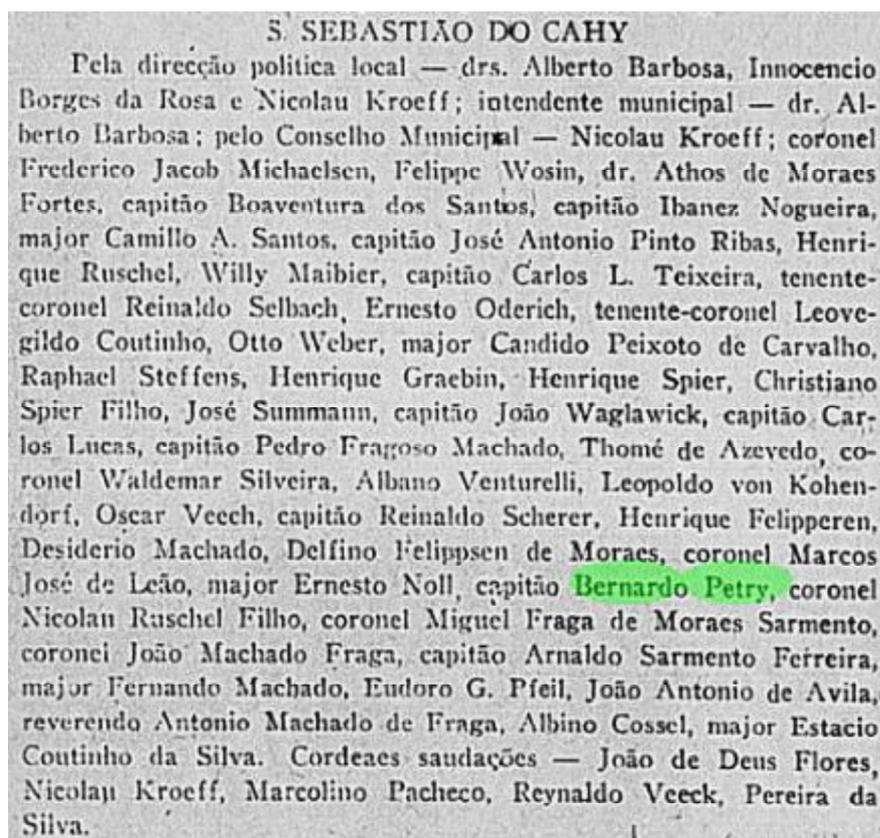
Na edição 0238 do periódico *A Federação*, de 1923, também encontrei o registro de grande encontro do Partido Republicano ocorrido em outubro de 1923, no Teatro São Pedro, em Porto Alegre. Como não é objeto da tese tratar o conteúdo da reunião, uma vez que são aproximadamente nove páginas que relatam o encontro, apenas recortei a listagem de membros congressistas da grande assembleia republicana, constando, novamente, o nome de Bernardo Petry como representante no município de São Sebastião do Caí, o que demonstra como ele estava envolvido com questões políticas.

Figura 58 – Listagem de congressistas para a assembleia republicana



Fonte: Hemeroteca Nacional Digital (c2024).

Figura 59 – Nomes



Fonte: Hemeroteca Nacional Digital (c2024).

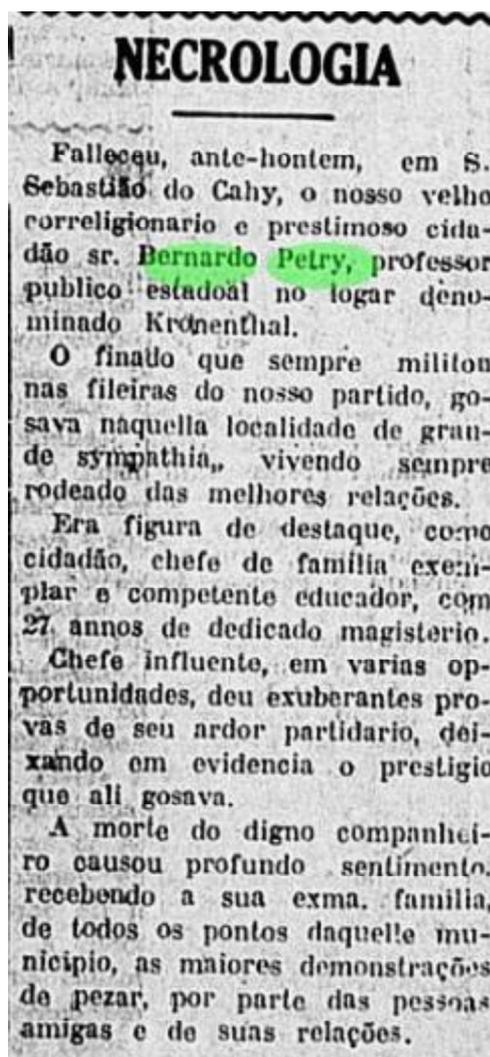
Ao mesmo tempo em que Bernardo se mostrava atuante no campo político, envolvia-se na comunidade e na localidade, sendo visto como um líder, conforme relatado por seu neto Alencar (2024), que diz:

Uma vez, quando criança, ouvi a mãe dizer que meu avô fazia muita reunião ali na comunidade. Ele era o cabeça ali, mas também não sei qual era o tipo de partido que ele fazia parte. Ele era um dos que comandava a comunidade e por isso estava também envolvido na política.

Além do envolvimento político, comunitário e social, Bernardo permanecia como o professor público local, responsável pela escola estadual da localidade, então designada como 11ª Aula Pública.

Em 1928, Bernardo Petry faleceu em Kronenthal, deixando uma localidade transformada por sua atuação, bem diferente de quando assumiu como professor público quase 30 anos antes. De um jovem professor que assumia um concurso público, Bernardo deixou marcas de sua atuação em diversos setores daquela sociedade. Essas marcas foram registradas nas páginas do periódico *A Federação*, edição 0169, conforme evidenciado na Figura 60.

Figura 60 – Registro de falecimento de Bernardo Petry



Fonte: Hemeroteca Nacional Digital (c2024).

O registro de falecimento de Bernardo demonstra a estima e o respeito que conquistou ao longo de sua vida, pois, conforme excerto do periódico *A Federação*, ele era percebido como uma pessoa de grande importância por onde vivenciou:

“Falleceu ante-hontem em São Sebastião do Cahy, o nosso velho correligionário e prestimoso cidadão Sr. Bernardo Petry, **professor público estadoal no logar denominado Kronenthal**. O finado que sempre militou nas fileiras do nosso partido,

gozava naquela localidade de grande *sympathia*, vivendo sempre rodeado das melhores relações. Era figura de destaque, como cidadão, chefe de família exemplar e competente educador, com 27 anos dedicados ao magistério. Chefe influente, em várias oportunidades deu exuberantes provas de seu ardor partidário, deixando em evidência o prestígio que ali gozava. A morte do digno companheiro causou profundo sentimento, recebendo de sua exma. Família, de todos os pontos daquele município, as maiores demonstrações de pesar por parte das pessoas amigas e de suas relações” (*A Federação*, 1923, grifos meus).

A partir de tudo o que foi abordado nesta seção – o que inclui fotos de documentos demonstrando a atuação de Bernardo nos mais diversos meios de atuação (social, político, profissional educador), saliento que, com base nas teorias que fundamentam a análise, ele se configura como um intelectual mediador. Isso se torna evidente pelo engajamento de sua vida na política e na sociedade local, bem como pelos elementos que formam as redes de sociabilidade e de itinerários abordados por Sirinelli (1996), caracterizando Bernardo.

Ou seja, é um *status* construído ao longo do tempo e da atuação do indivíduo. A teoria é assentada em elementos ou características que são “fluídas”, ou então, “móveis”: elas dependem do movimento e da atuação do indivíduo que está sob análise. O ser humano não é um ser estático em suas características ou em suas redes. E assim como ele pode se constituir em intelectual em um certo momento de sua vida, pode deixar de sê-lo em outros momentos ou âmbitos de sua existência. Bernardo faleceu como um intelectual mediador, pois, conforme evidenciado pelos documentos apresentados, sua atuação permaneceu marcada em diversos contextos da sociedade em que viveu.

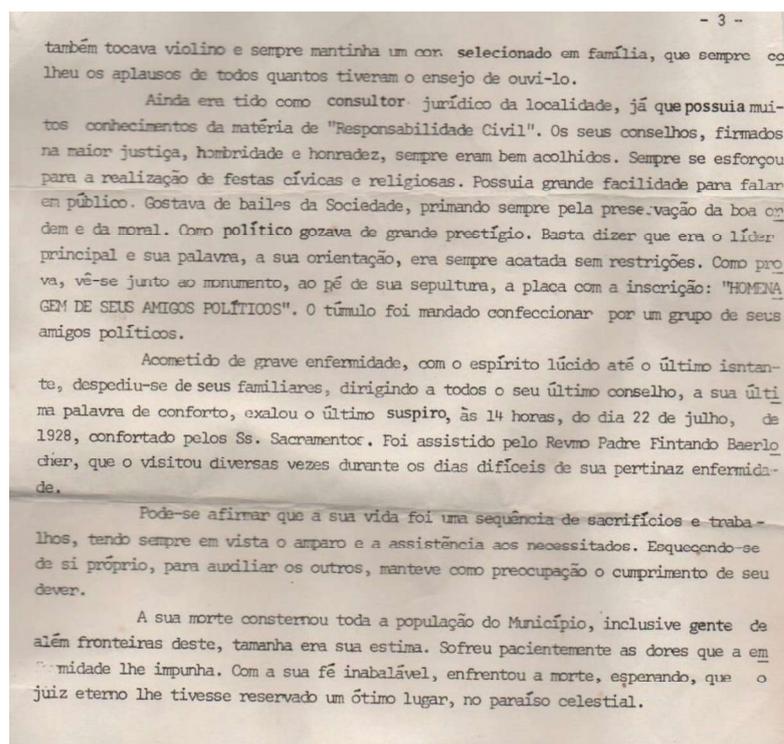
Essa afirmação encontra apoio na análise de seu obituário presente no periódico *A Federação*, no qual consta que Bernardo sempre militou nas fileiras do Partido Republicano, com ardor partidário, e que era destaque como cidadão e como chefe de família, além de ser competente educador. Além disso, consta que detinha a simpatia dos que conviveram com ele na localidade de Kronenthal e que estava sempre rodeado das melhores relações. A morte de Bernardo, relatada no periódico, trouxe profundo sentimento à família e também aos seus amigos políticos e conhecidos.

É evidente que a vida e a atuação de Bernardo na localidade de Kronenthal ajudou a moldar aquela sociedade: além de dono da central telefônica, educador, atuante político, o professor público levou a sede da escola para sua residência, onde ela permaneceu por anos mesmo após sua morte, determinando o lugar em que a educação pública era ofertada e, certamente, influenciando o desenvolvimento daquela localidade.

Ainda, sobre o legado de Bernardo Petry, a última parte da biografia escrita por seu neto afirma que o avô, embora tenha falecido há anos, permanece vivo na comunidade, pois foi

um grande líder que fez o bem para toda coletividade: “Bernardo foi um destes homens, beneméritos da humanidade. Não foi um inventor nem um cientista, mas um modesto professor de aldeia, que dedicou toda sua vida ao ensino” (Wartha, não datado). A Figura 61 apresenta parte da biografia de Bernardo escrita por Enor Bernardo Wartha.

Figura 61 – Continuação da biografia de Bernardo Petry



Fonte: acervo da Escola Estadual de Ensino Médio Bernardo Petry (2021).

Wartha (não datado) menciona que Bernardo foi um político de grande prestígio local. Ainda, menciona que, por ter sido uma figura de representatividade política local, no dia do falecimento, o túmulo de Bernardo foi confeccionado por seus amigos políticos, os quais escreveram, na lápide, uma singela mensagem: “Homenagem de seus amigos políticos”.

A Figura 62 é do túmulo de Bernardo. A fotografia é antiga e não tem data identifica. Ao analisar a foto, pode-se ver a seguinte descrição: “Aqui jaz em paz professor público Bernardo Petry”, com as respectivas datas de nascimento – 20 de junho de 1922 – e de falecimento – 22 de julho de 1928. Bernardo faleceu com quarenta e seis anos de idade.

O *status* de professor público – registrado inclusive em sua lápide como última homenagem de amigos e familiares – foi o que mais marcou a vida de Bernardo. Através de sua atuação como docente, conquistou diversos setores da sociedade, como, por exemplo, o campo social e o político, ao longo de sua vida.

Figura 62 – Sepultura e lápide de Bernardo Petry



Fonte: acervo pessoal de Cristina Assmann (2022).

Recentemente, fui até o cemitério municipal de Vale Real (RS) e fiz um registro fotográfico do túmulo de Bernardo. conforme pode ser visto na Figura 63.

Figura 63 – Imagem atual do túmulo de Bernardo Petry (2025)



Fonte: meu acervo pessoal (2025).

É perceptível que o túmulo se mantém num bom estado de conservação, principalmente sua lápide, que continua com uma descrição bem visível. No entanto, abaixo das escritas da lápide (conforme indicação na imagem à direita da Figura 63), há uma placa feita de um material que eu não soube identificar. Há um escrito, porém, está apagado e desgastado por conta do tempo, o que não me permitiu identificar o que está escrito. Possivelmente seja a homenagem dos amigos políticos ao professor público Bernardo Petry, conforme mencionado por Wartha (não datado).

Dissertado acerca da atuação de Bernardo, passo, agora, a falar sobre como ficou a educação pública após sua morte.

### 3.2 A EDUCAÇÃO PÚBLICA PÓS-BERNARDO EM KRONENTHAL/VALE REAL

Por mais que fosse uma localidade pequena em termos populacionais, o contexto municipal era mais amplo, com diversas Escolas em atividade na região de São Sebastião do Caí. Esse contexto escolar é representado pela imagem abaixo, que demonstra o movimento escolar no ano de 1928 na região sob a tutela deste Município:

Figura 64 – Quadro demonstrativo do movimento escolar das aulas em São Sebastião do Caí nos anos de 1928 e 1929

Anno de 1928.					Anno de 1929.				
COLLEGIOS e AULAS	N.º	Matricula	Freq. media	Analphab. betos	COLLEGIOS e AULAS	N.º	Matricula	Freq. media	Analphab. betos
Collegio Elementar .....	1	228	183	—	Collegio Elementar.....	1	244	199	—
» particulares subvens..	2	158	112	28	» particulares subvens..	3	216	192	23
Aulas estadoaes .....	10	433	325	105	Aulas estadoaes.....	10	471	352	70
» subvens. federaes.....	17	515	320	96	» subvens. federaes.....	15	443	335	82
» » estadoaes.....	19	638	501	140	» » especiaes.....	3	103	82	22
» » exclus. pelo mun.	14	412	298	39	» c/ » estadual e mun.	19	663	516	122
» não subvencionadas....	12	399	305	—	» c/ » exclus. do »	30	809	619	165
					» particul. não subvens..	17	599	448	—
Somma.....	75	2.783	2.044	408	Somma.....	98	3.548	2.743	484

103 e 104

Fonte: acervo do Museu Histórico de São Sebastião do Caí (RS) (1929)

A Figura 64 demonstra que o município de São Sebastião do Caí (RS), em 1928 mantinha sob sua responsabilidade 75 escolas, pois era responsável não apenas pela escola da referida localidade de Kronenthal, mas de outras da região do município de São Sebastião do Caí. No ano seguinte, em 1929, esse número aumentou significativamente, quase 25%. Nesse ano, foi instituído um colégio elementar e 3 escolas especiais. E, além disso, o mais representativo em termos de quantidade são as escolas subvencionadas exclusivamente pelo município: de 14, o município passou a ter 30 escolas, ou seja, foram abertas 16 novas escolas em diversas localidades de São Sebastião do Caí, passando de 2.783 para 3.548 o número de matrícula. Isto é, houve 765 novas matrículas de 1928 para 1929.

De acordo com Weiduschadt; Amaral (2016), a preocupação com a educação primária no RS resultou na abertura de novas escolas e, como consequência, na expansão das vagas para as professoras, com a implementação de estratégias para o meio rural.

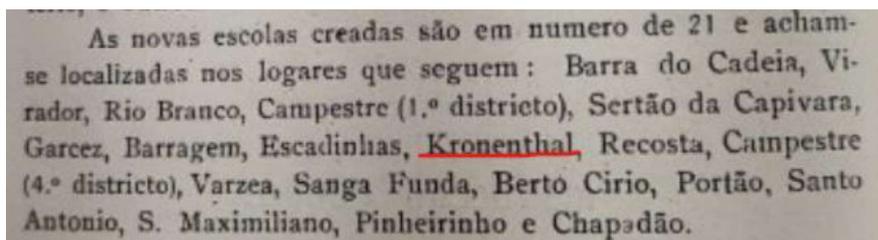
Até o período de 1928, a localidade de Kronenthal tinha duas escolas na região central de Vale Real: a Escola Paroquial, constituída em 1871 pelos imigrantes alemães; e a Escola Pública Estadual, onde o Bernardo ministrava suas aulas públicas.

Ao fazer mais buscas, encontrei um documento de 1929, um ano após o falecimento de Bernardo, no qual há o registro do movimento escolar de São Sebastião do Caí. Nesse documento de 1929, consta que houve a criação<sup>61</sup> de 21 escolas, sendo uma delas a Escola

<sup>61</sup> O ano de 1928 foi marcado pelo falecimento do professor Bernardo Petry e, a partir de então, não encontrei mais dados sobre o prosseguimento do funcionamento da Escola Estadual em Kronenthal. Possivelmente, a Escola

Municipal, em Kronenthal, que esteve sob responsabilidade de São Sebastião do Caí. Na Figura 65, pode-se ver o excerto onde menciona a criação da escola subvencionada pelo município, na localidade de Kronenthal. Esse excerto encontra-se na página 12 e refere-se ao relatório apresentado ao Conselho Municipal pelo então intendente Dr. Alberto Barbosa, em 31 de dezembro de 1929, em São Sebastião do Caí.

Figura 65 – Criação de Escola Municipal em Kronenthal em 1929



As novas escolas creadas são em numero de 21 e acham-se localizadas nos logares que seguem: Barra do Cadeia, Viador, Rio Branco, Campestre (1.º districto), Sertão da Capivara, Garcez, Barragem, Escadinhas, Kronenthal, Recosta, Campestre (4.º districto), Varzea, Sanga Funda, Bertó Cirio, Portão, Santo Antonio, S. Maximiliano, Pinheirinho e Chapadão.

Fonte: acervo do Arquivo Histórico de São Sebastião do Caí (1929).

Nesse mesmo relatório que traz a informação da criação da Escola Municipal em Kronenthal, em 1929, há, também, registros de que Martha Petry, filha de Bernardo, ministrou aulas nessa localidade, no mesmo ano de fundação da escola. Isso demonstra que, mesmo havendo a mudança político-administrativa da responsabilidade da escola do Estado para o município, a educação pública em Kronenthal permanecia sob a tutela da família do professor Bernardo Petry. A continuidade do legado de Bernardo tornou-se presente quando Martha assumiu a educação pública da localidade

No mapa demonstrativo do movimento das aulas subvencionadas exclusivamente pelo município de São Sebastião do Caí, conforme Figura 66, consta, na linha 24, o nome de Martha Petry como responsável pelo 5º Distrito, na localidade de Kronenthal, que, naquela data, tinha 32 matrículas sob sua tutela.

---

estadual fechou e, com isso, por questões de necessidades locais de âmbito religioso, tendo em vista que na região central da localidade existia apenas a escola paroquial e a escola estadual, foi rapidamente resolvido via município a necessidade local.

Figura 66 – Mapa demonstrativo do movimento das aulas subvencionadas pelo município de São Sebastião do Caí, em 1929

MAPA DEMONSTRATIVO DO MOVIMENTO DAS AULAS SUBVENCIONADAS EXCLUSIVAMENTE PELO MUNICIPIO. MEZ DE SETEMBRO DE 1929.							
N.º	PROFESSORES	Distritos	Localização	Matrícula	Freq. média	Anual. par. Defetos	Observações
1	Antonio Jacobi	5.º	Nova Palmyra	46	38	6	
2	Alfredo Francisco da Rocha	6.º	Anna Gomes	23	18	7	
3	Arthur R. da Silva	8.º	Garcez	30	22	9	
4	Amalia Pires de Paula	6.º	Berto Cirio	25	15	8	
5	Clementina Mazochi	7.º	Sta. Lucia	36	25	5	
6	Carlos J. d'Alencastro	4.º	Campestre	43	28	7	
7	Carlos Thlitz	8.º	Portão	22	18	6	
8	Kulina Felipsen Jaques	4.º	Costa do Cadeia	29	18	5	
9	Elvina Adam	2.º	Arroio Bonito	28	19	9	
10	Hylida Petry Kayser	5.º	Escadinhas	28	25	4	
11	Izaura B. Amaro	6.º	Granja Nenê	24	17	5	
12	Ida Stein	7.º	Wolfsthal	29	18	9	
13	Julio Silveira Rocha	6.º	C. Mel. Machado	33	28	6	
14	"	6.º	Sanga Funda	30	27	7	
15	Luisa Sauer Vieira	4.º	Barra Cadeia	16	15	6	
16	Leopoldina R. Aguiar	1.º	Rio Branco	24	21	4	
17	Laura Scherner	5.º	Recosta	22	20	7	
18	Lyra Diefenthaler	1.º	Vigia	20	18	3	
19	Leonor F. da Costa	8.º	S. da Capivara	39	17	8	
20	Maria Bastian	5.º	Morro Gaucho	47	43	6	
21	Maria Fraga Pires	6.º	Sta. Rita	19	14	5	
22	Maria L. de Moraes	4.º	Virador	19	13	5	
23	Maria A. C. G. Silva	1.º	Campestre	38	32	6	
24	Martha Petry	5.º	Kronenthal	32	30	2	
25	Maria E. Raimundo	1.º	Vezes	28	22	5	
26	Paulino Paulo Oliveira	8.º	Cascalho	48	28	7	
27	Pedro S. Bueno	4.º	Campestre	19	14	4	
28	Wilma M. Cassel	8.º	Socorro	21	16	4	
29	Anna Petry	7.º	Sto. Antonio	—	—	—	
30	Valentim Lazzaroto	7.º	S. Maximiliano	—	—	—	
	Somma			809	619	165	

93 a 96

Fonte: arquivo do Museu Histórico de São Sebastião do Caí (1929).

Sobre a atuação de Martha Petry, os entrevistados não possuíam lembranças ou narrativas. E eu tampouco localizei mais documentos sobre sua atuação ou período em que ministrou aulas. Recordo-me apenas de uma das falas do senhor José Finckler (2018), um dos entrevistados da pesquisa de mestrado, que comentou que a família Petry

[...] era uma família de professoras lá. O grupo escolar do Vale Real tem o nome de Bernardo Petry, então as filhas dele todas eram professoras. A mais velha era a Elda, professora em Santos Reis, depois tinha uma chamada Irma, professora em Santa Lucia do Piauí, depois tinha a Marta, professora no Vale Real, que depois acabou sendo minha professora. Eu também ia na escola lá. Também tinha a Izabela, também era minha professora, e a última era a Zita, professora no Alto Feliz.

Sobre as demais filhas de Bernardo, as informações se evidenciam com a fala de Finckler (2018), uma vez que encontrei alguns registros de Zita e Irma, ambas professoras. Um dos registros encontrados – que cito apenas para confirmar a fala dos entrevistados – é o recibo de pagamento efetuado pela prefeitura de São Sebastião do Caí à Irma Petry, professora municipal na escola nº 34 em Farias Lemos, de 1936 a 1938, conforme pode ser visualizado na Figura 67.

Figura 67 – Registro de recibo de pagamento a Irma Petry (1936)

Nome *Irma Petry*  
 Cargo *Professora Municipal - Sala n.º 34 - Faria Lemos*  
 Nomeação *At. n.º 229 de 16 de Maio de 1936*  
 Exercício de *1936*

Vencimento anual		<i>1.200.000</i>
Vencimento mensal		<i>100.000</i>
Gratificação especial		
Verba:		<i>Sal. 20</i>

Data do recebimento	TEMPO CORRESPONDENTE	Total recebido	RECIBO
	<i>1.º de Janeiro</i>	<i>100.000</i>	<i>Recib. petry</i>
	<i>" " Fevereiro</i>	<i>100.000</i>	<i>Recib. petry</i>
	<i>" " Março</i>	<i>100.000</i>	<i>Recib. petry</i>
	<i>" " Abril</i>	<i>100.000</i>	<i>Recib. petry</i>
	<i>" " Maio</i>	<i>100.000</i>	<i>Recib. petry</i>
	<i>" " Junho</i>	<i>100.000</i>	<i>Recib. petry</i>
	<i>" " Julho</i>	<i>100.000</i>	<i>Recib. petry</i>
	<i>" " Agosto</i>	<i>100.000</i>	<i>Recib. petry</i>
	<i>" " Setembro</i>	<i>100.000</i>	<i>Recib. petry</i>
	<i>" " Outubro</i>	<i>100.000</i>	<i>Recib. petry</i>
	<i>" " Novembro</i>	<i>100.000</i>	<i>Recib. petry</i>
	<i>" " Dezembro</i>	<i>100.000</i>	<i>Recib. petry</i>
<i>1937</i>	<i>" " Janeiro</i>	<i>100.000</i>	<i>Recib. petry</i>
	<i>" " Fevereiro</i>	<i>100.000</i>	<i>Recib. petry</i>
	<i>" " Março</i>	<i>100.000</i>	<i>Recib. petry</i>
	<i>" " Abril</i>	<i>100.000</i>	<i>Recib. petry</i>
	<i>" " Maio</i>	<i>100.000</i>	<i>Recib. petry</i>
	<i>" " Junho</i>	<i>100.000</i>	<i>Recib. petry</i>
	<i>" " Julho</i>	<i>100.000</i>	<i>Recib. petry</i>
	<i>" " Agosto</i>	<i>100.000</i>	<i>Recib. petry</i>
	<i>" " Setembro</i>	<i>100.000</i>	<i>Recib. petry</i>
	<i>" " Outubro</i>	<i>100.000</i>	<i>Recib. petry</i>
	<i>" " Novembro</i>	<i>100.000</i>	<i>Recib. petry</i>
<i>1938</i>	<i>" " Janeiro</i>	<i>100.000</i>	<i>Rec. por Gary Coelho</i>

Observações: *Sal. par. junho - José Baralume - Atividade em Portugal de 24-7-36.*  
*" " Fevereiro 120.000 - 2.º de 36*  
*" " Março 120.000 - 3.º de 36*

Fonte: acervo do Museu Histórico de São Sebastião do Caí (RS) (1936).

Sobre a atuação de Martha, conforme já dito, não encontrei nenhuma memória nas narrativas da pesquisa da tese. Só encontrei registros de pagamentos realizados a Martha e uma fotografia clássica da professora com sua turma (Figura 68).

Figura 68 – Turma da professora Martha Petry (não datado)



Fonte: acervo pessoal de Cristina Assmann (não datado).

A escola municipal onde Martha Petry trabalhou passou a ser, posteriormente, o local onde a professora Izabela Petry também ministrou aulas. Nas entrevistas, os entrevistados nomeavam essa escola como “Escola da professora Izabela”, dado que essa profissional marcou a sociedade local da época. Isso é confirmado pelas narrativas e memórias dos entrevistados, que falaram sobre sua atuação marcante como docente e como mulher na sociedade local da época, assumindo a responsabilidade pela educação pública em Kronenthal durante toda sua vida.

Discorrido acerca de Bernardo e suas filhas, a seguir, passo a falar sobre Izabela Petry.

#### 4 A ESTIMADA E RESPEITADA PROFESSORA IZABELA

A escrita inicial desta tese começou motivada a contar a história da professora Izabela Petry. Por vezes, deparei-me com “Izabela”, “professora Izabela”, ou ainda “Dona Izabela”, como era chamada. Durante a minha pesquisa de mestrado, conforme já relatado nas considerações iniciais desta tese, vários entrevistados lembraram a existência de uma professora que deixou marcas significativas na vida das pessoas que a conheceram e conviveram com ela. Izabela foi e ainda é reconhecida por muitas pessoas que estudaram, conviveram ou simplesmente a conheceram como uma referência na educação pública do município. Por vezes, esse reconhecimento é maior do que o de Bernardo Petry. Para conhecer melhor essa figura, iniciei um movimento de pesquisa.

O processo de coleta de informações e fontes documentais sobre a atuação de Izabela foi complexo e demorado. Fui, em certo sentido, “traída”<sup>62</sup> por algumas memórias que chegaram até mim acerca da escola onde ela lecionou, pois os entrevistados da pesquisa de mestrado relataram que se tratava da mesma escola onde seu pai, Bernardo, também havia lecionado. No entanto, para compreender a trajetória de Izabela, é importante conhecer e compreender o contexto da escola onde estava inserida.

Considerando isso, compreendi que o passado é estabelecido por uma seleção singular das imensuráveis memórias que são próprias de cada indivíduo e que são elaboradas por meio dos acontecimentos do cotidiano. Diante disso, as memórias se estabelecem pelo ponto de vista de cada sujeito, podendo ser homogêneas ou heterogêneas, inclusive entre sujeitos de um mesmo grupo social (Halbwachs, 2006).

Algumas fontes documentais utilizadas nesta tese, como fotografias e relatos, eu já os havia coletado durante o mestrado. No entanto, a fim de conseguir mais fontes, no âmbito estadual, iniciei as buscas por documentos na 2ª Coordenadoria de Educação em São Leopoldo (RS), porém, nada constava com o nome de Izabela Petry. No arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, tampouco localizei qualquer documento a respeito da atuação de Izabela. Com isso, dirigi-me até a Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul, todavia, não encontrei nada.

---

<sup>62</sup> Cada indivíduo significará um fato de maneira diferente do outro. Então, quando utilizo a expressão “ser traída pelas memórias”, quero dizer que me deixei conduzir por aquilo que as pessoas significaram num dado período de tempo. No entanto, com o passar do tempo, dei-me conta de que estava sendo conduzida por um fato que estava sendo representado de maneira distinta para aquele entrevistado.

Então, retomei os documentos das caixas da Escola Estadual de Ensino Médio Bernardo Petry. Ao analisá-los numa primeira vez, pensei que não encontraria nada relacionado a Izabela, como mencionei na seção metodológica. Contudo, ao voltar às caixas, agora com um olhar mais atento, comecei a deparar-me com o nome de Izabela Petry. Cada documento que eu encontrava renovava minhas esperanças de construir uma narrativa à altura de quem foi Izabela. A maioria dos registros encontrados remontam a meados da década de cinquenta do século XX, e o mais recente deles é de 1972.

Além disso, após muitas investidas<sup>63</sup> no município de São Sebastião do Caí, encontrei alguns documentos no acervo do Museu Histórico da referida cidade. Esses documentos foram importantíssimos para que eu conseguisse unir as peças de um verdadeiro “quebra-cabeças” e contar, por meio dessas fontes, parte da história de atuação de Izabela como professora e figura de importância na comunidade de Kronenthal.

Saliento ainda que, após a qualificação do projeto desta pesquisa, acolhi as sugestões da banca e incorporei à tese narrativas de ex-alunos que pudessem documentar a pesquisa. Dessa forma, além das fontes documentais coletadas, utilizei as narrativas de alguns dos entrevistados da pesquisa de mestrado, que espontaneamente falaram sobre Izabela, bem como as narrativas de ex-alunos entrevistados especialmente esta pesquisa. Essas narrativas auxiliaram contar a história da atuação de Izabela Petry como professora na comunidade de Kronenthal/Vale Real (RS).

Como aporte teórico, esta seção fundamenta-se nos escritos de Michele Perrot (2005, 2006, 2007), tratando sobre a história das mulheres; Diana Vidal (2005b, 2006a), para apresentar as práticas escolares desempenhadas pela professora Izabela; Escolano Benito (2018), Viñao Frago (1995) para abordar a cultura escolar material; e Almeida (2009, 2011), Pesavento (2012) e Bosi (2004), Burke (2008) para tratar sobre memória.

Vale esclarecer que dentre os desafios encontrados para a confecção da história de Izabela, encontrar materiais e a seleção das fontes foram as mais desafiadoras, pois ela não deixou produzida uma narrativa sobre sua carreira como professora e tampouco foi lembrada como digna de memória por alguma instituição – como ocorreu com seu pai, por exemplo, por conta do seu gênero (Perrot, 2006). Conforme Perrot (2007, p. 17), “as mulheres deixam poucos vestígios diretos, escritos ou materiais. Seu acesso à escrita foi tardio. Suas produções domésticas são rapidamente consumidas, ou mais facilmente dispersas”.

---

<sup>63</sup> Conforme já relatado na segunda seção desta pesquisa.

A invisibilidade feminina, no que se refere à participação das mulheres de uma maneira geral na história, não é de hoje. No campo da História da Educação, isso não é diferente. Sobre isso, Perrot (2005, p. 9) afirma que “um oceano de silêncio, ligado a partilha desigual dos traços, da memória e [...] da história [...] esqueceu as mulheres como se, por estarem condenada a obscuridade da reprodução [...] elas estivessem fora do tempo, ou [...] do acontecimento.

Ao escolher abordar a história das mulheres para narrar a trajetória da professora Izabela, deparei-me com alguns estudos de Perrot (2006), os quais percorrem os séculos XIX e XX e relatam os desafios enfrentados pelas mulheres:

No século XVIII ainda se discutia se as mulheres eram seres humanos como os homens, ou se estavam mais próximas dos animais irracionais. Elas tiveram que esperar até o final do século XIX para ver reconhecido o seu direito à educação e muito mais tempo para ingressar nas universidades. No século XX, descobriu-se que as mulheres têm história e em algum tempo depois, que podem conscientemente tentar tomá-la nas mãos, com seus movimentos e reivindicações. Também ficou claro, finalmente, que a história das mulheres podia ser escrita (Perrot, 2007, p. 11).

Complementando, Perrot (2006 p. 13) afirma que:

Até o século XIX, faz-se pouca questão das mulheres no relato histórico, o qual, na verdade, ainda está pouco constituído. As que aparecem no relato dos cronistas são quase sempre excepcionais por sua beleza, virtude, heroísmo ou, pelo contrário, por suas intervenções tenebrosas e nocivas, suas vidas escandalosas. A noção de excepcionalidade indica que o estatuto vigente das mulheres é o do silêncio que consente com a ordem. Porém, como vocês sabem, a História se constitui verdadeiramente enquanto relato de saber, com seus métodos de pesquisa e suas regras de enunciação, somente a partir do século XIX.

Por isso tanto a história de Izabela assim como de tantas outras mulheres que deixaram um legado em comunidades locais, pequenas e rurais não podem ficar apagadas, esquecidas ou até mesmo sumirem com as memórias, pois:

O desenvolvimento da história das mulheres acompanha em surdina o “movimento” das mulheres em direção à emancipação e à liberação. Trata-se de uma tradução e um efeito de uma tomada de consciência ainda mais vasta: a da dimensão sexuada da sociedade e da história (Perrot, 2007, p. 15).

A história das mulheres não é a mesma, ela mudou com o tempo, em seus objetos e percepções. Deixou para trás uma história do corpo e das atuações na vida privada para alcançar uma história das mulheres que ocupam os espaços públicos da cidade, da política, da guerra, da criação (Perrot, 2007).

De acordo com Perrot (2007), no século XX, as mulheres começam a ocupar espaços nas escolas como professoras primárias, período em que foram criadas escolas normais, isso é, escolas para formação profissional ao exercício da docência. E a profissão de professora primária quase sempre era destinada a moças solteiras que se submetiam a remunerações menores que as dos homens. Também eram constantemente nomeadas para cargos em lugares distantes. Além disso, essa era “a opção mais adequada para o sexo feminino, o que foi reforçado pelos atributos de missão e vocação, além da continuidade do trabalho do lar” (Almeida, 2006, p. 77). Ou seja, há muitas histórias esquecidas de mulheres, as quais desempenharam um papel muito importante em diversos âmbitos, como é o caso de Izabela, que desempenhou um papel educacional muito importante.

Para ser possível uma narrativa acerca da atuação de Izabela enquanto professora, essa seção da tese também é constituída por memórias dos entrevistados, os quais narram as práticas escolares que aparecem como vinculação entre as intervenções produzidas no âmbito sociocultural, relaciono com as pesquisas de Vidal (2006a, p. 158), que informa que as práticas escolares

[...] apresentam modos de estar no mundo, de compreender a realidade e de estabelecer sentido, partilhados social e historicamente. Isto implica dizer que as práticas não são jamais individuais, a despeito de serem ativadas individualmente por cada sujeito. Mas também significa dizer que elas se exercitam em culturas específicas, o que nos faz interrogar não apenas acerca das relações históricas nas quais se produzem, mas das circunstâncias escolares e educacionais em que foram geradas.

Conforme Mello (2020, p. 20): “Essas práticas admitem compreender os fazeres que se constituem no interior das escolas, presumindo, desse modo, a presença de saberes específicos que se estabelecem nesses lugares e que os qualificam como um espaço escolar”. Existem elementos significativos a serem analisados em relação às práticas escolares, tanto no cotidiano específico, como na representação coletiva: em primeiro lugar, as práticas que cotejam com o ato de ensinar; e, em segundo, as condutas que se revelam dessa relação.

A história da atuação de Izabela se constituiu também por meio das memórias vividas, significadas e ressignificadas, uma vez que, de acordo com Bosi (2004, p. 53): “A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembrança”.

Ainda, para Pesavento (2012, p. 94), “história e memória são representações narrativas que se propõem uma reconstrução do passado a que se poderiam chamar de registro de uma ausência no tempo”. Ao lembrar e narrar, cada indivíduo revela um momento único da sua

própria vida. Nesta tese, a história que se quer construir é, pois, resultado dessas representações. Para além das fontes documentais, são as memórias que preenchem as ausências, estabelecendo possíveis narrativas do passado.

Esclarecido o aporte teórico que embasa esta seção – inclusive os documentos utilizados como fonte e as narrativas de entrevistados – passo, então, a narrar a trajetória de Izabela Petry.

#### 4.1 QUANDO TUDO INICIOU

Em Kronenthal/Vale Real<sup>64</sup>, viveu uma mulher que, desde o início de sua vida adulta, tornou-se uma professora relevante para a localidade. Izabela Petry nasceu em 19 de novembro de 1914, em Kronenthal. Na época, essa localidade ainda pertencia ao município de São Sebastião do Caí (RS). Possivelmente, estudou o ensino primário com Bernardo, seu pai. Sobre sua infância, não obtive relato ou documentos que remontasse a esse período.

Não se sabe exatamente quando Izabela começou a lecionar, no entanto, tudo indica que foi a partir de 1933, com 19 anos, conforme o registro mais antigo encontrado referente à sua atuação profissional. Esse documento encontrado, que traz o primeiro indício da atuação dela como professora, foi localizado no acervo do Museu Histórico de São Sebastião do Caí e se refere aos vencimentos remuneratórios percebidos no ano de 1933, em Kronenthal. Essa informação está inserida na página 5 do livro de registro de funcionários do município de São Sebastião do Caí do ano de 1933, conforme Figura 69.

---

<sup>64</sup> Me utilizei da nomenclatura Kronenthal/Vale Real-RS para demonstrar que Izabela atuou no período que ainda era utilizada a expressão Kronenthal para nominar a localidade. Após a ditadura de Vargas, a localidade adota a nomenclatura Vale Real. Assim justifico a escrita aparecer dessa forma.

Figura 69 – Livro de vencimentos de funcionários do município de São Sebastião do Cai-RS (1933)

Nome	Cargo	Vencimentos mensais	Jan.		Fev.		Mar.		Abr.	
			1933	1933	1933	1933	1933	1933	1933	1933
Maria Bastian	Professora part. pub. 2.ª classe	75 000	650	650	650	650	650	650	650	650
Teófilo de Silva Gonçalves	Idem, idem. 1.ª classe	75 000	556	556	556	556	556	556	556	556
Antônio Jacobi	Professora part. pub. 2.ª classe	75 000								
Antônia Pires Flores	Professora municipal 1.ª classe	140 000	429	429	429	429	429	429	429	429
Antônio Rical	Professora municipal 1.ª classe	75 000	658	658	658	658	658	658	658	658
Izabela Pires	Professora municipal 1.ª classe	75 000	658	658	658	658	658	658	658	658
Antônia Pires de Paula	Professora municipal 1.ª classe	75 000	819	819	819	819	819	819	819	819
Hilda Irene de Freitas	Idem, idem. 1.ª classe	75 000								
Maria Fraga Pires	Idem, idem. 1.ª classe	75 000								

Fonte: acervo do Museu Histórico de São Sebastião do Cai-RS (1933).

Ao analisar a Figura 69, nota-se que o documento demonstra a grafia do nome da Izabela sem a letra A no final. No entanto, consta o sobrenome e a localidade a qual ela estava inserida, demonstrando que, provavelmente, foi um erro na grafia. Sobre a análise de documentos, Luchese (2014a, p. 148) menciona que “é preciso saber fazer perguntas, questionar, dialogar com os documentos, pois somente com perguntas é que podemos avançar na produção do conhecimento histórico”.

Ou seja, para que haja uma melhor compreensão de um documento e, também, para compreender o contexto cultural, social, político e econômico da época, torna-se relevante questionar, levantar hipóteses sobre a época de produção desse documento. Ainda, segundo a autora:

Todos os documentos que nos chegam do passado são plenos de relações, de jogos de sentido e significação, construídos e preservados no tempo para as gerações futuras. Memórias fragmentadas de um tempo que não conseguiremos jamais tomá-lo em sua totalidade (Luchese, 2014a, p. 149).

Foi a partir desse documento que me coloquei a questionar sobre como Izabela havia se tornado professora, uma vez que, até então, não havia encontrado nenhum registro que ela

havia prestado concurso para vaga de professora no município de São Sebastião do Caí. Assim, a função da professora Izabela, no período que permeava os anos de 1930, foi uma incógnita para mim enquanto pesquisadora, uma vez que, até então, não havia encontrado informações que indicassem que ela havia participado de algum processo seletivo para o cargo de professora.

Uma hipótese que eu levanto é de que Izabela tivesse sido “colocada” como professora por conta de “arranjos” políticos<sup>65</sup>, ou, até mesmo, para suprir uma necessidade da comunidade local. Em uma das entrevistas, perguntei a dona Madalena Pellens, ex-aluna de Izabela, como que ela conseguiu o cargo de professora naquela localidade. Pellens (2024) respondeu da seguinte maneira: “Não ela não fez concurso, ela foi assim escolhida [...], ela era uma pessoa de uma certa importância [...], então ela foi escolhida assim tipo a dedo para também trabalhar com alunos”.

A memória narrada por Pellens (2024) é uma daquelas que o pesquisador deve estar com um olhar atento e desconfiado, procurando ir em busca de outros documentos ou de outras narrativas que auxiliem a constituição dessa história. Isso porque, de acordo com Giacomoni (2021, p. 43), “não podemos associar as memórias a reflexos cristalizados de um passado, mas como representações das lembranças selecionadas conforme os critérios sociais, culturais, políticos, econômicos e religiosos de cada sujeito que narra sobre ações, fatos e conjunturas”.

A falta de um documento que formalizasse um possível ingresso de Izabela como professora do município, por concurso ou por processo seletivo na época, esteve sempre presente até os últimos meses de 2024, especificamente, no mês de setembro, quando retornei ao Museu Histórico de São Sebastião do Caí. Ao novamente fazer buscas em caixas e mais caixas de documentos sem conservação e guarda adequada, após horas de pesquisa, deparo-me com um indício de que Izabela havia prestado alguma forma de processo seletivo ou concurso público no município, conforme demonstrado na Figura 70.

---

<sup>65</sup> Quando me refiro a arranjos políticos seria a mesma interpretação de indicação política, uma vez que a família Petry era reconhecida na comunidade, portanto pode se considerar que ocorreu uma indicação para que Izabela ocupasse a função de professora.

Figura 70 – Lista de candidatos aprovados no concurso realizado no mês de abril de 1936 no município de São Sebastião do Caí (1937)

QUADRO DEMONSTRATIVO DOS CANDIDATOS APROVADOS NO CONCURSO REALIZADO NO MÊS DE ABRIL DO ANO DE 1936

N. de Ordem	NOMES	Grav
1	Aracy Pires	
2	Adely M. Nogueira	9,7
3	Antonio Reich	9,7
4	Claralova Bilstein	9,6
5	José Rücker	9,5
6	Lacy Weber	9,2
7	Helio Adams Pereira	9,1
8	Renée Weber	9
9	Maria Odila da Camara	8,9
10	Carmen Szekir	8,8
11	Mery Adams Pereira	8,6
12	Yvone Nogueira	8,5
13	Theotonio Mariante	8,3
14	Francisca Izabel Feltes	8,3
15	Lelia Garcia Silveira	8,2
16	Rita de Andrade Machado	8,2
17	Lourdes de Andrade Machado	8,2
18	Emilia Flores de Barros	8,2
19	João Egydio Luft	8,1
20	Nilda Maabs	8
21	Germano Oscar Grimm	8
22	Arthur Ch. Bauermann	7,9
23	Maria S. Martini	7,5
24	Cenira Flores Vieira	7,5
25	<u>Izabella Petry</u>	7,3
26	Iara Nogueira	7,3
27	Alfredo Port	7,3
28	Alfredo Ulmann	7,2
29	Alsyde Soares Machado	7
30	Lori Selbach	6,9
31	João Ervino Wollmeister	6,8
32	Hugo Wedig	6,7
33	Yolanda Rousselet Schneider	6,7
34	Luiz Thomazelli	6,7
35	Hildegardes Schaeffer	6,5
36	Cantídio Antonio Borges	6,5
37	Paulo Szekir	6,4
38	Mathilde Lopes da Cunha	5,8
39	Mira Haas	5,3
40	Hilda Roth	5,3
41	Ica Flavia Steffens	5,2
42	Brunhilda Krindges	5,1

São Sebastião do Caí, 2 de Março de 1937

**IBANEZ NOGUEIRA**  
Inspetor Escolar em Comissão

Fonte: Museu Histórico de São Sebastião do Caí (1937).

Este documento está inserido na página 10 do relatório de Intendência referente aos anos de 1937 a 1944. Nele, consta o quadro demonstrativo dos candidatos aprovados no concurso realizado no mês de abril de 1936. Izabela atingiu a pontuação de 7,3 pontos, provavelmente tendo alcançado o 25º lugar, pois, conforme pode ser visto na imagem, o documento classifica conforme a pontuação. O documento é datado de 2 de março de 1937, tendo como responsável Ibanez Nogueira, o inspetor escolar da época.

Encontrei, também, um documento com a relação de professores do município de São Sebastião do Caí, lotados por distritos. Ao lado do nome de Izabela, havia o número 40. Esse número possivelmente indicava o número da escola, que, no caso, era indicava que Izabela Petry era a professora responsável na localidade de Kronenthal. Ao lado, havia a quantidade de matrículas de meninos e de meninas, bem como a frequência escolar. Nesse excerto do documento, percebi que havia um número muito próximo de meninos (19) em comparação a

meninas (17), e a infrequência ocorria em número igual de 4 meninos e meninas. Essas informações podem ser verificadas na Figura 71.

Figura 71 – Quadro de distribuição de escolas por distrito (1937)

9.º DISTRITO							
40	Izabella Petry	→	Kronenthal	19	17	15	13
41	Maria Bastian		Morro Gaucho	24	20	18	13
42	Theotonio Mariante		Nova Palmyra	24	1	19	1
43	Francisca L. Feltes		A. do Ouro	25	9	15	6
				82	47	67	33

São Sebastião do Caí, 2 de Março de 1937  
**IBANEZ NOGUEIRA**  
 Inspector Escolar em Comissão

Fonte: Museu Histórico de São Sebastião do Caí (1937).

Tudo leva a crer que o número “40” referia-se à escola, pois, em uma conversa com Alencar, filho de Izabela, ao lhe perguntar se a escola de atuação de sua mãe tinha um nome, ele respondeu: “Sim, Escola Rui Barbosa, número 40”.

Não me aprofundi acerca das nomenclaturas das escolas desse período, mas possivelmente eram nominadas por número conforme elas iam sendo criadas. Em relação à escola Rui Barbosa, acredito que tenha sido uma nomenclatura adotada pela própria Izabela, pois não encontrei registro com esse nome de escola no município de São Sebastião do Caí, nem mesmo no Museu Histórico.

Encontrei, também, outro documento que evidencia a atuação de Izabela como professora do município, datado de 1936. Esse registro foi efetuado no livro de recibo de vencimentos de professores do município de São Sebastião do Caí nos anos de 1936 a 1938, e 1940 e 1941, conforme pode ser verificado das figuras 72 e 73.

Figura 72 – Registro de vencimentos pagos à Izabela Petry de 1936 a 1938

52

Nome *Izabela Petry*

Cargo *Professora Municipal - Escolas nº 10 - Arrombental*

Nomeação *Atos nº 17 de 15 de Maio de 1936 (Ata 257)*

Exercício de *1936*

Vencimento anual *140000*

Vencimento mensal *10000*

Gratificação especial *S*

Verba *Tab. 20*

Data do recebimento	TEMPO CORRESPONDENTE	Total recebido	RECIBO
	Jan de Janeiro	100.000	Francisco Thomaz
	" " Fevereiro	100.000	" " "
	" " Março	100.000	" " "
	" " Abril	100.000	" " "
	" " Maio	100.000	" " "
	" " Junho	100.000	Francisco Thomaz
	" " Julho	100.000	Francisco Thomaz
	" " Agosto	100.000	Francisco Thomaz
	" " Setembro	100.000	Francisco Thomaz
	" " Outubro	100.000	Francisco Thomaz
	" " Novembro	100.000	Francisco Thomaz
	" " Dezembro	100.000	Francisco Thomaz
1937	Jan de Janeiro	100.000	Francisco Thomaz
	" " Fevereiro	100.000	Francisco Thomaz
	" " Março	100.000	Francisco Thomaz
	" " Abril	100.000	Francisco Thomaz
	" " Maio	100.000	Francisco Thomaz
	" " Junho	100.000	Francisco Thomaz
	" " Julho	100.000	Francisco Thomaz
	" " Agosto	100.000	Francisco Thomaz
	" " Setembro	100.000	Francisco Thomaz
	" " Outubro	100.000	Francisco Thomaz
	" " Novembro	100.000	Francisco Thomaz
	" " Dezembro	100.000	Francisco Thomaz
1938	Jan de Janeiro	120.000	Francisco Thomaz
	" " Fevereiro	120.000	Francisco Thomaz

Observações: *Coligadas, parcelas, Valentin Petry - Arrombental para pagamento de 24.7.1936*

Fonte: arquivo do Museu Histórico de São Sebastião do Caí (1940).

Figura 73 – Registro de vencimentos pagos à Izabela Petry de 1938 a 1939

74

Nome *Izabela Petry*

Cargo *Professora Municipal - Arrombental*

Nomeação

Exercício de *1938*

Vencimento anual *144000*

Vencimento mensal *12000*

Gratificação especial *S*

Verba *Tab. 20*

Data do recebimento	TEMPO CORRESPONDENTE	Total recebido	RECIBO
	Mês de Janeiro	120.000	Caif
	" " Fevereiro	120.000	Caif
	" " Março	120.000	Caif
	" " Abril	120.000	Caif
	" " Maio	120.000	Caif
	" " Junho	120.000	Caif
	" " Julho	120.000	Caif
	" " Agosto	120.000	Caif
	" " Setembro	120.000	Caif
	" " Outubro	120.000	Caif
	" " Novembro	120.000	Caif
	" " Dezembro	120.000	Caif
1939	Jan de Janeiro	120.000	Caif
	" " Fevereiro	120.000	Caif
	" " Março	120.000	Caif
	" " Abril	120.000	Caif
	" " Maio	120.000	Caif
	" " Junho	120.000	Caif
	" " Julho	120.000	Caif
	" " Agosto	120.000	Caif
	" " Setembro	120.000	Caif
	" " Outubro	120.000	Caif
	" " Novembro	120.000	Caif
	" " Dezembro	120.000	Caif

Observações:

Fonte: arquivo do Museu Histórico de São Sebastião do Caí (1940).

Nota-se, a partir da análise desses documentos, que a proporção de homens para mulheres na listagem da prestação do concurso da Figura 73 que era na quantidade de quatro mulheres para um homem. Ou seja, considerando a época, os cargos de professores eram majoritariamente ocupados por homens. No entanto, conforme os dados do documento, as mulheres ocupavam muito mais esses cargos. Para tanto, Vans (2024, p. 201) diz que

[...] a figura do professor se dissipa com o passar dos anos nos registros e nos vestígios dos documentos consultados [...] a maioria das aulas públicas eram ministradas por professores do sexo masculino, a partir dos anos 1930, as professoras assumem a educação primária, instituindo aspectos que reforçavam a representação da docência enquanto atividade de cuidado, atribuindo a dimensão do gênero à profissionalização.

A representação da professora-mulher-mãe como uma pessoa mais apropriada a instruir as crianças menores foi paulatinamente sendo inserida na profissão docente, replicada pelos discursos de educação e cuidado que veiculavam no período (Vans, 2024).

Sob esse viés, Louro (2011) alega que a consolidação da percepção da mulher ocupando o espaço escolar como professora aconteceu no decorrer da segunda metade do século XIX, e esse movimento veio apoiado pelas mudanças de âmbito social, que paulatinamente foram ocorrendo no cenário brasileiro.

Além disso, há de se considerar outro fator importante relacionado às questões de ordem financeira: à docência se tornava uma grande oportunidade para além das atividades de âmbito rural, como o trabalho na lavoura ou com animais. De acordo com Aragão e Kreutz (2011), ao mesmo tempo que os homens faziam o movimento de busca outras profissões economicamente mais atrativas, as mulheres persistiam na docência com suas remunerações mais baixas.

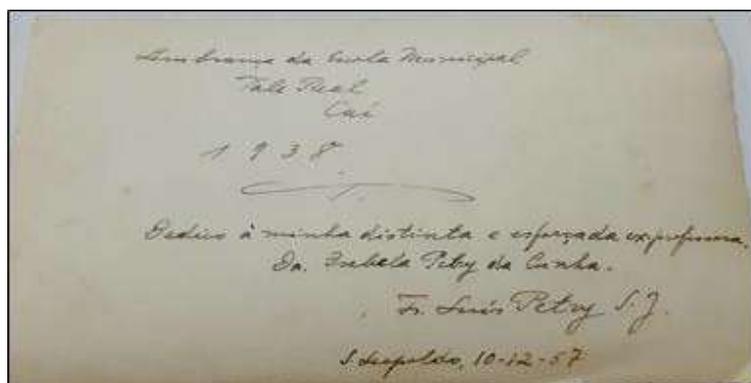
Seguindo a cronologia proposta para este texto, apresento a Figura 74, que reporta ao final da década de 1930, é uma fotografia clássica de uma professora com sua turma. No verso da foto (Figura 75), há anotações. Essa imagem evidencia e traduz características importantes da organização da turma, como por exemplo a disposição das crianças na fotografia, sendo as meninas colocadas na frente dos meninos.

Figura 74 – Foto da turma da professora Izabela (1938)



Fonte: acervo pessoal de Cristina Assmann (1938).

Figura 75 – Verso/legenda da fotografia da turma da professora Izabela



Fonte: acervo pessoal de Isabel Cristina Assmann (1938).

Sobre a frente e o verso dessa foto, Mello e Rela (2022, p. 96) afirmam que:

O documento apresenta composição horizontal, enquadramento frontal, com iluminação externa (a parede externa da escola serve de plano de fundo para o registro posado). Nas duas primeiras fileiras estão alinhadas 16 alunas, e 21 alunos estão organizados no plano posterior às alunas. A professora Izabela está posicionada na lateral esquerda, sendo essa posição diferente da usual, com o professor ou a professora no centro da imagem.

Em 1938, ano em que foi feita a fotografia acima, é o mesmo em que Coelho de Souza, então secretário da Educação e da Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, aplicou providências radicais<sup>66</sup> para a imposição do nacionalismo nas escolas, uma vez que o governo estava com dificuldades de afastar a resistência do elemento alemão<sup>67</sup>. Algumas das medidas

<sup>66</sup> Proibição da língua estrangeira no território brasileiro

<sup>67</sup> Especialmente a utilização da língua alemã.

sustentadas por Coelho de Souza eram a “substituição de diretores, o fechamento de escolas e uma forte vigilância sobre as atividades escolares” (Neumann, 2015, p. 307).

Seguindo com a análise da fotografia, no verso, é possível perceber que foi encaminhada à professora por um ex-aluno, no ano de 1957, com postagem no município de São Leopoldo. O recado escrito por ele evidencia um sentimento de gratidão e reconhecimento voltado à Izabela, a quem qualifica como “distinta” e “esforçada”.

Uma segunda análise da imagem, que pretendo fazer mais adiante nesta tese, proporciona discussões acerca da cultura escolar com enfoque na presença das crianças. Segundo Juliá (2001, p. 11), “por cultura escolar é conveniente compreender também, quando é possível, as culturas infantis (no sentido antropológico do termo), que se desenvolvem nos pátios de recreio e o afastamento que apresentam em relação às culturas familiares”.

Contextualizando um pouco a realidade da época, bem como levantando algumas hipóteses acerca da escolarização, é possível que a localidade central de Kronenthal tenha encontrado dificuldades na educação dos filhos após a morte de Bernardo, em 1928. Isso se justificaria pelo fato de a localidade ter duas escolas: a Pública, com aulas ministradas por Bernardo; e a Paroquial. A escola pública atendia crianças independentemente da religião, já a paroquial atendia apenas as crianças filhas de católicos. Considerando isso, quero esclarecer que não encontrei nenhuma fonte que informasse se as filhas de Bernardo assumiram ou não a escola pública após a morte de Bernardo. Por conta disso, sempre ficou um questionamento em minha mente: como aconteceu a criação da escola municipal, em Kronenthal, em 1929, e como ocorreram os arranjos para que a filha Martha assumisse como professora suprimindo a falta do pai, que até então era professor? Izabela, naquele período, tinha quinze anos: teria ela, em algum momento, assumido informalmente essa escola?

Todos esses questionamentos e reflexões foram construídos após um intenso trabalho de pesquisa em fontes, buscas e retornos a arquivos. Ao analisar os documentos disponíveis, verifiquei que, até a década de 1940, há registros de formalizações, como recibos de pagamento e outros documentos já mencionados anteriormente. Aqui, abro parênteses para fazer uma reflexão acerca de como a história é escrita e sobre as diferenças entre a história dos homens e mulheres.

Sobre isso, Perrot (2006, p. 185) esclarece que:

O “ofício do historiador” é um ofício de homens que escrevem a história no masculino. Os campos que abordam são os da ação e do poder masculinos, mesmo quando anexam novos territórios. Econômica, a história ignora a mulher improdutiva. Social, ela privilegia as classes e negligência os sexos. Cultural ou “mental”, ela fala do Homem em geral, tão assexuado quanto a Humanidade. Célebres – piedosas ou

escandalosas –, as mulheres alimentam as crônicas da “pequena” história, meras coadjuvantes da História. [...] os materiais que esses historiadores utilizam (arquivos diplomáticos ou administrativos, documentos parlamentares, biografias ou publicações periódicas ...) são produtos de homens que tem o monopólio do texto da coisa pública.

Ao falar sobre a trajetória de Izabela a partir da década de 1950, a escrita se torna mais prazerosa de escrever e de ler, de ler e de escrever, uma vez que as memórias acabaram se destacando em meio aos documentos formais que evidenciam a atuação de Izabela como professora. As narrativas e as memórias oferecem uma descrição mais vívida e humana da presença de Izabela, não apenas na escola, mas também em reverberações na sociedade em que estava inserida.

Após escrever a respeito de quase duas décadas de atuação de Izabela, bem como ilustrar as primeiras materialidades encontradas em documentos, começo demonstrando que, a partir da década de 1950, deparei-me com narrativas que caracterizam Izabela e suas práticas escolares. A primeira narrativa que exponho foi a da entrevistada Marli Klein<sup>68</sup> (2024), que disse: *“Eu tenho admiração, porque ela [Izabela] se importava com os alunos, ela era uma boa professora, ela era rígida, claro, isso tudo fazia parte, mas é claro, assim era uma professora[...]”*.

A narrativa de Klein (2024) é complementada pela de Graebin<sup>69</sup> (2024), que disse:

[...] a dona Izabela Petry... ela não brincava com as crianças, quando ela chamava a atenção às crianças tremiam a perninha (risos), era assim, então quando a gente aprontava ela não chamava atenção na frente de todo mundo, ela chamava a gente lá na mesa dela e tinha que dar explicação do porquê que a gente tinha feito isso ou aquilo. Então ela era uma mulher bem forte, ela chamava a atenção e assim ia indo, assim se fez a nossa educação com a dona Bela<sup>70</sup>, quando a vara não cantava nós estava era liso (risos).

Essas duas narrativas demonstram algumas características de como era atuação de Izabela como professora, dado que as falas dos entrevistados – advindas de memórias – permitem compreender como ela era percebida na comunidade.

Quanto às memórias, vale dizer que são elaboradas, propagadas e nutridas no conjunto, geradas pelos discursos e representações que concedem uma identidade a um grupo social (Bosi, 2004). De acordo com Almeida (2009), o atributo de pesquisas que se utilizam das

<sup>68</sup> KLEIN, Marli. [Entrevista cedida a] Mariane Fruet de Mello. Vale Real Rio Grande do Sul, presencial, 15 mai. 2024.

<sup>69</sup> GRAEBIN, Armanos. [Entrevista cedida a] Mariane Fruet de Mello. Vale Real Rio Grande do Sul, presencial, 20 mai. 2024.

<sup>70</sup> O entrevistado Armanos Graebin se reporta à professora como Bela.

memórias está em revelar os sujeitos como parte integrante da história e as sutilezas conferidas a um passado por meio de sensações e sentimentos, que dificilmente se encontrará em algum documento.

Em relação aos documentos da década de 1950, encontrei um comprovante de vencimentos da professora Izabela referente ao período de 1952, como demonstrado na Figura 76.

Figura 76 – Comprovante de vencimentos a Izabela do ano de 1952

Data do recebimento	TEMPO CORRESPONDENTE	Total recebido	RECIBO
	Maio de Janeiro	471,00	Geni Brito da Cunha
	" Fevereiro		Geni Brito da Cunha
	" Março		
	" Abril		
	" Maio		
10 Junho 52	" Junho		
Observações:			

8  
Nome *Izabela Petry Cunha*  
Cargo *Professora Municipal de Educação*  
Localização \_\_\_\_\_  
Exercício de *1952*

Vencimento anual *5.700,00*  
Vencimento mensal *475,00*  
Gratificação especial \_\_\_\_\_  
Verba: *8.33.0*

Fonte: acervo do Museu Histórico de São Sebastião do Cai (1952).

Para contar a história de atuação da professora Izabela é importante contextualizar o espaço que a escola ocupava, bem como apresentar algumas características físicas da escola significadas e narradas por meio das memórias dos entrevistados. Portanto, a partir deste momento, passo a descrever como era a escola, onde estava localizada e que escola era essa.

#### 4.2 COMO ERA A “ESCOLA DA PROFESSORA IZABELA PETRY”? ONDE SE LOCALIZAVA? QUE ESCOLA ERA ESSA?

Falar das características e do contexto da escola onde Izabela atuou também faz parte da escrita desta tese, uma vez que é necessário compreender o espaço e a cultura daquele local

e época e especialmente a cultura escolar, porque isso muito fala sobre as práticas escolares desse período.

A escola permite-nos refletir a construção social que “legitima os processos de escolarização como elaborações de um tempo vivido, de sujeitos e de espaços determinados” (Vans, 2024, p. 26). Sobre a *escola*, Magalhães (2004, p. 119) afirma que:

Escola e escolarização são conceitos que traduzem momentos e registros diferenciados de um mesmo processo, formado por três constelações: escola, cultura escolar, gramática escolar; a institucionalização das culturas, dos valores, saberes e saber-fazer; a representação social e individual dos modelos escolares e das aprendizagens e qualificações.

O que foi escrito neste momento da tese foi com o auxílio das memórias, memórias de um tempo e de um espaço, que procura colocar em evidência a constituição da escola e a construção social por meio de narrativas que falam sobre hábitos, costumes, símbolos e rituais. Vans (2024, p. 27) afirma que: “A escola, nesta perspectiva, é entendida não apenas como um espaço projetado e construído (material), mas um lugar de uso, consolidado pelos métodos, fazeres, pelo tempo próprio e pelos sujeitos”.

Perguntei aos entrevistados se sabiam em que âmbito essa escola foi estabelecida na localidade, se era uma escola do município, do estado ou uma escola privada. Obtive algumas respostas, como a narrada por Pellens (2024):

Eu acredito que ela era do município, sim era do município, pois o município que naquela época pertencia a Feliz e era uma população muito pequena com poucos moradores, não eram muitos moradores, e eu acredito que ela era paga pelo município, estado não era não era estadual.

Ainda questioneei sobre quem mantinha essa escola e por quem a professora era paga. Cunha (2024), um dos entrevistados, respondeu: “pelo município do Caí”. E a entrevista Brandt<sup>71</sup> (2024) respondeu que “a escola era pública e mantida pelo município, porque aqui ainda na época pertencia ao Caí”.

Ou seja, a partir dos relatos, era o município de Caí o responsável pela escola, sendo assim, era uma escola pública e municipal, afetuosamente conhecida como a “Escola da professora Izabela”. A escola estava localizada na região central de Vale Real-RS, e caracterizava-se por receber estudantes do 1º ao 4º ano, ou seja, era uma escola primária de

---

<sup>71</sup> BRANDT, Maria Alyde. [Entrevista cedida a] Mariane Fruet de Mello. Vale Real Rio Grande do Sul, presencial, 01 jun. 2024.

caráter rural de acordo com os documentos apresentados anteriormente. Sobre isso, Mello (2020, p. 92) esclarece que “a divisão por ano era feita com os primeiros anos dispostos nas primeiras fileiras, e mais próximos do professor; e os mais avançados, prestes a concluir a formação nessa escola, nas fileiras mais ao fundo da sala de aula”.

Quando questionei os entrevistados sobre a nome da escola, se tinha ou não um nome específico, a maioria dos entrevistados não lembrava. Recordavam-se apenas do fato de a escola estar sob a tutela de Izabela, tanto é que muitos faziam menção de a “Escola da Izabela ter virado a Escola Estadual de Ensino Médio Bernardo Petry”, conforme relatado por Brandt (2024): “Então, do lado da casa dela tinha essa escolinha pequena, enquanto que eu estudava, né. Depois veio a escola na outra, a outra que era grande, que a escola Bernardo Petry, aqui aquela o colégio”.

Um dos entrevistados, o senhor Alencar Cunha, filho de Izabela, lembrava que a escola se chamava: “Escola Rui Barbosa, número 40” (Cunha, 2024). Essa informação é confirmada com um dos documentos que encontrei no arquivo da Escola de Ensino Médio Bernardo Petry, cuja capa apresentava o nome da escola, conforme Figura 77.

Figura 77 – Livro de registro de matrícula, frequência e aparelhamento escolar

REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

REGISTRO ESCOLAR  
(MODELO III)

Unidade de Federação: Freliz

**MATRÍCULA, FREQUÊNCIA DIÁRIA E APARELHAMENTO ESCOLAR**

Escola Singular (nome): Rui Barbosa nº 40

Rua e número: Rio Branco Cidade, vila ou localidade: Tab. Real

Distrito judiciário-administrativo: .....

ÍNDICE

1. Instruções .....	fol. 3
2. Indicador das principais profissões dos pais dos alunos .....	5
3. Registro de matrícula .....	9-17
4. Frequência diária .....	20-63
5. Aparelhamento escolar .....	65-68
6. Fôlhas em branco .....	70-78

Temple Grafico de I. E. G. A. - 19.59

Fonte: acervo da Escola Estadual de Ensino Médio Bernardo Petry (1959).

Este livro é do ano de 1959. Nele, consta a informação de que Izabela era regente da turma de 2º ano, o endereço da escola – localizada na rua Rio Branco – o que indica que a escola

ainda funcionava no pátio da família Petry. Também é possível ver o nome da escola como “Ruy Barbosa, 40”, o que corrobora a informação dada por Cunha (2024).

Também por ter sido uma escola que pertencia ao poder público, assim sendo, qualquer criança poderia cursar o ensino primário nela, ou seja, filhos de católicos e evangélicos, uma vez que, na região, essas duas religiões predominavam na época, conforme relatos de entrevistados. O entrevistado Graebin (2024) relata que “estavam na escola evangélicos e católicos. Por isso que eu estou falando que não era assim uma coisa mais induzido pela Igreja católica, a Igreja católica nunca se meteu com a escola. Na escola da dona Izabela era mais social, era os católicos e os evangélicos juntos”.

Vale rememorar que na localidade central havia uma escola paroquial, que, de acordo com Kreutz (1991), a escola tradicional ou católica tinha como características o ensino privado e diferenciado entre os sexos, e a educação como responsabilidade igualmente da família, mas sempre subordinada à doutrina religiosa, o que diferia da escola pública que estava sob a responsabilidade da professora Izabela. Considerado isso, recorro à fala do entrevistado da minha pesquisa de mestrado, senhor Stoffles<sup>72</sup> (2019) que disse,

Todos os católicos iam para a escola paroquial, isso era natural todos iam. Inclusive tinha muito mais alunos na paroquial do que na da Izabela, isso que a escola era da Izabela, o prédio era dela particular, o prédio era do pai dela do Bernardo Petry.

Dessa forma, as características da escola emergiram nas vozes dos entrevistados, permitindo-me compor o cenário da localidade conforme o período que abrangeu a década de 1950, vivido por eles. A entrevistada Brandt (2024) descreve a localização da escola:

Ali onde hoje é a casa da Cristina Assmann, ali do lado, porque a dona Izabela... ela morava onde o seu Evaldo<sup>73</sup> construiu a casa ali no pátio. Lá tinha uma casa grande, então era repartida no meio, num lado morava professora Izabela no outro lado o Evaldo Schneider.

A narrativa de Brandt (2024) encontra respaldo na de José Müller<sup>74</sup> (2024), que disse que a escola estava localizada na região central e que o prédio da escola e a casa da família Petry fazia divisa com a casa do senhor Schneider. Ainda, segundo os relatos, nesse mesmo

---

<sup>72</sup> STOFFLES, Miron. [Entrevista cedida a] Mariane Fruet de Mello. Vale Real Rio Grande do Sul, presencial, 02 mar. 2019.

<sup>73</sup> Na nota de rodapé número 49 expliquei quem foi Evaldo Schneider.

<sup>74</sup> MÜLLER, José. [Entrevista cedida a] Mariane Fruet de Mello. Vale Real Rio Grande do Sul, presencial, 20 jun. 2024.

pátio havia a central telefônica, que era de propriedade de Izabela, conforme narrativa exposta abaixo:

Bem no centro de Vale Real, era ali do lado, bem pertinho da Igreja, onde a Igreja é onde. Só que era estrada velha, essa era a estrada principal, aí tinha o cemitério no lado, não sei se tu já ouviu falar que foi tirado dali, foi levado para cima, assim, era aqui. Aí era um prédio meio grande, e era os Schneider que viviam ali também, ao lado. Mas as terras todas eram da Izabela. Tinha a Igreja do lado, a telefônica que era da Izabela, e a escola era ali junto da telefônica e da casa da Izabela (José Müller).

Outra entrevistada, a senhora Madalena Pellens, explica que a escola estava muito próxima da residência onde passou sua infância com seus pais e irmãos, que é onde vive até hoje:

Essa escola estava localizada nessa mesma rua<sup>75</sup> aqui, hoje é a rua Rio Branco naquela época não tinha nome, essa mesma rua sem calçamento e ela estava localizada na frente da casa onde ela morava, onde eles trabalhavam, eles tinham um centro telefônico onde ela e o marido trabalhavam atuavam ali, (Pellens, 2024).

Izabela e sua família residiram na casa que havia sido de seus pais, a qual fora adquirida nos primeiros anos de 1900 pelo seu pai, pois a professora nasceu em 1914, permanecendo no mesmo espaço mesmo após o falecimento do seu pai. Nessa mesma casa desempenhou as suas atividades como professora, trabalhando, também, na central telefônica que seu pai havia providenciado na época em que ali viveu. Alencar Cunha (2024), filho de Izabela, comentou que, “no começo, a gente tinha que acompanhar a mãe, né, para pegar os primeiros ensinamentos. Daí eu acompanhava ela todos os dias na escola, e a escola ficava quase encostada na casa né? Aí todo dia eu ia junto”.

No que concerne à estrutura das escolas, Vidal (2006a, p. 162) afirma que a estrutura das escolas rurais “baseava-se no ideal de construções simples, sem padrão definido, reguladas por um conjunto de requisitos essenciais, tais como salas de aula, pátio coberto para recreio, banheiros e casa para o professor”. De fato, a estrutura simples, sem padrão definido vai ao encontro do que diz Britz (2024): “tinha um pátio na frente, era de chão batido, tinha uma escadinha para subir, aí tinha um porãozinho embaixo, e nós ia no porão e trocava as merendas”.

A narrativa de Britz (2024) transmite uma nostalgia quando se refere à prática das trocas de merenda, assim concordo com Vidal (2009) que se refere a escola como não sendo uma instituição solta em um tempo e espaço; a escola está interligada numa relação com a própria sociedade, no próprio processo de escolarização do social.

---

<sup>75</sup> Quando a entrevistada diz “nessa mesma rua aqui”, refere-se à rua em que eu a estava entrevistando, ou seja, à sua residência. A entrevistada nasceu e cresceu na rua da escola.

Pellens (2024) complementa dizendo que a escola

[...] era uma casinha de madeira, não era grande eu posso te dizer que é uma casinha de 6 metros por 6 aproximadamente, era amarelinha alaranjada clara, isto me lembro, tinha 2 janelas de cada lado, na frente não tinha a porta, era só as janela, nos fundos tinha uma porta onde se subia aqueles degraus tinha as classes de madeira, e sentava 2 a 2 e tinha aquele quadro, tinha um quadro na parede que se escrevia com aquele lápis fininho não sei como é o nome, cada um tinha o seu caderno o seu livro (Pellens, 2024).

Questionei Pellens (2024) sobre a organização interior dessa escola, ou seja, o que existia dentro da sala de aula, o que compunha o espaço escolar. Os entrevistados descreveram o local de maneiras distintas, embora as narrativas se complementem e corroboram uma com outra. A narrativa de Klein (2024) ilustra com detalhes o interior da escola:

[..] bancos de madeira comprido, eu e a Vani nos sentava juntos no último banco. E esse último banco estava quebrado, e aí tinha uma tábua embaixo, e aí volta e meia alguém tirava essa tábua e todo mundo caía no chão (risos). Era o último banco, e não foi reformado, a Izabela eu acho que também não tinha dinheiro então ficou aquele banco ali sem reforma e com sorte não caía (risos). Não tinha classes como agora.

Erenato Freiburger<sup>76</sup> (2024) também descreve a escola com detalhes:

Tinha classe e tinha bancos, não tinha cadeira para um sentar sozinho. Tinha um quadro negro. A gente levava uma pastinha junto, pequeno quadro e o grande tava dentro da escola na parede. Ah, e o pequenininho a gente levava junto e o paninho pra apagar. Caneta não existia. Tinha só uma régua e o copinho de tinta que a gente usava. Colocava dentro a caneta e a gente escrevia. Não tinha lápis, não tinha nada. Naquela época, não tinha nada disso.

O senhor Graebin (2024) demonstra como era a organização da sala de aula, orientando geograficamente a distribuição das mesas dos seus colegas e também da professora Izabela. Também comenta que não havia a possibilidade de ser deixado qualquer tipo de sujeira na escola:

[...] Vamos supor que aqui era a escola, aí onde você está sentada era a mesinha, e a professora estava sentada atrás, e na frente da mesinha da professora havia carreira de bancos, nos dois lados, a sala estava dividida, então os mais jovens estavam de um lado e os mais velhos que estavam um pouco mais pra frente de outro lado. Então era mais ou menos assim feito. Mas era muito organizado. Não podia fazer sujeira, não podia, a professora mandava juntar a sujeira.

---

<sup>76</sup> FREIBERGER, Erenato. [Entrevista cedida a] Mariane Fruet de Mello. Vale Real Rio Grande do Sul, presencial, 21 mai. 2024.

Julguei ser importante trazer o contexto do espaço em que a professora Izabela conduziu suas aulas, uma vez que, “olhar a escola pelas lentes da cultura escolar permite não apenas ampliar nosso entendimento sobre o funcionamento interno da instituição como nos provoca a rever as relações estabelecidas historicamente entre escola, sociedade e cultura” (Vidal, 2009, p. 39). A partir desses relatos, é possível imaginar como era esse espaço e o quanto importante foi no período de sua existência, permeando os primeiros anos de 1900, com a aula pública ministrada inicialmente por Bernardo, e sua permanência até os finais dos anos de 1950, estando sob a tutela de Izabela, até a chegada da escola pública do Estado.

Contextualizado acerca da escola, passo a descrever e a analisar as características de Izabela como pessoa, especialmente como professora de Vale Real (RS). Para a construção desta parte da tese, baseio-me principalmente nas narrativas dos entrevistados, que abrangem os anos de 1950 até meados de 1970. Além disso, utilizei documentos encontrados, como fotografias, para apoiar a elaboração deste texto.

#### 4.3 QUAIS NARRATIVAS SE APRESENTAM SOBRE A PROFESSORA IZABELA?

Izabela era chamada de “Dona Izabela”. Para a comunidade de Vale Real, onde ministrou aulas, esse tratamento era uma situação natural e ao mesmo tempo uma referência a uma posição que ela conquistou ao longo da sua vida escolar e social. Não era uma imposição feita pela professora, mas, sim, um reconhecimento natural, conforme Pellens (2024) esclarece:

[...] todos a respeitavam, ela era a Dona Izabela (ênfase), na aula da Izabela era ela que comandava, não tinha rixa não havia isso. Era dona Izabela, uma poderosa. Para os pais, a dona Izabela falava alguma coisa estava falado. Ela era respeitada, muito respeitada. Os pais confiavam nela.

Essa narrativa evidencia claramente o respeito que as crianças e as famílias tinham por Izabela, não só como pessoa, mas como professora, uma vez que ser professora numa comunidade pequena e, ao mesmo tempo, rural, ultrapassava as paredes da sala de aula, e se fazia também a partir das vivências com as comunidades rurais, em consonância com a igreja da localidade. De acordo com Vans (2024, p. 223), “a professora representava uma transição entre os costumes das comunidades e o acesso ao conhecimento distinto daquele que se tinha na colônia. Nesse mesmo sentido, as professoras assumiram um papel importante junto com a Igreja”.

De fato, Izabela tinha um envolvimento bastante presente com a Igreja, embora a “escola da Izabela” fosse pública e laica. A professora cumpriu com o papel de acolhimento de crianças que não eram da religião católica, o que não atrapalhou de modo algum o fato de ela se manter presente na Igreja. Muito pelo contrário, há relatos de que ela se prontificava para servir de auxiliar do próprio pároco da Igreja, conforme relatado por Fernanda Freiburger (2024):

Eu era coroinha na época, eu e mais uma colega e a dona Izabela era quem nos dava as diretrizes, ela era responsável por cuidar das meninas na Igreja. E também era a porta-voz do padre. Era ela quem entregava a hóstia muitas vezes, lia a doutrina e auxiliava em todas as pontas na Igreja. Ela foi uma importante figura para a Igreja aqui do Vale Real. Quando lembro da Izabela, logo me vem a imagem dela na Igreja.

A voz da entrevistada Fernanda Freiburger (2024) corrobora a narrativa de Cunha (2024) acerca da atuação da Izabela dentro da Igreja e, também, na comunidade de Vale Real: “a minha mãe sempre chegava em qualquer lugar e sempre estava envolvida em tudo na Igreja, na comunidade, e todo mundo estudava com ela, né? Então ela era bem falada, principalmente pelos pais das crianças”. Cunha (2024) complementa dizendo que: “Na Igreja, né, ela tinha o coral, ela às vezes entregava a hóstia para as pessoas que estavam acamada, né. Eu acho que ela deve ter um lugarzinho lá em cima”.

Com essa narrativa de Cunha (2024), destaco o que Almeida (2011) observa: esses discursos, diversos e presentes em distintos meios, contribuíram para a constituição da identidade das professoras rurais. A propagação da concepção de “boa professora” estava ligada à de “boa mãe”. Para além das práticas da sala de aula, essas mulheres deveriam também se preocupar com as boas práticas, ou seja, ensinar, mas também educar as crianças que frequentavam a escola.

De fato, conforme as narrativas foram se apresentando, é perceptível que Izabela Petry foi uma profissional distinta, que cumpriu seu papel com excelência enquanto professora e referência intelectual na comunidade. Isso também é evidenciado por Miron Stoffels (2019), que diz que: “O povo era muito ligado à Igreja, e a dona Izabela, tinha uma influência muito grande assim como na escola municipal como também (sic) na igreja”.

Outra narrativa de Cunha (2024) menciona a relação de Izabela com uma senhora que cuidava da igreja, mostrando que a professora se envolvia além das atividades diretamente relacionadas à escola, como é evidenciado neste trecho:

Olha, às vezes ela até ajudava o padre. Eu me lembro quando era bem pequenininho, eu ia com ela às vezes na casa paroquial à noite. Tinha uma senhora que trabalhava lá que era amiga da minha mãe, e essa senhora era a que fazia as hóstias. Tinha até uma forma lá, daí aquela senhora me dava aquela sobra que tinha da hóstia pra eu comer, e parecia um sorvete, né, aquela casquinha de sorvete, aí eu ia junto lá, e a mãe ajudava essa senhora.

Stoffles (2019), entrevistado da minha pesquisa de mestrado, contribuiu com a narrativa acerca de Izabela, dizendo que:

A Dona Izabela também merecia uma homenagem em Vale Real, porque o que ela fez por Vale Real, ninguém pode medir no tempo e no espaço. Não só na escola como na igreja, ela era tudo na igreja católica, ela animava o canto nas missas, tudo era com a dona Izabela,

Sabendo do envolvimento de Izabela com a comunidade e com a Igreja Católica, perguntei aos entrevistados que eram evangélicos sobre terem presenciado, em algum momento, a professora na Igreja Evangélica, se havia algum tipo de envolvimento dela com a comunidade deles. Graebin (2024) respondeu: “Que eu me lembro não, ela não ia ajudar na comunidade para organizar festas não, até porque era de outra religião, era uma coisa integrada numa outra querência, então não ia, né”.

Klein (2024) relata que, no catolicismo, havia um feriado próximo do mês de junho – a entrevistada não recorda a data exatamente – mas se lembrava da professora Izabela envolvida na comunidade católica, conforme descrito abaixo:

Eu me lembro que na época de junho, eu acho, [tinha] um feriado que eles sempre faziam essas casinhas e colocavam uma criança dentro que era um anjo e talvez o primeiro ou segundo ano iam no colégio e a gente tinha que ir junto e colocar aquelas varinhas enfeitar a rua, aí a Izabela sempre vinha com o terço na mão, sempre na frente das crianças e rezava. Por isso que eu digo que ela era muito religiosa, envolvida na Igreja e na comunidade Católica.

Iria Müller<sup>77</sup> (2024) comenta que embora sua família fosse de religião evangélica, eles – sua família e ela – conseguiam perceber os movimentos sociais que Izabela fazia na comunidade, especialmente na Igreja católica:

A Izabela era católica, então ela não ia nos evangélicos, mas na Igreja católica a gente sabia que ela era praticante, bem envolvida. Naquela época, as pessoas todas eram muito religiosas, então mesmo a gente não indo na católica, a gente sabia do envolvimento dela com a Igreja dos católicos.

---

<sup>77</sup> MÜLLER, Iria. [Entrevista cedida a] Mariane Fruet de Mello. Vale Real Rio Grande do Sul, presencial, 28 abri. 2024.

Aqui, vale trazer o que Hobsbawm (2013) compreende sobre as memórias, que são registros particulares daquilo que fizemos e da forma como nos constituímos. Isso tudo promove a união entre o passado com o que se vive no presente, estabelecendo-se pelas distintas maneiras de escolher as incontáveis memórias que são lembradas ou capazes de serem lembradas.

Outra peculiaridade trazida nas narrativas acerca de Izabela é a de que a professora era conhecida por incentivar algumas crianças a seguirem a carreira docente. Isso pode ser confirmado com o depoimento da sra. Maria Amélia Bergmann: “a professora Izabela foi várias vezes na minha casa pedir para meu pai para eu ser professora. Ela dizia: ‘Deixa a Amélia estudar, porque é a única aluna que pode estudar’” (Maria Amélia, 2018).

Essas duas narrativas são da minha pesquisa de mestrado. Os dois entrevistados foram fundamentais para despertar minha curiosidade sobre essa professora, motivando minha pesquisa.

Assim como esses dois entrevistados, outros expressaram praticamente o mesmo relato. Para esta pesquisa, comentei que eu havia escutado relatos de outros entrevistados de que Izabela incentivava outras meninas a serem professoras. Com isso, questionei se haviam presenciado alguma fala de Izabela nesse sentido com os pais. Kein (2024) respondeu que sim:

Ela foi lá na minha casa falar com o pai para a Iraci, minha irmã, ser professora, porque ela era uma pessoa que pegava fácil a lição. Eu acho que nós todas pegava fácil, nosso pai tinha uma cabeça muito boa [...] Então, quando minha irmã estava no quarto ou quinto ano, ela foi lá em casa e queria que a Iraci fosse professora. Até um tempo atrás não sei como nós chegamos neste assunto, e ela ainda disse: “Ah, como seria a minha vida se eu tivesse sido uma professora?”. Naquele tempo, não precisava ter cursos para ser professora, não precisava ter muita coisa para virar professora, mas o pai não deixou.

Izabela claramente rompia as barreiras da sala de aula ao buscar outras meninas para atuarem como professoras. Ela tinha consciência de que a profissão de professora iria conduzir as crianças a um patamar melhor que o da época, que se limitava muitas vezes ao trabalho de casa ao na agricultura. A fala da Iria Müller (2024) elucida isso:

Eu me lembro até hoje, pois eu era a mais velha da família, né? E a gente morava longe também, né? E aí eu só fiz bem até quarta série e eu aprendia muito fácil assim. naquela época, eu já aprendi calcular juros, isso era tudo de caneta, e eu aprendi isso. Eu sabia muito bem calcular juros, meu pai calculava muito fácil, tudo de cabeça... e eu também tinha isso. Então quando eu estava na metade do quarto ano, meu pai levava alfafa de carreta ali para o armazém [...] Então, um dia o pai levava alfafa para o Arlindo que estava ao lado da escola... a professora foi falar com o pai perguntando

porque que o pai não me mandava mais no colégio, aí o meu pai disse: “Mas eu preciso tanto desta menina em casa”. O pai disse de novo “eu preciso tanto”. E eu vi que ele ficou sentido com a professora Izabela, mas foi isso, então a professora Izabela disse assim: “Mas ela aprende tão fácil”, ela disse. Mas mesmo assim eu não fui mais depois. Fiz apenas até o meio ano da quarta série, é foi isso, era a realidade da época, a gente precisava ajudar nas outras tarefas, e como eu era a mais velha da família, o pai ia lavar de manhã, até no escuro, e eu tinha que ir com o pai na frente das vacas para ele começar a lavar. E a mãe tinha todo o resto: tirar leite, cuidar das crianças, pensar na comida, lenha, de tudo, a mãe tinha tudo isso e cada ano um filho naquela época, e não era fácil para as mães, né? Então eu era a mão direita do pai [...]

Outras vozes também trouxeram a mesma narrativa sobre Izabela tentar influenciar as famílias, seja por ver potencial nas crianças para continuar estudando e seguir carreira docente, seja por reconhecer o estudo como um condutor para uma vida melhor. Alencar Cunha comentou que quando estava estudando no seminário para formação de padres, sua mãe soube da oportunidade que ele tinha de estudar na Alemanha, então ela foi até o seminário e o avisou sobre isso, conforme ele relatou: “Então a mãe me disse tu vai para Alemanha, e lá será uma oportunidade na tua vida”.

Pellens (2024), uma das entrevistadas, relata que Izabela incentivava muito os alunos, uma vez que “a educação, para ela, era uma coisa muito importante. E ela exigia a presença de todos na sala de aula, não podia ter falta, tinha que todos os alunos estarem presentes na sua aula”.

Izabela também era reconhecida por ter uma postura mais rígida, conforme relatado por Erci Andres<sup>78</sup> (2024): “ela era muito boa, mas quando ela ficou brava, ou se os alunos mereciam ela mandava os alunos estender as mãos assim (gesticulou) e mandava vara (risos), este era o castigo, mas comigo nunca aconteceu, eu era obediente”.

Cunha colaborou com a narrativa dizendo que Izabela, que era sua mãe e professora:

batia mesmo, eu me lembro que de manhã eu tinha que cortar umas 5 varas de marmelo, e quem tinha que levar em cima da orelha era eu, eu tinha que deixar tudo em cima da mesa. Quem não a respeitasse ela dava varada no ombro e a reguada, né... tinha a régua que ela dava na mão, a gente tinha que estar na linha, né, e para nós era tudo normal.

Outro relato que corrobora com o de Andres (2024) e Cunha (2024) é o de Barth<sup>79</sup> (2024): “ela era respeitada, ela tinha uma vara na escola. Se alguém merecia, ela passava a vara

---

<sup>78</sup> ANDRES, Erci Elisabetha. [Entrevista cedida a] Mariane Fruet de Mello. Vale Real Rio Grande do Sul, presencial, 15 mai. 2024.

<sup>79</sup> BARTH, Nair Amanda. [Entrevista cedida a] Mariane Fruet de Mello. Vale Real Rio Grande do Sul, presencial, 26 mai. 2024.

ou deixava de castigo”. Os castigos eram muito comuns antigamente. Sobre isso, Aragão; Freitas (2016, p. 22) comentam que:

Os castigos físicos fizeram parte da ação docente e da vida escolar das crianças durante séculos. Seja na educação doméstica (realizada nas casas dos alunos, muito comum até os anos 1800) ou nas instituições escolares, a palmatória e o milho foram artefatos amplamente utilizados por professores para punir comportamentos considerados em desacordo com as normas.

Ainda sobre Izabela, Cunha (2024) comentou que sua mãe tinha uma postura peculiar:

A compostura era muito inédita, ela era muito, muito durona, né? Era muito enérgica. Levei muita vara de marmelo (risos). Eu tinha que dar o exemplo, né? Naquela época, não tinha nada de não poder tocar, não poder dar uma palmada, né? Era tudo rigoroso. A gente achava aquilo normal, né.

Ao mesmo tempo que a professora era rígida e exigente, como demonstrado em alguns relatos, também existia a figura de uma professora acolhedora, empática. Cunha (2024) diz que

“ela era conhecida de todo mundo, então o pessoal falava, né? Se falava que ela era uma pessoa boa, mas muito enérgica e que criou bem os filhos. O próprio filho fala da mãe dizendo ser enérgica mais que soube criar e educar seus filhos de maneira adequada na percepção do filho”.

Perguntei aos entrevistados como eles descreveriam a professora Izabela. Cunha (2024) respondeu:

[..] para mim não tem nada a desejar o que que ela fez, ela foi bem profissional e para mim ajudou muito, né?, principalmente no desenvolvimento do caráter da pessoa, né?, e de aprendizado. [...] Como pessoa, ela era muito boa, eu a amava muito e ainda amo, né. E como professora acho que a melhor que eu tive, a melhor que tive, por exemplo ela dava aula uns 20 ou 30 alunos eu não era diferenciado por ser filho dela, eu era igual a todo mundo, eu não era bajulado nada, nada. Eu gostei muito da minha mãe. Antigamente, a gente não tinha muita... como dizer... capacidade financeira. O vencimento do pai era pouco, então a gente passava necessidades, mas a gente compreendia como era, era tudo assim meio sofrido.

É interessante refletir que cada narrativa é única, mas à medida que fui retomando o documento feito após a entrevista, percebi que, embora os relatos e as impressões sejam únicos, que as memórias permitem acessar aquilo que significou a cada um, elas vão se complementando. Isso pode ser verificado no relato de Graebin (2024), que traz suas impressões sobre a professora Izabela, ao dizer que “com a dona Izabela, aquela história de que tu é melhor que o outro não tinha, pra ela todos eram igual. Ela era assim porque senão iria

dividir as coisas, né? Embora ela fosse católica, ela tratava a gente igual aos católicos, todos igual, não tinha diferença”.

Durante a pesquisa, consegui acessar dezenas de registros fotográficos que demonstram o carinho e a estima que seus alunos nutriam pela professora Izabela. Esses registros vinham com uma mensagem de carinho e agradecimento no seu verso. Dentre as fotografias, a maioria eram registros de primeira comunhão de suas alunas, conforme demonstrado na Figura 78.

Figura 78 – Primeira eucaristia em 1957: homenagem de uma aluna à professora Izabela



Fonte: acervo pessoal de Cristina Assmann (2023).

Na imagem, 20 de outubro de 1957, é provável que a família da menina tenha dado a foto à Izabela como forma de lembrança e afeto pela professora. A menina da foto é Claudete Rhein. Consta, na foto, a seguinte mensagem: “A minha querida mestre como recordação da minha 1ª comunhão solene. Carinhosamente oferece sua alma grata” Rhein (1957).

Os registros não se limitavam apenas aos de seus alunos e alunas. Encontrei fotos (Figura 79) presenteadas à Izabela, como forma de homenagem, de pessoas que já tinham

estabelecido as suas vidas na fase adulta. Uma delas é a fotografia da primeira missa solene realizada pelo padre Miron Stoffles<sup>80</sup>.

Figura 79 – Fotografia dedicada à professora Izabela



Fonte: acervo pessoal de Cristina Assmann (1970).

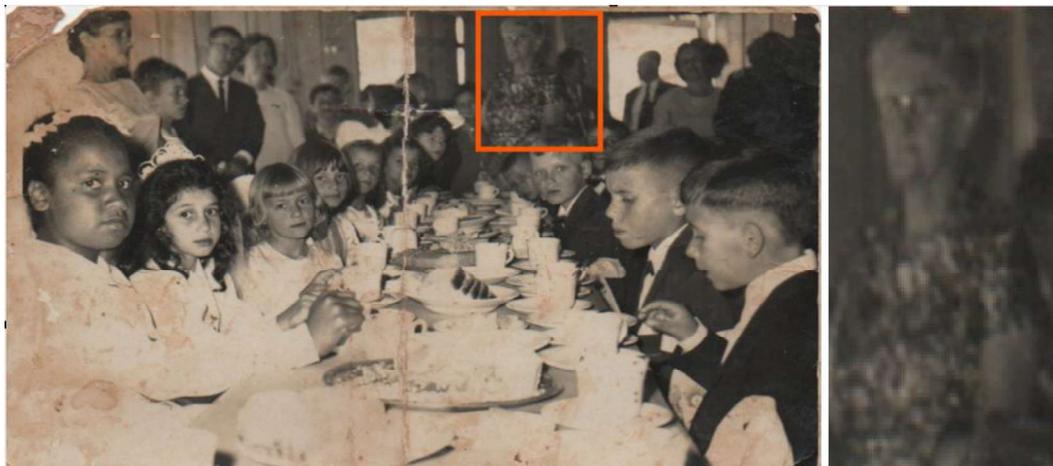
Na imagem, o padre Miron Stoffles escreveu a seguinte mensagem: “A estimada dona Izabela, com agradecimentos essa recordação de minha 1ª missa solene em Vale Real, em 12 de abril de 1970. Com a benção dedico. Padre Miron. São Leopoldo 24/04/1970”. É perceptível o carinho e o reconhecimento pela professora Izabela, tendo em vista que a missa solene havia ocorrido em dia 12 de abril, e, após 12 dias, ele ter enviado essa recordação a ela. Vale esclarecer que o padre não foi aluno de Izabela, mas ela foi uma grande referência como pessoa envolvida com a comunidade. Esse é um dos documentos que mais me chamou a atenção pela deferência a Izabela, além das diversas narrativas que o padre Miron compartilhou como entrevistado na pesquisa de mestrado.

Em uma das memórias de Stoffles (2019), ele menciona que a professora Izabela, além de conduzir as aulas na escola pública, também dava aulas na catequese: “a Dona Izabela também era a professora de catequese... dava a catequese na Igreja, as meninas quem preparava era ela, era a dona Izabela”. Ao manusear os documentos disponibilizados do acervo de Cristina Assmann, deparei-me com uma fotografia que possivelmente retrata a professora junto a um grupo de meninos e meninas bem vestidos em um momento de festividade, o que possivelmente era a primeira comunhão. Pelas vestimentas das crianças, é possível considerar que vivenciaram um momento num ambiente respeitoso, no caso, dentro da Igreja, e posteriormente é provável que tenham se reunido com a finalidade de confraternizar. Essa é suposição que é baseada na

<sup>80</sup> Miron Stoffles foi um dos entrevistados na minha pesquisa de mestrado.

narrativa de Stoffles (2019), tendo em vista que, no verso da fotografia, não há nenhuma descrição de data, local ou pessoas presentes na imagem (Figura 80).

Figura 80 – Professora Izabela acompanhando um grupo de alunos (não datada)



Fonte: acervo pessoal de Cristina Assmann (imagem não datada).

Outra imagem encontrada junto dos demais documentos (Figura 81) é uma fotografia de Izabela sentada junto a um grupo de crianças. Na foto, a professora aparenta ter um pouco mais de idade, se apresenta com uma postura elegante. Na fotografia não consta data ou local. Porém, ao que parece, e sendo eu conhecedora da Igreja católica Santos Reis de Vale Real, parece-me que o evento ocorreu na Igreja. Também é possível perceber que a Izabela estava rodeada por meninas e algumas mães com crianças de colo. À sua frente, sentadas no chão, haviam crianças vestidas de anjos. É possível perceber que há uma quantidade grande de pessoas dentro da Igreja.

Figura 81 – Izabela acompanhando crianças (não datada)



Fonte: acervo pessoal de Cristina Assmann (imagem não datada).

Sobre as aulas, uma das indagações que sempre estiveram presentes comigo – até por conhecer parte da história do Bernardo – foi a possibilidade de Izabela ter se inspirado no pai – Bernardo Petry – para a condução de suas aulas. Com isso, ao preparar o questionário das entrevistas, inseri algumas perguntas com o intuito de levantar respostas acerca das práticas de Izabela, para verificar se teriam tido influência do pai e, também, para verificar se os entrevistados sabiam do parentesco entre a professora e Bernardo Petry. Dessa forma a pergunta foi a seguinte: “Izabela tinha alguma relação familiar com Bernardo Petry”? Assim, a resposta de Brandt (2024), foi a seguinte:

Sim, ele era o pai dela, e mais tarde a Escola daqui levou o nome dele. Eu não sei se antes de mim, se velho, já deu aula, mas eu não sei aonde, ele era professor, ele deu aula aqui no Vale Real, mas isso já era bem antes, era da época do meu pai que eu me lembro que o pai dizia que ele ia na aula com o Bernardo Petry.

Já Pellens (2024) informou: “isso eu não sei te dizer, porque ela era Petry como o Bernardo Petry, eu acho que deve ter sido avô da dona Izabela, seria filha?”. Foi durante a entrevista que eu confirmei para Pellens que Bernardo era pai de Izabela. Chocada, Pellens (2024) respondeu: “Ai Madalena! Como que eu não sabia de uma informação dessa?”. Já a entrevistada Erci Elisabetha Barth (2024) respondeu: “o Bernardo Petry parece que era o pai dela, o marido dela era Cunha”.

Também achei interessante a narrativa de Graebin (2024), que disse não saber ao certo se havia algum grau de parentesco: “Eu acho que eram parente. O Bernardo Petry não era pai dela? Isso exatamente eu não sei, mas acho que este Bernardo Petry era pai da Izabela”.

Depois de eu esclarecer para alguns dos entrevistados que não sabiam quem era o Bernardo Petry, fiz outra pergunta: “Em algum momento, a professora Izabela comentou em aula sobre ter aprendido a docência com seu pai?”. Brandt (2024) comentou que “Não, ela não falava, que eu me lembre nunca”. Já Barth (2024) respondeu: “Não! Nunca falou sobre o pai. Depois de muito tempo eu fiquei sabendo que Bernardo Petry era o pai dela, mas ela nunca falou sobre o pai”.

Na pesquisa de mestrado, o senhor Miron Stoffles comentou sobre Izabela ser filha de Bernardo e sobre a família Petry ser reconhecida no município de Vale Real, conforme relato: “O pai da dona Izabela o Bernardo Petry era professor, e esse foi o nome que deram ao colégio, ao grupo escolar, esse era pai da dona Izabela, então os Petry são tradicionais lá no Vale Real” (Stoffles, 2019).

Com esses relatos, é possível considerar que Izabela não esteve à sombra de seu pai Bernardo. Além disso, é provável que ela tenha aprendido a dar aula vendo seu pai atuar como professor, bem como participando das aulas dele como aluna. Os valores dela provavelmente vêm da família, até por conta da história do pai. E é claro que ela vai se constituir pessoa a partir das próprias vivências, então Izabela assume uma postura: aquela de professora responsável, correta e respeitada na sociedade e fez a diferença na vida de muitos que ela pode ensinar, conforme relatado pela maioria dos entrevistados.

#### 4.4 COMO ERAM AS AULAS DA PROFESSORA IZABELA?

Neste momento da escrita da tese, cabe trazer as memórias significadas pelos entrevistados acerca das práticas adotadas pela professora Izabela em sala de aula. Como não foi possível ter acesso a documentos que abordassem suas práticas – como, por exemplo, um caderno ou um diário da professora – serão as narrativas que contarão sobre as práticas dessa professora.

Dessa forma, além das narrativas feitas para essa pesquisa, alguns dos entrevistados<sup>81</sup> da minha pesquisa de mestrado contribuíram espontaneamente, na época, compartilhando suas impressões a respeito das aulas da professora, inclusive fazendo comparações com a escola paroquial. Além disso, comentaram características de sua personalidade, bem como outros aspectos relevantes, como é demonstrado ao longo desta seção. Também foi possível compreender *o que* e *o quanto* a professora Izabela representava na sociedade, destacando suas ações e a identidade que ela cultivava na comunidade, por meio das práticas escolares e das próprias características e funções sociais.

Um dos relatos que falam sobre a qualidade das aulas de Izabela é destacado por Stoffels (2019), que diz que: “A Izabela tinha um resultado muito melhor, os alunos da dona Izabela eram bem superiores em nível de aprendizado, tinha mais disciplina, mais organização e mais tema para fazer em casa”. Stoffels (2019), ao dizer que Izabela tem um resultado melhor, refere-se ao fato de que a escola onde ela trabalhava era mais bem preparada em comparação com a escola onde ele estudou, a saber, a escola paroquial.

Portanto, concordo com Halbwachs (2006, p. 13), quando afirma que “somos arrastados em inúmeras direções, como se a lembrança fosse uma baliza que permitisse nos

---

<sup>81</sup> Entrevistados da minha pesquisa de mestrado, conforme já mencionado.

situarmos em meio da variação constante dos contextos sociais e da experiência coletiva histórica”.

As impressões e lembranças da época da escola, especialmente de como a professora conduzia as aulas e as suas práticas escolares, foram rememoradas nas entrevistas antes mesmo da realização da pergunta. Os próprios entrevistados já iniciaram as entrevistas falando sobre como era a condução feita pela professora Izabela. Brandt (2024), iniciou sua narrativa comentando sobre a aprendizagem da tabuada e na sequência comentou sobre a caligrafia,

Ah tabuada em primeiro lugar, e a gente fazia na época depois quando eu fui na terceira quarta série... daí a gente tinha um caderno, aquele com essas listas estreitinhas, para aprender a escrever a caligrafia. Aí a gente tinha que aprender certinho, aí era na terceira, quarta foi nos últimos anos. No início, a gente só escrevia naquela pedra, e depois veio o caderno e começa a caligrafia<sup>82</sup>.

Cunha (2024) também iniciou sua narrativa destacando que, na escola, o processo começava com a alfabetização e a caligrafia, avançando, posteriormente para a matemática:

O começo que eu me lembro é a alfabetização, por exemplo, caligrafia, né? Então era uma 3 ou 4 semanas de caligrafia, levava temas para casa, né? Tinha que fazer em casa, e no final a gente aprendia contas. Eu acho que tinha contas até do nível médio, por exemplo, juros e porcentagem esse negócio tudo aí, porque lá no vale tinha muito comércio de alfafa. Tinha venda de suínos, tinha comércio muito forte, então o pessoal vendia as coisas ali no comercio. Então tinham que saber fazer contas. Por exemplo: Quanto é 15 quilos? Ah, é uma arrouba, porque vendiam alfafa em arrouba, então, essas coisas a gente tinha que aprender tudo.

A entrevistada Klein (2024) também comentou sobre a aprendizagem da matemática,

Eu não tenho muito estudo, mas o que eu mais aproveitei foi a matemática, isso eu aprendi. E lá a gente podia perguntar de traz para frente de frente para traz, no meio, a gente sempre tinha que saber a tabuada. A professora Izabela ensinava muito bem. Nós aprendemos a fazer as contas de cabeça. Tinha um tempo que a gente escrevia no quadro negro, então a gente tinha que apagar, ou tu chegava em casa e daí tu colocava isso na mochila e já estava apagado. Então tinha que aprender isso de cabeça, então a gente não esquece mais. Hoje as crianças ficam com a calculadora e o celular.

A partir da fala de Cunha (2024), pode-se inferir que Izabela preparava os seus alunos não só para saber o básico, mas, também, para aquilo que lhes poderia ser útil em casa, tendo em vista que a maior parte da população da época trabalhava como agricultor ou comerciante.

---

<sup>82</sup> É interessante salientar que a memória é muito fragmentada, e ela se apresenta como foi significada pela pessoa, por isso, a entrevistada fala sobre a aprendizagem da tabuada e na sequência já rememora o estudo da caligrafia.

Ou seja, esse tipo de aprendizagem era importante tanto para adquirir conhecimento em sala de aula, como para auxiliar os pais em casa.

Além de ensinar as crianças e a prepará-las para que utilizassem o conhecimento para outras atividades, Izabela também demonstrava preocupação em relação ao aprendizado, conforme foi dito por Klein (2024):

Quando ela estava na aula e uma criança estava com dificuldade, ela ficava cuidando dessa criança. Na hora do recreio ou quando ela tinha um pouquinho de tempo, ela ia para perto dessa criança e ela não sai de perto até que a criança aprendesse. Então ela perguntava qual era a questão que a criança não tinha entendido, e ela explicava uma, duas, três, quantas vezes fosse preciso. Não é como hoje que as professoras são tão diferentes, né? Não se preocupam. Eu me lembro da Izabela como nunca, ela se preocupava de verdade. Muitas vezes, quando uma criança não ia adiante, ela ia até as casas dos pais pra saber qual era o motivo que essa criança não aprendia, qual era a dificuldade, se a criança em casa não tinha tempo porque ajudava com as tarefas da casa ou da roça. Então era queria saber o que estava acontecendo. Ela tinha uma vontade e queria que todos acompanhassem as aulas. Quanto a questão de ensinar, ela foi uma excelente professora, dedicada.

Lembro-me da expressão no rosto da dona Marli Klein ao dizer isso. Tive a impressão que ela era muito grata pelo que aprendeu com a Izabela e pela forma como a professora atuava. As sensações, sentimentos e percepções são singulares ao indivíduo, e o momento vivido só pode ser compreendido dentro da subjetividade. Consoante esse viés, Pesavento (2012, p. 35) afirma que:

As sensibilidades corresponderiam a este núcleo primário de percepção e tradução da experiência humana no mundo. O conhecimento sensível opera como uma forma de apreensão do mundo que brota não do racional ou das elucubrações mentais elaboradas, mas dos sentidos, que vêm do íntimo de cada indivíduo.

Embora tenhamos vivenciado momentos individuais, particulares, que só nossos olhos viram, ainda assim nossas lembranças permanecem coletivas e, pelo bem da História, podem ser lembradas e faladas para outras pessoas. Halbwachs (2006) diz que nunca estamos sós, mesmo que fisicamente os outros não estejam presentes; a coletividade está em nossos pensamentos. Nesse sentido, “para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível” (Halbwachs, 2006, p. 31),

A título de exemplo, podemos pensar nas narrativas dos entrevistados sobre a forma como aprendiam Geografia, por exemplo. Não lhes perguntei sobre uma matéria específica, como Português, História. Porém, a maioria mencionou a prática escolar de Izabela na

Geografia, conforme destacado na narrativa de Barth (2024), que evidencia sua experiência e aprendizado nessa disciplina:

Eu me lembro bem do mapa, que matéria estuda o mapa? Em geografia. Ah, sim, o mapa do Brasil é Geografia. A professora tinha um mapa grande, então ela deu, e a gente tinha que estudar e depois a gente tinha que ir lá apontar com a vara onde que estava o estado que ela pedia. Tu sabe que ainda hoje eu queria repetir isso de novo. Eu sabia todo o mapa de cor, eu esqueci uns. Eu tinha muita facilidade no mapa, eu gostei muito de mapa, meu Deus! Eu comecei lá de cima e parei lá embaixo no mapa. Eu sei ainda uns, mas uns eu ainda falo para os meus filhos, eu digo assim: me ajudam um pouco. Eu gostaria de ver de novo aquele mapa que eu aprendi.

Andres (2024) comentou que a professora Izabela carregava consigo alguns materiais, além de sua vara, e também rememorou o estudo da Geografia por meio do uso do seu mapa:

[...] ela tinha sim um livro que andava debaixo do braço, e tinha também a sua vara, tinha as canetas e daí ela botava umas coisas no quadro, como que diz, o mapa e aí apontava a régua e perguntava no mapa que cidade é essa, e essa, e nós tinha que ir lá na frente e mostrar onde estava. Até que nós aprendemos

Alguns entrevistados mencionaram o fato de cantar o hino e de rezar em sala de aula, práticas que eram conduzidas por Izabela, como é o caso de José Müller (2024) e de Pellens (2024):

[...] cantar o hino pelo menos uma vez por semana... eu acho que mais até, tinha que ser cantado o hino... isso é... olha acho que quase todos os dias. Isso era muito. Nós também tinha que rezar na escola todos os dias, agora não me lembro se era pai nosso uma ave Maria, mas todos os dias se rezava (José Müller, 2024).

As comemorações cívicas ela lembrava muito bem e a gente participava das comemorações na comunidade do jeito simples, mas o dia era bem lembrado, não era o mês, era o dia era lembrado. O dia de soldado e tudo isso era lembrado. [...] então cantavam o hino, ela falava sobre o assunto, explicava, hasteava a bandeira alguma coisa assim a gente fazia.[...] Ela era muito patriota, ela executava o hino nacional com respeito, o hino do Rio Grande. No dia 7 de Setembro, data cívica era com a dona Izabela (Pellens, 2024).

A entrevistada Iria Müller (2024) também comentou que, embora ela fosse de outra religião, a professora Izabela sempre tinha o hábito de rezar, mas não manifestava diferença entre católicos e evangélicos. Além disso, mencionou também o fato de cantarem o hino:

Lá quando nós estudava daí não tinha a religião estabelecida, não, não, mas todo dia nós tinha o pai nosso, dos católicos, quer dizer assim, tinha a Ave Maria, também o hino nacional isso tinha. Aí eu aprendi o hino nacional quando eu ia no colégio, né? Ainda hoje eu sei isso, só que eu nunca canto né? Eu perco as palavras no meio, mas se eu cantar junto eu sei ainda né, mas isso eu aprendi no colégio com a professora (Müller, 2024).

Cunha (2024) também mencionou sobre a prática de cantar o hino: “Todos os dias tinha que cantar o hino da Bandeira ou hino nacional, e todo mundo em posição de sentido, né. Era quase todos os dias que eu me lembro, aí depois passou para quarta-feira”.

Dessa forma, me recorro de uma afirmação escrita por Viñao Frago (1995) em que possui uma visão ampla da cultura escolar, dizendo que as relações que são travadas no seio da instituição

inclui práticas e comportamentos, estilos de vida, hábitos e rituais – a história cotidiana do fazer escolar – objetos materiais - função, uso, distribuição no espaço, materialidade física, simbologia, introdução, transformação, desaparecimento... – e modos pensar, bem como significados e ideias compartilhadas. Alguém vai dizer: tudo. E sim, de fato, a cultura escolar é toda a vida escolar: fatos e ideias, mentes e corpos, objetos e comportamentos, modos de pensar, dizer e fazer (Viñao Frago, 1995, p. 68-69).

A partir desses trechos, percebe-se que as práticas do cotidiano se correlatam com o que se compreende do mundo social e com os argumentos fornecidos em determinadas circunstâncias, realizadas pelos indivíduos que se estabelecem nesses locais (Souza, 2011). Consoante esse viés, Chartier (1990, p. 17) afirma que:

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformado ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas.

As práticas culturais estão relacionadas com o lugar, submetendo-se às normas desse espaço, estando plausível de serem situadas, estruturadas e impostas (Vidal, 2005b). Aqui, percebo a vinculação entre as intervenções produzidas no âmbito sociocultural com as práticas escolares, entendendo, como Vidal (2006a, p. 158), que as práticas

[...] apresentam modos de estar no mundo, de compreender a realidade e de estabelecer sentido, partilhados social e historicamente. Isto implica dizer que as práticas não são jamais individuais, a despeito de serem ativadas individualmente por cada sujeito. Mas também significa dizer que elas se exercitam em culturas específicas, o que nos faz interrogar não apenas acerca das relações históricas nas quais se produzem, mas das circunstâncias escolares e educacionais em que foram geradas.

Essas práticas admitem entender os fazeres que se formam no interior das escolas, presumindo, dessa forma, a presença de saberes específicos que se estabelecem nesses lugares e que os qualificam como um espaço escolar.

Houve uma narrativa peculiar que me chamou bastante atenção a respeito do dia da morte de Getúlio Vargas, então presidente do Brasil, relata por Iria Müller (2024), que descreve a comoção e o impacto da notícia:

Lembro que ela foi uma boa professora, e também me lembro de um dia que fui para o colégio quando o presidente do Brasil, Getúlio Vargas, assassinou. Aí a professora Izabela disse isso no colégio, nos contou e aí terminou a aula no meio da manhã. Isso ocorreu nos anos de 54, 55 ou 56. E quando ele morreu, foi dito isso no colégio, e a professora terminou a aula, isso me marcou muito, chamou muita a atenção das crianças naquela época. Para as crianças, aquilo era uma coisa muito grande, a gente queria falar para cada pessoa que a gente passava, sabe?

As memórias manifestadas por meio das falas revelam como era o espaço das aulas, oferecem uma visão das práticas de abordagens no ensino de Matemática e Geografia, bem como mostram a ocorrência de aspectos pátrios e religiosos, como as práticas de rezar e de cantar o hino. Além disso, as falas manifestam como foram se constituindo as impressões dos estudantes de Izabela, por meio das experiências vividas como destaca Graebin (2023): “o que a gente fazia era passeios, a gente era preparado para fazer passeio, nós fazia uma integração assim com outras regiões. Então ela contratava caminhão e todo mundo ia em cima numa grande alegria”.

Aqui, vale relembrar uma fala de uma entrevistada da pesquisa do mestrado, que disse que a prática de alugar um caminhão e levar as crianças para as regiões próximas a localidade central de Vale Real era uma prática comum realizada pela professora Izabela. Ou seja, essa atitude demonstra que a professora tinha autonomia de buscar um meio para que as crianças e ela mesma pudessem explorar outros espaços e fazer integrações com outras crianças. Para ela, deveria ser um meio de buscar outras perspectivas de abordagens escolares, saindo da sala de aula e explorando outros locais.

Neste sentido, Freinet (1998, 354-355) menciona que a

[...] experimentação, sempre que isso for possível, que pode ser tanto observação, comparação, controle, quanto prova, pelo material escolar, dos problemas que a mente se formula e das leis que ela supõe ou imagina. A criação, que, partindo do real, dos conhecimentos instintivos ou formais gerados pela experimentação consciente ou inconsciente, se alça, com a ajuda da imaginação, a uma concepção ideal do devir a que ela serve. Enfim, completando-as, apoiando-as e reforçando-as, a documentação a busca da informação desejada em diferentes fontes que é como uma tomada de consciência da experiência realizada, no tempo e no espaço, por outros homens, outras raças, outras gerações.

Outro destaque importante surge a partir de uma lembrança de uma experiência vivida que teve grande significado na infância de José Müller (2024), a qual se estabeleceu no espaço

escolar: “No 7 de Setembro nós ia sempre no desfile na Feliz, a gente ia de bicicleta daqui, enfeitava as bicicletas comprava esse papel crepe. Mas que tempos bonitos era isso, quando chegava no 7 de setembro, e a professora Izabela sempre nos acompanhava”. O entrevistado também mencionou que as bicicletas eram enfeitadas na escola. Aqui, faço uma relação dessa fala com o que Escolano Benito (2018, p. 393, tradução minha)<sup>83</sup>, que diz que,

Todos nos lembramos da escola como um espaço real e metafórico no mundo da nossa infância e adolescência, de cuja memória emergem âncoras afetivas que transformam a experiência vivida numa fonte essencial da nossa própria identidade narrativa.

Outra entrevista que pode ser analisada com base nos estudos de Escolano Benito (2018) é a narrada por Pellens (2024). Durante a escuta da narrativa, pude perceber uma emoção trazida quando ela demonstra o respeito que os alunos tinham pela professora e como até os dias de hoje é lembrada pela comunidade:

Ah, a Izabela! Ela era assim, ela tinha um horário dela, e era bastante correta, ela exigia bastante, era exigente. Ela colocava bastante ordem. Eu me lembro também que os alunos quando ela chamava para entrar, tinha que fazer fila para subir a escadinha, isso era um silêncio total ela na frente do quadro, dava aquela lição. Cobrava do aluno. E quando dizia “não” era não, e quando dizia “sim”, era sim. Ela era determinada, correta. E hoje a professora Izabela é lembrada por toda a comunidade como a primeira professora do município, a dona Izabela (Pellens, 2024).

Izabela não foi a primeira professora que a comunidade teve, uma vez que uma de suas irmãs já havia ocupado o espaço de professora antes mesmo de Izabela, mas dada a importância de sua pessoa e a memória que significou a vida de cada ex-aluno, faz com que essas lembranças se tornem uma verdade absoluta,.

A dona Izabela, ela era uma pessoa assim... que tinha o seu valor, sua importância pela formação que ela trabalhava com os alunos. Ela tem o seu reconhecimento, quem trabalhou com ela, quem conheceu a dona Isabella por outras pessoas. Foi uma pessoa que de valor, deu uma boa parte de contribuição no Vale Real na formação de muitas crianças. E na comunidade, no geral a dona Izabela sempre participava dos encontros, das festividades. A dona Izabela tinha um pequeno dedinho ali junto, porque ela era professora, era mais lembrada ela do que o pai dela, tanto é que eu mesma não sabia o que ele era dela [risos], mas ela sim era muito reconhecida. Porque lembram da dona Izabela e não do Bernardo Petry? (Pellens, 2024)

Pellens (2024) complementou a sua narrativa dizendo:

---

<sup>83</sup> Do original: “Todos recordamos la escuela como un espacio real y metafórico del mundo de nuestra vida infantil y adolescente, de cuya memoria emergen anclajes afectivos que transforman la experiencia vivida en fuente esencial de nuestra propia identidad narrativa” (Escolano Benito, 2018, p. 393)

Olha, eu me lembro dela como professora, sempre estava na frente daquele quadro, ela explicava, ela ia nas classes, ela atendia os alunos, ela fazia as comemorações cívica. Nós tínhamos hora do recreio assim... ela detalhava hoje é o dia disso, agora é o momento disso, hora de começar a aula, hora de terminar, todos sempre juntos parceiros, não existia assim encrenca e discussão, a gente era uma turma unida. Ia na escola no horário, voltava no horário, folga não existia isto era de segunda a sexta de manhã. Eu ia para aula de manhã, ela recebia todo mundo sempre bem. Rezava na entrada e na saída, nós fazia a nossa oração, tudo correto tudo em ordem.

Na época, as professoras, muito além de ensinar os alunos, exerciam outras funções relacionadas à organização e ao funcionamento da escola. Para Rockwell (1997), as demarcações do trabalho dos professores iam além do que estava concentrado em sua formação, abrangendo atividades que estavam ligadas à documentação, relacionamento com a comunidade, socialização. Os professores, sob esse viés, são percebidos como um elo entre escola e comunidade, entrelaçando assuntos relativos à dinâmica escolar e à dinâmica social.

De acordo com Giacomoni (2020, p.2017): “As representações dos sujeitos sobre diferentes aspectos do seu passado estão ligadas às formas como significaram suas memórias, selecionadas a partir de critérios individuais”, do mesmo modo, Burke (2008, p.101) menciona que “[...] pessoas diferentes podem ver o mesmo evento ou estrutura a partir de perspectivas muito diversas”

Cada indivíduo significou o seu processo formativo de acordo com a realidade vivenciada na época, uma vez que todos os processos educacionais instigam as mais variadas emoções, que podem ser boas ou ruins, e que estão vinculadas às condições do tempo e do espaço. Por isso, estabelecem-se distintas lembranças ternas das vivências experimentadas de acordo com as práticas escolares estabelecidas, que podem ser significantes ou desvalorizadas nas recordações, e que ocorrem por meio de representações do tempo presente (Escolano Benito, 2018).

A título de exemplo, podemos citar a fala de Stoffles (2019), que, embora não tenha sido aluno de Izabela, por ter presenciado ou convivido com outras crianças que estudavam com ela e comentavam sobre suas práticas, mencionou sobre a forma de dar aula da professora:

[...] mas era claro e notório que o nível de acadêmico era melhor na Izabela, era mais disciplina, mais organizado, né. É é que o pai dela já era professor, né. Ela também professora e era uma senhora muito correta assim, religiosa porque na igreja ela também comandava, então dona Izabela era uma mãe de todo mundo, ninguém ousava dizer qualquer coisa contra dona Izabela. Dona Izabela era a mãe do Vale Real.

Perguntei aos entrevistados se sabiam se a professora Izabela teria algum tipo de formação, uma vez que não encontrei nenhum documento que mencionasse sua formação. A

informação que temos é de Cunha (2024), que respondeu que sua mãe não tinha nenhuma formação e que na época não teria tido condições de estudar mais, conforme relato:

Não! a mãe não tinha formação [...] me lembro que ela fazia uma vez por ano cursos tipo reciclagem ali em São Leopoldo. Todo ano ela tinha que ir fazer, ela ia com outros professores de Feliz, de Alto Feliz, Picada Cará, Nova Palmira, Arroio Feliz. Eles se juntavam tudo e iam todo ano fazer esse curso tipo reciclagem, né? Todo ano mudava o currículo, então o currículo novo velho não valia mais. [...] Apesar dela não ter a formação, ela tinha tudo organizado, terminava a aula ela levava tudo para casa. E em casa ela preparava a aula.

Pellens (2024) também comentou que a professora Izabela não tinha formação adequada para exercer a docência, por isso, com o tempo, passou a exercer a função de doméstica na atual Escola Estadual de Ensino Médio Bernardo Petry, conforme relatado pela entrevistada:

Não, ela não tinha formação, nem o curso de formação de professoras ela não tinha. [...] ela foi para a escola estadual e ali ela foi ser doméstica. Também fazia merenda para os alunos, mas em sala de aula ela não entrou mais, e ali ela ficou até de se aposentar (Pellens, 2024).

Essa narrativa me instigou a pesquisar mais sobre Izabela. Com isso, retomei os arquivos da escola e fui novamente ao acervo do Museu Histórico de São Sebastião do Caí. Ali, encontrei um livro de requerimento, no qual constava um pedido de certidão de tempo de serviço referente ao ano de 1957, conforme ilustrado na Figura 82.

Figura 82 – Requerimento certidão de tempo de serviço

Nos.	REQUERENTE	Distrito	Data	ASSUNTO	Recibo
52	João Schlappendorff	Síde	12/13/57	Ligação de água	482.
53	Colo Lide Paersch	N. Valéria	11/13/57	licença p/ 1 mês de	482.
54	Clara Lora	Síde	..	certidão p/ serviço	482.
55	Maria Traga Pires	-	18/13/57	certidão t. serviço	482.
56	Pedro Ruyter Sob.	B. Cunip.	19/13/57	licença p/ 1 mês de	482.
57	Therese Lora	Síde	11/13/57	licença p/ 1 mês de	482.
58	Izabela Petry	Palma	24/13/57	Certidão de tempo de serviço	482.
59	João Lourenço Teixeira	Urso	27/13/57	certidão de tempo de serviço	482.
60	Engenheiro Ely (com ex. p. Bonito)	Síde	29/13/57	licença p/ 1 mês de	482.
61	.. (Com. L. Carneiro)	..	..	..	482.
62	Maria Juci Gomenmann	..	..	licença gestante	482.
63	Elizabetha Perini	Palma	..	..	482.
64	Consta Alves dos Santos	-	..	licença p/ 1 mês de	482.
65	Onis Maria Schmidt	Síde	..	licença para licença 2 meses	482.
66	Maria Lídia Klein	Palma	..	..	482.
67	Maria Lídia Klein	Palma	30/13/57	..	482.
68	Amanda Neli de P. Agnola	Agala	12/13/57	licença gestante	482.
69	Marcos Vargas da Silva	..	31/13/57	licença licença 2 meses	482.
70	Jaquetta Vargas	Síde	14/13/57	certidão de serviço	482.
71	Maria de Lourdes Berveira	Agala	..	licença p/ 1 mês de	482.

Fonte: acervo do Museu Histórico de São Sebastião do Caí (1957).

Com esse documento, pode-se pensar na possibilidade que a professora Izabela já estar organizando e planejando sua futura aposentadoria. Ou, então, que já estava acompanhando o movimento que estava iniciando em 1957, no qual alguns líderes da comunidade buscavam arrecadar recursos financeiros para a construção de uma nova sede para receber o Grupo Escolar de Vale Real. Se tratava do Grupo Escolar estadual que estava por se estabelecer em parte das terras que eram de propriedade de Izabela.

De acordo com o entrevistado Stoffles (2019), um munícipe doou parte do valor que faltava para a compra do terreno, garantindo a aquisição da sede. Aloysio Angst<sup>84</sup>, entrevistado da pesquisa do mestrado, vinculou esse episódio ao fim da escola paroquial: “[...] quando a escola particular terminou, a escola municipal continuou mais uns dois anos, e depois foi fundado o grupo escolar de Vale Real”.

Encontrei, também, documentos que se referiam ao final da década de 1959 (figuras 83 e 84), que ainda vinculavam Izabela como professora no Grupo Escolar de Vale Real, conforme verificado nas imagens abaixo.

Figura 83 – Livro de registro de frequência, diária e aparelhamento escolar (1959)

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

REGISTRO ESCOLAR  
(MODELO III)

(Cidade da Matrícula) Feliz  
(Município)

**MATRÍCULA, FREQUÊNCIA DIÁRIA E APARELHAMENTO ESCOLAR**

Escola Singular (Nome): Rui Barbosa nº 40

Rua e número: Rio Branco Cidade, vila ou localidade: Vale Real

Distrito judiciário-administrativo: .....

**ÍNDICE**

1. Instruções.....	Pág. 3
2. Indicador das principais profissões dos pais dos alunos.....	5
3. Registro da matrícula.....	9-27
4. Frequência diária.....	29-63
5. Aparelhamento escolar.....	65-69
6. Fôlhas em branco.....	70-78

Serviço Gráfico da F. S. G. E. - 14.881

Fonte: acervo da Escola Estadual de Ensino Médio Bernardo Petry (1959).

<sup>84</sup> ANGST, Aloysio. [Entrevista cedida a] Mariane Fruet de Mello. Vale Real Rio Grande do Sul, presencial, 11 fev. 2019.



O ano de 1960 foi marcado por um acontecimento importante na sociedade depois do movimento da comunidade para a construção da nova sede da escola. No dia 10 de março de 1960 oficializou-se a criação do Grupo Escolar Estadual e, junto com ela, foi inaugurada a sede da escola (Kuhn, 2021). Foi redigida uma ata em que consta a presença de autoridades presentes na solenidade, como o prefeito e o vice-prefeito de Feliz (em 1960, Vale Real já pertencia a Feliz), a professora Izabela, o padre da localidade, a delegada regional de ensino, a superintendente do ensino primário do estado e o orientador educacional rural. Todas essas autoridades estão mencionadas em ata. Também estiveram presentes alguns munícipes. Após a solenidade de criação do Grupo Escolar, os convidados participaram de um churrasco na sede da Sociedade Aliança de Vale Real<sup>85</sup>. A imagem a seguir ilustra a ata escrita no ato da solenidade (Figura 85).

---

<sup>85</sup> A Sociedade Aliança é hoje o clube da cidade.

Figura 85 – Ata de criação do Grupo Escolar Estadual

Ata n.º 1/60

Nos dez dias do mês de março de mil novecentos e sessenta, realizou-se às 10,30 hs. na localidade de Vale Real, no município de Felin a inauguração de um Grupo Escolar Estadual.

No ato compareceram o Sr. Prefeito da localidade de Sr. Kurt Walter Grebin; Sr. Vice-Prefeito, Sr. Alberto Mesnager; Sr. Presidente da Câmara de Felin, Sr. Nipio Nierson; vereadores Kuhn Stöffel; Sr. João Julio Gerga, secretário estadual; Sr. Carlos Lehmann, fiscal Orientador, Sotados da Prefeitura, Sr. Prof. Leo Julio Demes, vereador municipal; Izabela Petry Cunha e Celina Furtado professoras municipais, como autoridade máxima da Igreja católica como Sr. Ermino Mallmann.

Como convidados especiais, representando a Secretaria de Educação e Cultura, a Sra. Delegada Regional de Ensino, Sra. Enas Negrina Laguna Filho, representante de modo especial a Sra. Superintendente de Ensino Primário, Dona Anice Maria Amantivo; Sr. Antônio José de Praga, Orientador Rural Estadual.

Notou-se o comparecimento de outras pessoas graduadas e o preparo fora da localidade.

Foram abertas as solemnidades com o Hino Nacional Brasileiro, em seguida usou da palavra o Sr. Vereador Kuhn Stöffel que soube com palavras eloquentes transcrever o esforço feito pelo Sr. Prefeito da localidade para ver concretizada a inauguração dessa escola. A seguir, falou a Sra. Theresinha Nello, que falou em nome da Sra. Delegada de Ensino. A mesma elogiou o empreendimento que foi concretizado pelo Sr. Prefeito de Felin e pelo dinamismo, força de vontade, espírito de homem público que se fez notar na pessoa deste idealista e realizador Prefeito. Logo após, falou o Sr. F.

Fonte: acervo da Escola Estadual de Ensino Médio Bernardo Petry (1960).

Com o auxílio da população, foi possível a idealização do Grupo Escolar Estadual. Sendo assim, em 10 de março de 1960, nasce o Grupo Escolar Bernardo Petry, sem, porém, terem sido concluídas suas novas instalações. Por isso, as aulas voltaram a acontecer no prédio que abrigou inicialmente a 11<sup>a</sup> aula pública do estado, ou seja, na residência do senhor José Alcides Glaeser, conforme afirmado por ele: “[...] a escola ficava onde é a casa da Cristina

<sup>86</sup> Entre os anos de 1898 até os primeiros anos de 1900, as aulas públicas, sob a regência de Bernardo Petry, aconteciam nesse local. Então, em 1905, junto com sua residência, Bernardo construiu a escola que depois passou a ser conduzida pela sua filha Izabela.

Assmann, na rua da prefeitura, e depois a escola foi onde é minha irmã Gonzalina” (Glaeser, 2018). As aulas continuaram acontecendo provisoriamente nesse espaço por três anos.

Encontrei nos documentos da escola um livro de frequência diária indicando o município de Feliz. Se tratava do ensino primário na turma do 2º ano e do registro do nome do Grupo Escolar de Vale Real, em Vale Real. Na contracapa, o termo de abertura do livro data de 1º de março de 1960 e demonstra que Izabela seria a professora responsável. Como pode ser visto na Figura 86, o nome de Izabela vem acompanhado do sobrenome de casamento – Cunha.

Correndo os olhos por outros livros semelhantes a este, com outras professoras responsáveis, pode-se verificar que, nesse período, a escola oferecia o ensino primário do 1º ao 5º ano.

Figura 86 – Livro de frequência escolar e termo de abertura do livro no ano de 1960

The image shows two pages from a school record book. The left page is the 'REGISTRO ESCOLAR' (Model II) for 'FREQUÊNCIA DIÁRIA' (Daily Frequency) in the 'Primário' (Primary) course, '2º ano' (2nd year) at 'Grupo Escolar de Vale Real' in 'Vale Real'. The right page is the 'TERMO DE ABERTURA' (Opening Term) dated '1 de março de 1960' (March 1, 1960), signed by 'Izabela Petry Cunha' as the responsible teacher. A red arrow points to the signature on the right page.

Fonte: acervo da Escola Estadual de Ensino Médio Bernardo Petry (1960).

Esse livro registrou a frequência de todo o ano de 1960. No livro, há informações a respeito da quantidade de alunos do sexo masculino e feminino e, também, a frequência escolar. Conforme o registro, havia 13 meninos e 8 meninas. A frequência escolar me pareceu ser semelhante entre ambos os sexos.



Encontrei, também, um livro de registro de frequência escolar de 1961, semelhante aos demais já ilustrados. Neste livro, encontrava-se um resumo, logo após a contracapa com informações sobre a região escolar – no caso, Vale Real pertencia à 1ª entrância da 2ª região escolar em São Leopoldo – o endereço da escola, informações pertinentes a localizar a escola.

Consta que se tratava da turma de 2º ano e que a escola tinha seu funcionamento em dois turnos – não informa quais os turnos – mas certamente se tratava do turno da manhã e da tarde por ser uma escola primária. O documento também apresenta que o ano letivo de 1961 continha 207 alunos. Há, também, a informação de que duas professoras regiam a classe escolar de 1961. A localidade informada é Vale Real. O registro leva a data de 20 de dezembro de 1961.

Na sequência, há um quadro com movimento de classe, informando que, nesse mesmo ano, houve 17 matrículas, 1 aluno evadido e 16 matrículas reais. Além disso, informa que compareceram 15 alunos para as provas finais, sendo que apenas 1 não compareceu, atingindo um percentual de 95%, conforme destacado no quadro. Consta, também, o total de alunos com desempenho suficiente em cada um dos componentes curriculares, ou seja, Linguagem, Matemática, Estudos Sociais e Ciências Naturais, indicando um percentual de 100% de alunos alfabetizados.

No último quadro, consta a suficiência por parte de provas finais, indicando que, na prova final de Linguagem, foram considerados os critérios avaliativos a leitura, os exercícios, os ditados, gram. func<sup>87</sup> e composição. Para esse componente de Linguagem, demonstrou que todos os 15 alunos foram suficientes.

Há, ainda, um quadro que demonstra da mesma forma a ocorrência na Matemática, sendo que os critérios avaliativos seriam a resolução de problemas, os exercícios e os cálculos. Como resultado, há que todos os 15 alunos que estiveram matriculados no ano de 1961 foram suficientes.

Ao final do documento, que integra o livro de registro de frequência escolar, Izabela assina como professora, utilizando seu nome completo, ou seja, Izabela Petry Cunha. A diretora da escola, Aura Hartmann Schneider, também assina essa folha.

A Figura 89 mostra esses detalhes.

---

<sup>87</sup> Possivelmente a descrição “gram. Func” signifique Gramática Funcional, mas no documento não está expressamente claro.

Figura 89 – Registro de movimento escolar (1961)

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
CENTRO DE PESQUISAS E ORIENTAÇÃO EDUCACIONAIS  
1961

REGIAO ESCOLAR 2ª ENTRANCIA 1ª LISTA 2  
UNIDADE ESCOLAR Grupo Escolar  
ENDEREÇO DA ESCOLA Vale Real Feleiz FONE Telefonica  
CLASSE 2º ano A.C.R.  
REALIZOU PROVA DE 2º ANO  
FUNCIONAMENTO DA ESCOLA: 2 TURNOS.  
FUNCIONAMENTO DA CLASSE DURANTE O ANO: 207 DIAS  
TEMPO DE REGENCIA DE CLASSE DA PROFESSORA 307 DIAS  
PROFESSORAS QUE REGERAM A CLASSE DURANTE O ANO (N.º): 2  
LOCALIDADE Vale Real DATA 30-12-1961

**MOVIMENTO DA CLASSE**

	N.º	Percent.
1. MATRICULA GERAL	17	
2. EVASAO	1	
3. MATRICULA REAL	16	
4. COMPARECIMENTO AS PROVAS FINAIS	15	95%
5. NAO COMPARECERAM AS PROVAS FINAIS	1	-
6. TOTAL DE SUFICIENTES	15	-
7. TOTAL DE INSUFICIENTES	15	100%
8. SUFICIENTES EM LINGUAGEM	15	100%
9. SUFICIENTES EM MATEMATICA	15	100%
10. SUFICIENTES EM ESTUDOS SOCIAIS	15	100%
11. SUFICIENTES EM CIENCIAS NATURAIS	-	-
12. NAO ALFABETIZADOS	-	-
13. PERCENTAGEM DE SUFICIENCIA SOBRE A MATRICULA REAL		93%
14. PERCENTAGEM DE SUFICIENCIA SOBRE O COMPAR. AOS EXAMES		100%

**SUFICIENCIA POR PARTES NAS PROVAS FINAIS**

LINGUAGEM			MATEMATICA		
Partes	N.º de sufic.	Partes	N.º de sufic.	Partes	N.º de sufic.
Leitura	15	Gram. Func.	15	Problemas	15
Exercicios	15	Composiçao	15	Exercicios	15
Ditado	15			Cálculos	15

*Izabela Petry Cruz*  
Assinatura do Professor

*Carla Antonia Hartmann Schneider*  
Assinatura do Diretor

Fonte: acervo da Escola Estadual de Ensino Médio Bernardo Petry (1961).

E o último registro formal e escrito encontrado que indica a atuação de Izabela como professora é de abril de 1962. Trata-se de um livro de registro escolar, sendo a Izabela a professora responsável pela turma do 2º ano. Esse livro mantinha a organização como os demais registros, informando, primeiramente, a relação de alunos do sexo masculino – que, no caso, eram onze – e, abaixo, relacionava as meninas, que totalizavam oito. Em relação à frequência escolar, as meninas foram menos assíduas do que os meninos.



Figura 91 – Nova sede do Grupo Escolar de Vale Real (não datada)



Fonte: acervo pessoal de Isabel Cristina Assmann (não datada).

Apesar da fotografia não estar tão nítida, é possível verificar um grupo grande de crianças na frente compondo a imagem, possivelmente estavam as professoras, gestoras e demais servidores da escola. Desde a inauguração, a Escola passou por diversas melhorias, como, por exemplo, ampliações do prédio e mudanças na legislação conforme imposições estabelecidas pela Ditadura Militar de 1964.

De acordo com Saviani (2004b), o redirecionamento e as modificações educacionais introduzidas foram consequência de movimentos político-econômicos que se formaram no decorrer de períodos precedentes. Nessa condição, era uma imposição a providência de ajustamentos na legislação educacional frente ao modelo econômico do capitalismo de mercado, associado à dependência econômica. Sobre isso, Tanuri (200, p. 68) comenta que:

Na conjuntura histórica pós-64, as preocupações da literatura educacional, dos conteúdos curriculares e dos treinamentos dos professores deslocam-se principalmente para os aspectos internos da escola, para os “meios” destinados a “modernizar” a prática docente, para a “operacionalização” dos objetivos – instrucionais e comportamentais –, para o “planejamento, e coordenação e o controle” das atividades, para os “métodos e técnicas” de avaliação, para a utilização de novas tecnologias de ensino, então referentes, sobretudo a “recursos audiovisuais”. Tratava-se de tornar a escola “eficiente e produtiva”, ou seja, de torná-la operacional com vistas à preparação para o trabalho, para o desenvolvimento econômico do país, e para a segurança nacional.

Não encontrar mais documentos acerca da atuação de Izabela como professora certamente foi uma das consequências da política educacional imposta pela Ditadura Militar de 1964, pois, conforme relatado por Cunha (2024), sua mãe não tinha nenhuma formação para as práticas docentes, a não ser os cursos de reciclagem, como ele mencionou.

Ainda em 1964, a escola passou a ofertar o 6º ano, sendo que várias mudanças ocorreram após esse ano. Nos anos seguintes, por meados de 1967, houve alteração para a implementação

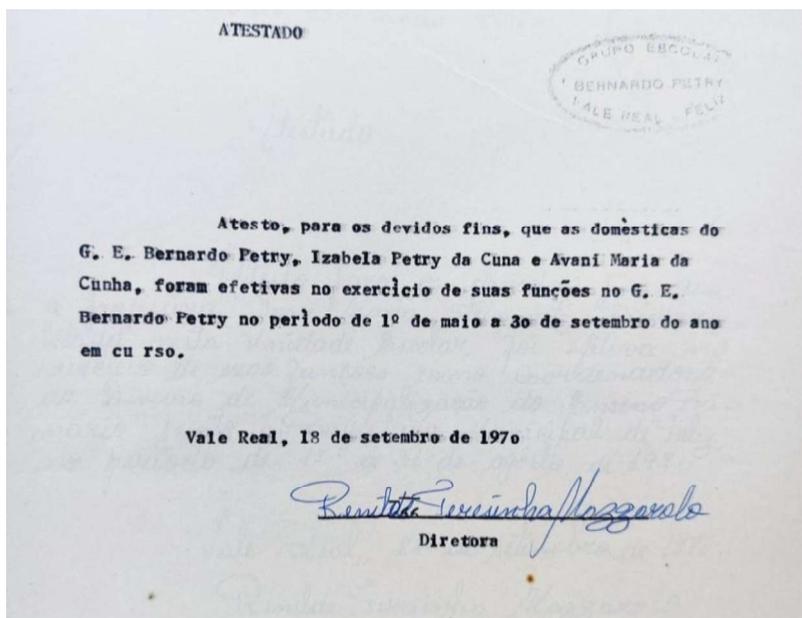
dos 7º e 8º anos. Pellens (2024) comentou que, ao retornar para Vale Real, após concluir sua graduação, encontrou a professora Izabela na escola:

[...] quando eu voltei pro Vale depois que eu me formei, a professora Izabela estava trabalhando na escola Bernardo Petry como doméstica. Quando eu voltei, nesse meio-tempo, foi construída a escola estadual. E ela foi pra lá como doméstica porque ela não tinha habilitação e não tinha formação para entrar para ser professora estadual.

Confesso que, ao ouvir essa narrativa, fiquei bastante confusa, uma vez que não compreendi o que havia ocorrido: se Izabela havia se aposentado como professora e estava atendendo a escola como voluntária; se havia prestado outro concurso; ou se estava atuando como contratada. Isso foi esclarecido quando Cunha (2024), seu filho, informou que “a mãe, depois, começou a trabalhar no Grupo Escolar. Ela começou a trabalhar ali, ela trabalhou de merendeira ali na escola”. Com isso, questionei: “Mas Izabela não trabalhou de professora no Grupo Escolar?”. Ao que Cunha (2024) respondeu: “Não, não!”. Questionei o porquê de ela não ter trabalhado como professora. A resposta que obtive foi “Eu também não sei, mas certamente porque ela não tinha formação adequada para trabalhar como professora” (Cunha, 2024).

A partir desse momento, compreendi que Izabela não exerceu mais a função de professora, deixando sua sala de aula em função das imposições governamentais do período. Ao analisar documentos da década de 1970, encontrei, nos arquivos da Escola Estadual Bernardo Petry, comprovações da atuação de Izabela como doméstica da escola. Nos documentos, também consta o nome de sua filha mais nova – Avani Maria da Cunha. O documento mais antigo encontrado, que indica a atuação de Izabela como doméstica, é um atestado informando que Izabela e Avani foram efetivadas de 1º de maio a 30 de setembro de 1970. Esse atestado foi assinado em 18 de setembro de 1970, por Renilde Teresinha Mazzarolo, conforme pode ser evidenciado na Figura 92.

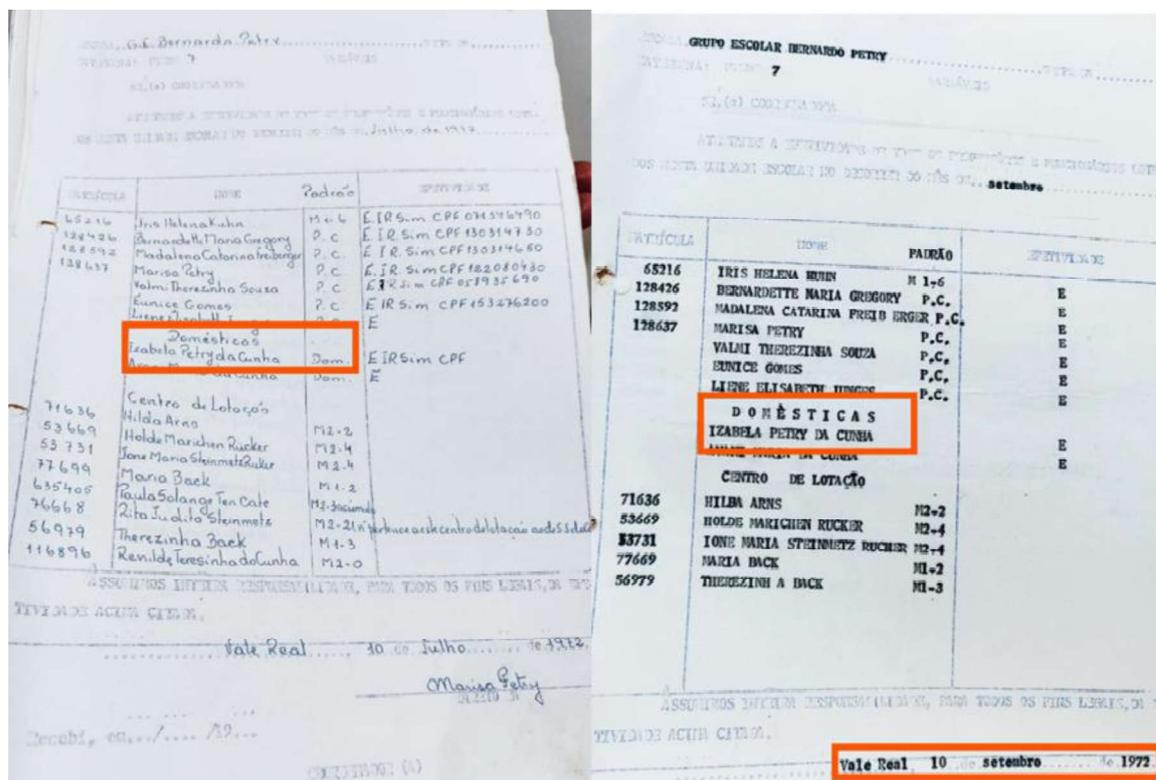
Figura 92 – Atestado de atuação de Izabela como doméstica



Fonte: acervo da Escola Estadual de Ensino Médio Bernardo Petry (1970).

Referente ao ano de 1972, encontrei documentos que informavam a efetividade de servidores da Escola. Dentre os nomes, consta o de Izabela, exercendo a função de doméstica (figuras 93 a 95).

Figura 93 – Efetividade de Izabela como doméstica no ano de 1972



Fonte: acervo da Escola Estadual de Ensino Médio Bernardo Petry (1972).

Consta que a efetividade ocorreu em 1974, no entanto, com uma observação ao lado do nome de Izabela e de Avani, informando que eram domésticas não estáveis. Além disso, há uma anotação a caneta reforçando essa condição, indicando que, por esse motivo, não tinham direito a faltas justificadas nem a licenças.

Figura 94 – Efetividade de Izabela como doméstica no ano de 1974

De Sr. Governador  
Atestamos a efetividade de .....  
Assinamos a efetividade de .....  
Assumimos inteira responsabilidade, para todos os fins legais, da efetividade dada.

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO BERNARDO PETRY  
MUNICÍPIO: FELIS  
EFETIVIDADE REFERENTE AO PERÍODO DE: 11 / 08 / 74 a 13 / 09 / 74  
NÚMERO: FUNDAMENTAL

Grp	Padrão	Cargo	Matrícula	N o m e	Efetividade	Observações
01	M1-6	profes.	65216	Iris Helena Kuhn	E +	
01	M1-2	profes.	91957	Maria Luiza Costi	E +	
01	M1-2	profes.	99422	Dianna Madalena Costi	E +	
01	M2	profes.	128426	Bernardette Maria Schio	E +	
01	M2	profes.	128592	Madalena Catarina Freiburger	E +	
01	M2	Director	128637	Marisa Petry	E +	
01	M2	profes.	153374	Consuelina Glaeser	E +	
01	Dom. E. estável		15943	Izabela Petry da Cunha	E +	2 ho. semestrais
CENTRO DE LOCAÇÃO						
01	M1	Aux. Adm.	49566	Maria Rosita Veit		Dir. Est. Felis
01	M2-4	Sup. MUN	53669	Holde Marichen R. Naha		Professora
01	M2-4	Dir. DME	53731	Ione Maria Steinmetz Buckner		Professora
01	M2-3	Director	71630	Hilda Arne		Dir. Est. Felis
01	M1-2	profes.	77669	Marta Beck		Dir. Est. Felis
01	M2	profes.	86454	Manice Cosco		Dir. Est. Felis
01	M2	profes.	702681	Liene Elisabeth Junges		Dir. Est. Felis
01	M2	profes.	702686	Valmi Theresinha Sousa		Dir. Est. Felis
01	M2	Director	14371	Almarth Victoria F. Rauber		Dir. Est. Felis
02	M2-3	Super.	27187	Dulce M. Simon Raschel		Dir. Est. Felis
02	M2-7	Coor.	35405	Paula Solange Ten Oute		Dir. Est. Felis
02	M24	Coor.				Dir. Est. Felis

DATA ÚTIL	GRUPO E AVANÇO	NOME	EFETIVIDADE	ASS
69216	M1-6	Iris Helena Kuhn		
91957	M1-2	Maria Luiza Costi	E	1.8.
99422	M1-2	Dianna Madalena Costi	E	1.8.
128426	M2	Bernardette Maria Schio	E	1.8.
128592	M2	Madalena Catarina Freiburger	E	1.8.
128637	M2	Marisa Petry	E	1.8.
153374	M2	Consuelina Glaeser	E	1.8.
	M2	Irene Niets Niencov	E	1.8.
	M2	Heli Nialke	E	1.8.
	M2	Jucy Maria de Silva Machado	E - a partir de 4.8.	

45942	Dom. E. estável	Avani Maria da Cunha	E	4.8.
45943	Dom. E. estável	Izabela Petry da Cunha	E - a partir de 13/08/74	4.8.

Dom. E. estável a partir de 13/08/74  
a partir de 13/08/74  
a partir de 13/08/74

Felis, .....  
M. Soares  
Diretor

Fonte: acervo da Escola Estadual de Ensino Médio Bernardo Petry (1974).

Figura 95 – Efetividade de Izabela como doméstica no ano de 1974

Nº	MATRÍCULA	FAIXA ETÁRIA	NOME	ESPORTE/ATIVIDADES	MATERIA	NOTA
1	65216	M-6	Iris Helena Kuhn		Mat. Elementar	
2	92997	M-2	Maria Inaim Costi		Mat. Elementar	
3	99422	M-3	Diana Maria Costi		Mat. Elementar	
4	128426	M2	Bernardette Maria Schio		Mat. Elementar	
5	1253749	M2	Conceição Ginezer		Mat. Elementar	
6		M2	Irena Dietz Hienow		Mat. Elementar	
7		M2	Weli Hielke		Mat. Elementar	
8		M2	Jucy Maria da Silva Moimato		Mat. Elementar	
9	145942	Dom. H. doméstica	Arcy Maria da Cunha		Mat. Elementar	
0	145943	Dom. H. doméstica	Izabela Petry da Cunha		Mat. Elementar	

Fonte: acervo da Escola Estadual de Ensino Médio Bernardo Petry (1974).

Quanto à atuação de Izabela como servidora na escola do Grupo Escolar, questioneei a entrevistada Pellens (2024), que disse que “a dona Izabela era muito bem tratada, mesmo como doméstica, ela não deixou ser a professora, ela era a professora doméstica. A dona Izabela era muito respeitada”. Perguntei a senhora Pellens<sup>88</sup> (2024) se alguma outra professora buscava aconselhamento com Izabela sobre as atividades da docência. Ela disse que

Sim falavam sim! Pediam conselho a ela, sim, e ela aconselhava. Ela comparava o tempo dela com o tempo atual. Ela fazia muita comparação, sim. Ela não era assim esquecida tendo virado doméstica. As pessoas não pensavam “tu caiu lá pra baixo”, não! Isso não! ela era a dona Izabela respeitada como professora (Pellens, 2024).

Devido às respostas, durante a entrevista de Pellens (2024), precisei acrescentar perguntas que não estavam no planejamento, pois, até então, eu não sabia que Izabela atuava como servidora na escola. Perguntei se Izabela parou de desempenhar a função de professora e atuar como doméstica por falta da formação. Pellens (2024) respondeu que:

Sim, pela falta da formação, simplesmente falta da formação. Ela não tinha formação, então ela não se encaixava nas leis do Estado. Os requisitos que o Estado pediu para

<sup>88</sup> É possível perceber que neste momento de escrita só a entrevistada senhora Madalena Pellens traz narrativas sobre a professora Izabela no âmbito da escola estadual, isso se deve ao fato de Pellens ter sido colega de Izabela na escola estadual. Assim, dona Madalena atuando como professora e Izabela como doméstica.

poder ser professora de sala de aula ela não tinha, ali ela não tinha, mas o Estado não a abandonou. Ela podia ser então ser doméstica na escola. Preferiu ser doméstica do que não ter nada, depois, quando ela parou, a filha dela substituiu ela.

Outra entrevistada, Fernanda Freiburger, que conviveu com Izabela quando foi coroinha da Igreja católica, comentou que estudou nos finais da década de 1970 na atual Escola de Ensino Médio Bernardo Petry e que tinha lembranças significativas de Izabela, pois a professora deu aulas de tricô e de crochê para ela e outras menina. Segundo suas lembranças, apenas a filha de Izabela teria sido servidora na escola, conforme afirma:

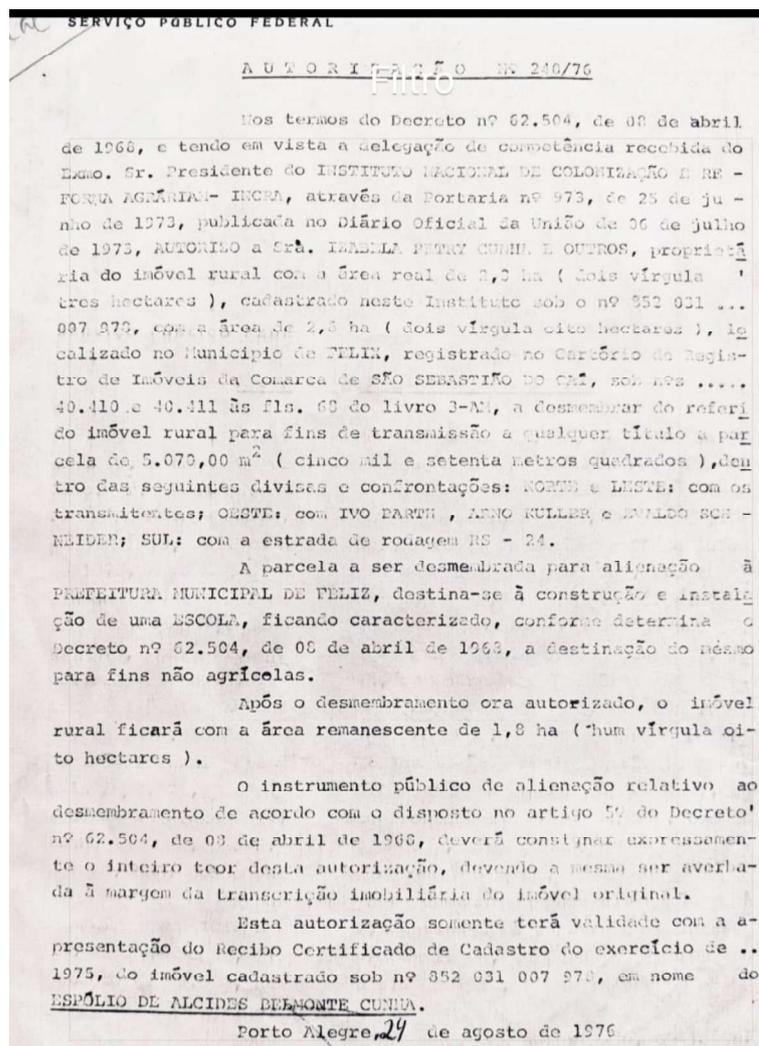
A professora Izabela era muito comprometida, lembro como se fosse hoje, porque isso significou pra mim. Ela ia na Escola Bernardo Petry e ocupava uma sala de aula e reunia as meninas para ensinar a fazer tricô e crochê. Uma vez na semana a gente encontrava com ela. Na época, ela já era aposentada, pois eu estudava na escola e não me recorde da Izabela na escola, sua filha Avani, sim, ela era merendeira. Izabela nos ensinou a fazer muitas coisas de tricô e crochê (Freiburger, 2024).

A partir de 1974, o nome de Izabela desapareceu dos registros de efetividade da Escola Estadual Bernardo Petry. Isso me levou a pensar que, provavelmente, Izabela tenha exercido suas funções como servidora da escola na condição de contratada, pois a Secretaria de Educação do Estado adotava com frequência essa prática.

Embora Izabela já não estivesse mais na escola nos finais da década de 1970, ela ainda mantinha vínculo com a instituição e com a prática de ensinar, mesmo que fosse o tricô ou o crochê, se mantinha vinculada a instituição escola, de certa maneira. A professora Izabela certamente vivia para ensinar. Sobre essas práticas das aulas de tricô e crochê para as meninas, não foi possível precisar a data que ela deixa de efetivar essas práticas as meninas.

Também localizei um outro documento (Figura 96) que indica o vínculo de Izabela com a atual escola, que é o documento de desmembramento das terras de Izabela com a finalidade de cedência de parte das terras para a construção e instalação de uma escola. Foram nas terras que pertenceram a Izabela e sua família que foi construída a parte nova da Escola anos depois.

Figura 96 – Documento que formaliza o desmembramento das terras de Izabela no ano de 1976



Fonte: acervo da Escola Estadual de Ensino Médio Bernardo Petry (1976).

O ano de 1993, mais especificamente em 30 de outubro do referido ano, a prefeitura municipal de Vale Real realizou uma promoção com a finalidade de homenagear três professores da comunidade, entre eles a professora Izabela. Esse momento visava a oportunizar reencontros entre professores, alunos e colegas. O momento também contou com a participação de algumas atrações, como, por exemplo, o coral municipal, o grupo de danças alemãs e também um artista nativista. A Figura 97 mostra o convite do evento.

Figura 97 – Convite para o jantar em homenagem à professora Izabela



Fonte: acervo pessoal de Gilberto Freiberger (1993).

Izabela construiu sua história em Vale Real, sendo reconhecida por sua importância e valor. Até hoje é reconhecida tanto por seus ex-alunos, como pelos que conviveram com ela em outros espaços, como na Igreja e no coral. Izabela deixou um legado tanto por contribuir com a formação de diversas crianças – não só escolar como humana. Pellens (2024) comenta que Izabela era reconhecida também por todo o envolvimento em diversas frentes da comunidade, sendo mais lembrada que o pai:

[...] a dona Izabela tinha um pequeno dedinho ali junto, porque ela era professora, era mais lembrada ela do que o pai dela, tanto é que eu mesma não sabia o que ele era dela (risos), mas ela sim era muito reconhecida. Porque lembram da dona Izabela e não do Bernardo Petry?

No dia 9 de abril de 1996, Izabela faleceu aos 82 anos, deixando muitas lembranças e marcas significativas na vida daqueles que tiveram a oportunidade de conhecer e conviver com ela. Está enterrada (Figura 98) no mesmo cemitério onde se encontra seu pai, o professor Bernardo Petry, em uma lápide que vem perdendo suas informações, sem qualquer menção

sobre a professora que marcou tantas vidas e foi responsável pela educação pública do município por muitos anos.

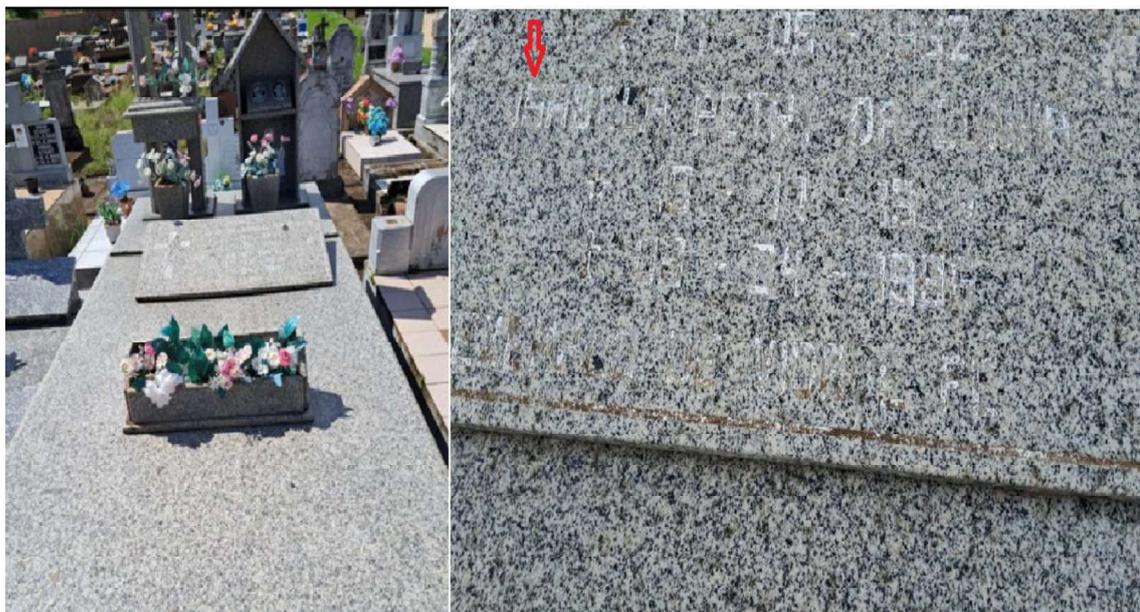
Figura 98 – Túmulo de Izabela Petry Cunha



Fonte: acervo pessoal meu (2025).

Assim como sua história vinha sendo esquecida pela comunidade de Vale Real, a lápide da professora Izabela reflete essa perda: em contraste com a lápide de seu pai, onde claramente se vê escrito “Professor Público” além de seu nome e datas, enquanto a lápide de Izabela está opaca e não faz nenhuma menção à professora que marcou positivamente a sociedade local (Figura 99). Ainda, o nome da professora, mesmo que bem apagado, está grafado com a letra “S”, e não com o “Z” que compunha a grafia de seu nome conforme os documentos oficiais.

Figura 99 – Detalhes da lápide do túmulo de Izabela



Fonte: acervo pessoal meu (2025).

Enquanto Bernardo recebeu a justa homenagem da escola que leva seu nome, Izabela não possui sequer uma sala no prédio que está nas terras que foram suas e de sua família, e onde atuou como Professora, com respeito e admiração dos seus alunos e da sociedade, e onde, por força da burocracia e da formalização acima de qualquer outro requisito, atuou com dignidade como “doméstica”, mas sem nunca perder sua integridade e postura professoral, e servindo de inspiração e conselheira para as futuras gerações de docentes que ali passaram a exercer suas profissões.

Para tanto, escrever e contar essa história, me permitiu dar visibilidade a professora Izabela, uma vez que “escrever a história das mulheres é sair do silêncio em que elas estavam confinadas. Mas por que esse silêncio? Ou antes: será que as mulheres têm uma história?” (Perrot, 2007, p. 9).

Então, esta tese procurou contar parte das atuações desses dois professores, que marcaram a Educação Pública de Vale Real por quase uma centena de anos, onde os dois, pai e filha, foram fundamentais para que este município sempre valorizasse a Educação Pública, investisse seus recursos públicos na Educação e a população mantenha o orgulho e a cobrança de uma Educação de qualidade. Portanto, mesmo com todo reconhecimento a Bernardo, sua filha alcançou um patamar tão relevante e importante para a localidade, mesmo que, devido à diversas circunstâncias e peculiaridades de sua trajetória, não leve o reconhecimento formal.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história da educação em Vale Real tem suas nuances. Ela está conectada com o processo de imigração, com a história do Rio Grande do Sul (RS), com processo de ampliação da Escola Pública em Kronenthal/Vale Real, com o fechamento da Escola Paroquial e com questões de nacionalização. Todos esses fatos se entrecruzam com os acontecimentos nacionais, locais, permitindo pensar como os sujeitos escolares – Bernardo e Izabela – desdobraram-se naquele período de suas atuações. Portanto, essa tese problematizou a trajetória dos dois professores, pai e filha e a contribuição que eles trouxeram no contexto de Kronenthal/Vale Real a partir da ótica da micro história

Bernardo atuou como professor, mediador intelectual e homem público, com suas participações e adesões ao Partido Republicano Rio-Grandense, com seus nomes e imagens sendo veiculados em jornais e no ambiente escolar. Já Izabela faz outro conjunto de negociações muito significativas. Na condição de mulher, atua principalmente dentro da Igreja, tornando-se mediadora por outras formas de representação, como por exemplo sua atuação dentro da Igreja auxiliando o padre e também orientando e ensinando as meninas, suas aulas de tricô e crochê depois da sua aposentadoria, tais representações se mostram de maneira mais sutil. Talvez por isso que sua imagem não aparece e tampouco há reportagens estampadas nas páginas de jornais. Talvez essas representações se insiram no âmbito próprio das mulheres, do doméstico, do pequeno, da pouca visibilidade numa representação pública, mas que tem representatividade nas memórias dos entrevistados da pesquisa.

Então, ao procurar saber mais sobre os dois sujeitos – pai e filha – obtive informações de que Izabela era filha de Bernardo Petry, um professor cuja memória é homenageada pela atual Escola Estadual de Ensino Médio Bernardo Petry. Diante dessa descoberta, senti-me como alguém que “puxa um fio de um suéter”, ou de um “novelo de lã”, sempre encontrando mais informações, como se estivesse desvelando algo inacabado. Quanto mais eu pesquisava, mais camadas novas surgiam. Senti-me responsável, então, por contar uma história desconhecida por muitos.

Ao pesquisar sobre os dois professores, percebi que, por mais que eles tivessem o mesmo sobrenome, muitas pessoas, principalmente em Vale Real (RS), não sabiam que Bernardo e Izabela eram parentes consanguíneos. É comum, nessa cidade e em outras regiões, pessoas com o mesmo sobrenome não terem vínculos próximos e não se reconhecerem como sendo da mesma família, e isso foi algo que se apresentou no decorrer da pesquisa e que chamou

minha atenção. Apesar disso, ambos desempenharam um importante papel para a educação pública da atual cidade de Vale Real (RS).

Para tanto, a fim de descobrir mais sobre esses dois personagens, esta tese partiu do seguinte problema de pesquisa: *como se constituiu os percursos de atuação profissional e social de Bernardo Petry e Izabela Petry, dois professores de diferentes gerações, mas ambos atuantes na Educação Pública de Kronenthal/Vale Real (RS), no período que permeia os anos de 1899 a 1996?*

A fim de responder a essa questão norteadora, parti do seguinte objetivo geral: *compreender as atuações e peculiaridades dos sujeitos escolares Bernardo e Izabela Petry, dos anos de 1899 a 1996, período em que atuam na Educação Pública de Kronenthal/Vale Real (RS), com o intuito de contar a história desses dois professores na localidade de Kronenthal/Vale Real (RS).*

Diante disso, retomo o percurso realizado nesta tese. Na primeira seção, apresentei o tema da pesquisa, objetivos, questão norteadora, bem como as motivações para a realização desta pesquisa e para a existência de um campo de pesquisa, por meio de um resumo dos principais estudos que têm proximidade com esta pesquisa. Já na segunda seção, abordei a metodologia utilizada para a elaboração desta tese, assim como a busca por documentos, materialidades e indícios da atuação de Bernardo e Izabela Petry. Além disso, nessa mesma seção, esclareci acerca dos entrevistados selecionados para participar da pesquisa. Assim sendo, atimngi o primeiro objetivo específico, a saber: buscar documentos, materialidades e indícios da atuação de Bernardo e Izabela Petry.

Na terceira seção, dediquei-me a escrever sobre o professor Bernardo Petry. Iniciei a narrativa elaborando uma linha do tempo para demonstrar a organização do período pesquisado e para indicar o caminho percorrido por Bernardo ao longo dos seus quarenta e seis anos de vida. Essa seção teve como aporte teórico Sirinelli (1996) e Alves (2019), que embasaram a análise, dado que, a partir desse viés, o professor Bernardo pode ser considerado um mediador intelectual, uma vez que as fontes encontradas acerca dele demonstram que foi um indivíduo social, o que é evidenciado pelo engajamento na sociedade, especialmente na política local, como membro efetivo do Partido Republicano Rio-Grandense. Além disso, nessa mesma seção, procurei demonstrar como estava organizada parte da Educação Pública na localidade central de Kronenthal.

Na quarta seção, tratei sobre a professora Izabela Petry, que esteve por muito tempo silenciada. Busquei abordar aspectos relacionados às características da atuação docente de Izabela, bem como caracterizar, por meio das narrativas, o espaço da escola em que Izabela

ministrava as aulas. Foram evidenciadas as práticas escolares efetivadas pela professora enquanto esteve à frente da docência. Além disso, a partir dos relatos, pôde-se verificar o envolvimento de Izabela com as famílias, especialmente com a comunidade e com a Igreja católica. Ainda, mais para o final da seção, abordei como, lá pelos meados da década de 1970, Izabela passou a exercer atividades domésticas na atual Escola de Ensino Médio Bernardo Petry. Embora não estivesse mais atuando formalmente como professora, ainda seguiu desempenhando a docência por meio dos ensinamentos de tricô e crochê às meninas que estudavam na escola. Essa seção teve como aporte teórico a história das mulheres, a partir de Michele Perrot (2005; 2006; 2007); culturas e práticas escolares, com base em Vidal (2005b; 2006a), Escolano Benito (2018), Viñao Frago (1995); e memória, a partir de Pesavento (2012), Bosi (1994) e Burke (2008),

Como já dito, esta pesquisa enfrentou alguns percalços devido à falta de informação ou à dificuldade de encontrá-las, como relatado na seção dois. Conforme relatei, fiz diversas buscas em museus, secretarias de educação de municípios e outros locais de pesquisa, como, por exemplo, na Hemeroteca Nacional digital, onde encontrei documentos apenas relativos à atuação docente e política de Bernardo Petry. Os documentos localizados nos arquivos físicos, posteriormente, foram, em grande parte, atingidos pelas enchentes que assolaram o Estado do Rio Grande do Sul (RS) em maio de 2024. Vale esclarecer que a região onde esta pesquisa se desenvolveu – São Sebastião do Caí – também foi atingida.

Ao buscar por mais informações sobre a vida e a atuação social nos arquivos físicos, essa pesquisa restou infrutífera num primeiro momento. Somente na Hemeroteca Nacional Digital (c2024), encontrei documentos acerca da atuação de Bernardo como professor e, principalmente, como membro do Partido Republicano Rio-Grandense. Ao buscar informações sobre Izabela, foi constatado que não havia registro de sua atuação docente com vínculo a algum ente federativo. A documentação relativa à sua atuação e à sua vida, composta por fotografias e algumas reportagens publicadas no jornal local, bem como algumas construções sobre sua atuação docente, vieram das entrevistas feitas com ex-alunos e, especialmente, de uma entrevista realizada com uma conhecida da família, que manteve um acervo particular. Contudo, no acervo dessa entrevistada, não havia documentos e detalhes sobre a escola que conduziu e a que âmbito federativo pertencia.

Mesmo com a busca em diversas fontes, telefonemas e visitas em prefeituras e secretarias, eu não encontrava registros sobre a atuação docente de Izabela. Em maio de 2023, depois da qualificação do projeto de tese, foi sugerido, pela banca, um olhar diferente para esses dois sujeitos, especialmente para Izabela. Dessa forma, aceitei e acolhi as recomendações da

banca e me apropriei, também, da metodologia da História Oral, uma vez que, para contar a história de Izabela, seria possível se assentada principalmente nas entrevistas e na memória dos ex-alunos.

Ao longo da pesquisa, percebi que, para muitos moradores da localidade, que estudaram na escola pública sob a tutela de Izabela, esta conduzia as aulas no mesmo espaço da escola de seu pai Bernardo Petry. Todos pensavam isso, inclusive eu, pois, num determinado momento da pesquisa, fui conduzida por uma narrativa que me fez pensar ser a mesma escola, dado que estava sob a tutela da mesma família e se localizava no mesmo prédio e no mesmo terreno da família Petry. Logo, seria uma escola centenária, sob os olhos e compreensão dos seus alunos e da comunidade local. Por conta disso, por um bom tempo, acreditei que seria a mesma escola, pois, ainda na época do mestrado, alguns dos entrevistados sugeriram ser a mesma escola, ou seja, tudo levava a crer que a atual Escola de Ensino Médio Bernardo Petry era a escola na qual a professora Izabela havia ministrado suas aulas.

Para os munícipes, os movimentos político-administrativos eram irrelevantes, ou seja, se a escola passou de estadual para municipal e depois retornou para o estado, a comunidade local não sentiu ou percebeu as mudanças. Ou, simplesmente, era um detalhe menor e irrelevante, dado que a escola permanecia sob a posse da mesma família, no mesmo lugar e mantendo o que a comunidade local desejava: a educação dos seus jovens, o ensino com rigor, mas com amor e compreensão, além da sensação de que ali uma pessoa da sua comunidade cuidava com atenção especial da formação dos filhos.

Mas, como a pesquisa nunca se encerra, mesmo com a escrita e defesa do projeto, segui minhas buscas. Foi em uma pequena casa, localizada na região central de São Sebastião do Caí, que encontrei o Museu Histórico de São Sebastião do Caí. Nesse local, encontrei documentos que comprovam e materializam a atuação de Izabela como professora. E, também, documentos referentes à atuação social, especialmente à atuação política do pai de Izabela, Bernardo Petry.

Com isso, a pesquisa ganhou novos contornos, novos fundamentos teóricos e uma nova estrutura. Esta tese é resultado de uma busca constante e incessante por fontes, por relatos e por materialidades desses dois indivíduos que moldaram a educação pública local, permitindo que o povo tivesse acesso à escolarização gratuita e à aprendizagem da língua portuguesa. Ainda, isso possibilitou que a comunidade construísse uma identidade para além das práticas culturais trazidas da Alemanha, pelos imigrantes assentados na localidade, cujos reflexos de suas atuações são encontrados hoje, pois a localidade orgulha-se do seu baixíssimo ou inexistente índice de analfabetismo. Outro fator que caracteriza a sociedade são as cobranças constantes da

população por mais investimentos e melhorias na educação ofertada, bem como o investimento em oficinas e projetos no contra turno para os jovens em idade escolar.

Bernardo e Izabela, apesar de um distanciamento no tempo, de uma vida breve como foi a do Bernardo e de uma vida longa como foi a da Izabela, trouxeram-me muitas reflexões sobre os processos de inscrição nos seus espaços de atuação como professores. E, assim, Bernardo tem seu reconhecimento homenageado numa escola. Essa escola mesmo com as diversas transformações pelas quais passou ao longo do tempo, hoje carrega o seu nome. Sua história, infelizmente, não é conhecida, e a atuação política e cível do homem que foi somente emergiram após muita pesquisa, sendo, portanto, ainda desconhecida por muitos.

As pesquisas realizadas sobre a vida de Bernardo revelaram sua atuação nos campos educacional, político, familiar, social, além de sua atuação como membro na gestão da Sociedade Agrícola e na guarda nacional, sendo possível aplicar, nesse contexto, o conceito de *representação*, considerando a articulação de Bernardo com a sociedade da época. Aqui, estamos falando do início do século XX, com uma percepção “naturalizada” de que o espaço público estava associado ao gênero masculino. Considera-se, ainda, que a atuação pública de Bernardo foi estampada nos jornais republicanos do período, valorizando a atuação do professor como pessoa de ótima índole. Não fosse a morte prematura, possivelmente teria feito carreira junto ao Partido Republicano Rio-Grandense.

Por ser mais recente a história de Izabela, esta é mais conhecida entre os habitantes mais antigos da localidade. Quanto à existência de documentos, foram encontrados poucos no acervo da Escola Bernardo Petry. Os poucos registros lá encontrados são acerca da sua atuação como auxiliar de ensino e como doméstica, embora tenha marcado fortemente as pessoas da localidade pela sua força enquanto mulher, por sua atuação enquanto professora e pela sua participação na sociedade e na Igreja. A história da professora Izabela parecia se esvaír com a memória e com a vida daqueles que tiveram o privilégio de dividir seu tempo e mundo com ela.

Diante dos documentos encontrados sobre Bernardo, foi possível perceber suas importantes contribuições para a comunidade, nos diferentes campos: político, social e educacional. Suas inúmeras participações e seu envolvimento com a política local permitiu que estabelecesse vínculos pessoais com representantes locais e regionais do Partido Republicano Rio-Grandense, por exemplo. Num dos documentos pesquisados na Hemeroteca Nacional, é evidente sua participação em uma excursão política na região que abrangem os municípios de São Sebastião do Caí, Feliz e Vale Real. Essa excursão política, conforme descrito no documento, teve como principal finalidade a divulgação e a propagação dos ideais republicanos.

Dentre as mais diversas contribuições na sociedade, evidenciadas nos inúmeros documentos, destaco sua atuação como membro da Cooperativa Agrícola de Kronenthal e o estabelecimento da primeira central telefônica da região. A comunidade local, que ainda desprovia de meio de comunicação por telefonia, teve o primeiro telefone a partir de uma iniciativa de Bernardo, que percebeu a necessidade e instalou uma central telefônica em sua própria residência. Talvez também tenha compreendido isso como um negócio. Assim, as comunicações passaram a ser estabelecidas com a região, uma vez que no período (início do século XX) o meio de locomoção também era muito precário.

O neto de Bernardo, senhor Alencar Cunha, participante da pesquisa, chegou a mencionar a capacidade intelectual do seu avô e ainda mencionou que o avô tinha uma percepção bastante moderna para o período referido. Bernardo também era visto na comunidade como um advogado, por fazer conciliações e aconselhamentos.

Por fim, um aspecto bastante relevante foi sua contribuição com educação local, com a instituição da escola pública na comunidade, e com a atuação docente de Bernardo, de 1898 a 1928. Ou seja, por cerca de trinta anos, muitas crianças obtiveram suas formações primárias por meio dos ensinamentos deixados por Bernardo Petry.

Em relação à Izabela, é perceptível que claramente rompia as barreiras da sala de aula, como, por exemplo, quando enxergava possibilidades de um futuro melhor estabelecido ao buscar outras meninas para atuarem como professoras. A partir disso, pode-se dizer que Izabela tinha consciência de que a educação poderia produzir possibilidades de uma profissão para as meninas que, na época, quase que se limitava, muitas vezes, ao trabalho de casa ou à agricultura. Na tese, por uma questão de escolhas teóricas, não foi possível explorar o contexto das ondas feministas nas décadas de 1940 a 1960, período áureo do envolvimento de Izabela como profissional da educação, mas, certamente, poderiam ser identificadas características do movimento relacionadas a essa personagem. Por mais que tivesse realizado grandes feitos, não foram encontrados registros publicizando suas ações nos jornais republicanos, afinal, era mulher. Porém, já havia ultrapassado algumas barreiras se apropriando de uma fatia do espaço público.

Para a professora ser respeitada na comunidade – leia-se, aqui, ser respeitada pelos pais dos alunos – ela precisou assumir posições rígidas, de autoridade como, por exemplo, aplicar castigos aos estudantes que a desrespeitassem. Sobre sua prática docente, os entrevistados, na maior parte dos relatos, usaram a seguinte expressão: “eu pegava a matéria fácil!” Aqui, pode ser feito um questionamento: os alunos, em sua maioria, não apresentavam

dificuldades de aprendizagem? Ou eram os saberes da docência que Izabela construía no exercício da profissão que oportunizava um melhor processo da aprendizagem?

Pode-se destacar outra particularidade demonstrada por documentos quanto à atuação de Izabela, que foi o ato de negociação das próprias terras para a instalação da nova construção da escola. A professora reconhecia que a existência do espaço escolar e a oportunidade de tantas crianças estudar seria a condução para uma vida melhor e, talvez, menos desigual.

Outro ponto abordado pelos entrevistados sobre Izabela refere-se às suas atitudes. Os relatos destacam a rigidez da professora, em particular no que concerne ao respeito para com sua autoridade de mestra. Os relatos de castigos foram vários, informando que ela se utilizava de vara para “manter a ordem”. Mas, alguns relatos me surpreenderam com a forma utilizada por Izabela para chamar a atenção dos alunos: muitas vezes, chamava o aluno até a sua mesa e lhe explicava o motivo de chamar sua atenção. Embora rígida, também sabia contornar algumas situações apenas com uma conversa, ou seja, era muito respeitada pela função de ser professora.

Outro aspecto que vale ser mencionado é em relação à atitude de Izabela para com as diferenças, pois, vale retomar a fala de um entrevistado, Müller (2024), que disse: “Embora ela fosse católica, ela tratava a gente igual aos católicos, todos igual, não tinha diferença”. Müller era evangélico e reconhecia o fato de a professora Izabela não fazer distinção entre os colegas por conta da religião. Refleti muitas vezes sobre esse aspecto e sobre a forma como Izabela conseguia romper com os preconceitos estabelecidos na época em relação às religiões, especialmente aqueles vinculados à Igreja católica, dado que predominava na localidade.

A cultura e as práticas escolares também se mostravam visíveis no cotidiano de Izabela. Conforme relatos dos entrevistados, ela utilizava os mais variados recursos didáticos para a época, como, por exemplo, lousa, tabuada, mapa, caderno de caligrafia. E, além disso, sempre carregava embaixo do braço o livro que utilizava para conduzir as aulas. Ainda, usava canetas e vara (para localizar os estados brasileiros no mapa). Ou seja, possuía um material diversificado. Mas não apenas isso: suas práticas foram tão relevantes, que são lembradas até hoje, como é o caso de cantar o hino e rezar em sala de aula, por exemplo. As comemorações cívicas provavelmente tenham sido influenciadas pelo seu pai Bernardo, uma vez que este seguia os ideais republicanos. Mais tarde, com a era Vargas e a nacionalização do país, certamente auxiliou as crianças a construir a identidade de brasileira, especialmente pelo amor à pátria, como evidenciado em diversas narrativas.

Também foi possível perceber o envolvimento de Izabela com a comunidade central de Vale Real e com outras localidades mais afastadas, conforme relatos, como este: “o que a gente fazia era passeios, a gente era preparado para fazer passeio, nós fazia uma integração

assim com outras regiões. Então ela contratava caminhão e todo mundo ia em cima numa grande alegria” (Müller, 20254). Izabela promovia momentos significativos para as crianças, os quais marcaram positivamente a vidas desses estudantes, tanto é que isso ressurgiu nas memórias.

Nas últimas semanas de escrita da tese, ainda insatisfeita por não ter encontrado nos arquivos da escola e ou nos acervos dos entrevistados nenhum recorte de jornal ou notícia sobre o falecimento de Izabela, fui até o cemitério católico de Vale Real (RS). Assim como sua história vinha sendo esquecida pela comunidade, a lápide do túmulo da professora Izabela reflete essa perda: em contraste com a lápide de seu pai, onde claramente vê-se escrito “Professor público”, além de seu nome e datas de nascimento e falecimento, a lápide de Izabela encontra-se opaca e invisível e não faz nenhuma menção à professora que marcou positivamente a sociedade local.

Quanto ao reconhecimento de figuras importantes, durante os quatro anos de pesquisa, consegui mapear a existência de várias ruas, parques, pontes e escolas (municipais) que homenageiam, em grande parte, homens importantes, sendo que localizei apenas três ruas com nome de mulheres em toda a cidade, e uma delas é de Izabela Petry da Cunha. No entanto, sabemos que muitas mulheres merecem ser reconhecidas e homenageadas.

Apesar de constar o nome de Izabela, não faz distinção alguma de quem foi essa mulher, deixando de reconhecer sua importância e seu legado. Quem pesquisa sabe. Os mais velhos que ali residem e são naturais de Vale Real possivelmente sabem quem foi ela, porém, deixo aqui um questionamento: e os jovens? Será que as gerações futuras sabem e saberão quem foi Izabela? Essa reflexão surgiu quando percebi que eu não sei quem foram as outras duas mulheres homenageadas com nome de rua no município. O que representaram para a comunidade? Quais foram seus legados? Quem foram?

Dito isso, esclareço novamente que esta tese buscou registrar parte da atuação de Izabela e de Bernardo e as implicações da atuação desses dois personagens na sociedade, uma vez que ambos marcaram a educação pública de Vale Real (RS) por quase um século. Os dois – pai e filha – foram fundamentais para que o município valorizasse cada vez mais a educação pública e investisse recursos públicos na educação.

Eles impactaram significativamente a região de Vale real e merecem ser lembrados por todos os feitos relacionados à educação/sociedade, até para que a população mantenha o orgulho de sua história e a cobrança por uma educação de qualidade. Ambos são reconhecidos e deixaram legado, embora, devido a diversas circunstâncias, peculiaridades de sua trajetória e questões históricas, Izabela não tenha o reconhecimento formal.

Ao trazer à tona a atuação docente de Bernardo e Izabela, a pesquisa revelou, também, a atuação de dois cidadãos que conduziram e ajudaram a consolidar e moldar aquela localidade, a qual hoje é um município com autonomia política e administrativa. Isso só foi possível porque ali estavam pessoas que aprenderam com esses dois professores, tanto no ambiente escolar, quanto no social.

Por fim, a contribuição da minha tese foi permitir enxergar questões que numa macro análise jamais seriam perceptíveis e, especialmente a compreensão de como se deram as dinâmicas envolvidas nestes processos de fazer educação por meio dos dois sujeitos escolares, Bernardo e Izabela Petry.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2013.
- ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2017.
- ALMEIDA, Dóris Bittencourt. As memórias e a história da educação: aproximações teórico-metodológicas. **Revista História da Educação**, Pelotas, v. 13, n. 27, p. 211- 243, jan./abr. 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/download/29033/pdf>. Acesso em: 14 mar. 2022.
- ALMEIDA, Dóris Bittencourt. A educação rural como processo civilizador. *In.*: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (orgs.). **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**: vol. III – Século XX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- ALMEIDA, Jane Soares de. Mulheres na educação: missão, vocação e destino? A feminização do magistério ao longo do século XX. *In.*: SAVIANI, Dermeval; ALMEIDA, Jane Soares de; SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMRIN, Vera Teresa (orgs.). **O legado educacional do século XX**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006. p. 59-101
- ALVES, Cláudia. Contribuições de Jean-François Sirinelli à história dos intelectuais da Educação. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 33, n. 67, p. 27-55, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/47879/25775>. Acesso em: 12 dez. 2024.
- ANDRADE, Ana Maria Mauad de Sousa. **Sob o signo da imagem**. 1990. 260 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense. Niterói, 1990. Disponível em: <http://www.labhoi.uff.br/sites/default/files/dssam.pdf>. Acesso em: 08 out. 2024.
- ARAGÃO, Milena; FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. Entre milhos e palmatórias. Memórias escolares sobre uma infância castigada: vivências e ressignificações. **Interfaces Científicas – Educação**, Aracaju, v. 4, n. 3, p. 19-30, jun. 2016. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/1663>. Acesso em: 14 nov. 2024.
- ASSMANN, Beatriz Edelweis Steiner. **Feliz: ontem e hoje**. 3. ed. Porto Alegre: Corag, 2009.
- BELUSSO, Gisele. **Farroupilha RS e a Educação (1934-1948): um município Pedagógico**. 2020. 505f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/6808>. Acesso em: 04 mar. 2024.
- BERNARDI, Manuela Ciconetto; LUCHESE, Terciane Ângela. No decurso da docência: itinerários de professoras e professores públicos em Antônio Prado, Rio Grande do Sul (1885 - 1920). **Revista Brasileira da História da Educação**, 22, e197, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbhe/a/8GjqFhjxwhh86LCdfRGZ8CM/?format=pdf&lang=pt>. acesso em: 10 de fevereiro de 2023
- BICA, Alessandro de Carvalho. **A organização da Educação Pública Municipal no**

**governo de Carlos Cavalcanti Mangabeira (1925-1929) no município de Bagé/RS.** 2013. 301f. (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale dos Sinos. Cidade, 2013. Disponível em: <https://repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/4760>. Acesso em: 14 mar. 2025.

BOSI, Ecléa. **Memórias e sociedade:** lembrança de velhos. 12. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?.** Tradução de Sergio Goes de Paula. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CELLARD, André. A análise documental. *In:* POUPART, Jean *et al* (orgs.). **A pesquisa qualitativa:** enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008.

CHARTIER, Roger. **A história cultural:** entre práticas e representações. 3. ed. Algés: Memória e Sociedade, 1988.

CHARTIER, Roger. **A história cultural:** entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1990.

CORSETTI, Berenice. **Controle e Ufanismo:** a escola pública no Rio Grande do Sul (1889-1930). 1998. 537f. Tese (Doutorado em Educação) –Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 1998.

CORRÊA, Rubens Arantes. Os Intelectuais e a escrita da história: as contribuições metodológicas de Jean-François Sirinelli. **Escrita, [S.l.]**, v. 8, n. 2, p. 265-278, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/escritas/article/view/2576/9404>. Acesso em: 12 nov. 2024.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa:** métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DILLENBURG, Sérgio Roberto. **Quatro publicações marcantes no jornalismo do Rio Grande do Sul.** Nova Petrópolis: Editora Amstad, 19--.

DUBOIS, Philippe. **Ofício de arte e forma:** o ato fotográfico. 3. ed. Papirus Editora. São Paulo, 1999.

ERRANTE, Antoinette. Mas afinal, a memória é de quem? Histórias orais e modos de lembrar e contar. **História da Educação**, Pelotas, v. 4, n. 8, p. 141-174, set. 2000. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30143>. Acesso em: 14 mar. 2025.

ESCOLANO BENITO, Agustín. **Emociones & Educación:** la construcción histórica de la educación emocional. Madrid: Vision Libros, 2018.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **Dos pardieiros aos palácios:** forma e cultura escolarem Belo Horizonte (1906/1918). 2. ed. Uberlândia: EDUFU, 2014.

FONTOURA, João Neves da. **Memórias.** Porto Alegre: Globo, 1958.

FREINET, C. **Ensaio de psicologia sensível**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GIACOMONI, Cristian. **História e Memória do Ensino de Educação Física nas Escolas Normais Duque de Caxias e São José de Caxias do Sul- RS (1947-1961)**. 2021. 335f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/9560>. Acesso em: 14 mar. 2025.

GOOGLE MAPS. Mapa do Rio Grande do Sul. c2024. Disponível em: [https://www.google.com.br/maps/place/Rio+Grande+do+Sul/@-30.4166972,-53.6699156,7z/data=!3m1!4b1!4m6!3m5!1s0x9504720c40b45803:0xad9fb3dbaf9f73de!8m2!3d-29.3646459!4d-51.6657692!16zL20vMDFsXzlk?hl=pt-BR&entry=tту&g\\_ep=EgoyMDI1MDMxMi4wIKXMDSoJLDEwMjExNDUzSAFQAww%3D%3D](https://www.google.com.br/maps/place/Rio+Grande+do+Sul/@-30.4166972,-53.6699156,7z/data=!3m1!4b1!4m6!3m5!1s0x9504720c40b45803:0xad9fb3dbaf9f73de!8m2!3d-29.3646459!4d-51.6657692!16zL20vMDFsXzlk?hl=pt-BR&entry=tту&g_ep=EgoyMDI1MDMxMi4wIKXMDSoJLDEwMjExNDUzSAFQAww%3D%3D). Acesso em: 1 dez. 2024.

GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos (orgs.). **Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi Santos; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Romagem do tempo e recantos da memória: reflexões metodológicas sobre História Oral**. São Leopoldo: Oikos, 2012.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HEMEROTECA DIGITAL. Biblioteca Nacional Digital. Fundação Biblioteca Nacional. Acervo. Rio de Janeiro, c2024. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 1 dez. 2024.

HOBSBAWM, Eric John. **Sobre história: ensaios**. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Cia. das Letras, 2013.

ISMÉRIO, Clarisse. As representações do feminino na educação rio-grandense segundo o discurso positivista (1889-1930). **Revista eletrônica História em reflexão**, Dourados, n. 1, v. 1, p. 1-14, jan./jun, 2007. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/484>. Acesso em: 14 mar. 2025.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. Ateliê Editorial. São Paulo, 1999.

JULIÁ, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 9-44, jan./jun. 2001. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38749>. Acesso em: 14 mar. 2025.

KREUTZ, Lúcio. **Professor paroquial: magistério e imigração alemã**. Porto Alegre: UFRGS, 1991.

KREUTZ; Lúcio; LUCHESE, Terciane Ângela. Grupos étnicos, pluralidade cultural e políticas públicas na história da educação, no Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de**

**História e Educação**, Campinas, v. 11, n. 1, v. 25, p. 179-206, jan./abr. 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5761/576161058009.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2025.

KUHN, Therezinha Madalena. **História de Vale Real (1851-2021)**. Bom Princípio, 2021.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. 7. ed. Campinas: Unicamp, 2013.

LUCA, Tânia Regina. A história da imprensa, nos e por meio dos periódicos. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-154.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LUCHESE, Terciane Ângela. Modos de fazer história da Educação: pensando a operação historiográfica em temas regionais. **Revista História da Educação**, Porto Alegre, v. 18, n. 43. p. 145-161, mai./ago. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/heduc/v18n43/09.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2022.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Tecendo Nexos: história das instituições educativas**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

MANZINI, Eduardo José. Uso da entrevista em dissertações e teses produzidas em um programa de pós-graduação em educação. **Revista Percursos**, Maringá, v. 4, n. 2, p. 149-171, 2012. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Percursos/article/view/49548>. Acesso em: 14 mar. 2025.

MASSON, Alceu. **Monografia Cay**. São Sebastião do Caí: Editora Livraria Caiense, 1940.

MELLO, Mariane Fruet de. **Memórias de escolarização na perspectiva da Escola Étnica Paroquial em Kronenthal/Vale Real-RS (1933-1965)**. 2020. 172 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/6230>. Acesso em: 14 mar. 2025.

MELLO, Mariane Fruet de; RELA, Eliana. Bernardo Petry: vestígios da cultura escolar da escola pública de Vale Real RS (1898 1960). *In*: GIACOMONI, C *et al.* (orgs.). **Caleidoscópio da história da educação: práticas e culturas escolares**. 2. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2022. p. 83-114.

NEUMANN, Rosane Marcia. A nacionalização do ensino na colônia Neu-Württemberg, noroeste do Rio Grande do Sul, durante o Estado Novo (1937-1945). **História Unicamp**, [S.l.], v. 2, n. 4, p. 204-2017, jul/dez de 2015. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5615892.pdf>. Acesso em: 17 set. 2021

PERROT, Michele. **As mulheres ou os silêncios da história**. São Paulo: Edusc, 2005.

PERROT, Michele. **Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros**. 3. ed. Paz e Terra. São Paulo: Contexto.2006

PERROT, Michele. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

POSSAMAI, Zita Rosane. Fotografia, história e vistas urbanas. **História**, São Paulo, 27, n. 2, p. 253-277, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0101-90742008000200012>. Acesso em: 14 mar. 2025.

RAABER, Fabrícia. **Um Ferreiro em Vale Real**. 2007. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade do Vale dos Sinos (Unisinos). São Leopoldo, 2007.

ROCKWELL, Elsie. **La Escuela Cotidiana**. México: Fondo de Cultura Económica, 1997.

SAVIANI, Demerval. A escola pública brasileira no longo século XX (1890-2001). In: III Congresso Brasileiro de História da Educação, 3, 2004b, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: SBHE, 2004, p. 1-11, Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Coord/Eixo3/483.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2024

SILVA, Manoel José ávila da. Os membros do Partido Republicano Rio-grandense (PRR): política, intelectuais e a criação da República no Rio Grande do Sul (1882 – 1902). In: ANPUH – XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, São Leopoldo, 2007. **Anais [...]**. 2007. Disponível em: <https://www.eeh2010.anpuhrs.org.br/resources/anais/anpuhnaional/S.24/ANPUH.S24.1111.pdf> Acesso em: 15 jul. 2024.

SIRINELLI, Jean François. Le hasard ou la necessite? Une histoire em chantier: l’histoire des intellectuels. **Vingtième Siècle. Revue d’histoire**, n. 9, p. 97-108, jan.-mar. 1986. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/xxs\\_0294-1759\\_1986\\_num\\_9\\_1\\_1452](https://www.persee.fr/doc/xxs_0294-1759_1986_num_9_1_1452). Acesso em: 21 out. 2024.

SIRINELLI, Jean François. “Os intelectuais”. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1996, p. 231-269.

SIRINELLI, Jean-François. A geração. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

SOUZA, José Edimar. **Trajetórias de professores de classes multisseriadas**: memórias do ensino rural em Novo Hamburgo/RS (1940-2009). 2011. 346f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). São Leopoldo, 2011. Disponível em: <https://repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/3505>. Acesso em: 14 mar. 2025.

SOUZA, José Edimar; Giacomoni, Cristian. Análise documental como ferramenta metodológica em história da educação: um olhar para pesquisas locais. **Cadernos CERU**, [S.l.], v. 32, n. 1, p. 139-156, jun. 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/189278/174832>. Acesso em: 8 out. 2024

STEINMETZ, Gladis. LAMB, Cristina; TEUSCHEL, Teresinha. **Bernardo Petry educando e fazendo história**. Vale Real (RS): Lorigraf, 2010.

TANURI, L. M. História da formação de professores. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, n. 14, p. 61-88, maio/ago. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a05>. Acesso em: 22 jul. 2024.

TAMBARA, Elomar Antonio Callegaro. **Positivismo e educação: a educação no Rio Grande do Sul sob o castilhismo**. Pelotas: Editora Universitária UFPEL, 1995.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

TOURTIER-BONAZZI, Chantal de. Arquivos: propostas metodológicas. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005, p. 233-245.

VALE REAL. Prefeitura Municipal. **História**. Vale Real, [2024]. Disponível em: <https://www.valereal.rs.gov.br/portal/0/historia/3/Vale-Real->. Acesso em: 12 dez. 2024.

VANS, Samanta. **Grupos escolares municipais de Caxias do Sul (1943-1951): espaço, tempo e culturas escolares**. 2024. 414 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/13710> acesso em: 6 jan. 2025.

VERAS, Loyde Anne Carneiro Silva. Do pensamento educacional à história dos intelectuais: contribuições de Jean-François Sirinelli para a historiografia educacional brasileira. *In*: ORLANDO, Evelyn de Almeida; MESQUIDA, Peri (orgs.). **Intelectuais e Educação: Contribuições teóricas a História da Educação**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021.

VIDAL, Diana Gonçalves. Cultura e prática escolares: uma reflexão sobre documentos e arquivos escolares. *In*: SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa (orgs.). **A cultura escolar em debate**. Campinas: Autores Associados, 2005b, p. 3-30.

VIDAL, Diana Gonçalves. Cultura e práticas escolares: a escola pública brasileira como objeto de pesquisa. **Historia de la Educación**, Salamanca, v. 25, p. 131-152, 2006a. Disponível em: <https://revistas.usal.es/tres/index.php/0212-0267/article/view/11177/11599>. Acesso em: 10 nov. 2023.

VIDAL, Diana Gonçalves. No interior da sala de aula: ensaio sobre cultura e prática escolares. **Currículo sem Fronteiras**, [S.l.], v. 9, n. 1, p. 25-41, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/hevila/CurriculosemFronteiras/2009/vol9/no1/3.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2025.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Tiempo, historia y educación. **Revista Complutense de Educación**, Madrid, v. 5, n. 2, 1995. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/RCED/article/view/RCED9494220009A>. Acesso em: 14 set. 2024.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. Contextualizando a escola rural: Rio Grande do Sul final do século XIX início do século XX. Periódico do Mestrado em Educação da UCDB, Campo Grande (MS), n. 20, p. 97-110, jul./dez. 2005. Disponível em: <https://serie-estudos.ucdb.br/serie-estudos/article/view/426/359>. Acesso em: 09 ago. 2024.

WEIDUSCHADT, Patrícia; AMARAL, Giana Lange do. Memórias escolares: narrativas de professores leigos no contexto rural das escolas étnicas do município de Pelotas, RS (1940-1960). **Cadernos de História da Educação**, v.15, n.3, p.1006-1030, set.-dez. 2016. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/che/v15n3/1982-7806-che-15-03-1006.pdf>. Acesso em: 12 set. 2024.

ZICMAN, René Barata. História através da imprensa: algumas considerações metodológicas. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História**, São Paulo, n. 4, p. 90, 1985. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12410>. Acesso em: 13 jun. 2024.

## APÊNDICE A – TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)



1/3

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu, Mariane Fruet de Mello, doutoranda em Educação, no PPGEdu/UCS, orientada pela Profa. Dra. Eliana Rela, com projeto de tese intitulado: A EDUCAÇÃO PÚBLICA EM KRONENTHAL/VALE REAL: OS PROFESSORES BERNARDO E IZABELA PETRY COMO MEDIADORES CULTURAIS (1897- 1969)- título provisório da tese, convido você a participar voluntariamente desta pesquisa.

A pesquisa tem como objetivo conhecer como a Educação Pública em Kronenthal/Vale Real se constituiu e se desenvolveu sob a influência dos professores Bernardo Petry e Izabela Petry.

Os dados coletados nesta entrevista (depoimentos, gravações em áudio e vídeo) apenas serão utilizados com finalidade de pesquisa acadêmica e científica, por meio da tese, artigos científicos, em revistas especializadas, encontros científicos e congressos, respeitando todos os preceitos éticos.

As entrevistas acontecerão, exclusivamente, de forma presencial, em dia, horário e local da preferência do(a) participante da pesquisa, e com suporte de equipamento de gravação por áudio. Para tanto, observarei que o período de realização da entrevista não ultrapasse o tempo de 90 minutos, considerando as etapas de apresentação/ esclarecimento, organização de equipamentos e de desenvolvimento da entrevista. Também cumprirei com medidas para assegurar a proteção à saúde, higienizando minhas mãos e os equipamentos utilizados que, de alguma forma, sejam manuseados pelo(a) participante da pesquisa.

Conforme as Resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS), nº 466/12, nº 510/16 e complementares, sobre Pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, esclareço que a participação nesta pesquisa pode envolver riscos mínimos, como cansaço, constrangimento ou desconforto no decorrer da entrevista a ser realizada. Em eventuais situações que possam gerar desconforto, você pode solicitar uma pausa ou interrupção da entrevista, desistir de seu envolvimento nesta pesquisa, e/ou cancelar o uso das informações obtidas a qualquer momento. Não haverá cobranças, despesas, compensações ou benefícios financeiros pela sua participação, que é livre e voluntária. Responsabilizo-me pelo acompanhamento, tratamento, orientação e assistência integral referente a possíveis complicações e danos decorrentes da pesquisa.

Você terá como benefícios, a oportunidade de rememorar aspectos relevantes de seu passado, suas memórias, sua trajetória discente, suas relações sociais e culturais, para assim, deixar de ser apenas um objeto inserido na História, mas tornar-se um agente atuante e protagonista dessa História. A entrevista com sujeitos de uma comunidade acadêmica

Rubrica pesquisadora: \_\_\_\_\_

Rubrica Participante da Pesquisa: \_\_\_\_\_



local promove a autonomia, desenvolve o encorajamento, proporciona o reconhecimento e a afirmação social desse sujeito nessa comunidade. À medida que você narra aspectos de seu passado, emergem lembranças, palavras e significados para suas experiências, estimula o seu reconhecimento público e potencializa as suas experiências que anteriormente eram ignoradas ou silenciadas. A entrevista, ainda, possibilita humanizar as histórias por meio dos documentos oficiais, permitindo a constituição de uma narrativa dos eventos por intermédio das experiências pessoais e cotidianas dos entrevistados.

Depois do exposto, você autoriza a utilização, divulgação e publicação, para fins acadêmicos e científicos, de seu depoimento integral ou em parte, editado ou não, após a leitura do documento transcrito, de forma impressa, autorizada mediante assinaturas e rubricas do(a) entrevistado(a) no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e na entrevista impressa. Nesta etapa da pesquisa, você poderá suprimir, alterar e/ou acrescentar as informações que julgar necessárias e importantes ao seu depoimento.

Conforme a Resolução do CNS nº 466/12, item III.2.i, a pesquisadora possui o compromisso ético com a proteção da imagem e a não estigmatização do participante da pesquisa, garantindo a não utilização das informações em prejuízo da pessoa, da instituição ou da comunidade, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou de aspectos sociais, culturais, econômicos, ou de suas escolhas políticas e religiosas. Assim, os depoimentos, quando citados de forma direta ou indireta, não podem ser descontextualizados ou distorcidos do sentido e significado atribuído pelo(a) participante, nem apresentar juízos de valor por parte da pesquisadora.

Você poderá a qualquer momento obter informações sobre o andamento da pesquisa e/ou seus resultados por meio do telefone (51) 99933-5878 ou pelo e-mail mfmello@ucs.br, bem como, pode desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. Também pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade de Caxias do Sul (CEP/UCS), localizado na Rua Francisco Getúlio Vargas, nº 1130, Bairro Petrópolis, Caxias do Sul/RS, Bloco S, sala 405, para obter informações sobre esta pesquisa e/ou sobre a sua participação, através do telefone (54) 3218-2829 ou pelo e-mail: cep-ucs@ucs.br. O CEP é um colegiado criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Eu, Mariane Fruet de Mello, e minha orientadora, Eliana Relá, ressaltamos que serão tomadas as medidas e procedimentos para assegurar a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas: (1) Somente nós teremos acesso aos seus dados durante a pesquisa, e nos comprometemos em preservar sigilo e confidencialidade, não utilizaremos as suas informações

Rubrica pesquisadora: \_\_\_\_\_

Rubrica Participante da Pesquisa: \_\_\_\_\_



3/3

para outras finalidades que não acadêmicas e científicas; (2) Somente será identificado(a) nominalmente caso você permita por meio de seu consentimento, caso você não consinta, pode escolher como gostaria de ser mencionado(a), sugerir um nome fictício ou optar pelo anonimato; (3) Todos os materiais de seu acervo pessoal e os depoimentos cedidos serão armazenados em formato de arquivos digitais em drive externo, protegidos por senha e criptografia. Estes materiais estarão em minha posse (Mariane Fruet de Mello), por um período de 05 anos após a conclusão da pesquisa, livre para sua consulta e de seus familiares de primeiro grau. Durante todo processo de pesquisa somente eu e minha orientadora teremos acesso às íntegras de todos os materiais. Após 05 anos da conclusão da pesquisa, todos os arquivos serão apagados do drive externo.

Finalizada a pesquisa, todos(as) os (as) participantes receberão cópia da tese elaborada a partir dos dados coletados.

Caxias do Sul (RS), \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Mariane Fruet de Mello

Eliana Rela

#### DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO DO(A) PARTICIPANTE

Eu \_\_\_\_\_, declaro que fui suficientemente esclarecido(a) pela pesquisadora sobre os objetivos da pesquisa e entendi os riscos, benefícios, procedimentos e condições de minha participação na pesquisa A EDUCAÇÃO PÚBLICA EM KRONENTHAL/VALE REAL: OS PROFESSORES BERNARDO E IZABELA PETRY COMO MEDIADORES CULTURAIS (1897- 1969), e da garantia de confidencialidade e de esclarecimentos sempre que sentir necessidade, bem como recebi uma via do TCLE com a assinatura da pesquisadora e da orientadora e todas as folhas rubricadas, e concordo em participar, autorizando a plena propriedade e os direitos autorais do meu depoimento, também dos materiais de meu acervo pessoal (cadernos, livros, fotografias, reportagens de revistas e/ou jornais etc.). Em relação à identificação, declaro que:

- ( ) Prefiro ser mencionado com o nome fictício \_\_\_\_\_.
- ( ) Autorizo a utilização do meu nome.

Caxias do Sul (RS), \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Rubrica pesquisadora: \_\_\_\_\_

Rubrica Participante da Pesquisa: \_\_\_\_\_

## APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

### ROTEIRO DE ENTREVISTA

Nome:

Data de nascimento:

Local de nascimento:

Época que frequentou a escola, e com qual idade?

Entrevista realizada na data de:

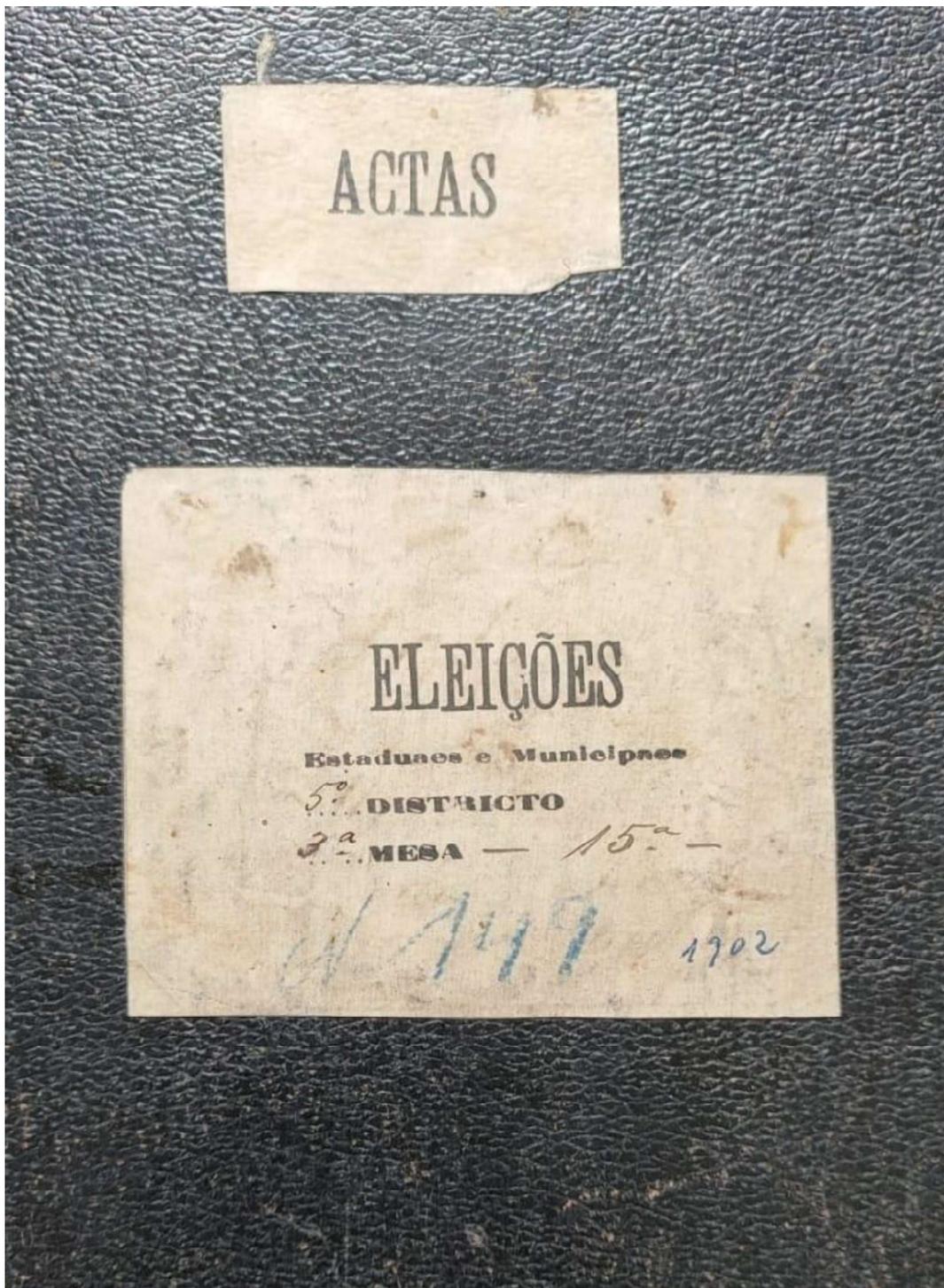
Local de entrevista:

Questionamentos:

- 1) Em que escola você estudou?
- 2) Como foi sua infância?
- 3) No período de sua infância, existiam muitas famílias em Vale Real?
- 4) Qual era a rotina da sua vida neste período?
- 5) Na escola que você estudou estava localizada onde?
- 6) Em que período estudou, aproximadamente?
- 7) Era uma escola pública ou particular? (municipal ou estadual)
- 8) Quem era a professora?
- 9) Como era a professora, suas características comportamentais?
- 10) Como era a escola? Espaço como pátio? Rotinas escolares?
- 11) Como me descreve o interior da sala de aula? (Haviam classes, os alunos dividiam mesas?)
- 12) Existiam muitos alunos na sua sala de aula? Quantos aproximadamente?
- 13) Era uma turma apenas ou tinham alunos de outras idades e outras séries?
- 14) O que aprendiam na escola?
- 15) Como eram as avaliações?
- 16) Que materiais a professora utilizava para dar aulas? (livro de professor ...)
- 17) Que materiais os alunos utilizavam?
- 18) Existiam outras escolas na localidade? onde? E você saberia me dizer como eram essas escolas? O que seus familiares comentavam a respeito?
- 19) A professora Izabela tinha alguma relação familiar com Bernardo Petry?
- 20) Se tinha alguma relação como você sabia?

- 21) A professora comentava em sala de aula ou fora da sala de aula a respeito da figura do pai?
- 22) Em algum momento se referiu ao pai como professor?
- 23) Ela comentou em algum momento que o pai Bernardo Petry dava aula de uma determinada maneira se utilizando dos conhecimentos do pai?
- 24) Em casa, na Igreja e na comunidade, se falava na Izabela professora e na figura do pai dela? Havia uma ligação em que vinculava-se ao pai?
- 25) Alguém da sua família comentou que foi aluno do professor Bernardo Petry? Se sim, em algum momento foi comentado em casa? E o que falavam?
- 26) Como a Izabela era percebida/reconhecida na comunidade?
- 27) Como que a escola era vista e sentida na comunidade, os mais velhos gostavam da existência da escola da Izabela?
- 28) Os mais velhos respeitavam a figura da mulher professora?
- 29) A professora Izabela se envolvia na sociedade, Igreja e famílias?
- 30) Era percebida como uma liderança?
- 31) A Izabela fazia algum trabalho pela comunidade? Como a comunidade percebia ela?
- 32) Sabe me dizer se a professora visitava os pais dos alunos?
- 33) Saberria me dizer se a Izabela incentivava os alunos a dar continuidade aos estudos e ainda os incentivava a prática de ser professor?
- 34) Na aula, a Izabela adotava uma postura mais rígida ou mais flexível?
- 35) Tinha alguma prática que ela adotava na aula? Por exemplo: cantar o hino, hastear a bandeira, e outros que queira comentar?
- 36) Faziam apresentações públicas?
- 37) Se envolvia em festividades da comunidade e envolvia os alunos?
- 38) Em algum momento vinham inspetores para avaliar os alunos ou a professora?
- 39) Como você descreve a professora Izabela?
- 40) Quais as principais lembranças da professora Izabela?

**ANEXO A – CAPA DO LIVRO DE REGISTRO DE ATAS DE ELEIÇÕES  
MUNICIPAIS E ESTADUAIS DO CAHY (1902)**



Fonte: acervo do Museu Histórico de São Sebastião do Caí (1902).

ANEXO B – ATA COM A RELAÇÃO DOS ELEITORES QUE CONCORRERAM E VOTARAM NA ELEIÇÃO NA 3ª MESA DO 5º DISTRITO DO MUNICÍPIO DE SÃO SEBASTIÃO DO CAÍ (RS)

Relação dos eleitores que concorreram à eleição procedida na 3ª mesa do 5º distrito do município de São Sebastião do Caí.  
 Augusto Rumbel.  
 Agostinho Hebler  
 Albino Zimmermann  
 André Rios  
 Ton Bernardo Thunf e Emilio Seise.  
 Francisco F. de A.  
 Balduino Selleny.  
 Alexandre Geiss  
 Carlos Finner  
 Daniel Ruschel  
 Emilio Seise.  
 Felipe Braun  
 Frederico Lemme  
 Wilhelm Finner  
 João Luiz Rumbel.  
 João Pedro Finkler  
 João Thomaz  
 João Schneider  
 José Carlos da Silva  
 João de São Reinheimer e Bernardo Petry.  
 Jacob Wittmann.  
 Jacob Rumbel  
 Carlos Finkler  
 José Müller  
 Mathias Weber  
 Mathias Finkler Sr.  
 Jacob Boettger  
 Mathias Rumbel  
 P. Miguel Finkler e Bernardo Petry.  
 Jakob Fiskel

Fonte: acervo do Museu Histórico de São Sebastião do Caí (1909).

José Krindges  
 Jakob Krindges  
 Aliguel Krindges  
 João Feltes  
 Sr. Miguel Schneider e Emilia Zimmermann  
 Mikolaj Kowal  
 P. Nicolaus Raach Tithe.  
 Mikolaj Kowal  
 Teodoro Freiberger  
 Pedro Sauer  
 Rodolpho Feix.  
 Otto Mangrum  
 Paulo Schwade.  
 Mathias Pehl  
 Valentin F. Weber.  
 Teodor Leonardo Pinsfeld.  
 Teodor Grünig F.  
 Frederico Breit  
 Sr. João Reiser e Frederico Guilherme Busch  
 Ignaz Jurek  
 Mikolaj Kowal  
 José Schneider  
 Manoel Hahn  
 Ferdinand Pehl  
 Donato Bettge  
 Mikolaj Kowal  
 Augusto Hoppe  
 Adolfo Zimmermann.  
 P. Mathias Schneider e Bernarda Pehl  
 August Albin  
 Abt. Pehl  
 Carlos Weber  
 Eduardo Pellenz

Jacob Orleontim  
 Jaco Tiriús  
 Por José Kromer, Fr.<sup>co</sup> Guilherme Ruschel  
 Jaco Grebin  
 Jacob Pies.  
 Miguel Stoffels  
 Jose Gerloch  
 Wenzel Rindler  
 Helbertes Rinzfeldt  
 Emilio Kimmelman  
 Gabriel Bastian  
 Frederico Guilherme Ruschel  
 Bernardo Petry.

Termo de Encerramento.

Aos vinte e nove dias do mez de março de mil  
 novecentos e e nove, finda a votação para a elei-  
 ção de Representantes á Assemblia do Estado  
 do verificou a mesa as assignaturas as de  
 cento e nove electores que votaram. Para  
 constar lavrou-se este termo que se assigna  
 do por todo, os membros da mesa Eu Bernar-  
 do Petry Secretario o escrevi.

Helbertes Rinzfeldt  
 Emilio Kimmelman  
 Gabriel Bastian  
 Frederico Guilherme Ruschel  
 Bernardo Petry.



ANEXO C – ATA DA 3ª MESA ELEITORAL DO 5º DISTRITO DE SÃO SEBASTIÃO  
DO CAÍ (1912)

Acta da Eleição.

Acta da 3.ª mesa eleitoral do 5.º districto do municipio de São Sebastião do Caí, aos onze dias do mez de Junho do anno de mil novecentos e doze, na casa do Sr. Carlos E. Fleck, designada para nella funcionar a mesa e votarem os respectivos electores, achando-se reunida a mesa composta dos Cidreiros Huberto Pinzfeld, Pedro Preiberger, José Flecker, João Hauber Filho e Bernardo Fetsch, primeiro como presidente e ultimo como secretario da mesa.

As dez horas da manhã a dita presidente tomou assento na Pebeccirada mesa collocada no recinto separada da sala e os mesarios em volta, achando-se na mesa este livro e o da presenca dos electores.

O presidente declarou que ia proceder-se a eleição para o cargo de Intendente municipal e ao mesmo tempo de Conselheiros municipaes devendo cada elector entregar suas listas a mesa, sendo uma para Intendente e uma para Conselheiros ambas em duas vias, recebendo cada elector uma

Fonte: acervo do Museu Histórico de São Sebastião do Caí (1912).

uma via rubricada conforme o Artigo  
61 da Lei Nº 58 de 12 de Março de 1912.

Logo isto o mesario João Pauber Filho  
começou a chamada dos eleitores em voz  
alta e inteligível segundo a ordem em  
que se achavam inscriptos na lista autheu-  
tica do alistamento desta mesa, e exhibida  
logo a proporção que cada um comparecia  
exibia seu título entregava suas listas  
assignava o livro de presença e se retira-  
va para fora do recinto.

Terminado o recebimento das listas o pre-  
sidente annuncia que seriam admitti-  
dos a votar os eleitores que se não achavam  
presentes a chamada, bem assim os elei-  
tores federaes deste districto os quaes não  
estiverem incluídos no alistamento es-  
tadual que comparecerem munidos de  
seus títulos federaes expedidos em vir-  
tude da Lei Nº 1269 de 15 de Novembro  
de 1904. Pomou-se em separado as notas  
ou listas dos eleitores do alistamento  
estadual de 1911, os quaes munidos dos  
respectivos títulos se apresentaram  
sem serem inscriptos na lista au-  
thenticada mesa.

Depois de que o presidente fez lavar o  
termo de encerramento e assignou  
o livro onde estavam inscriptos os nomes  
dos eleitores que compareceram.

Recebeu-se duzentos e noventa e oito listas  
para Intendente e duzentos e noventa e  
oito e duzentos e noventa e oito para

Conselheiros municipais, trazendo as  
 primeiras, duzentas e noventa e oito  
 listas o nome de Major Carlos Caudal  
 Junior para Intendente e du-  
 zentos e noventa e oito para Conselhei-  
 ros; duzentas e oitenta e três traziam  
 os nomes de Tenente Constançio Gomes  
 do Valle Quaresma; Capitão Antonio  
 Otto Rühke; Tenente Guilherme Fernan-  
 do Weidt; João Bruner. Capitão  
 Carlos José Lucas; Capitão Emilio  
 Zimmerman; Tenente-Coronel  
 João Machado de Fraga e quinze  
 que traziam os nomes de Capitão  
 Ernesto Mack; Tenente Arthur Zim-  
 mermann; Tenente Christiano  
 Carlos Mack; Alferes Reynaldo  
 Carlos Yeck. Capitão Antonio Ja-  
 cinto de Agredo; Guilherme Weiss-  
 heimer; Capitão Alfredo Valentin  
 de Senor. Verificou-se ter se recebido  
 em um separado mais noventa e <sup>doze</sup> ~~oito~~  
 listas ou listas que traziam o nome:  
 Para intendente municipal Ma-  
 jor Carlos Caudal Junior, oitenta  
 e sete que traziam os nomes para  
 Conselheiros municipais: Tenente  
 Constançio Gomes do Valle Qua-  
 resma. Capitão Antonio Otto Rühke  
 Tenente Guilherme Fernando Weidt  
 João Bruner. Capitão Carlos José  
 Lucas. Capitão Emilio Zimmerman  
 Tenente-Coronel João Machado de Fraga;

e oito que traziam os nomes para a Con-  
 selheiros municipall: Capitão Ernesto  
 Maach; Tenente Arthur Zimmermann.  
 Tenente Christiano Carlos Maach; Alferes  
 Ruyaldo Carlos Teck; Capitão Antonio  
 Jacintho de Aguedo. Guilherme Weiss-  
 heimer; Capitão Alfredo Valentin de  
 Lemos. Por nada mais haver a tratar  
 deu-se por terminado o processo eleitoral  
 as cinco e meia hora da tarde, lavran-  
 do-se em seguida esta acta que vai  
 assignada por todos os membros da  
 mesa. Em Bernarda Petry a escreveri e as-  
 signo?


  
 Theodor Petry fidel  
 Teodoro Freiberger  
 José Kerner  
 João Rauer Filho  
 Bernarda Petry Secretario. 

Fonte: acervo do Museu Histórico de São Sebastião do Cai (1912).

ANEXO D – ATA DA 15ª MESA ELEITORAL DO 5º DISTRITO DO MUNICÍPIO DE  
SÃO SEBASTIÃO DO CAHY

Acta da 15.<sup>a</sup> mesa eleitoral do  
5.<sup>o</sup> districto do municipio de São Sebastião  
do Cahy.

Nos vinte e cinco dias do mez de Novembro de um  
mil novecentos e doze, pelas dez horas da ma-  
nhã, na casa do Sr. Carlos J. Fleck, designa-  
da para funcionar a 15.<sup>a</sup> mesa do 5.<sup>o</sup> districto  
do municipio de São Sebastião do Cahy, a-  
chando-se reunida a mesa composta dos  
Cidadãos Frederico Guilherme Ruppel, João  
Rauber Filho, Luiz P. Reis, Jacob Wittmann e  
Bernardo Pety, o primeiro como presidente  
o ultimo como secretario, os demais como  
mesarios.

Assentou-se o presidente a cabeceira da mesa  
collocada no recinto, separado da sala  
por um gradil e os mesarios em volta, ach-  
ando-se na mesa este livro e o de presença dos  
electores. O presidente declarou que ia proce-  
der-se

Fonte: acervo do Museu Histórico de São Sebastião do Caí (1912).

proceder-se a eleição para o cargo de Presidente do Estado, devendo cada eleitor entregar as suas listas em dois exemplares á mesa. Em seguida o mesario Luiz P. Feijó começou a chamada dos eleitores em voz alta e inteligivel seguindo a ordem em que se acham inscriptas na Popia autendica do alistamento desta mesa, a propozão que cada um comparecia em sua o seu titulo entregava suas listas em dois exemplares, assignava o livro de presença e se retirava para fora do recinto entregando-se uma das listas rubricadas pelo presidente ao eleitor que o pedira. Terminado o recebimento das listas o presidente da mesa annunciou que seriam admittidos a votar os eleitores que se não achavam presentes a chamada, bem assim os eleitores federaes deste districto, não incluídos no alistamento estadual que comparecerem munidos de titulo federal expedidos em virtude da lei n.º 1269 de 15 de setembro de 1904. Depois de que o presidente mandou levar o termo de encerramento e assignou o livro onde estavam inscriptos os nomes dos eleitores que compareceram, tendo deixado de comparecer sessenta eleitores.

Em seguida passou-se a contagem das pedulas que attingiu a duzentos e noventa e tres pedulas rotuladas para Presidente do Estado, cujo numero annunciou coincidente com igual numero de

de eleitores que votaram.  
 Passando-se a apuração verificou-se  
 o seguinte resultado: = Para Presidente  
 do Estado Dr. Antonio Augusto Borges  
 de Medeiros, duzentos e noventa e  
 três votos.  
 E por nada mais haver a tratar deu-  
 -se por terminada a processo eleitoral  
 as quatro horas da tarde lavrando-  
 -se, para constar, esta acta que vai as-  
 signada por toda a mesa.  
 Du. Bernardo Letty, secretario a escri-  
 -vi e assigno.

Frederico Guilherme Kuschel  
 João Raimundo Filho  
 Luiz P. F. de  
 Jacobo Wittmann  
 Bernardo Letty

Fonte: acervo do Museu Histórico de São Sebastião do Cai (1912).